



Cinco séculos de
Sonetos Portugueses
de Camões a Fernando Pessoa

ORGANIZAÇÃO, APRESENTAÇÃO E ENSAIOS

Cleonice Berardinelli



Casa da Palavra

Ficha Técnica

Copyright © 2013 desta edição, Casa da Palavra.

Copyright © 2013 Cleonice Berardinelli.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora e da autora.

Direção editorial

ANA CECILIA IMPELLIZIERI MARTINS

MARTHA RIBAS

Coordenação de produção editorial e gráfica

CRISTIANE DE ANDRADE REIS

Assistente de produção

JULIANA TEIXEIRA

Preparação de originais e revisão

VANIE MARI CAVICHIOLI

SOLANGE GOMES DE PINHO

Copidesque

OTACÍLIO NUNES

Revisão

THIAGO CASTAÑON

Projeto gráfico e capa

VICTOR BURTON

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
C517

Cinco séculos de sonetos portugueses: de Camões a Fernando Pessoa / organização,
apresentação e ensaios Cleonice Berardinelli. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

Inclui bibliografia

ISBN 9788577343850

1. Pessoa, Fernando, 1888-1935 Crítica e interpretação. 2. Camões, Luís de, 1524?-1580 Crítica e interpretação 3. Poesia portuguesa História e crítica I. Berardinelli, Cleonice, 191613-01011 CDD: 869.1 CDU: 821.134.3-1

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, sala 1.001, Centro

Rio de Janeiro 20030-070

21.2222-3167 21.2224-7461

divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

Aos meus ex-alunos de Literatura Portuguesa, lembrando a nossa convivência com essa poesia que lhes procurei apaixonadamente trazer ao conhecimento e à sensibilidade, e agradecendo a receptividade à beleza dos textos que juntos líamos e cujas passagens complexas juntos vencíamos, dedico este livro.



PELOS MARES DA POESIA POR TUGUESA

Este volume da Coleção Cleonice Berardinelli, apresentado pela editora Casa da Palavra, tem uma constituição diferente da dos dois anteriores: esses tratavam, cada um, de um poeta; este se estenderá por muitos poetas, distribuídos ao longo de cinco séculos de poesia. Aqui, a intenção foi possibilitar aos leitores um conhecimento amplo de obras que foram surgindo dentro de movimentos literários diversos, caracterizando-os: da entrada do Clássico – em pleno Renascimento – e passando pelo Barroco, pelo Neoclássico, Romantismo, Realismo, Neorrealismo, até chegar aos tempos mais atuais, quando se ouviu a voz dos Saudosistas e dos Simbolistas. Não se chegou aos Surrealistas, mas privilegiou-se o Movimento de *Orpheu* e alguns autores de alto nível, não facilmente incluíveis em movimentos, mas produtores de poesia extremamente expressiva e conscientemente original, tais como Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen e David Mourão-Ferreira, que muito bem encerram esta Antologia.

Seria impossível tentar um percurso tão longo e com tantos cultores, foi o que primeiro me ocorreu. A decisão foi, pois, limitar-me a um tipo de poema muito utilizado, e com grande sucesso, na poesia portuguesa: o soneto. Vejamos, por exemplo, a excelência dos sonetos camonianos, no primeiro período. Se os podemos comparar, em número e qualidade, aos de outros autores portugueses, só os encontraremos em Antero de Quental e no

múltiplo Fernando Pessoa.

Por vezes, transgrediu-se a obediência integral ao gênero mais vulgarizado, o italiano ou petrarquiano, em dois quartetos seguidos de dois tercetos; incluíram-se os de tipo inglês ou shakespeariano, em três quartetos e um dístico; os monostróficos, com uma só estrofe de 14 versos. Incluíram-se ainda sonetos que trazem, além dos 14 versos habituais, outros – no máximo três –, denominados *estrambotes*.

Como os livros anteriores desta coleção, este volume constará de duas partes: uma *antologia* (que é o núcleo declarado do livro), onde se colecionou o que foi considerado *o melhor* dos muitos *sonetos* produzidos em cinco séculos por autores portugueses dos melhores – não se admitiria outra escolha, dado que a própria formação da palavra a ela nos obriga – *anthos* (raiz grega) = flor, *logia* (mesma origem) = colheita, passando pelo latim *anthologia* = colheita de flores –, e outra de *ensaios da autora* a respeito da *obra* de alguns destes poetas. A seleção privilegia ensaios sobre autores menos lembrados e/ou estudados, acreditando que esses textos serão capazes de resgatar grandes vozes da poesia portuguesa, além de revelar “recantos” da história mal conhecidos, sendo eles extremamente enriquecedores da nossa cultura. Em outros casos, quando são abordadas temáticas ligadas à produção de poetas mais celebrados, como Camões, Antero de Quental ou ainda a da Geração de Orpheu, os textos buscam aprofundar leituras evocando traços que sempre me pareceram relevantes.

Esta seleção de ensaios, decerto, não procura dar conta de toda a riqueza da produção poética apresentada nesta antologia, mas mira o desejo de abrir novos horizontes de encantamento e compreensão a partir de estudos escritos em diferentes períodos de minha vida intelectual.

Como informação complementar, na abertura de cada conjunto de sonetos são apresentados pequenos textos biográficos dos autores, sublinhando suas contribuições para a poesia e, especificamente, para o gênero aqui eleito.

CRITÉRIOS

Desta edição:

- » os sonetos aqui agrupados tiveram como base as obras indicadas na *Bibliografia*, ao fim deste volume.
- » a origem e a data atribuídas aos ensaios aqui contidos são as indicadas na nota aposta ao seu título;
- » [] símbolo utilizado para indicação de inserções da responsabilidade da autora;

De transcrição:

- » Em todos os textos deste volume, adotou-se a nova ortografia da língua portuguesa, vigente no Brasil desde 2009.
- » Para facilitar a apreensão do texto, sobretudo nos poemas do século XVI:
 - a. modernizou-se a grafia do texto original, onde não se comprometesse a rima ou a métrica, como em: *ceo*, por *céu*; *Deos*, por *Deus*;
 - b. atualizaram-se as formas como: *tromento*, para *tormento* e *pregunta*, para *pergunta*;
 - c. mantiveram-se as formas arcaizantes da época: *i* (= aÍ), *mi* (= mim), *assi* (= assim), *dous*, *cousa*, *sprito*, *treição* e *desarrazoado* (= desarrazoado) e *ũa* (a única forma existente ao tempo, quando não havia *uma*, de surgimento posterior);
 - d. quando se encontram, no texto, duas formas coexistentes à época, são ambas mantidas: *depois* e *despois*; *pera* e *para*; *pola(o)* e *pela(o)*; *fermosa(o)* e *formosa(o)*; *rezão* e *razão*.

Excepcionalmente, fugiu-se ao acordo ortográfico num caso: utilizou-se o trema, por ele banido, nos sonetos em que a falta deste sinal na palavra *saudade* quebrava, não só a métrica, mas o sentimento misto de *dor que tem*

prazeres. “Saüdade!” (como a definiu Garrett, dela fazendo a sua Musa inspiradora), ou, como disse Pascoaes: “*Virgem Mãe da Pátria Portuguesa*”. Bem antes destes poetas, Camões já exprimira este sentimento tão especial no soneto “Aquela triste e leda madrugada, /cheia toda de mágoa e de piedade, / enquanto houver no mundo *saüdade* / quero que seja sempre celebrada”.

Sonetos Portugueses

ESCOLHIDOS POR
Cleonice Berardinelli



SÉCULO
XVI

Sá de Miranda

(C. 1487 1558)

Filho natural do Cônego Gonçalo Mendes de Sá, estudou na Universidade de Lisboa, onde se doutorou em Leis. Colaborou no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Viajou para a Itália em 1521, onde permaneceu até 1526, convivendo com os maiores humanistas de então e deles absorvendo a doutrina estética. A ele se deve a introdução, em Portugal, de novo metro – o decassílabo – e novo gênero – o soneto –, ambos inspirados em poetas italianos, mas sobretudo em Petrarca, imitado também por Camões. Embora seja considerado por alguns como ainda canhestro, sentindo-se apertado nas malhas estreitas e necessárias do novo gênero, o fato é que escreveu alguns sonetos perfeitos, como se poderá ver aqui, especialmente no que tem por incipit “O sol é grande, caem co’a calma as aves”.



[1]

Em tormentos cruéis tal sofrimento,
Em tão contínua dor, que nunca aliva,¹
Chamar a morte sempre, e que ela altiva
Se ria dos meus rogos no tormento:
E ver no mal que todo entendimento
Naturalmente foge, e quanto aviva
A dor mais o vagar da alma cativa,
A quem não fará crer qu’ é tudo um vento?
Bem sei uns olhos que têm toda a culpa,
E são os meus, que a toda parte vêm
Após o que vem sempre, e os desculpa.

Ó minhas visões altas, meu só bem,
Quem vos a vós não vê, este me culpa,
E eu sou o só que as vejo, outrem ninguém!

[2]

Desarrezoado amor, dentro em meu peito,
Tem guerra com a razão, amor que jaz
I já de muitos dias, manda e faz
Tudo o que quer, a torto e a direito.

Não espera razões, tudo é despeito,
Tudo soberba e força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhum, e quando em paz
Cuidais que sois, então tudo é desfeito.

Doutra parte a razão tempos espia,
Espia ocasiões de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo: enfim vem o seu dia,
Então não tem lugar certo onde aguarde
Amor, trata treições, que não confia
Nem dos seus, que farei quando tudo arde?

[3]

Não sei qu'em vós mais vejo; não sei que
Mais ouço, e sinto, ao rir vosso, e falar:
Não sei qu'entendo mais, té no calar,
Nem quando vos não vejo a alma que vê,
Que lhe aparece em qual parte qu'estê,²
Olhe o céu, olhe a terra, ou olhe o mar,
E triste aquele vosso suspirar,
Em que tanto mais vai, que direi que' é?

Em verdade não sei: nem isto qu'anda
Entre nós: ou se é ar, como parece,
Se fogo doutra sorte, e doutra lei,
Em que ando, e de que vivo, e nunca abranda:
Por ventura que à vista resplandece;
Ora o que eu sei tão mal, como o direi?

[4]

O sol é grande, caem co'a calma³ as aves,
Do tempo em tal sazão, que sói⁴ ser fria:
Esta água que d'alto cai acordar-m'-ia?
Do sono não, mas de cuidados graves.
Ó cousas todas vãs, todas mudaves!⁵
Qual é tal coração qu'em vós confia?
Passam os tempos, vai dia trás dia,
Incertos muito mais que ao vento as naves.
Eu vira já aqui sombras, vira flores,
Vi tantas águas, vi tanta verdura,
As aves todas cantavam d'amores.
Tudo é seco, e mudo, e de mistura.
Também mudando-m'-eu fiz doutras cores,
E tudo o mais renova, isto é sem cura.

[5]

**RESPOSTA DE FRANCISCO DE SÁ [A PERO DE ANDRADE
CAMINHA], PELOS MESMOS CONSOANTES, COMO FEZ O
PETRARCA:**

Assi que me mandáveis atrever
A versos já das Musas asselados,
E àquela grande Sílvia consagrados,

Ícaro me põe medo, e Lucifer.

Os meus, se nunca acabo de os lambar,
Como ussa⁶ os filhos mal proporcionados,
(Ah passa tempos vãos, ah vãos cuidados)
A quem posso porém nisso ofender?

Tudo cabe no tempo, entrego ao ano,
Depois à perda, diga-me esta gente
Qual anda o furioso assi emendado.

Torno às cousas sagradas: que um profano
Leigo, como eu, tocá-las tão somente
Não é de siso são, mas de abalado.

[6]

Quando eu, senhora, em vós os olhos ponho,
E vejo o que não vi nunca, nem cri
Que houvesse cá, recolhe-se a alma a si,
E vou tresvariando como em sonho.

Isto passado, quando me disponho,
E me quero afirmar se foi assi,
Pasmado, e duvidoso do que vi,
M'espanto às vezes, outras m'avergonho.

Que, tornando ante vós, senhora, tal,
Quando m'era mister tant'outr'ajuda,
De que me valerei, se àlma⁷ não val'?⁸

Esperando por ela que me acuda,
E não me acode, e está cuidando em al,⁹
Afronta o coração, a língua é muda.

[7]

À MORTE DE SUA MULHER

Aquele sprito já tão bem pagado
Como ele merecia, claro, e puro,
Deixou de boa vontade o vale escuro
De tudo o que cá viu como anojado.

Aquele sprito que do mar irado,
Desta vida mortal posto em seguro,
Da glória que lá tem de herdade, e juro,
Cá nos deixou o caminho abalizado.

Alma aqui vinda nesta nossa idade
De ferro, que tornaste à antiga d'ouro
Enquanto cá regeste a humanidade,
Em chegando ajuntaste tal tesouro,
Que para sempre dura, ah, vaidade,
Ricas areias deste Tejo, e Douro.

[1](#) aliva: alivia.

[2](#) qu'estê: que esteja.

[3](#) calma: a hora do sol mais forte.

[4](#) sói: costuma.

[5](#) forma arcaica de *mudáveis*, mantida em razão da rima com *aves*, *graves* e *naves*.

[6](#) ussa: urso. crença ou conhecimento real de que os filhotes de ursos nasciam muito feios e a mãe os lambia para fazê-los mais bonitos.

[7](#) àlma: crase do artigo feminino *a* com a inicial de *alma*.

[8](#) val': vale.

[9](#) al: algo, outra coisa.

Luís de Camões

(C.1524 C.1580)

Considerado o maior sonetista da língua portuguesa, Luís de Camões, autor sobretudo de sonetos inspirados no amor – e amor infeliz, não correspondido –, tem, todavia, em número menor, os que buscam inspiração na natureza, ou mesmo em reflexões algo filosóficas, que se encontram, por exemplo, no soneto “Pede o desejo, Dama, que vos veja”. Viajante, foi mandado para a Índia pelo Rei, por ter ferido, num dia de *Corpus Christi*, um Gonçalo Borges, escudeiro real, lá permaneceu anos difíceis, em que serviu como soldado. Leu muito, disso dão prova inúmeros de seus versos, sobretudo d’*Os Lusíadas*, sendo mesmo espantosa a soma de cultura que revelam. De sua vida poucos documentos se encontraram, mas muito se tem inventado, levando a descrer das informações transmitidas. Pode-se, no entanto, afirmar que, culto, sensível, observador do mundo em torno, foi um verdadeiro homem do Renascimento.



[1]

Enquanto quis Fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus efeitos escrevesse;
Porém, temendo Amor que aviso desse
Minha escritura a algum juízo isento,
Escureceo-m’o engenho co tormento,
Pera que seus enganos não dissesse.
Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos

A diversas vontades, quando lerdes
Num breve livro casos tão diversos,
Verdades puras são, e não defeitos;
E sabeis que, segund' o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

[2]

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que dous mil acidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente;
Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia e pena ausente;
Também, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-m'-ei dizendo a menos parte;
Porém, pera cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

[3]

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.
Se nela está minh' alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,

Pois consigo tal alma está liada.
Mas esta linda e pura semideia¹⁰
Que, como um acidente em seu sujeito,
Assi coa alma minha se conforma,
Está no pensamento como ideia;
O vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples, busca a forma.

[4]

Todo o animal da calma repousava,
Só Liso¹¹ o ardor dela não sentia,
Que o repouso do fogo em que ardia
Consistia na ninfa que buscava.
Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia,
Mas nada o duro peito comovia,
Que na vontade doutrem posto estava.
Cansado já de andar pola espessura,
No tronco d'ũa faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:
“Nunca ponha ninguém sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Somente em ser mudável tem firmeza.”

[5]

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças,
Que não pode tirar-me as esperanças,
Que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes, nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas, conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá m'esconde
Amor um mal que mata e não se vê:
Que dias há que n'alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde,
Vem não sei como, e dói não sei por quê.

[6]

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
O lindo ser de vossos olhos belos,
Se não perder a vista só em vê-los,
Já não paga o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu, por de vantagem merecê-los,
Dei mais a vida e àlma por querê-los,
Donde já me não fica mais de resto.
Assi que a vida, e alma, e esperança,
E tudo quanto tenho, tudo é vosso,
E o proveito disso eu só o levo:
Porqu' é tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso
Que, quanto mais vos pago, mais vos devo.

[7]

Doces lembranças da passada glória
Que me tirou Fortuna roubadora,

Deixai-me repousar em paz ãa hora,
Que comigo ganhais pouca vitória.
Impressa tenho n'alma larga história
Deste passado bem que nunca fora,
Ou fora, e não passara, mas já agora
Em mim não pode haver mais que a memória.
Vivo em lembranças, mouro¹² d'esquecido
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente.
Oh, quem tornar pudera a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

[8]

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecer-te
Algũa cousa a dor que me ficou
Da mágoa sem remédio de perder-te,
Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

[9]

Aquela triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piedade,
Enquanto houver no mundo saúde
Quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
Saía, dando ao mundo claridade,
Viu apartar-se d'ũa outra vontade
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,
Que, duns e doutros olhos derivadas,
S'acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
Que puderam tornar o fogo frio
E dar descanso às almas condenadas.

[10]

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel, lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,
Começa de servir outros set'anos,
Dizendo: – Mais servira, se não fora

Pera tão longo amor tão curta a vida.

[11]

Pede o desejo, Dama, que vos veja;
Não entende o que pede, está enganado;
É este amor tão fino e tão delgado,
Que quem o tem não sabe o que deseja.

Não há cousa a qual natural seja,
Que não queira perpétuo seu estado;
Não quer, logo, o desejo o desejado,
Por que não falte nunca onde sobeja.

Mas este puro afeito em mim se dana,
Que, como a grave pedra tem por arte
O centro desejar da natureza,

Assi o pensamento (pola parte
Que vai tomar de mim, terrestre, humana)
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

[12]

Um mover d'olhos brando e piedoso,
Sem ver de quê; um riso brando e honesto,
Quase forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso.

Um despejo quieto e vergonhoso,
Um repouso gravíssimo e modesto,
Ûa pura bondade, manifesto
Indício da alma, limpo e gracioso;

Um encolhido ousar, ãa brandura,
Um medo sem ter culpa, um ar sereno,
Um longo e obediente sofrimento:

Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

[13]

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas águas de cristal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos;

Silvestres montes, ásperos penedos
Compostos em concerto desigual,
Sabei que, sem licença de meu mal,
Já não podeis fazer meus olhos ledos.

E pois me já não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem águas que correndo alegres vêm.

Semearei em vós lembranças tristes,
Regando-vos com lágrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

[14]

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saüdades.

O tempo cobre o chão de verde manto,

Que já coberto foi de neve fria,
E enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía.

[15]

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Quiser que tanto tempo viva delas,
Que veja escuro o lume das estrelas,
Em cuja vista o meu se acende e mata;
E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas sem colhê-las,
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata;
Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança:
Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arrepende minha vingança.

[16]

Pois meus olhos não cansam de chorar
Tristezas que não cansam de cansar-me,
Pois não abranda o fogo em que abrasar-me
Pôde quem eu jamais pude abrandar,
Não canse o cego Amor de me guiar
A parte donde não saiba tornar-me,
Nem deixe o mundo todo de escutar-me

Enquanto me a voz fraca não deixar.
E se em montes, rios ou em vales,
Piedade mora, ou dentro mora amor
Em feras, aves, plantas, pedras, águas,
Ouçam a longa história de meus males
E curem sua dor com minha dor,
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

[17]

Ferido sem ter cura percia
O forte e duro Télefo¹³ temido,
Por aquele que n'água foi metido,
A quem ferro nenhum cortar podia.
Ao Apolíneo Oráculo pedia
Conselho para ser restituído;
Respondeu que tornasse a ser ferido
Por quem o já ferira, e sararia.
Assi, Senhora, quer minha ventura
Que, ferido de ver-vos claramente,
Com vos tornar a ver Amor me cura.
Mas é tão doce vossa fermosura,
Que fico como hidrópico doente,
Que co beber lhe cresce mor segura.

[18]

Quando de minhas mágoas a comprida
Maginação os olhos m'adormece,
Em sonhos aquel'alma m'aparece
Que para mim foi sonho nesta vida.

Lá nãa soïdade,¹⁴ onde estendida
A vista pelo campo desfalece,
Corro par'ela e ela então parece
Que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: – Não me fujais, sombra benina! –
Ela (os olhos em mim cum brando pejo,
Como quem diz que já não pode ser)

Torna a fugir-me. E eu gritando: – *Dina...*¹⁵ –
Antes que diga *mene*, acordo e vejo
Que nem um breve engano posso ter.

[19]

Amor é um fogo qu'arde sem se ver,
É ferida que dói e não se sente,
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer,
É um andar solitário entre a gente,
É nunca contentar-se de contente,
É um cuidar que ganha em se perder.
É querer estar preso por vontade,
É servir, a quem vence, o vencedor,
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

[20]

Ondados fios d'ouro reluzente,
Qu'agora da mão bela recolhidos,

Agora sobre as rosas estendidos,
Fazeis que sua beleza s'acrescente;
Olhos, que vos moveis tão docemente
Em mil divinos raios incendidos,
Se de cá me levais alma e sentidos,
Que fora, se de vós não fora ausente?
Honesto riso, qu'entre a mor fineza
De perlas e corais nasce e parece,
Se n'alma em doces ecos não o ouviu?
S'imaginando só tanta beleza,
De si, em nova glória, a alma s'esquece,
Que será quando a vir? Ah! quem a visse!

[21]

No mundo quis um tempo que s'achasse
O bem que por acerto ou sorte vinha;
E, por experimentar¹⁶ que dita tinha,
Quis qu'a Fortuna em mim s'experimentasse;
Mas, porque meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta tão longa vida minha
Cousa me deixou ver que desejasse.
Mudando andei costume, terra e estado
Por ver se se mudava a sorte dura,
A vida pus nas mãos dum leve lenho;
Mas (segundo o qu'o Céu me tem mostrado)
Já sei que deste meu buscar ventura,
Achado tenho já que não a tenho.

[22]

No mundo poucos anos e cansados
Vivi, cheios de vil miséria dura;
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustres acabados.

Corri terras e mares apartados,
Buscando à vida algum remédio, ou cura,
Mas aquilo qu' enfim não quer ventura,
Não o alcançam trabalhos arriscados.

Criou-me Portugal na verde e cara
Pátria minha Alanquer,¹⁷ mas ar corrupto,
Que neste meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar, que bates na Abássia¹⁸ fera e avara,
Tão longe da ditosa pátria minha!

[23]

Verdade, amor, rezão, merecimento
Qualquer alma farão segura e forte,
Porém fortuna, caso, tempo e sorte
Tem do confuso mundo o regimento.

Efeitos mil revolve o pensamento,
E não sabe a que causa se reporte,
Mas sabe qu' o que é mais que vida e morte,
Que não o alcança humano entendimento.

Doctos¹⁹ varões darão rezões subidas,
Mas são experiências mais provadas
E por isto é melhor ter muito visto.

Cousas há i que passam sem ser cridas
E cousas cridas há, sem ser passadas;

Mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

[24]

Eu cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei tão confiado;
Parece que no canto já passado
S'estavam minhas lágrimas criando.

Cantei, mas se me alguém pergunta: – Quando? –
Não sei, que também fui nisso enganado.
É tão triste este meu presente estado,
Que o passado por ledos estou julgando.

Fizeram-me cantar, manhosamente,
Contentamentos não, mas confianças.
Cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, que tudo mente?
Mas eu que culpa ponho às esperanças,
Onde a fortuna injusta é mais que os erros?

[25]

Erros meus, má fortuna, amor ardente,
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que para mim bastava o amor somente.

Tudo passei, mas tenho tão presente
A grande dor das cousas que passaram,
Que as magoadas iras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos,
Dei causà que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.

D'amor não vi senão breves enganos.
Oh, quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro gênio de vinganças!

[26]²⁰

Vencido está d'amor	meu pensamento,
O mais que pode ser,	vencida a vida,
Sujeita a vos servir	instituída,
Oferecendo tudo	a vosso intento.

Contente deste bem,	louva o momento
Ou hora em que se viu	também perdida,
Mil vezes desejando	a tal ferida
Outra vez renovar	seu perdimento.

Com esta pretensão	está segura
A causa que me guia	nesta empresa,
Tão sobrenatural,	honrosa e alta,

Jurando não seguir	outra ventura,
Votando só por vós	rara firmeza,
Ou ser no vosso amor	achado em falta.

[27]

Ah! minha Dinamene! assi deixaste
Quem não deixara nunca de querer-te?
Ah! Ninfa minha! Já não posso ver-te,
Tão asinha²¹ esta vida desprezaste!

Como já para sempre te apartaste
De quem tão longe estava de perder-te?
Puderam estas ondas defender-te,
Que não visses quem tanto magoaste?

Nem falar-te somente a dura morte
Me deixou, que tão cedo o negro manto
Em teus olhos deitado consentiste!

Oh mar, oh Céu, oh minha escura sorte!
Que pena sentirei, que valha tanto,
Que ainda tenho por pouco o viver triste?

[28]

A fermosura desta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra;
O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra;
Enfim, tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos oferece,²²
Me está (se não te vejo) magoando.
Sem ti, tudo me enoja e me aborrece,
Sem ti, perpetuamente estou passando
Nas mores alegrias mor tristeza.

[29]

De amor escrevo, de amor trato e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado;
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor cativo.
De amor que a lugar alto voe altivo
E funde a glória sua em ser ousado;
Que se veja melhor purificado
No imenso resplendor de um raio esquivo;
Mas ai, que tanto amor só pena alcança!

Mais constante ela, e ele mais constante,
De seu triunfo cada qual só trata;
Nada, enfim, me aproveita, que a esperança,
Se anima algũa vez a um triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

[10](#) semideia: semideusa

[11](#) liso: anagrama de *Luís* (*Loís*). camões usou, na sua poesia, outros nomes fingidos para se disfarçar.

[12](#) mouro: morro.

[13](#) télefo: filho de hércules e augeia, (uma das horas) foi ferido em troia por aquiles.

[14](#) soïdade: forma arcaica de saudade.

[15](#) *Dinamene* – o poeta desdobrou o nome da amada (aquela que teria morrido no oriente), obtendo um belo efeito – a valorização da rapidez com que a amada desaparece de seus olhos, a precariedade de sua aparição.

[16](#) expermentar: forma sincopada de *experimental*.

[17](#) alanquer: alenquer, cidade de portugal.

[18](#) abássia: abissínia

[19](#) doctos: forma arcaica de doutos.

[20](#) este soneto se constitui num verdadeiro jogo do poeta: escreve um soneto em decassílabos perfeitos, com sentido completo; parte-o ao meio, criando dois sonetos – um em hexassílabos, outro em tetrassílabos –, cujos versos, postos em sequência, permitem a leitura vertical de suas primeiras letras, formando um acróstico-dedicatória: vos[s]o como cat[i]vo, m[u]i alta senhora.

[21](#) asinha: forma arcaica de cedo.

[22](#) ofrece: forma sincopada de *oferece*.

António Ferreira

(1528 1569)

Filho de Martim Ferreira, escrivão de fazenda do Duque de Coimbra, nasceu em Lisboa, em 1528, cursou Humanidades e Leis em Coimbra, cidade em que exerceu temporariamente a função de professor universitário. Casou-se duas vezes e, em 1567, foi nomeado desembargador da Casa do Cível, falecendo dois anos depois, em Lisboa, vitimado pela peste. Destacou-se, sobretudo, por ter escrito, em Portugal, no século XVI, uma perfeita tragédia clássica, em moldes de autores gregos, incluindo o Coro que dialoga com os personagens. Seu título é seco e direto: *Castro*, e o leitor só se dá conta do que encerra, quando entender que de Inês de “Castro” se vai tratar – da verdadeira tragédia que é seu amor correspondido por D. Pedro, mas afogado em sangue por ordem do rei, Afonso IV. É também autor de sonetos de altíssima qualidade, tais como “Ó olhos, donde Amor suas flechas tira”.



[1]

Ó olhos, donde Amor suas flechas tira
Contra mim, cuja luz me espanta, e cega,
Ó olhos, onde Amor se esconde, e prega
As almas, e em pregando-as, se retira!
Ó olhos, onde Amor amor inspira,
E amor promete a todos, e amor nega,
Ó olhos, onde Amor também se emprega,
Por quem tão bem se chora, e se suspira!
Ó olhos, cujo fogo a neve fria

Acende, e queima; ó olhos poderosos
De dar à noite luz, e vida à morte!
Olhos por quem mais claro nasce o dia,
Por quem são os meus olhos tão ditosos,
Que de chorar por vós lhes coube em sorte!

[2]

Quando eu vejo sair a manhã clara
Nos olhos dia, as faces neve, e rosas,
Afugentando a sombra, qu'as fermosas
Cores do campo, e Céu d'antes roubara;
E quando a branca Délia a noite aclara,
E traz nos brancos cornos as lumiosas²³
Estrelas, serenando as tempestosas²⁴
Nuvens, qu'ó grosso humor nos Céus juntara;
Tal é, digo comigo, a clara estrela,
Que minh'alma me encheu doutra luz nova,
E meus olhos abriu ao que não viam.
Assi me leva a vida, e ma renova,
Assi as vãs sombras, que antes m'escondiam
O claro Céu, fugindo vão ante ela.

[3]

Tem m'Amor preso em ãas redes d'ouro,
Mais que as de Vulcano artificiosas,
Que quando mais estreitas, mais forçosas,
Mais docemente nelas vivo, e mouro.
Achei, onde perdi-me, o meu tesouro;
E vi minhas cadeias tão fermosas,
Que inveja estão fazendo às gloriosas

Coroas triunfais de Palma, e Louro.
Triunfem lá os grandes vencedores,
Mostrem inimigos²⁵ mortos, outros vivos,
Cheios soberbamente de sua fama:
Eu os meus olhos de vós só cativos,
Eu as minhas prisões, e a minha chama,
Eu mostrarei ao Mundo os meus amores.

[4]

Ó alma pura, em quanto cá vivias,
Alma lá onde vives já mais pura,
Porque me desprezaste? Quem tão dura
Te tornou ao amor, que me devias?
Isto era, o que mil vezes prometias,
Em que minh'alma estava tão segura,
Que ambos juntos ãa hora desta escura
Noite nos subiria aos claros dias?
Como em tão triste cárcer me deixaste?
Como pude eu sem mim deixar partir-te?
Como vive este corpo sem sua alma?
Ah! que o caminho tu bem mo mostraste,
Porque correste à gloriosa palma!
Triste de quem não mereceu seguir-te!

[23](#) lumiosas: forma arcaica de *luminosas*.

[24](#) tempestosas: forma arcaica de *tempestuosas*.

[25](#) imigos: forma arcaica de *inimigos*.

Diogo Bernardes

(C.1530 C.1605)

De Diogo Bernardes, o máximo que se pode dizer para enaltecê-lo é que teve muitos de seus sonetos misturados e confundidos com os de Camões nas sucessivas edições que se fizeram das obras deste. Parece-me que posso ousar dizer que Camões os assinaria, de bom grado. Um acontecimento histórico muito importante é o de ter sido aprisionado na batalha de Alcácer-Quibir, tendo, pois, conhecimento direto da morte de D. Sebastião, deitando abaixo a lenda que se criou – e foi alimentada por séculos – de que o jovem rei desaparecera em meio à luta, dando origem ao sebastianismo – a espera pela volta de D. Sebastião. A prisão de Bernardes, metido em grilhões, lhe dá a coragem de interpelar o infante, já morto, censurando a sua ingenuidade frente aos validos que o empurraram para a perdição da pátria, em um dos seus mais belos poemas, a Elegia I.



[1]

Da branca neve, e da vermelha rosa
O Céu de tal maneira derramou
No vosso rosto as cores, que deixou
A rosa da manhã mais vergonhosa.
Os cabelos (d'Amor prisão fermosa)
Não d'ouro, que ouro fino desprezou,
Mas dos raios do Sol vo-los dourou,
Do que Cíntia²⁶ também anda invejosa.
Um resplendor ardente, mas suave,
Está nos vossos olhos derramando

Qu'ó claro deixa escuro, o escuro aclara;
A doce fala, o riso doce, e grave
Entre rubis, e perlas lampejando
Não tem comparação por cousa rara.

[2]

Ando, senhora minha, cá temendo
Se vós em mim cuidais, que cuidareis
Que vos não amo quanto mereceis,
Pois vivo tantos dias não vos vendo:
Ai triste, que da morte me defendo
Com esperar que cedo me vereis
Tal, que logo em mim conhecereis
Que, se vivo sem vós, vivo morrendo.
Faltando este remédio, d'outro modo
A triste vida não se valeria
Contra o mal que lh'ordena a saúde:
Mas quando verei eu, senhora, o dia
Que veja em vossos olhos meu bem todo,
E vós vejais nos meus esta verdade?

[3]

Marília, que do Céu à terra dada
Foste, por glória sua, e nosso espanto,
Que verso louvará, que novo canto,
Formosura tão nova, e desusada?
Qual serena manhã alva, e rosada
Foi nunca tão formosa, ou qual Sol tanto
O mundo alumiou, Marília, quanto
Teus olhos, onde Amor tem sua morada?
S'estrelas, Lua, Sol sua beleza

Perdem diante ti, que desenganos
De perlas, de rubis, de neve, e rosas!
Enfim em ti juntou a natureza
Quanto reparte em mil, e em mil anos
Com mil, e mil, e todas mui formosas.

[4]

À borda d'um ribeiro, que corria
Por meio d'um florido, e verde prado,
O triste pastor Délio debruçado
Sobr'um tronco de freixo assi dizia:
Ah, Marília cruel, quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Quem fez um coração desenganado
Amar cousa que tanto aborrecia?
Que foi daquela fé, que tu me deste?
Que foi daquele amor que me mostraste?
Como se mudou tudo tão asinha?
Quando tua afeição n'outro puseste,
Como te não lembrou que me juraste
Que não serias nunca senão minha?

[5]

Nas águas d'ua fonte um dia olhava
O seu rosto, Marília, doutras cheio,
Entregue a mil suspeitas d'um receio,
Qu' Amor em seus amores lh'ordenava.
Mansas águas (dizia) mal cuidava
Em tão ledó começo, e ledó meio,
Que visse um fim tão triste, e tão alheio
Do bem, que do meu bom ver esperava.

De lágrimas fingidas me deixei
Vencer, triste de mim! não suspeitando
Que fossem deste amor injusto preço:
Agora, que me vou desenganando,
Bem vedes vós em mim, que me tornei
Tal, que vendo-m' em vós, não me conheço.

[6]

Horas breves de meu contentamento
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse tornadas, tão asinha,
Em tão compridos dias de tormento.
Aquelas torres, que fundei no vento,
O vento as levou já que as sustinha,
Do mal, que me ficou, a culpa é minha,
Que sobre cousas vãs fiz fundamento.
Amor com rosto ledó, e vista branda
Promete quanto dele se deseja,
Tudo possível faz, tudo segura:
Mas des²⁷ que dentro n' alma reina, e manda,
Como na minha fez, quer que se veja,
Quão fugitivo é, quão pouco dura.

[7]

Depois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lágrimas perdidas,
Tantos suspiros vãos, vãmente dados;
Como não sois vós já desenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas
Quereis remediar minhas feridas,

Qu' Amor fez sem remédio, ou os meus fados?
Se não tivéreis já experiência
Das sem-razões d' Amor, a quem servistes,
Fraqueza fora em vós a resistência:
Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Os quais não curou tempo, nem ausência
Que bem dele esperais, desejos tristes?

[8]

Que doudo pensamento é o que sigo,
Após que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mim, que não m'entendo,
Nem o que calo sei, nem sei que digo.
Pelejo com quem trata paz comigo,
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pretendo?
Quem do meu próprio mal me fez amigo?
Porque, se nasci livre, me cativo?
E se o quero ser, por que não quero?
Como m'engano mais com desenganos?
Se já desesperei, que mais espero?
E s'inda espero mais, porque não vivo
Esperando algum bem em tantos danos[?]

[9]

Se Dona Inês de Castro presumira
Que tinha o largo Céu determinado
Ser o seu triste fim tão celebrado
C'o raro engenho da tua doce lira:
Inda que de mais duros golpes vira
C'o seu tão brando peito traspassado

Do corpo, o triste sprito desatado
Ledo desta baixeza se partira.
Alegre-se no Céu, pois que na terra
O seu nome por ti será famoso,
O qual já não lembrava em Portugal,
O teu estilo fez à morte guerra,
Ó Dona Inês ditosa; ó tu ditoso
Que dando vida, ficas imortal.

[10]

Ferreira, eu vi as claras, e fermosas
Águas do teu Mondego irem chorando
As lembranças do tempo, que cantando
Andavas nas suas praias saudosas:
Não vi os brancos lírios, nem as rosas
Vermelhas, que mostrava o campo, quando
A serra docemente ias chamando
Com vozes namoradas, mas queixosas.
Vi secos os censeiros,²⁸ que já tantas
Veze queixar t'ouviram; vi o dia
Escuro, a relva triste em toda parte.
Se nas águas, no Sol, flores, e plantas,
Vi tanta saudade, que faria,
Deixando lá de mim a melhor parte?

[11]

Vendo Narciso em uma fonte clara,
A sombra só da própria fermosura,
De si vencido (Amor quis por ventura
Vingar as Ninfas qu'ele desprezara)
Todo enlevado na beleza rara,

Que seu peito abrasou em chama pura,
Chorando disse, à sua vã figura,
Por quem perdeu enfim a vida cara:
Ó Ninfa destas águas moradora,
Surda em ouvir-me, muda em responder-me,
Não vês a quem não ouves, nem respondes?
Não vês que sou Narciso? ai que por ver-me
Mil Ninfas d'outras fontes saem fora!
E tu por me não ver, nesta t'escondes?

[26](#) cíntia: diana, a casta filha de júpiter e de latona, irmã de apolo, identificada à lua.

[27](#) des: forma apocopada de *desde*.

[28](#) censeiros: salgueiros.

Frei Agostinho da Cruz

(1540 1619)

Nascido Agostinho Pimenta, foi ordenado frade da Ordem dos Capuchinhos aos vinte e um anos, tendo permanecido quarenta no Convento da Arrábida, decidindo tornar-se um eremita, em 1605. Escreve Maria de Lourdes Belchior, sua exímia leitora: “Sua obra aderiu à Arrábida, de tal modo que é impossível separá-las: poesia e geografia uniram-se no cântico desenganado do poeta-capuchinho”. Sua poesia se conservou quase toda em cancioneiros manuscritos, só tendo sido publicada, ainda assim parcialmente, no século XVIII. Irmão de Diogo Bernardes, teria sido ainda mais valorizado pela crítica se não tivesse a seu lado o irmão dez anos mais velho, que lhe fazia alguma sombra. Vivendo próximos ao rio Lima, são chamados ambos “os poetas limianos” e o rio lhes deve a bela celebração. Lamentável é que, ao entrar no convento, tenha destruído todos os seus poemas não religiosos.



[1]

***GUTTA CAVAT LAPIDEM.*²⁹ AO EFEITO DA PERSEVERANÇA.**

A fonte que de seu curso murmura,
Caindo do mais alto do rochedo,
Nos mostra que, cavando no penedo,
A dureza se vence com brandura.

Assi quem persevera, espera, atura,
Com seus olhos banhados, tarde ou cedo,
Achega a penetrar este segredo,
Como o figurado na figura.

Se, contra toda a lei da natureza,

À brandura, com ser continuada,
Basta para vencer toda a dureza,
Que não fará nesta alma renovada
A faísca de amor divino acesa
Pera ser nele toda transformada?

[2]

À NOITE DE NATAL

Era noite de inverno longa e fria,
Cobria-se de neve o verde prado;
O rio se detinha congelado,
Mudava a folha cor, que ter soía.³⁰

Quando nas palhas duma estrebaria,
Entre dous animais brutos lançado,
Sem ter outro lugar no povoado
O Menino Jesus pobre jazia.

– Meu filho, meu amor, por que quereis
(Dizia Sua Mãe) nesta aspereza
Acrescentar-me as dores que passais?

Aqui nestes meus braços estareis;
Que, se Vos força amor sofrer crueza,
O meu não pode agora sofrer mais.

[3]

A NOSSA SENHORA DA ARRÁBIDA

Aqui, Senhora minha, onde soía
Cantar na minha leve mocidade
O muito que de Vossa saúde
Desejei de acender nesta alma fria;
Aqui torno outra vez, Virgem Maria,

Desenganado já, mais de verdade,
Pois me mostrou do mundo a falsidade,
Que a lágrimas comprei, quem me vendia.

Conselha-me tão claros desenganos
Que comece de novo nova vida
Nesta Serra deserta, alta e fragosa;

Mas são conselhos vãos, leves, humanos,
Que Vós nunca quisestes ser servida.
Se não por puro amor, Virgem fermosa.

[29](#) expressão latina: “a gota d’água cava a pedra”. ou, como diz o provérbio popular: “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

[30](#) soía: *costumava*.

Francisco Rodrigues Lobo

(C.1580 1622)

Nascido à volta de 1580, filho mais velho de André Luís Lobo e de D. Isabel Lopes, e criado em Leiria, cantou afetuosamente os campos do Lis e do Lena, atraído por sua paisagem bucólica. Sua poesia semeada na trilogia pastoral – “A primavera”, “O pastor peregrino” e “O desenganado” – é que o consagra como poeta de estirpe camoniana. Como diz Maria de Lourdes Belchior: “O lirismo quinhentista depura-se na admirável perfeição do seu verso e na tranquila harmonia do seu ritmo. Têm frescura e graça as serranilhas, são densos e decantadamente conceituosos os seus sonetos. O poeta situa-se na encruzilhada dos caminhos entre quinhentos e seiscentos. Fiel ao magistério de Camões e à sua inspiração, adivinham-se, porém, no seu verso sinais inequívocos de nascente gongorismo”. Tem-se notícia da publicação, em 1614, de obras suas, “Elegias ao Santíssimo Sacramento”, irremediavelmente perdidas.



[1]

Águas que penduradas desta altura,
Caís sobre os penedos descuidadas,
Aonde, em branca escuma levantadas,
Ofendidas mostrais mais fermosura,
Se achais essa dureza tão segura,
Para que porfiais, águas cansadas?
Há tantos anos já desenganadas,
E esta rocha mais áspera e mais dura.
Voltai atrás por entre os arvoredos,

Aonde caminhais com liberdade
Até chegar ao fim tão desejado.

Mas ai! que são de amor estes segredos,
Que vos não valerá própria vontade
Como a mim não valeu no meu cuidado.

[2]³¹

Fermoso Tejo meu, quão diferente
Te vejo e vi, me vês agora e viste:
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste;
A mim trocou-me a vista em que consiste
O meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes,
Sejamo-lo no bem. Oh! quem me dera
Que fôramos em tudo semelhantes!

Mas lá virá a fresca primavera:
Tu tornarás a ser quem eras dantes,
Eu não sei se serei quem dantes era.

³¹ soneto tão belo que também foi atribuído a camões e mesmo reeditado até ao século xix, como dele.



SÉCULO
XVII

Sóror Violante do Céu

(C.1607 1693)

Antes de professar no Convento de Nossa Senhora do Rosário, da Ordem de São Domingos, onde entrou em 1630, usava seu nome de origem, Violante da Silveira, também chamada por alguns de seus biógrafos Violante de Montesino. Tornou-se conhecida por ter escrito, aos 17 anos, uma comédia que seria representada na presença do rei Felipe III, em sua visita a Lisboa. Mulher letrada, vivendo numa época em que predominava nos conventos uma atmosfera mundana, pôde a freira assinar uma produção poética que encantou a elite seiscentista, pela expansão do seu temperamento apaixonado. Por que se teria feito freira? Dizem uns que por decepção amorosa. Para outros, a questão é diferente: qual a origem de sua obra apaixonada? Ter-se-ia originado em um amor correspondido, por um Paulo de Andrade, o que não era usual ao tempo, pela sua condição de religiosa.



[1]

SONETO EM DIÁLOGO

A EL REI D. JOÃO IV DE PORTUGAL

Que logras, Portugal? um Rei perfeito,

Quem o constituiu? sacra piedade,

Que alcançaste com ele? a liberdade,

Que liberdade tens? ser-lhe sujeito.

Que tens na sujeição? honra, e proveito,

Que é o novo Rei? quase Deidade,

Que ostenta nas ações? felicidade,

E que tem de feliz? ser por Deus feito.

Que eras antes dele? um labirinto,
Que te julgas agora? um firmamento,
Temes alguém? não temo a mesma Parca.³²

Sentes alguma pena? ãa só sinto,
Qual é? não ser um mundo, ou não ser cento,
Para ser mais capaz de tal Monarca.

[2]

Que suspensão, que enleio, que cuidado
É este meu, tirano Deus Cupido?
Pois, tirando-me enfim todo o sentido,
Me deixa o sentimento duplicado.

Absorta no rigor de um duro fado,
Tanto de meus sentidos me divido,
Que tenho só de vida o bem sentido,
E tenho já de morte o mal logrado.

Enlevo-me no dano que me ofende,
Suspendo-me na causa de meu pranto,
Mas meu mal (ai de mim) não se suspende.

Oh cesse, cesse, amor, tão raro encanto,
Que para quem de ti não se defende
Basta menos rigor, não rigor tanto.

³² parca: neste caso, átrapos, uma das três figuras mitológicas à qual incumbe cortar o fio tecido e dobrado pelas outras duas, o fio da vida.

D. Francisco Manuel de Melo

(C. 1608 1666)

Tem uma obra consistente, em prosa e verso. Dele disse Menendez y Pelayo que foi “o homem de mais engenho que produziu a Península no séc. XVII, depois de Quevedo”. Filho de pai português e mãe espanhola, teve durante muito tempo dificuldade em decidir-se por uma das nacionalidades, alternando entre uma e outra, o que lhe motivou grandes problemas, chegando a longos períodos de prisão. No final da sua vida, aos 59 anos incompletos, morre em Lisboa, tendo sido reabilitado logo após a morte de D. João IV. Plena razão tem António Correia de Oliveira quando diz que “A feição típica do temperamento literário de D. Francisco Manuel de Melo é a do moralista” retomando “os temas dos escritores moralistas, mas deixa[ndo] a estes o tom grave da dissertação ou da prédica, para se apresentar como despreocupado e espirituoso cavaqueador”.



[1]

Ousado Pescador, que é da tormenta
Nas mansas águas desse breve vaso?
Duvidais vós de entrar, tímido, acaso,
Quando que nele entreis o Mestre intenta?
Como, se antes ousada, hoje avarenta
Se mostra a planta que por longo prazo
O bravo mar pisou, qual campo raso,
Em virtude do braço que a sustenta?
Então lhe obedeceis os pensamentos,
Porque se mostrou Deus; e hoje, vestido

De escravo, duvidais seus mandamentos?
Pois diz o amor: que para obedecido
Mais é, que quando aos pés rende elementos,
Quando Ele o põe a vossos pés rendido.

[2]

METÁFORA ALEGÓRICA

Batia em um penedo, da água erguido,
Lá na serra da Arrábida viçosa,
Irado, o mar, com força temerosa,
Do fero sopro do Austro embravecido.

Responde, repetindo-lhe o bramido,
Na branca praia úmida, arenosa,
Um eco, que na penha cavernosa
Durou medonhamente repetido...

Sereno pescador, que a Daliana
Adora, vendo já que se estremece
A firme penha, donde o mar batia,
– Vem, diz, verás, ó ninfa desumana,
Que à porfia e ao amor tudo obedece:
Tu só, zombas do amor e da porfia!

[3]

DIÁLOGO DA VIDA E O TEMPO

V. Quem chama dentro em mi? – T. O tempo ousado
V. Entraste sem licença? – T. Tenho-a há muito.
V. Que me queres? – T. Que me ouças. – V. Já te escuto.
T. Prometes de me crer? – V. Fala avisado.
T. Errada vás. – V. Também tu vás errado.
T. Essa é condição minha. – V. Esse é meu fruto.

T. És mulher descuidada. – *V.* És velho astuto.
T. Erro sem dano meu. – *V.* Assás tens dado.
T. Ai, Vida, como passas? – *V.* Perseguida.
T. De quem? – *V.* De ti. – *T.* O Tempo o gosto nega.
V. O Tempo é ar. – *T.* A Vida é passatempo.
V. Tu já nem Tempo és. – *T.* Nem tu és já Vida.
V. Vai para louco. – *T.* Vai-te para cega.
– Vedes como se vão a Vida e o Tempo?

[4]

CADA UM É FADO DE SI MESMO

Mas adonde irei eu, que este não seja,
Se a causa deste ser levo comigo?
E se eu próprio me perco, e me persigo,
Quem será que me poupe ou que me reja?
Por que me hei-de queixar do Tempo e Inveja,
Se eu a quis mais fiel ou mais amigo?
Fui deixado em mi mesmo por castigo:
Triste serei enquanto em mi me veja.
Esta empresa que em mi tanto em vão tomo,
Esta sorte que em mi seu dano ensaia,
Esta dor que minha alma em mi cativa,
Vós só podeis mudar; mas isto como?
Como? – Fazendo que minha alma saia
De mi, senhora, e dentro de vós viva.

[5]

ESCUSA-SE AO CÉU COM A CAUSA DO SEU DELÍRIO

Pois se para os amar não foram feitos,
Senhor, aqueles olhos soberanos,

Por que por tantos modos, mais que humanos,
Pintando os estivestes mais perfeitos?

Se tais palavras e se tais conceitos,
Tão divinas, tão longe de profanos,
Não destes por Oráculo aos enganos,
Com que Amor vive nos mais altos peitos,

Por que, Senhor, tanta beleza junta,
Tanta graça e tal ser lhe foi deitado,
Qual ídolo nenhum gozara antigo?

Mas como respondeis a esta pergunta?
– Que ou para desculpar o meu pecado,
Ou para eternizar o meu castigo?



SÉCULO
XVIII

Marquesa de Alorna

(1750 1839)

Leonor de Almeida Portugal – Marquesa de Alorna –, tornou-se, por seus dons poéticos e literários, uma das mulheres que mais se distinguiram pela atividade poética, até o seu tempo, em seu país. Marcada por uma fatalidade que atingiu toda a sua família – os Távora – tendo passado 18 anos no cativeiro, disse e repetiu que suas obras nunca aspiraram à fama, sendo compostas apenas para adoçar instantes penosos. É, pois, uma poesia triste, por vezes lamentosa. Tendo uma longa vida (89 anos), pôde gozar também de melhores dias, com um casamento feliz e, já viúva, ter um círculo de relações ilustres, onde poetas de gerações diversas a consideravam mediadora entre eles, nos quais se incluem Bocage, Castilho e mesmo Alexandre Herculano.



[1]

TRISTEZA

Ideias que em desgostos exercitas
Te rodeiam de espectros, e de medos
Curvada, e sotoposta aos penedos,
Que fazes, Lise triste, que meditas?
Cercam-te os ais de vozes mil aflitas,
Vês partidos dos raios os rochedos;
Em rudes troncos, densos arvoredos,
Que vês, Lise? Senão mágoas escritas?
Foge daqui, Pastora, que a tormenta
Que em sítio tão cruel te tem cercada,

Ainda mais com teu pranto se acrescenta.

Vê do trovão a nuvem carregada,
Teme os coriscos que entre si fermenta,
Escuta o negro mar que ao longe brada.

[2]³³

Eu cantarei um dia da tristeza
Por uns termos tão ternos e saudosos,
Que deixem aos alegres invejosos
De chorarem o mal, que lhes não pesa.

Abrandarei das penhas a dureza,
Exalando suspiros tão queixosos,
Que jamais os rochedos cavernosos
Os repitam da mesma natureza.

Serras, penhascos, troncos, arvoredos,
Ave, fonte, montanha, flor, corrente,
Comigo hão-de chorar de amor enredos:

Mas ah! Que adoro uma alma que não sente!
Guarda, Amor, os teus pérfidos segredos,
Que eu derramo os meus ais inutilmente.

[3]

MOTE ALHEIO

Foi vontade, é amor, será loucura

Numa noite serena descansava
Lise triste, que um tempo foi contente,
Nas margens de uma plácida corrente,
Onde a imagem de Cíntia se quebrava:

Ao puro Céu os olhos levantava
Por força do pesar que n'alma sente,

Mas faltando-lhe o alento, decadente,
Chorosos para o chão logo os tornava.

Não podendo explicar o que sentia,
No peito palpitante a desventura
Indistinta e cruel se conhecia:

'Té que uma voz rompendo da espessura
Todo o mal declarou, que assim dizia:
Foi vontade, é amor, será loucura

[4]

A EL-REI, ESTANDO EU MUITO DOENTE, EM CHELAS

Um moribundo esforço, um fraco alento
Indício de uma quase extinta vida
Envia uma infeliz triste abatida
Desde o leito da morte ao Régio assento.

Modera, ó Soberano, o meu tormento,
Solta o Pai, por quem choro dividida:
Esta voz já sem força proferida
Faça em teu peito brando movimento.

Quatro lustros passados n'amargura,
Somente compreende a minha idade;
Entro no quinto, e mais na sepultura.

Ah! Consente, Monarca, por piedade
Que a mão paterna beije com ternura
Mate o gosto, quem morre de saudade!

[5]

À MÚSICA

De um véu de nuvens finas, guarnecido
De ouro puro, se touca a tarde fria;

Do Céu foge ligeiro o frouxo dia,
A sombra envolve o vale desabrido.

Já sem pejo, por Délio³⁴ ter fugido,
Solto a voz em demanda d'Alegria,
Quieto o vento nada respondia
Entre as folhas e flores recolhido.

Cantei; cantei, até cansar do peito
E conheci então como a cantiga
Produz contra o pesar mágico efeito.

Assim zombo de ti, Sorte inimiga;
Todo o triste que a penas vive afeito
Não chore, pois cantando é que as mitiga.

[6]

Da minha alma a ditosa faculdade,
Meu tesouro, adorada Fantasia,
Que animada das Graças da alegria
Tiras da mão as armas à saudade:

És tu quem de meus danos tem piedade;
Tu me pagas de noite o horror do dia;
Tu me levas a ver Sintra sombria,
Dando-me em sonhos doce liberdade.

Igualmente me entregas à ventura,
Ou quando da harmonia a lira empregas,
Ou quando os pincéis roubas à Pintura:

Mas só de todo os males meus sossegas
Mostrando-me a lindíssima Figura,
Com que de amor meus ternos olhos cegas.

³³ este belo soneto da marquesa de alorna deita raízes – como bem notou vanda anastácio

em sua edição da poetisa – em versos de petrarca, também imitados por camões e outros poetas do seu tempo.

[34](#) délio: o sol.

Manuel Maria Barbosa du Bocage

(1765 1805)

É o amor o tema central, quase se diria universal, do poeta. É o amor que move a pena para cantar os momentos de plenitude – bem raros, na verdade – em que aflora a sensualidade, quase sempre reprimida. É o amor que gera o ciúme obsessivo que povoa sua obra, sobretudo seus sonetos. Nunca, até então, fora o ciúme sentido com tal intensidade, agredido com tal veemência. Por temperamento e por formação, era um pré-romântico. Seu gosto pela solidão e pelo silêncio, pelas sombras povoadas de mochos ou fantasmas, pela natureza agreste, às vezes *locus horrendus*, pela tristeza e pela morte, pelo amor do amor, faz do melhor de sua obra a criação de um romântico no qual, aqui e ali, reponta o ultrarromantismo. Curiosamente, foi nos sonetos, na prisão de 14 versos, de esquemas rítmicos mais ou menos fixos, que deu largas a sua inspiração apaixonada, atingindo pontos dos mais altos da poesia em língua portuguesa.



[1]

Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;
Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que à ternura;
Bebendo em níveas mãos, por taça escura,

De zelos infernais letal veneno;
Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) num só momento,
E somente no altar amando os frades,
Eis Bocage em quem luz algum talento;
Saíram dele mesmo estas verdades,
Num dia em que se achou mais pachorrento.

[2]

A loira Fílis na estação das flores,
Comigo passeou por este prado
Mil vezes; por sinal, trazia ao lado
As Graças, os Prazeres e os Amores.
Quantos mimos então, quantos favores,
Que inocente afeição, que puro agrado
Me não viram gozar (oh, doce estado!)
Mordendo-se de inveja, os mais pastores!
Porém, segundo o feminil costume,
Já Fílis se esqueceu do amor mais terno,
E com Jônio se ri de meu queixume.
Ah! Se nos corações fosses eterno
Tormento abrasador, negro ciúme,
Serias tão cruel como os do Inferno!

[3]

Fiei-me nos sorrisos da Ventura,
Em mimos feminis. Como fui louco!
Vi raiar o prazer; porém tão pouco
Momentâneo relâmpago não dura.

No meio agora desta selva escura,
Dentro deste penedo úmido e oco,
Pareço, até no tom lúgubre e rouco,
Triste sombra a carpir na sepultura.

Que estância para mim tão própria é esta!
Causais-me um doce e fúnebre transporte,
Áridos matos, lôbrega floresta!

Ah! Não me roubou tudo a negra Sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

[4]

A teus mimosos pés, meu bem, rendido,
Confirmo os votos que a traição manchara;
Fumam de novo incensos sobra a ara,
Que a vil ingratidão tinha abatido.

De novo sobre as asas de um gemido
Te of'reço o coração, que te agravara;
Saudoso torno a ti, qual torna à cara,
Perdida Pátria o mísero banido;

Renovemos o nó por mim desfeito,
Que eu já maldigo o tempo desgraçado
Em que a teus olhos não vivi sujeito;
Concede-me outra vez o antigo agrado;
Que mais queres? Eu choro, e no meu peito
O punhal do remorso está cravado.

[5]

Os garços ollhos, em que Amor brincava,
Os rubros lábios, em que Amor se ria,

As longas tranças, de que Amor pendia,
As lindas faces, onde Amor brilhava;
As melindrosas mãos, que Amor beijava,
Os níveos braços, onde Amor dormia,
Foram dados, Armânia, à terra fria,
Pelo fatal poder que a tudo agrava.
Seguiu-te Amor ao tácito jazigo,
Entre as irmãs cobertas de amargura.
E eu que faço (ai de mim!) como os não sigo?
Que há no mundo que ver, se a Formosura,
Se Amor, se as Graças, se o prazer contigo
Jazem no eterno horror da sepultura?

[6]

Ó retrato da Morte! Ó Noite amiga,
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretária³⁵ antiga!
Pois manda Amor que a ti somente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumás, ouve enquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga.
E vós, ó cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!
Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

[7]

Entre as tartáreas forjas, sempre acesas,
Jaz aos pés do tremendo, estígio nume,
O carrancudo, o rábido Ciúme,
Ensanguentadas as corruptas presas.

Traçando o plano de cruéis empresas,
Fervendo em ondas de sulfúreo lume,
Vibra das fauces o letal cardume
De hórridos males, de hórridas tristezas.

Pelas terríveis Fúrias instigado,
Lá sai do Inferno, e para mim se avança
O negro monstro, de áspides toucado.

Olhos em brasa de revés me lança.
Ó dor! Ó raiva! Ó morte!... Ei-lo a meu lado,
Ferrando as garras na vipéria trança.

[8]

Ó trevas, que enlutais a Natureza,
Longos ciprestes desta selva anosa,
Mochos de voz sinistra e lamentosa,
Que dissolveis dos fados a incerteza;
Manes, surgidos da morada acesa,
Onde de horror sem fim Plutão se goza,
Não aterrais esta alma dolorosa,
Que é mais triste que vós minha tristeza.

Perdi o galardão da fé mais pura,
Esperança frustrei do amor mais terno,
A posse de celeste formosura.

Voltei, pois, sombras vãs, ao fogo eterno
E, lamentando a minha desventura,

Movereis à piedade o mesmo inferno.

[9]

GLOSANDO O MOTE:

“Morte, juízo, inferno e paraíso”

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,
Em que estado infeliz, penoso e duro!
Delido o coração de um fogo impuro,
Meus pesados grilhões adoro e beijo.

Quando te logro mais, mais te desejo;
Quando te encontro mais, mais te procuro;
Quando mo juras mais, menos seguro
Julgo esse doce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus fados
Me desarreigam³⁶ d’alma a paz e o risco,
Sendo só meu sustento os meus cuidados;

E, de todo apagada a luz do siso,
Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados
Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

[10]

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões n’alma fervendo
Como fervem no pego as crespas vagas.

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás nele (ai de mim!) palpando e vendo
De agudas ânsias venenosas chagas.

Cego a meus males, surdo a teu reclamo,

Mil objetos de horror co'a ideia eu corro,
Solto gemidos, lágrimas derramo.

Razão, de que me serve o teu socorro?
Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;
Dizes-me que sossegue, eu peno, eu morro.

[11]

Nos torpes laços de beleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento,
E, forçada ao servil abatimento,
Contra os sentidos a Razão murmura.

Eu, que outrora incensava a formosura
Das que enfeita o pudor gentil e isento,
A já corrupta ideia hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura.

Se a vejo repartir prazer e agrado
Àquele, a este, co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado.

Céus! Quem me reduziu a tal baixaza?
Quem tão cego me pôs?... Ah! foi meu Fado,
Que tanto não podia a Natureza.

[12]

GLOSANDO O MOTE:

“Das almas grandes a nobreza é esta”

Apertando de Nise a mão nevada,
A furto lhe pergunto: “De mim gosta?”
Cala-se Nise, e manda-me resposta
Nas asas de estrondosa bofetada!

“Que é isso?”, grita a mãe. “Senhora, é nada”.

Lhe responde com voz branda e composta;
Ferve sussuro aqui, e à parte oposta
Rebenta insultadora pateada.

“Calai-vos (lhes gritei), homens estultos!
Achei Nise guardando o lume a Vesta
Quando julguei que o Amor rendia cultos.

“Sou nobre!, sou herói!, vamos à festa!
Amar, e por Amor sofrer insultos,
Das almas grandes a nobreza é esta”.

[13]

Eu me ausento de ti, meu pátrio Sado,³⁷
Mansa corrente deleitosa, amena,
Em cuja praia o nome de Filena
Mil vezes tenho escrito e mil beijado.

Nunca mais me verás entre o meu gado,
Soprando a namorada e branda avena,
A cujo som descias mais serena,
Mais vagarosa para o mar salgado.

Devo, enfim, manejar, por lei da Sorte,
Cajados não, mortíferos alfanges,
Nos campos do colérico Mavorte;³⁸

E talvez entre impávidas falanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que umedece o Ganges.

[14]

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,

Arrostar co' o sacrílego gigante;
Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrico, como tu, da Sorte dura
Meu fim demando ao Céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és, mas... oh, tristeza
Se te imito nos transes da Ventura,
Não te imito nos dons da Natureza.

[15]

Adamastor³⁹ cruel! De teus furores
Quantas vezes me lembro horrorizado!
Ó monstro! Quantas vezes tens tragado
Do soberbo Oriente os domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores
Estou vendo Sepúlveda afamado,
Co'a esposa e co'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Vênus e os Amores.

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole e a bela dama,
Às garras dos leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do afoito Gama!
Pelos nossos desastres és famoso.
Maldito Adamastor! Maldita fama!

[16]

NA DOENÇA

Pouco a pouco a letífera⁴⁰ Doença
Dirige para mim trêmulos passos,
Eis seus caídos, macilentos braços,
Eis a sua terrífica presença.

Virá pronunciar final sentença,
Em meu rosto cravando os olhos baços,
Virá romper-me à vida os tênues laços
A fouce, contra a qual não há defesa.

Oh!, vem, deidade horrenda, irmã da Morte,
Vem, que esta alma, avezada a mil conflitos,
Não se assombra do teu, bem que mais forte.

Mas ah!, mandando ao Céu meus ais contritos,
Espero que primeiro que o teu corte
Me acabe viva dor dos meus delitos.

[17]

Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento,
Musa!... Tivera algum merecimento.
Se um raio da razão seguisse, pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:

“Outro Aretino fui... A santidade
Manchei... Oh!, se me creste, gente ímpia,

Rasga meus versos, crê na Eternidade!”

[35](#) secretária: aquela que guarda segredos.

[36](#) desarraigam: o mesmo que desarraigam, arrancam.

[37](#) sado: às vésperas de seguir para a Índia, bocage se despede do seu rio, o sado, que banha Setúbal.

[38](#) mavorte: o mesmo que marte, na mitologia latina.

[39](#) adamastor: personagem criada por camões para encarecer as dificuldades da navegação para a Índia, por Vasco da Gama: é o gigante fabuloso que, antigo titã, se põe à frente das naus para profetizar-lhes desgraças, naufrágios, “perdições de toda sorte, / que o menor mal de todos seja a morte”.

[40](#) letífera: letal, mortífera.

Almeida Garrett

(1799 1854)

O maior poeta português do Romantismo, foi quem deu início ao movimento, sem alarde, estando na França, onde lançou o seu belo poema em dez cantos, em decassílabos, “Camões”, escrito em homenagem ao poeta máximo, herói do poema. Sendo um poeta romântico, não será de estranhar que não se encontrem em sua obra sonetos, forma da qual os românticos, em geral, se afastaram. Seria, porém, estranho e mesmo injusto não apresentar um poeta da sua importância em uma antologia dos melhores autores de poesia de Portugal, o que constituiria uma amputação do melhor lirismo português. De toda sua obra, foram selecionados aqueles poemas que contêm marcas mais acentuadas da sua produção lírica, ou que têm um recorte que os aproxime do soneto. Assim justifica-se esta pequena transgressão.



[1]

OLHOS NEGROS

Por teus olhos negros, negros

Trago eu negro o coração,

De tanto pedir-lhe amores...

E eles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,

Negros, negros como são;

Que os azuis dão muita esp'rança,

Mas fiar-me eu neles, não.

Só negros, negros os quero;

Que, em lhes chegando a paixão,
Se um dia disserem sim...
Nunca mais dizem que não.

[2]

ESTE INFERNO DE AMAR

Este inferno de amar – como eu amo!
Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida – e que a vida destrói –
Como é que se veio a atear,
Quando – ai quando se há-de ela apagar?
Eu não sei, não me lembra: o passado,
A outra vida que dantes vivi
Era um sonho talvez... – foi um sonho –
Em que paz tão serena a dormi!
Oh! que doce era aquele sonhar...
Quem me veio, ai de mim! despertar?
Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos giravam,
Em seus olhos ardentes os pus.
Que fez ela? eu que fiz? – Não no sei;
Mas nessa hora a viver comecei...

[3]

BARCA BELA

Pescador da barca bela,
Onde vás pescar com ela,
Que é tão bela,

Oh pescador?

Não vês que a última estrela

No céu nublado se vela?

Colhe a vela,

Oh pescador!

Deita o lanço com cautela,

Que a sereia canta bela...

Mas cautela,

Oh pescador!

Não se enrede a rede nela,

Que perdido é remo e vela

Só de vê-la,

Oh pescador!

Pescador da barca bela

Inda é tempo, foge dela,

Foge dela

Oh pescador!

[4]

VOZ E AROMA

A brisa vaga no prado,

Perfume nem voz não tem;

Quem canta é o ramo agitado,

O aroma é da flor que vem.

A mim tornem-me essas flores

Que uma a uma eu vi murchar,

Restituam-me os verdores

Aos ramos que eu vi secar...

E em torrentes de harmonia

Minha alma se exalará,
Esta alma que muda e fria
Nem sabe se existe já.

[5]

SEUS OLHOS

Seus olhos – se eu sei pintar
O que os meus olhos cegou –
Não tinham luz de brilhar,
Era chama de queimar;
E o fogo que a ateou
Vivaz, eterno, divino
Como o facho do Destino.

Divino, eterno! – e suave
Ao mesmo tempo: mas grave
E de tão fatal poder,
Que, um só momento que a vi,
Queimar toda alma senti...
Nem ficou mais de meu ser,
Senão a cinza em que ardi.



SÉCULO
XIX

João de Deus

(1830 1896)

Sempre caracterizado pela extrema simplicidade de seus versos, acentuada por ele próprio a tal ponto que se passou a acreditar que em sua poesia não havia nenhum apuro artístico. Até que Eugénio de Castro afirmou, para que bem se ouvisse, que não era verdade e que, pelo contrário, ele polia e repolia seus poemas, na ânsia de aperfeiçoá-los, o que o conduziu à conquista de uma naturalidade e de uma harmonia de ritmos, comparáveis às de Camões das redondilhas. Seu tema é o amor: amor à mulher e amor a Deus. Pertencendo, cronologicamente, à última geração romântica, o seu romantismo surge como um último ramo, e o mais sadio.



[1]

A D. PEDRO II

Per me reges regnant

Os reis são também símbolos; e vós
Representais todo um império amigo;
Por isso é que levanto a minha voz,
E ouvi, Pedro segundo, o que vos digo:
Vós não tendes um único inimigo,
Vós sois dos reis que podem andar sós:
Basta abolirdes o comércio atroz
Do desgraçado escravo: eu vos bendigo!
E que é ser rei? Levar a primazia
Aos mais em tudo; espírito profundo
Que arte e ciência, livre e escravo abarca.

Regem os reis pela sabedoria:

Quem a não tem, não pode ser monarca:

Vós sois digno de o ser no Novo-Mundo.

[2]

MINHA MÃE

A D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Quando a minha alma estende o olhar ansioso

Por esse mundo a que inda não pertenço,

Das vagas ondas desse mar imenso

Destaca-se-me um vulto mais formoso:

É minha santa mãe! berço mimoso

D'onde na minha infância andei suspenso;

É minha santa mãe, que vejo, e penso

Verei sempre se Deus é piedoso.

Como línguas de fogo que se atraem,

Avidamente os braços despedimos

Um para o outro, mas os braços caem...

Porque é então que olhamos e medimos

A imensa distância d'onde saem

Os ais da saüdade que sentimos!

[3]

DEUS?

A Marco Antonio Canini

Quem me terá trazido a mim suspenso,

Atônito, alheado... ou a quem devo,

Enfim, dizer que em nada mais me enlevo,

A ninguém mais do coração pertenço?

Se desço ao vale, ao alcantil me elevo,

Quem é que eu busco, em que será que eu penso?

És tu memória de horizonte imenso

Que me encheu alma d'um eterno enlevo?...

Segues-me sempre... e só por ti suspiro!

Vejo-te em tudo... terra e céu te esconde!

Nunca te vi... cada vez mais te admiro!

Nunca essa voz à minha voz responde...

E eco fiel até do ar que aspiro,

Sinto-te o hálito!... em minha alma ou onde?

Antero de Quental

(1845 1891)

Oriundo de família letrada dos Açores, matriculou-se na Universidade de Coimbra, onde se destacou pela combatividade e qualidade dos seus textos. Boníssimo, merecendo de Eça de Queirós o título de “Um gênio que era um santo”, impacientava-se com aqueles que lhe pareciam insinceros ou politicamente indefensáveis. Um dos maiores espíritos do seu tempo, exerceu sempre grande influência sobre os demais, distinguindo-se como poeta – o maior sonetista do século XIX – autor de textos excepcionais que reuniu em coletâneas: a primeira, da juventude, *Primaveras românticas*, é toda centrada no amor; a segunda, *Odes modernas*, do período da maturidade, reúne a sua preocupação com os problemas sociais, da pátria, sobretudo. Outras preocupações que paralelamente o povoam são a filosófica e a metafísica, que se exprimem através de sonetos de grande beleza.



[1]

AMOR VIVO

Amar! mas dum amor que tenha vida...

Não sejam sempre tímidos arpejos,

Não sejam só delírios e desejos

Duma doida cabeça escandecida...

Amor que viva e brilhe! luz fundida

Que penetre o meu ser – e não só beijos

Dados no ar – delírios e desejos –

Mas amor... dos amores que tem vida...

Sim, vivo e quente! e já a luz do dia
Não virá dissipá-lo nos meus braços
Como névoa da vaga fantasia...

Nem murchará do Sol à chama erguida...
Pois que podem os astros dos espaços
Contra uns débeis amores... se tem vida?

[2]

APARIÇÃO

Um dia, meu amor (e talvez cedo,
Que já sinto estalar-me o coração!),
Recordarás com dor e compaixão
As ternas juras que te fiz a medo...

Então, da casta alcova no segredo,
Da lamparina ao trêmulo clarão,
Ante ti surgirei, espectro vão,
Larva fugida ao sepulcral degredo...

E tu, meu anjo, ao ver-me, entre gemidos
E aflitos ais, estenderás os braços
Tentando segurar-te aos meus vestidos...

– “Ouve! espera!” – Mas eu, sem te escutar,
Fugirei, como um sonho, aos teus abraços
E como fumo sumir-me-ei no ar!

[3]

TESE E ANTÍTESE

I

Já não sei o que vale a nova ideia,
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,
Torva no aspecto, à luz da barricada,

Como bacante após lúbrica ceia!
Sanguinolento o olhar se lhe incendeia...
Aspira fumo e fogo embriagada...
A deusa de alma vasta e sossegada
Ei-la presa das fúrias de Medeia!
Um século irritado e truculento
Chama à epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obus...
Mas a ideia é num mundo inalterável,
Num cristalino Céu, que vive estável...
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

II

Num Céu intemerato e cristalino
Pode habitar talvez um Deus distante,
Vendo passar em sonho cambiante
O Ser, como espetáculo divino:
Mas o homem, na terra onde o destino
O lançou, vive e agita-se incessante...
Enche o ar da terra o seu pulmão possante...
Cá da terra blasfema ou ergue um hino...
A ideia encarna em peitos que palpitam:
O seu pulsar são chamas que crepitam,
Paixões ardentes como vivos sóis!
Combatei pois na terra árida e bruta,
Té que a revolva o remoinhar da luta,
Té que a fecunde o sangue dos heróis!

[4]

A UM CRUCIFIXO

Não se perdeu teu sangue generoso,
Nem padeceste em vão, quem quer que foste,
Plebeu antigo, que amarrado ao poste
Morreste como vil e faccioso.

Desse sangue maldito e ignominioso
Surgiu armada uma invencível hoste...
Paz aos homens e guerra aos deuses! – pôs-te
Em vão sobre o altar o vulgo ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:
Um povo em ti começa, um homem novo:
De ti data essa trágica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar nisto,
Lembraremos, herdeiros desse povo,
Que entre nossos avós se conta Cristo.

[5]

HINO À RAZÃO

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre, só a ti submissa.

Por ti é que a poeira movediça
De astros e sóis e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flor do heroísmo medra e viça.

Por ti, na arena trágica, as nações
Buscam a liberdade, entre clarões;
E os que olham o futuro e cismam, mudos,
Por ti, podem sofrer e não se abatem,

Mãe de filhos robustos, que combatem
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!

[6]

DESPONDENCY

Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da soledade
Onde as asas partidas a levaram...

Deixá-la ir, a vela que arrojaram
Os tufões pelo mar, na escuridade,
Quando a noite surgiu da imensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixá-la ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
À morte queda, à morte silenciosa...

Deixá-la ir, a nota desprendida
Dum canto extremo... e a última esperança...
E a vida... e o amor... deixá-la ir, a vida!

[7]

O PALÁCIO DA VENTURA

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!
Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão – e nada mais!

[8]

A ALBERTO TELES

Só! – Ao ermita sozinho na montanha
Visita-o Deus e dá-lhe confiança:
No mar, o nauta, que o tufão balança,
Espera um sopro amigo que o Céu tenha...
Só! – Mas quem se assentou em riba estranha,
Longe dos seus, lá tem inda a lembrança;
E Deus deixa-lhe ao menos a esperança
Ao que à noite soluça em erma penha...
Só! – Não o é quem na dor, quem nos cansaços,
Tem um laço que o prenda a este fadário,
Uma crença, um desejo... e inda um cuidado...
Mas cruzar, com desdém, inertes braços,
Mas passar, entre turbas, solitário,
Isto é ser só, é ser abandonado!

[9]

TORMENTO DO IDEAL

Conheci a Beleza que não morre
E fiquei triste. Como quem da serra
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre,

Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre:
Assim eu vi o Mundo e o que ele encerra
Perder a cor, bem como a nuvem que erra
Ao pôr do Sol e sobre o mar discorre.

Pedindo à forma, em vão, a ideia pura,
Tropeço, em sombras, na matéria dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Recebi o batismo dos poetas,
E, assentado entre as formas incompletas,
Para sempre fiquei pálido e triste.

[10]

NOTURNO

Espírito que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a Lua,
Filho esquivo da noite que flutua,
Tu só entendes bem o meu tormento...

Como um canto longínquo – triste e lento –
Que voga e sutilmente se insinua,
Sobre o meu coração, que tumultua,
Tu vertes pouco a pouco o esquecimento...

A ti confio o sonho em que me leva
Um instinto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, o eterno Bem.

E tu entendes o meu mal sem nome,
A febre de Ideal, que me consome,
Tu só, gênio da Noite, e mais ninguém!

[11]

ANIMA MEA⁴¹

Estava a Morte ali, em pé, diante,
Sim, diante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a fúnebre bacante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: “Que buscas, impudente,
Loba faminta, pelo Mundo errante?”

– “Não temas, respondeu (e uma ironia
Sinistramente estranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a boca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um troféu
Glorioso de mais... busco a tua alma” –
Respondi-lhe: “A minha alma já morreu!”

[12]

DAS UNNENNBARE⁴²

Oh quimera, que passas embalada
Na onda dos meus sonhos dolorosos,
E roças co’os vestidos vaporosos
A minha fronte pálida e cansada!

Leva-te o ar da noite sossegada...
Pergunto em vão, com olhos ansiosos,
Que nome é que te dão os venturosos
No teu país, misteriosa fada!

Mas que destino o meu! e que luz baça
A desta aurora, igual à do sol-posto,
Quando só nuvem lívida esvoaça!

Que nem a noite uma ilusão consinta!

Que só de longe e em sonhos te pressinta...
E nem em sonhos possa ver-te o rosto!

[13]

À VIRGEM SANTÍSSIMA

Cheia de Graça, Mãe de Misericórdia

Num sonho todo feito de incerteza,
De noturna e indizível ansiedade
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...
Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as há na natureza...
Um místico sofrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...
Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

[14]

NA MÃO DE DEUS

À Exma. Sra. D. Vitória de O[liveira] M[artins]

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.
Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,

Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.
Como criança, em lóbrega jornada,
Que a mãe leva no colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,
Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

[15]

MORS LIBERATRIX

A Bulhão Pato

Na tua mão, sombrio cavaleiro,
Cavaleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas,
Que rasga a escuridão, como um luzeiro.
Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo envolto na noite que projetas...
Só o gládio de luz com fulvas betas
Emerge do sinistro nevoeiro.

– “Se esta espada que empunho é coruscante
(Responde o negro cavaleiro andante),
É porque esta é a espada da Verdade:
Firo mas salvo... Prostro e desbarato,
Mas consolo... Subverto, mas resgato...
E, sendo a Morte, sou a liberdade.”

[16]

ELOGIO DA MORTE

Morrer é ser iniciado (Antologia grega)

I

Altas horas da noite, o Inconsciente
Sacode-me com força, e acordo em susto.
Como se o esmagassem de repente,
Assim me para o coração robusto.

Não que de larvas me povoe a mente
Esse vácuo noturno, mudo e augusto,
Ou forceje a razão por que afugente
Algum remorso, com que encara a custo...

Nem fantasmas noturnos visionários,
Nem desfilar de espectros mortuários,
Nem dentro em mim terror de Deus ou Sorte...

Nada! o fundo dum poço, úmido e morno,
Um muro de silêncio e treva em torno,
E ao longe os passos sepulcrais da Morte.

VI

Só quem teme o Não-ser é que se assusta
Com teu vasto silêncio mortuário,
Noite sem fim, espaço solitário,
Noite da Morte, tenebrosa e augusta...

Eu não: minh'alma humilde mas robusta
Entra crente em teu átrio funerário:
Para os mais és um vácuo cinerário,
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e inefável
E o silêncio sem par do Inalterável,
Que envolve o eterno amor no eterno luto.

Talvez seja pecado procurar-te,

Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-ser, que és o Ser único absoluto.

[17]

O INCONSCIENTE

O espectro familiar que anda comigo,
Sem que pudesse ainda ver-lhe o rosto,
Que umas vezes encaro com desgosto...
E outras muitas ansioso espreito e sigo,
É um espectro mudo, grave, antigo,
Que parece a conversas mal disposto...
Ante esse vulto, ascético e composto,
Mil vezes abro a boca... e nada digo.

Só uma vez ousei interrogá-lo:

– “Quem és (lhe perguntei com grande abalo),
Fantasma a quem odeio e a quem amo?”

– “Teus irmãos (respondeu), os vãos humanos,
Chamam-me Deus, há mais de dez mil anos...
Mas eu por mim não sei como me chamo...”

[18]

DIVINA COMÉDIA

Ao Dr. José Falcão

Erguendo os braços para o Céu distante
E apostrofando os deuses invisíveis,
Os homens clamam: – “Deuses impassíveis,
A quem serve o destino triunfante,
Por que é que nos criastes?! Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
Dor, pecado, ilusão, lutas horríveis,

Num turbilhão cruel e delirante...

Pois não era melhor, na paz clemente

Do nada e do que ainda não existe,

Ter ficado a dormir eternamente?

Por que é que para a dor nos evocastes?”

Mas os deuses, com voz inda mais triste,

Dizem: – “Homens! por que é que nos criastes?!”

[19]

DISPUTA EM FAMÍLIA

Dixit insipiens in corde suo: non est Deus

I

Sai das nuvens, levanta a fronte e escuta

O que dizem teus filhos rebelados,

Velho Jeová de longa barba hirsuta,

Solitário em teus céus acastelados:

“– Cessou o império enfim da força bruta!

Não sofreremos mais, emancipados,

O tirano, de mão tenaz e astuta,

Que mil anos nos trouxe arrebanhados!

Enquanto tu dormias impassível,

Topamos no caminho a liberdade,

Que nos sorriu com gesto indefinível...

Já provamos os frutos da verdade...

Ó Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrível,

Não passas duma vã banalidade! –”

II

Mas o velho tirano solitário,

De coração austero e endurecido,

Que um dia, de enjoado ou distraído,
Deixou matar seu filho no Calvário.
Sorriu com rir estranho, ouvindo o vário
Tumultuoso coro e alarido
Do povo insipiente, que, atrevido,
Erguia a voz em grita ao seu sacrário:
– “*Vanitas vanitatum!* (disse). É certo
Que o homem vão medita mil mudanças,
Sem achar mais do que erro e desacerto.
Muito antes de nascerem vossos pais
Dum barro vil, ridículas crianças,
Sabia eu tudo isso... e muito mais! –”

[20]

PALAVRAS DUM CERTO MORTO

Há mil anos, e mais, que aqui estou morto,
Posto sobre um rochedo à chuva e ao vento:
Não há como eu espectro macilento,
Nem mais disforme que eu nenhum aborto...
Só o espírito vive: vela absorto
Num fixo, inexorável pensamento:
“Morto, enterrado em vida!”, o meu tormento
É isto só... do resto não me importo...
Que vivi sei-o eu bem... mas foi um dia,
Um dia só... – no outro, a Idolatria
Deu-me um altar e um culto... ai! Adoraram-me,
Como se eu fosse *alguém!* Como se a Vida
Pudesse ser *alguém!* – logo em seguida
Disseram que era um Deus... e amortalharam-me!

[21]

A IDEIA

VIII

Lá! Mas [a]onde é *lá*? aonde? – Espera,
Coração indomado! o Céu, que anseia
A alma fiel, o Céu, o céu da Ideia,
Em vão o buscas nessa imensa esfera!

O espaço é mudo: a imensidade austera
Debalde noite e dia se incendeia...
Em nenhum astro, em nenhum sol se alteia
A rosa ideal da eterna Primavera!

O Paraíso e o templo da Verdade,
Ó mundos, astros, sóis, constelações!
Nenhum de vós o tem na imensidade...

A Ideia, o sumo Bem, o Verbo, a Essência,
Só se revela aos homens e às nações
No céu incorruptível da Consciência!

[22]

ESPIRITUALISMO

I

Como um vento de morte e de ruína,
A dúvida soprou sobre o Universo.
Fez-se noite de súbito, imerso
O Mundo em densa e álgida neblina.

Nem astro já reluz, nem ave trina,
Nem flor sorri no seu aéreo berço.
Um veneno sutil, vago, disperso,
Empeçonhou a criação divina.

E, no meio da noite monstruosa,
Do silêncio glacial, que paira e estende
O seu sudário, donde a morte pende,
Só uma flor humilde, misteriosa,
Como um vago protesto da existência,
Desabrocha no fundo da Consciência.

[23]

SOLEMNIA VERBA⁴³

Disse ao meu coração: Olha por quantos
Caminhos vãos andamos! Considera
Agora, desta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...
Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!
E noite, onde foi luz de Primavera!
Olha a teus pés o Mundo e desespera,
Semeador de sombras e quebrantos!
Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,
Respondeu: Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi demais o desengano e a dor.

⁴¹ *Anima mea*: em latim, alma minha.

⁴² *Das Unnennbare*: em alemão, o indizível.

⁴³ *Solemnia Verba*: expressão latina, significando palavras solenes.

Gomes Leal

(1848 1921)

De família de classe média, ingressou no curso de Letras, não o tendo concluído. Tornou-se jornalista, colaborou em jornais, como *A Revolução de Setembro*, tendo participado da fundação de *O Século*, em 1881. Ganhou fama com a publicação de: *O Tributo de Sangue*, folheto revolucionário, e “A Canalha”, poema inspirado nos movimentos operários, em 1873. Como seria de esperar, satiriza vivamente a Inglaterra na altura do *Ultimatum* inglês. A morte da mãe marca-o fundamente: entrega-se ao álcool e chega a viver de esmolas nas ruas, só mudando de vida quando se converte ao catolicismo. Vitorino Nemésio considera-o “praticamente o criador da poesia moderna”, opinião compartilhada por Álvaro Manuel Machado, julgando-o um “romântico visionário no sentido mais arriscado do termo”, improvisando “todo o nosso modernismo, inclusive aquilo que poderia ter sido o nosso surrealismo”.



[1]

O VISIONÁRIO OU SOM E COR

A Eça de Queiroz

I

Eu tenho ouvido as sinfonias das plantas.

Eu sou um visionário, um sábio apedrejado,
Passo a vida a fazer e a desfazer quimeras,
Enquanto o mar produz o monstro azulejado
E Deus, em cima, faz as verdes primaveras.

Sobre o mundo onde estou encontro-me isolado,
E erro como estrangeiro ou homem doutras eras,
Talvez por um contrato irônico lavrado
Que fiz e já não sei noutras sutis esferas.

A espada da Teoria, o austero Pensamento,
Não mataram em mim o antigo sentimento,
Embriagam-me o Sol e os cânticos do dia...

E obedecendo ainda a meus velhos amores,
Procuro em toda a parte a música das cores,
– E nas tintas da flor achei a Melodia.

III

O vermelho deve ser como o som duma trombeta...
Um cego.

Alucina-me a Cor! – A Rosa é como a Lira,
A Lira pelo tempo há muito engrinaldada,
E é já velha a união, a núpcia sagrada,
Entre a cor que nos prende e a nota que suspira.

Se a terra, às vezes, brota a flor que não inspira,
A teatral camélia, a branca enfastiada,
Muitas vezes, no ar, perpassa a nota alada
Como a perdida cor dalguma flor que expira...

Há plantas ideais dum cântico divino,
Irmãs do oboé, gêmeas do violino,
Há gemidos no azul, gritos no carmesim...

A magnólia é uma harpa etérea e perfumada.
E o cacto, a larga flor, vermelha, ensanguentada,
– Tem notas marciais, soa como um clarim.

[2]

A LADY

Aquela que me tem, agora, presa
Minha alma, meus sentidos, meus cuidados...

E me faz sonhar sonhos desmanchados,
É uma altiva e olímpica inglesa.

Nunca tipo ideal de mais pureza
Vi nos góticos quadros mais prezados...

Seus doces olhos castos e velados
Tem um ar, infinito, de tristeza.

Tem uns gestos de deusa que caminha,
Fronte grega, e um ar grande de Rainha,
E umas mãos, como as *ladies* de Van Dyck...

Segue-a sempre um laçao, e tristemente,
É por ela que eu morro, lentamente...

E ponho no bigode *cosmétique*.

[3]

NO CALVÁRIO

Maria, com seus olhos magoados,
Céus espirituais, lavava em pranto
As largas chagas de Jesus, enquanto
Ria ao pé um dos três Crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
Escondiam a dor no casto manto.

Uma mulher de Henon chorava a um canto.
Jogavam sobre a túnica os soldados.

Marta, os pingos de sangue, alva açucena,
Dir-se-ia no bom seio recolhê-los.

Alguns riam, brutais, daquela pena.

Salomé tinha um mar nos olhos belos.
João fitava a Cruz – Mas Madalena
Limpava a Cristo os pés com seus cabelos.

[4]

A MAIOR DOR HUMANA

Soneto à Virgem

Ó Virgem! eu vi Job leproso em seu lameiro,
Torcido qual carvalho a que o tufão arraste,
Exclamar na aflição: Maldito o homem primeiro!
– Maldito o ventre, ó Mãe, em que tu me geraste!

Ó Virgem! eu vi Cristo amarrado ao madeiro,
Como o branco marfim ou lírio roxo na haste,
Suspirar num sol por magoado e derradeiro:
– Ó meu Deus! Ó meu Deus! Porque me abandonaste?

Ó Virgem, vi Raquel chorando os filhos mortos,
Errante, esguedelhada, olhos doidos, absortos,
Pelas serras à lua, encher Judeia de ais.

Mas vi-te, ó Mãe, depois ao teu morto estreitada,
Branca, sem cor, sem voz, feita em pedra, pasmada,
E a soluçar uivei: –*Tu é que sofres mais!*

[5]

SERENADAS SENTIMENTAIS

Veneza, essa rainha do Adriático,
Tem os queixosos ais das barcarolas,
A Espanha cortesã, de gênio errático,
A pandeireta ardente e as *castanholas!*

O moiro grave de albornoz dramático
Tem hinos castos como ideais estolas.

Um fatalismo místico e asiático
Geme em seus *arabis*... lusas violas.

Da guitarrilha as lusas cantilenas
Tem maciezas de um luar de penas,
E um misticismo d'ais sem remissão...

Quando elas gemem ao descer das sombras,
Ou cai a lua nos chorões e alfombras,
Sonho ser Tasso... ou Dante... ou Ermitão.

[6]

MACÁRIO, POETA DE ALMANAQUES

Numa trapeira desabrida e crua,
Macário entre banais teias de aranhas,
E outras coisas boêmias mais estranhas,
– prepara um almanaque e cisma à lua.

Procura rima para “*chefe*” – sua...
Sopra, torna a suar, derrete as banhas.
Entra a sopeira – e então, com mil patranhas,
Ferra-lhe um beijo na garganta nua.

Mas a sopeira não se põe com queixas.
Um sopapo pespega nas bochechas
Do que buscara em balde a rima em “*efe*...”

“Aleluia! grita ele radiante.
Achei a rima enfim recalcitrante.
Obrigado, Rosinha! Achei.” – “*Tabefe!*”

[7]

A INDEPENDÊNCIA DO BIGODE

Monólogo de Macário

As guias ergue à abóbada azulina!

És livre! És livre! como a Asa e a Essência!
Desfralda o áureo pendão da Independência!
Já não andas vergado, qual vil China!

Já não amas a loira Clementina,
– esse dragão sem alma, que a paciência
A tal ponto te aluiu, que era demência
Aspirar ao frisado e à brilhantina!

Assim berra Macário ao seu espelho,
Tomando o ar chibante de um fedelho,
Que ama o *tennis*, o *sport*, o *espalhafato*...

Diz isto, e rompe a conquistar as belas,
De monóculo e luvas amarelas,
– e os bigodes, em riste, como um gato.

Guerra Junqueiro

(1850 1923)

Considerado um pós-romântico ou um pré-modernista, tem uma obra extensa e bastante variada, em verso e prosa. Nascido em Freixo-de-Espada-à-Cinta, filho de pequenos proprietários rurais, morrerá em Lisboa. Fez em Coimbra o curso de Direito, depois de estudar Teologia. Em verso produziu mesmo um drama teatral – *A Pátria* –, escrito em um momento em que se reacendia o calor do amor à pátria, agravada pelo fatídico *Ultimatum* inglês. Várias foram as demonstrações de repúdio ao Reino Unido, e a de Junqueiro não é das que se esqueçam. Nela se encontram expressivas características apontadas por estudiosos da sua obra, tais como Moniz Barreto, que o define como “mais orador que poeta”, tendo “muito mais eloquência do que imaginação” e o professor Pierre Hourcade, realçando a influência de Victor Hugo sobre ele, encontrando-a sobretudo nos processos retóricos.



[1]

MATER

Se a morte, d’olhar grave e pensativo,
Dissesse à mãe piedosa de Jesus:
“Teu filho é homem nos teus braços, vivo:
Morto, teu filho será Deus na Cruz.
Em teus braços deseja-lo cativo,
Ou morto e Deus, jorrando sangue a flux,
E a toda a angústia dando um lenitivo
E a toda a escuridão perpétua luz?”

Que respondera, em lagrimoso anseio,
Cravado o olhar nos astros sempiternos,
A mãe de Cristo unindo o filho ao seio?

Desprenderia de seus braços ternos
O filho amado? Talvez não!... Dizei-o,
Dizeio-o vós ó corações maternos!...

[2]

RUÍNAS

II

Morreu-me a luz da crença – alva cecém,⁴⁴

Pálida virgem de luzentas tranças
Dorme agora na campa das crianças,
Onde eu quisera repousar também.

A graça, as ilusões, o amor, a unção,
Doiradas catedrais do meu passado,
Tudo caiu desfeito, escalavrado
Nos tremendos combates da razão.

Perdida a fé, esse imortal abrigo,
Fiquei sozinho como herói antigo
Batalhando sem elmo e sem escudo.

A implacável, a rígida ciência
Deixou-me unicamente a Providência,
Mas, deixando-me Deus, deixou-me tudo.

[3]

A.L.

Não és a flor olímpica e serena
Que eu vejo em sonhos na amplidão distante;
Não tens as formas ideais de Helena,

As formas da beleza triunfante;
Não és também a mística açucena,
A alva e pura Beatriz do Dante;
És a artista gentil, a flor morena
Cheia de aroma casto e penetrante.

Não sei que graça, que esplendor, que arpejo
Eu sinto dentro d'alma quando vejo
Teu corpo aéreo, matinal, franzino...

Faz-me lembrar as vívidas napeias,
E as formas vaporosas das sereias
Rendilhadas num bronze florentino.

[44](#) cecém: o mesmo que açucena branca, lírio.

Cesário Verde

(1855 1886)

Nascido em Lisboa, morrerá com apenas 31 anos. É um tempo curto, mas rico em capacidade criativa, em senso crítico, em percepção do novo, sem desprezar o velho, em rigor métrico, sem desprezo das liberdades de expressão, algumas das mais ambiciosas, por vezes surpreendentes pela força, pelo arrojo, e até pela grosseria inesperada. Seus versos, reunidos em um livro – *O Livro de Cesário Verde* –, surpreendem os contemporâneos e anunciam uma poesia diferente, rica em novidades que atraem e repelem o leitor/ouvinte, de acordo com a sensibilidade de cada um. Sua capacidade de olhar e ver (porque ele sabe ver e transmitir poeticamente o visto, não o apenas *olhado*) resulta na obtenção das mais ricas leituras poéticas do real. E o que ele vê não era matéria poética até então: as varinas, a vendedora de verduras e outras figuras do povo de Lisboa, seu espaço mais frequente de vida.



[1]

PROH PUDOR

Todas as noites ela me cingia
Nos braços, com brandura gasalhosa;
Todas as noites eu adormecia,
Sentindo-a desleixada e langorosa.

Todas as noites uma fantasia
Lhe emanava da fronte imaginosa;
Todas as noites tinha uma mania
Aquela concepção vertiginosa.

Agora, há quase um mês, modernamente,
Ela tinha um furor dos mais soturnos,
Furor original, impertinente...

Todas as noites ela, ó sordidez!
Descalçava-me as botas, os coturnos
E fazia-me cócegas nos pés...

[2]

A FORÇA

Já que adorar-me dizes que não podes,
Imperatriz serena, alva e discreta,
Ai, como no teu colo há muita seta
E o teu peito é o peito dum Herodes,
Eu antes que encaneçam meus bigodes
Ao meu mister de amar-te hei-de por meta,
O coração mo diz – feroz profeta,
Que anões faz dos colossos lá de Rodes.

E a vida depurada no cadinho
Das eróticas dores do alvoroço,
Acabará na força, num azinho,

Mas o que há-de apertar o meu pescoço
Em lugar de ser corda de bom linho
Será do teu cabelo um menos grosso.

[3]

HEROÍSMOS

Eu temo muito o mar, o mar enorme,
Solene, enraivecido, turbulento,
Erguido em vagalhões, rugindo ao vento;
O mar sublime, o mar que nunca dorme.

Eu temo o largo mar rebelde, informe,
De vítimas famélico, sedento,
E creio ouvir em cada seu lamento
Os ruídos dum túmulo disforme.

Contudo, num barquinho transparente,
No seu dorso feroz vou blasonar,
Tufada a vela e n'água quase assente,
E ouvindo muito ao perto o seu bramar,
Eu rindo, sem cuidados, simplesmente,
Escarro, com desdém, no grande mar!

António Nobre

(1867 1900)

Nascido no Porto, estudou Direito em Coimbra, mas finalizou seu curso em Paris. Seu livro de poemas tem um título que deixa transparecer o tom de sua poesia: triste, quase sempre gerada pela solidão, pela ausência de seres queridos, a partir da mãe à qual dedicava um amor profundo, repassado de saudade. Se, por temperamento extremamente delicado, se voltou para trás, para o Romantismo garrettiano que exacerbou, por outro lado, inclinou-se para o futuro, podendo ser considerado um pré-modernista. Ninguém definiu a sua ambígua modernidade melhor que Fernando Pessoa: “Ele foi o primeiro a por em europeu esse sentimento português das almas e das cousas, que tem pena de que umas não sejam corpos, para lhes poder fazer festas, e de que outras não sejam gente, para poder falar com elas.” Editou apenas um livro, o *Só*, em 1892. Após sua morte, sai o segundo, *Despedidas*, em 1902.



[1]

MEMÓRIA

à minha Mãe, ao meu Pai

Aquele que partiu no brigue *Boa Nova*
E na barca *Oliveira*, anos depois, voltou;
Aquele santo (que é velhinho e já corcova)
Uma vez, uma vez, linda menina amou:
Tempos depois, por uma certa lua-nova,
Nasci eu... o velhinho ainda cá ficou,
Mas ela disse: – “Vou, ali adiante, à *Cova*,

António, e volto já...” E ainda não voltou!
António é vosso. Tomai lá a vossa obra!
“Só” é o poeta-nato, o *lua*, o santo, o cobra!
Trouxe-o dum ventre: não fiz mais do que o escrever...
Lede-o e vereis surgir do poente as idas mágoas,
Como quem vê o Sol sumir-se, pelas águas,
E sobe aos alcantis⁴⁵ para o tornar a ver!

SÓ

[2]

MENINO E MOÇO

Tombou da haste a flor da minha infância alada.
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos Céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.
Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada,
Num castelo com torres de marfim!
Mas, hoje, as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de Lua o coração, outrora,
Partiram e no Céu evolum-se, a distância!
Debalde clamo e choro, erguendo aos Céus meus ais:
Voltam na asa do Vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! Elas não voltam mais...

[3]

Em certo Reino, à esquina do Planeta,
Onde nasceram meus Avós, meus Pais,

Há quatro lustros, viu a luz um poeta
Que melhor fora não a ver jamais
Mal despontava para a vida inquieta,
Logo ao nascer, mataram-lhe os ideais,
À falsa fé, numa traição abjeta,
Como os bandidos nas estradas reais!
E, embora eu seja descendente, um ramo
Dessa árvore de Heróis que, entre perigos
E guerras, se esforçaram pelo Ideal:
Nada me importas, País! seja meu Amo
O Carlos ou o Zé da T'resa... Amigos,
Que desgraça nascer em Portugal!

[4]

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castelo, o que é a fantasia,
Todo de lápis-lazúli e coral!
Naquelas redondezas não havia
Quem se gabasse dum domínio igual:
Oh Castelo tão alto! parecia
O território dum Senhor feudal!
Um dia (não sei quando, nem sei donde)
Um vento seco de Deserto e *spleen*
Deitou por terra, ao pó que tudo esconde,
O meu condado, o meu condado, sim!
Porque eu já fui um poderoso Conde,
Naquela idade em que se é conde assim...

[5]

Ó Virgens que passais, ao sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.
Cantai-me, nessa voz onipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formosura, o luar!
Cantai! cantai as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu Lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas
Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai!

[6]

Poveirinhos! meus velhos Pescadores!
Na Água quisera com Vocês morar:
Trazer o grande gorro de três cores,
Mestre da lancha *Deixem-nos passar!*
Far-me-ia outro, que os vossos interiores,
De há tantos tempos, devem já estar
Calafetados pelo breu das Dores,
Como esses pongos em que andais no Mar!
Ó meu Pai, não ser eu dos poveirinhos!
Não seres tu, para eu o ser, poveiro,
Mail'Irmão do "Senhor de Matosinhos!"
No alto mar, às trovoadas, entre gritos,
Prometermos, *si o barco fôri intieiro,*

Nossa bela à Senhora dos Aflitos!

[7]

Longe de ti, na cela do meu quarto,
Meu copo cheio de agoirentas fezes,
Sinto que rezas do Outro-mundo, harto,
Pelo teu filho. Minha Mãe, não rezes!

Para falar, assim, vê tu! Já farto,
Para me ouvires blasfemar, às vezes,
Sofres por mim as dores cruéis do parto
E trazes-me no ventre nove meses!

Nunca me houvesse dado à luz, Senhora!
Nunca eu mamasse o leite aureolado
Que me fez homem, mágica bebida!

Fora melhor não ter nascido, fora,
Do que andar, como eu ando, degredado
Por esta costa d'África da Vida.

[8]

Falhei na Vida. Zut! Ideais caídos!
Torres por terra! As árvores sem ramos!
Ó meus amigos! Todos nós falhamos...
Nada nos resta. Somos uns perdidos.

Choremos, abracemo-nos, unidos!
Que fazer? Por que não nos suicidamos?
Jesus! Jesus! Resignação... Formamos
No Mundo, o Claustro-pleno dos Vencidos.

Troquemos o burel por esta capa!
Ao longe, o sinos místicos da Trapa
Clamam por nós, convidam-nos a entrar:

Vamos semear o pão, podar as uvas,
Pegai na enxada, descalçai as luvas,
Tendes bom corpo, Irmãos! Vamos cavar!

[9]

O meu beliche é tal qual o bercinho
Onde dormi horas que não vem mais.
Dos seus embalos já estou cheinho:
Minha velha ama são os vendavais!
Uivam os Ventos! Fumo, bebo vinho.
O Vapor treme! Abraço a *Bíblia*, aos ais...
Covarde! Que dirão (eu adivinho)
Os Portugueses? Que dirão teus Pais?
Coragem! Considera o que hás sofrido,
O que sofres e o que ainda sofrerás,
E vê, depois, se acaso é permitido
Tal medo à Morte, tanto apego ao Mundo:
Ah! fora bem melhor, vás onde vás,
António, que o Pacote fosse ao fundo!

[10]

Aqui, sobre estas águas cor de azeite,
Cismo em meu Lar, na paz que lá havia:
Carlota, à noite, ia ver se eu dormia
E vinha, de manhã, trazer-me o leite.
Aqui, não tenho um único deleite!
Talvez... baixando, em breve, à Água fria,
Sem um beijo, sem uma *Ave-Maria*,
Sem uma flor, sem o menor enfeite!
Ah, pudesse eu voltar à minha infância!

Lar adorado, em fumos, a distância,
Ao pé de minha Irmã, vendo-a bordar:
Minha velha Aia! conta-me essa história
Que principiava, tenho-a na memória,
“Era uma vez...”
Ah deixem-me chorar!

[11]

Vaidade, meu Amor, tudo Vaidade!
Ouve: quando eu, um dia, for alguém,
Tuas amigas ter-te-ão amizade,
(Se isso é amizade) mais do que, hoje, tem.
Vaidade é o Luxo, a Glória, a Caridade,
Tudo Vaidade! E, se pensares bem,
Verás, perdoa-me esta crueldade,
Que é uma vaidade o amor de tua Mãe.
Vaidade! Um dia, foi-se-me a Fortuna
E eu vi-me só no Mar com minha escuna,
E ninguém me valeu na tempestade!
Hoje, já voltam com seu ar composto,
Mas eu, vê lá! eu volto-lhes o rosto...
E isto em mim não será uma vaidade?

[12]

E a Vida foi, e é assim, e não melhora.
Esforço inútil. Tudo é ilusão.
Quantos não cismam nisso mesmo a esta hora
Com uma taça, ou um punhal na mão!
Mas a Arte, o Lar, um filho, António? Embora!
Quimeras, sonhos, bolas de sabão.

E a tortura do *Além* e quem lá mora!
Isso é, talvez, minha única aflição.
Toda a dor pode suportar-se, toda!
Mesma a da noiva morta em plena boda,
Que por mortalha leva... essa que traz.
Mas uma não: é a dor do pensamento!
Ai quem me dera entrar nesse convento
Que há além da Morte e que se chama *A Paz!*

[45](#) alcantis: altas montanhas, cumes.

Camilo Pessanha

(1867 1926)

Nascido em Coimbra, filho ilegítimo de um magistrado, estudou na cidade natal, formando-se em Direito e foi exercer a profissão em Macau, como professor e jurisconsulto. Em 1916, Luís de Montalvor publicou, na revista *Centauro*, 15 poemas de Pessanha – pela primeira vez editados em conjunto –, dando início à influência do poeta na poesia portuguesa, que se fará sentir sobretudo nos poetas do *Orpheu*. O próprio Pessoa a ele se referiu, classificando-o como “fonte contínua de exaltação estética”, enquanto que Mário de Sá-Carneiro define, à medida de sua própria vibração emocional, *Clepsidra* – único livro de Pessanha –, considerando-o “a melhor obra de Arte escrita dos últimos 30 anos”. Lamentavelmente, o poeta morreu, sem completar os 60 anos, do que hoje se definiria como uma *overdose*.



[1]

CAMINHO

I

Tenho sonhos cruéis; n’alma doente
Sinto um vago receio prematuro.
Vou a medo na aresta do futuro,
Embebido em saudades do presente...
Saudades desta dor que em vão procuro
Do peito afugentar bem rudemente,
Devendo, ao desmaiar sobre o poente,
Cobrir-me o coração dum véu escuro!...

Porque a dor, esta falta d'harmonia,
Toda a luz desgrenhada que alumia
As almas doidamente, o céu d'agora,
Sem ela o coração é quase nada:
Um sol onde expirasse a madrugada,
Porque é só madrugada quando chora.

II

Encontraste-me um dia no caminho
Em procura de quê, nem eu o sei.
– Bom dia, companheiro – te saudei,
Que a jornada é maior indo sozinho.
É longe, é muito longe, há muito espinho!
Paraste a repousar, eu descansei...
Na venda em que poisaste, onde poisei,
Bebemos cada um do mesmo vinho.
É no monte escabroso, solitário.
Corta os pés como a rocha dum calvário,
E queima como a areia!... Foi no entanto
Que choramos a dor de cada um...
E o vinho em que choraste era comum:
Tivemos que beber do mesmo pranto.

III

Fez-nos bem, muito bem, esta demora:
Enrijou a coragem fatigada...
Eis os nossos bordões da caminhada,
Vai já rompendo o sol: vamos embora.
Este vinho, mais virgem do que a aurora,
Tão virgem não o temos na jornada...

Enchamos as cabaças: pela estrada,
Daqui inda este néctar avigora!...

Cada um por seu lado!... Eu vou sozinho,
Eu quero arrostar só todo o caminho,
Eu posso resistir à grande calma!...

Deixai-me chorar mais e beber mais,
Perseguir doidamente os meus ideais,
E ter fé e sonhar – encher a alma.

[2]

ESTÁTUA

Cansei-me de tentar o teu segredo:
No teu olhar sem cor, – frio escalpelo,
O meu olhar quebrei, a debatê-lo,
Como a onda na crista dum rochedo.

Segredo dessa alma e meu degredo
E minha obsessão! Para bebê-lo
Fui teu lábio oscular, num pesadelo,
Por noites de pavor, cheio de medo.

E o meu ósculo ardente, alucinado,
Esfriou sobre o mármore correto
Desse entreaberto lábio gelado...

Desse lábio de mármore, discreto,
Severo como um túmulo fechado,
Serenos como um pélagos⁴⁶ quieto.

[3]

PAISAGENS DE INVERNO

I

Ó meu coração, torna para trás.
Onde vais a correr, desatinado?
Meus olhos incendidos que o pecado
Queimou – o sol! Volvei, noites de paz.
Vergam da neve os olmos dos caminhos.
A cinza arrefeceu sobre o brasido.
Noites da serra, o casebre transido...
Ó meus olhos, cismai como os velhinhos.
Extintas primaveras evocai-as:
– Já vai florir o pomar das macieiras.
Hemos de enfeitar os chapéus de maias. –
Sossegai, esfriai, olhos febris.
– E hemos de ir cantar nas derradeiras
Ladainhas... Doces vozes senis...

[4]

SAN GABRIEL

I

Inútil! Calmaria. Já colheram
As velas. As bandeiras sossegaram,
Que tão altas nos topes tremularam,
– Gaivotas que a voar desfaleceram.
Pararam de remar! Emudeceram!
(Velhos ritmos que as ondas embalaram)
Que cilada que os ventos nos armaram!
A que foi que tão longe nos trouxeram?
San Gabriel, arcanjo tutelar,
Vem outra vez abençoar o mar,
Vem-nos guiar sobre a planície azul.

Vem-nos levar à conquista final
Da luz, do Bem, doce clarão irreal.
Olhai! Parece o Cruzeiro do Sul!

[5]

FONÓGRAFO

Vai declamando um cômico defunto.
Uma platéia ri, perdidamente,
Do bom jarreta... E há um odor no ambiente
A cripta e a pó – do anacrônico assunto.

Muda o registo, eis uma barcarola:
Lírios, lírios, águas do rio, a lua...
Ante o Seu corpo o sonho meu flutua
Sobre um paul⁴⁷ – extática corola.

Muda outra vez: gorjeios, estribilhos
Dum clarim de oiro – o cheiro de junquinhos,
Vívido e agro! – tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas
Quebrou-se agora orvalhada e velada.
Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!

[6]

Esvelta surge! Vem das águas, nua,
Timonando uma concha alvinitente!
Os rins flexíveis e o seio fremente...
Morre-me a boca por beijar a tua.
Sem vil pudor! Do que há que ter vergonha?
Eis-me formoso, moço e casto, forte.
Tão branco o peito! – para o expor à Morte...
Mas que ora – a infame! – não se te anteponha.

A hidra torpe!... Que a estrangulo... Esmago-a
De encontro à rocha onde a cabeça te há-de,
Com os cabelos escorrendo água,
Ir inclinar-se, desmaiar de amor,
Sob o fervor da minha virgindade
E o meu pulso de jovem gladiador.

[7]

Desce em folhedos tenros a colina:
– Em glaucos, frouxos tons adormecidos,
Que saram, frescos, meus olhos ardidos,
Nos quais a chama do furor declina...
Oh vem, de branco – do imo⁴⁸ da folhagem!
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Oh vem! Meus olhos querem desposar-te,
Refletir-te virgem a serena imagem.
De silva⁴⁹ doida uma haste esquiva
Quão delicada te osculou num dedo
Com um aljôfar⁵⁰ cor-de-rosa viva!
Ligeira a saia... Doce brisa impele-a...
Oh vem! De branco! Do imo do arvoredo!
Alma de silfo, carne de camélia...

[8]

Floriram por engano as rosas bravas
No Inverno: veio o vento desfolhá-las...
Em que cismas, meu bem? Por que me calas
As vozes com que há pouco me enganavas?
Castelos doidos! Tão cedo caístes!...
Onde vamos, alheio o pensamento,

De mãos dadas? Teus olhos, que um momento
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!

E sobre nós cai nupcial a neve,
Surda, em triunfo, pétalas, de leve
Juncando o chão, na acrópole de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!
Quem as esparze – quanta flor! – do céu,
Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?

[9]

Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho,
Onde esperei morrer – meus tão castos lençóis?
Do meu jardim exíguo os altos girassóis
Quem foi que os arrancou e lançou no caminho?

Quem quebrou (que furor cruel e simiesco!)
A mesa de eu cear – tábua tosca de pinho?
E me espalhou a lenha? E me entornou o vinho?
– Da minha vinha o vinho acidulado e fresco...

Ó minha pobre mãe!... Não te ergas mais da cova.
Olha a noite, olha o vento. Em ruína a casa nova...
Dos meus ossos o lume a extinguir-se breve.

Não venhas mais ao lar. Não vagabundes mais.
Alma da minha mãe... Não andes mais à neve,
De noite a mendigar às portas dos casais.

[10]

Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, por que não vos fixais?
Que passais como a água cristalina
Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina
Vosso curso, silente de juncais,
E o vago medo angustioso domina,
– Por que ides sem mim, não me levais?
Sem vós o que são os meus olhos abertos?
– O espelho inútil, meus olhos pagãos!
Aridez de sucessivos desertos...
Fica sequer, sombra das minhas mãos,
Flexão casual de meus dedos incertos,
– Estranha sombra em movimentos vãos.

[46](#) pélagos: mar profundo

[47](#) paul: pântano.

[48](#) imo: profundidade.

[49](#) silva: selva, floresta.

[50](#) aljófar: pérola pequenina.

Teixeira de Pascoaes

(1877 1952)

Nascido em Amarante, Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, filho de um proprietário rural, assinou sua obra sob o pseudônimo que o tornara conhecido. Licenciado em Direito em Coimbra, exerceu advocacia por cerca de dez anos. Fundou, em 1910, com Jaime Cortesão e Leonardo Coimbra, a revista *A Águia*, que foi porta-voz do Saudosismo português, movimento que lançou as bases da *Renascença Portuguesa*. Em 1913, abandonou de vez a advocacia e passou a dedicar-se à administração dos negócios da família e à poesia. Dele disse Sophia de Mello Breyner Andresen: “Dos poetas portugueses foi o que teve um mais fundo instinto do real e um maior espírito visionário.” Voltado afetivamente à natureza – pedras, rios, crepúsculos, noite – e aos animais – cães, carneiros, aves –, dedicou-lhes poemas delicados, repassados de ternura, empenhado em entendê-los.



[1]

POETA

Quando a primeira lágrima aflorou

Nos meus olhos, divina claridade

A minha pátria aldeia alumiou

D’uma luz triste, que era já saudade.

Humildes, pobres cousas, como eu sou

Dor acesa na vossa escuridade...

Sou, em futuro, o tempo que passou;

Em mim, o antigo tempo é nova idade.

Sou fraga da montanha, névoa astral,
Quimérica figura matinal,
Imagem de alma em terra modelada.

Sou o homem de si mesmo fugitivo;
Fantasma a delirar, mistério vivo,
A loucura de Deus, o sonho e o nada.

[2]

AO SOL-PÔR

Eu canto no crepúsculo... A Tristeza
Recorda-me longínqua aspiração,
Na qual pressinto a imagem da Beleza
Que os meus olhos, um dia, alcançarão...

A paisagem, na sombra, sonha e reza...
Seu vulto é de fantástica visão.

Dir-se-há que a empedernida Natureza
Tem lágrimas a arder no coração.

E canto a minha mágoa; vou cantando...
E vou, saudoso e pálido, ficando,
Mais distante de mim, mais para além...

Nesta melancolia, que é chorar
Sem lágrimas, eu vivo a meditar
No que me prende... a terra, o céu, alguém?...

[3]

AO CREPÚSCULO

Ao Fausto Guedes Teixeira

Ó tristes lábios meus, rezai, rezai!
É a hora, sim, do Enigma. Eis o momento
Da estrema unção da luz... E tudo vai

Com ela. E só nos fica o pensamento!
Pela flor que murchou no esquecimento;
Pela asa que se eleva e logo cai;
Pelo sol, pelas nuvens, pelo vento,
Ó tristes lábios meus, rezai, rezai!
Rezai por tudo quanto a morte leva,
Nas horas doloridas, em que a treva
Mostra seu negro vulto que arrepia...
E sinto, em mim, um vago horror profundo,
Uma tristeza já de fim do mundo,
Como se nunca mais houvesse dia...

[4]

A DOR E O MEDO

Quando sozinho, noite morta, rezo,
E a minha voz dos medos me defende;
E a tudo, à terra e ao céu, me sinto preso,
Vejo que a dor é a força que nos prende.
Enlouquecido de alma, canto e rezo.
Aflige-me o silêncio. Quem no entende?
A sombra me sufoca. É negro peso;
E, em fumo, do meu corpo se desprende.
Ó noite triste, noite que apavora,
Golpeada de estrelas, a sorrir...
Desnortado, o vento clama e chora!
E quem sou eu? quem sou? na noite escura...
– O medo à morte certa que há de vir
E a dor de ser humana criatura.

[5]

HORA FINAL

Aí vem a noite... Sente-se crescer...
E um silêncio de estrelas aparece.
Quem é, quem é, meu Deus, que empalidece
E se cobre de cinzas, no meu ser?

Alma que se desprende numa prece...
Que suave e divino entardecer!
Como seria bom assim morrer...
Morrer, como a paisagem desfalece.

Morrer, quase a sorrir, devagarinho.
Estar ainda no mundo pobrezinho
E já pairar, sonhando, além dos céus.

Morrer, cair nos braços da ternura;
Morrer, fugir, enfim, à morte escura,
Seremos, enfim, na eterna paz de Deus!

[6]

REMORSO

Onde contigo, um dia, me zanguei,
É hoje um sítio escuro que aborreço.
Sempre que ali divago, me entristeço...
Ah, foi um crime, sim, que pratiquei.

Quantas negras torturas eu padeço,
Pelo pequeno mal que te causei!
Se, ao menos, presentisse o que hoje sei?
Mas, não; fui mau, fui bruto; reconheço!

E sofro mais, por isso, a tua morte,
E dou mais choro amargo ao vento norte,
Mais trevas se acumulam no meu rosto.

Ó vós, que, neste mundo, amais alguém,
Seja linda criança ou pai ou mãe,
Não lhe causeis nem sombra de desgosto!

[7]

SOZINHO

Tarde. Vagueio só, por um outeiro.
Sua imagem, quimérica, flutua,
Diante de mim, no espaço; é nevoeiro
Vestindo de emoção a terra nua.

E como na minh'alma se insinua
Aquele etéreo vulto... amor primeiro!
Ouço-o falar, lá fora, à luz da lua,
Vejo-o brincar na sombra do terreiro.

Apenas veem meus olhos, neste mundo,
O seu perfil angélico, o seu fundo
Misterioso, verde-negro olhar...

Vejo uma estrela? É ele. Vejo um lírio?
É ele. Tudo é ele. E o meu delírio
É ele, é o seu espírito a cantar.

[8]

A NOSSA DOR

Enquanto chora a mãe desventurada,
Sobre o seu coração, de noite e dia,
Eu canto a minha dor; e a dor cantada,
Como que intimamente se alivia...

Se me levanto cedo, e a madrugada
Já vem doirando os longes de harmonia,
Sinto que estás ainda despertada;

E eu ouço, em mim, cantar nova elegia.

Abre-te a dor os olhos sem piedade,
Durante as longas noites de amargura.

Mas, para mim, a dor é já saudade.

A minha dor é sombra de ternura.

A tua dor é negra tempestade,
Que só finda na eterna sepultura.

António Patrício

(1878 1930)

Nascido no Porto, formou-se em medicina na Escola Médica de sua cidade. Entrou porém na carreira diplomática, que o levou a viagens sucessivas pela Espanha, Alemanha, Grécia, Turquia, Suíça, Inglaterra, Venezuela, China. Morreu durante uma viagem a Macau, em 1930. Ligado ao movimento saudosista de Teixeira de Pascoaes, colaborou na revista *A Águia*. Publicou, em 1905, um único volume de poesia, *Oceano*, que lhe trouxe notoriedade, sendo o restante de sua obra poética editado em 1942, doze anos após sua morte. Consideramos suas peças teatrais a parte mais atraente de sua obra, constituindo-se de quatro peças: *O Fim* – que parecia adivinhar a queda da monarquia –, seguida de *Pedro, o Cru*; *Dinis e Isabel*; *D. João e a Máscara*, nas quais as falas são altamente poéticas.



[1]

NÓS

Tu vives a chorar, eu vivo a rir
E assim vamos morrendo de mãos dadas
Tu falas p'ra rezar, eu p'ra mentir
E as nossas bocas beijam-se encantadas...

Rezas por nós, por este amor a abrir
Em quimeras que nascem condenadas...
Minto por nós, para poder sorrir,
Erguer alegre as tuas mãos nevadas...

Tu crês e rezas, eu não creio e minto:
E as tuas rezas têm tanta piedade

Como as palavras trêmulas que eu sinto.

Mentir é afinal rezar sem crença:
E de mãos dadas, pela tempestade,
O nosso amor é uma oração imensa!

[2]

O QUE É VIVER?

Viver é só sentir como a Morte caminha
E como a Vida a quer e como a Vida a chama...

Viver, minha princesa pobrezinha,
É esta morte triste de quem ama...

Viver é ter ainda uma quimera erguida
Ou um sonho febril a soluçar de rastos;
É beijar toda a dor humana, toda a Vida,
Como eu beijo a chorar os teus cabelos castos...

Viver é esperar a Morte docemente
Beijando a luz, beijando os cardos e beijando
Alguém, corpo ou fantasma, que nos venha amando
É sentir a nossa alma presa tristemente
Ao mistério da Vida que nos leva
Perdidos pelo sol, perdidos pela treva...

[3]

ANANKE

Oiço uma hora cair e é nesse mesmo instante
Que eu sei como devia, ó meu amor, vivê-la;
E quando a noite cai, sinto a dor torturante
Que sentirei depois à morte duma estrela...

Só quando o teu olhar morre no meu olhar,
A minha alma ajoelha e reza a abençoá-lo;

Quando um lírio murchou e deixo de aspirar
É que sei com que unção deveria aspirá-lo...
Só hei-de compreender o amor de minha mãe
Quando morta dormir ao longo da saudade
E ninguém me beijar com piedade, ninguém...
Só ama bem a luz quem cegou a fitá-la
E só adora o que há no amor d'eternidade,
Uma alma que amar se outra deixar de amá-la.

[4]

PARA ALÉM

É para além de tudo o que alcançamos
Que se adivinha enfim esse horizonte,
Onde dormem os sonhos que beijamos
E a nossa sede tem a única fonte.

Há para além do céu ainda mais céu
Se houver ânsia no olhar que o refletir:
O céu mais vago e fundo é só um véu
Que a alma rasga p'ra poder seguir...

É para além do amor que me adormece
Nesta loucura doce de te olhar
Que o coração presente o que é amar.

Além da vida há vida, além é o norte:
E quando mortos, ainda a nossa prece
Levantará as mãos além da morte.

[5]

NOITE

Devagarinho, vá, devagarinho
Toma nas tuas mãos como num berço

O meu orgulho, e deita-o no bom linho
Dessa piedade em que me quero imerso.
Aqui tens o teu deus: – um pobrezinho...
Que importa! Um gesto teu é um lindo verso;
E o teu amor vai dar-lhe o pão e o vinho
E todo o oiro que há no céu disperso.
Aqui me tens à porta da tua alma...
Vem abrir, vem abrir: ia passar
Quando senti na noite o teu perfume...
Aqui me tens à porta da tua alma...
Mas tu não ouves: só me entende o mar
E uma nuvem, além, naquele cume

[6]

SAUDADE DO TEU CORPO

Tenho saudades do teu corpo: ouviste
Correr-te toda a carne e toda alma
O meu desejo – como um anjo triste
Que enlaça nuvens pela noite calma?...
Anda a saudade do teu corpo (sentes?...)
Sempre comigo: deita-se ao meu lado,
Dizendo e redizendo que não mentes
Quando me escreves: “vem, meu todo amado...”
É o teu corpo em sombra esta saudade...
Beijo-lhe as mãos, os pés, os seios-sombra:
A luz do seu olhar é escuridade...
Fecho os olhos ao sol p’ra estar contigo.
É de noite este corpo que me assombra...
Vês?! A saudade é um escultor antigo!

[7]

COMO CRISTO

“Tomai e comei: isto é o meu corpo.

Tomai e bebei: isto é o meu sangue”.

A Veiga Simões

A lua abriu as veias... Preamar!

E tu mesmo estás branca como a altura...

A tua carne agora está a sonhar

Contra o meu peito, cheia de doçura.

És doce como a noite, e ao vê-la cuido

Que é o céu uma grande nebulosa

Onde o sêmen lunar escorre fluido

Pela carne da noite – dolorosa...

“Sou toda tua, amor... Já não existo...

Seja sempre o meu corpo o teu pomar;

Bebe o meu sangue e bebe o meu olhar...”

Eu ouço a tua voz e lembro o Cristo,

As palavras que disse e em certa Ceia

A uns homens que o seguiram na Judeia...

[8]

COMO TU BEIJAS...

Tu beijas como a lua beija o rosto

De todo um lirial alevantado.

Não sei: mas os teus beijos têm um gosto

De paraíso que nem foi sonhado.

Beija-me mais: nas pálpebras, descendo,

Na boca ainda, assim, musicalmente.

É mais que humano: eu sinto-me morrendo:

Um anjo a beber alma docemente...

Que tem a tua boca, ó mais que doce?...

Beija como um perfume beija a água,

Como uma rosa um coração em mágoa...

Beija como d'além, como se fosse

Um pobre rouxinol agonizando,

Que não tem voz, e canta assim beijando...

Afonso Duarte

(1884 1958)

Nascido em Ereira, conselho de Montemor-o-Velho, foi estudar em Coimbra, onde se bacharelou em Ciências Físico-Naturais, na então chamada Faculdade de Filosofia. Um ano antes publicou seu primeiro livro de versos, *Cancioneiro das Pedras*. Atraído pela carreira do magistério, destacou-se em um Congresso Internacional de Educação Nova, em Locarno, pelo caráter inovador dos trabalhos apresentados, conservando, ao longo da vida, ao lado da vocação poética, sua paixão pedagógica. Colaborando em importantes revistas que traziam novos movimentos – desde *A Águia*, de Teixeira de Pascoaes, até a *Presença*, de José Régio, Gaspar Simões, Torga, Casais Monteiro e outros – permaneceu, no entanto, ao longo de sua carreira, sempre fiel a si mesmo, e a suas marcas pessoais de artista.



[1]

INVERNIA

Aos destinos do Céu cai chuva e bruma:

Trá-las um vento ríspido da Barra!

E é uma praga, meu Deus, se o tempo agarra,

Miséria e dor, se a chuva não arruma!

Pelo ar vão núncios tristes de cegonhas:

Fantasma e agoiro aos arrepios torvos!

Baixam à Terra, atlântidas medonhas,

As grandes nuvens negras como corvos.

Meu Deus! Nem grão, nem palha nos moroiços!

O sol arranca em lívidos desmaios
E o vento põe meu coração aos dobres.
E os aldeões, as vozes rudes, oiço-os
A insultos bárbaros à Vida: Raios!
Com tempo assim o que há-de ser dos pobres...

[2]

PASTORAL

Fora eu zagal e andara pelos montes
Do rebanho na rude companhia,
Amando o cego amor-amor das fontes
Quebradas de compassos de harmonia.

E ao silêncio da noite, na elegia
Da sombra do luar nos horizontes,
Ouvir dos longes de água a profecia
Num sonho revelado por mil frentes.

Fora eu zagal em todo esse além-mundo
Do rosário dos ecos, do profundo
Doutras encostas, repetindo: Eh! gado!...

Rezar ao Sol em graça dos cordeiros
– Que amor de vida! – lá pelos outeiros,
Entre o aroma das rosas do montado.

[3]

MAGIA DOS PIRILAMPOS

Cintilam na resteva⁵¹ os pirilampos
– Bailados de luz viva, logo morta.
Anda a crença a bater de porta em porta,
Que há alminhas penadas pelos campos.

Luzem na floresta às vezes tantos

Que ao luzeiro macabro, além, da horta
Um frio gume de medo me recorta
– O infantil medo que se esconde aos cantos.

E, despedindo lume entre os silvedos,
Cruzam de agoiro a noite e de bruxedos,
Luzes de feiticeiras contradanças.

“Pirilampos debaixo da maquia”,
Que vezes me embruxou vossa alquimia,
Oh! magos! – “para engano das crianças”.

[4]

NATAL

Turvou-se de penumbra o dia cedo;
Nem o sol despertou no meu beiral!
Que longas horas de Jesus! Natal...
E o cepo a arder nas cinzas do brasedo...

E o lar da casa, os corações aos dobres,
É um painel a fogo em seu costume!
Que lindos versos bíblicos, ao lume,
P’lo doce Príncipe cristão dos pobres!

Fulvas figuras p’ra esculpir em barro:
À luz da lenha, em rubro tom bizarro,
Sou em Presépio com meus pais e irmãos.

E junto às brasas, os meus olhos postos
Nesta evangélica expressão de rostos,
Ergo em graças a Deus as minhas mãos.

[5]

PÉROLA DE ORVALHO

Não se perde uma lágrima de amor

Se de uns e de outros olhos vem chorada:
Há-de haver sempre o colo de uma flor
Aonde caia a pérola orvalhada.

Sem o sol da manhã não há sol-pôr;
Ri a pálida luz anuviada...
Como de um bem se espera outro maior,
Real coisa será coisa sonhada.

Tem o imenso Mar os seus escolhos,
Tem a Alma o sonho, tem a flor os frutos.
A Alma não se reduz a cinza e pó!

A lágrima sustenta-se nos olhos.
Pior choro é chorar de olhos enxutos!
Porém, nunca na vida eu chorei só.

[51](#) resteva: restos da palha que fica no campo após a colheita.

Fernando Pessoa

(1888 1935)

O mais citado e celebrado poeta da língua portuguesa, desde Camões, Fernando António Nogueira Pessoa ocupa um espaço que é só seu, a começar pela multiplicidade de nomes que assinam seus versos, não pseudônimos, mas heterônimos, como ele faz questão de dizer; é um nome *outro*, que revela um *outro* poeta, autor de obra diversa, com características que se afirmam e reafirmam, por *outros* níveis de cultura, profissões, temperamentos, que o ortônimo distingue sobretudo na “Carta sobre a gênese dos heterônimos”, escrita a Adolfo Casais Monteiro, em 1935. Bem o define Sophia de Mello Breyner Andresen, altíssima poetisa: “A obra de Fernando Pessoa é, pela sua grandeza, pela sua riqueza, pela sua inteligência, uma obra genial, uma das maiores obras da literatura portuguesa e da literatura universal.”



Ortônimo



[1]

A minha alma ajoelha ante o mistério
Da sua íntima essência e próprio ser,
Faz altar da consciência de viver
E cálice e hóstia do seu grave etéreo
Senso de se iludir. Corpo funéreo

Doente da vida. Alma a aborrecer
O que nela é do corpo... Vida a arder
Tédio, e as sombras são seu fumo aéreo.

Sombra de sonho... Hálito de mágoa...
Alma corpo de Deus, disperso e frio
Boiando sobre a morte como em água...

Indecisão... Penumbra do pensar...
Fonte oculta tornada claro rio...
Rio morrendo-se no imenso mar...

[2]

O OUTRO AMOR

Com que fúria ergo a ideia dos meus braços
Para a ideia de ti! Com que ânsia bebo,
Os olhos pondo em teus sonhados traços,
Todo fêmea em teu corpo de mancebo!

Teu hálito sonhado até cansaços
Como em meu vívido hálito recebo!
Ó carne que já sonho és tantos laços
Para mim! Deus-deus, Vênus-Éfebo!

Ó dolorosamente só-sonhado!
Soubesse eu o feitio exterior e o jeito
Em gestos e palavras e perfeito
As palavras a dar a este pecado
De só pensar em ti, de ter o peito
Opresso em pensar-te entrelaçado!

[3]

A EGAS MONIZ

Ainda há do teu sangue em minhas veias

E que pouco eu sou teu, longínquo avô!
Da tua alma leal que longe estou
E da inércia e da dúvida em que teias!

Tu tinhas, creio eu, poucas ideias
Mas seu ser natural tua alma achou,
E eu, que me sondo, nunca sei quem sou
E vivo as horas de incerteza cheias.

Qual mais nos vale – a inconsciência forte
Ou esta débil consciência fria
Que em nós pergunta qual o nosso norte –
Penélope interior que álaçre fia
O aparente linho da sua sorte
E à noite anula o que fiou de dia.

[4]

PASSOS DA CRUZ

IV

Ó tocadora de harpa, se eu beijasse
Teu gesto, sem beijar as tuas mãos!
E, beijando-o, descesse p'los desvãos
Do sonho, até que enfim eu o encontrasse
Tornado Puro Gesto, gesto-face
Da medalha sinistra – reis cristãos
Ajoelhando, inimigos e irmãos
Quando processional o andor passasse!...
Teu gesto que arrepanha e se extasia...
O teu gesto completo, lua fria
Subindo, e embaixo, negros, os juncais...
Cavernas em estalactites o teu gesto...

Não poder eu prendê-lo, fazer mais
Que vê-lo e que perdê-lo!... E o sonho é o resto...

XI

Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim.
Pus a alma no nexo de perdê-la
E o meu princípio floresceu em Fim.

Que importa o tédio que dentro em mim gela,
E o leve Outono, e as galas, e o marfim,
E a congruência da alma que se vela
Como os sonhados pálios de cetim?

Disperso... E a hora como um leque fecha-se...
Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...
O tédio? A mágoa? A vida? O sonho? Deixa-se...

E, abrindo as asas sobre Renovar,
A erma sombra do voo começado
Pestaneja no campo abandonado...

XIII

Emissário de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido
Entre mim e a missão que o meu ser tem,
E a glória do meu Rei dá-me o desdém
Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.
Minha missão será eu a esquecer,

Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser...
Já viram Deus as minhas sensações...

XIV

Como uma voz de fonte que cessasse
(E uns para os outros nossos vãos olhares
Se admiraram), p'ra além dos meus palmares
De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou... Apareceu já sem disfarce
De música longínqua, asas nos ares,
O mistério silente como os mares,
Quando morreu o vento e a calma pasce...

A paisagem longínqua só existe
Para haver nela um silêncio em descida
P'ra o mistério, silêncio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,
O mundo, o informe mundo onde há a vida...
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...

[5]

ABDICAÇÃO

I

Sombra fugaz, vulto da apetecida
Imagem de um ansiado e incerto bem,
Aereamente e aladamente vem
E um pouco abrandando em mim o horror da vida.

O esforço inútil, a penosa lida,
De que, salvo sofrer, nada provém,

O receio, a incerteza e o desdém
Mitiga e sara, como a quem olvida.
Irreal embora, o teu momento é teu.
Nesse minuto, em que deveras prendes
Toda a alma, e és o seu sol e o seu céu,
És toda a vida, e o resto é a sombra e o trilho.
Esplende em verdade, ó sombra, enquanto esplendes,
E eu nada seja salvo ter teu brilho.

II

A minha vida é um barco abandonado,
Infiel, no ermo porto, ao seu destino.
Por que não ergue ferro e segue o atino
De navegar, casado com seu fado?

Ah, falta quem o lance ao mar, e alado
Torne seu vulto em velas, peregrino
Frescor de afastamento, no divino
Amplexo da manhã, puro e salgado.

Morto corpo da ação, sem a vontade
Que o viva, vulto estéril do viver,
Boiando à tona inútil da saudade –

Os limos esverdeiam tua quilha,
O vento embala-te sem te mover,
E é para além do mar a ansiada Ilha.

IV

São vãs, como o meu sonho e a minha vida,
As imagens que busco, alvar recreio,
Para o meu ócio de cansaço cheio,
Para o meu ser deposto e fé perdida.

Nada vale. Renova a despedida
Todos os dias renovada, ó anseio
Que nem em ti sabes querer, baqueio
Surdo e ignóbil da púrpura e da lida.
Réu confesso da tua impenitente
Indecisão, de inútil reprovada,
E, reprovada, vil por persistente,
Aceita o nada a que te o Fado obriga,
E abdica, qual rainha destronada
Que foi mendiga, e torna a ser mendiga.

V

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho... Eu sou um Rei
Que voluntariamente abandonei
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,
Em mãos viris e calmas entreguei,
E meu cetro e coroa – eu os deixei
Na antecâmara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inútil,
Minhas esporas de um tinir tão fútil,
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,
E regressei à Noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.

[6]

GOMES LEAL

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.

Seus três anéis irreversíveis são
A desgraça, a tristeza, a solidão...
Oito luas fatais fitam do espaço.

Este, poeta, Apolo em seu regaço
A Saturno entregou. A plúmbea mão
Lhe ergueu ao alto o aflito coração,
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inúteis oito luas da loucura
Quando a cintura tríplice denota
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,
Vestígios de maligna formosura:
É a lua além de Deus, álgida e ignota.

[7]

I

Em torno a mim os mortos esquecidos
Volveram todos. Eu em sonho os vi.
Se os amei, como foi que os esqueci?
Se os esqueci, como foram queridos?
Rápida vida, como os fizeste idos!
Com que fria memória os lembro aqui!
Já desleixo chorar o que perdi,
Lembro-os longe da sombra dos sentidos.

Quando os perdi, pensei: Cada momento
Me lembrará sua presença morta,
Eterna em meu constante pensamento.

Mas lentamente a vida fecha a porta.
Fechada toda, o olhar está desatento.

Para longe de Deus quem me transporta?

III

Murmura voz das árvores mexidas
Por um noturno, vago, leve vento,
Casa-te com meu triste sentimento
Que paira sobre as campas esquecidas!
De quantas almas, no silêncio idas,
Não há neste momento um pensamento!
Que Deus as guarde do conhecimento
De como estão longínquas e perdidas!
Ah, quão inteiramente eram mortais!
Não fazem falta à vida leve e forte.
Sem eles, os que amavam são iguais.
Quem vai tem em quem fica a pior sorte.
Nós é que aos mortos enterramos mais!
É em nosso coração que vive a Morte!

[8]

I

Que triste, à noite, no passar do vento,
O transvasar da imensa solidão
Para dentro do nosso coração,
Por sobre todo o nosso pensamento.
No sossego sem paz se ergue o lamento
Como da universal desilusão,
E o mistério, e o abismo e a morte são
Sentinelas do nosso isolamento.
Estamos sós com a treva e a voz do nada.
Tudo quanto perdemos mais perdemos.

De nós aos que se foram não há estrada.
O vácuo encarna em nós, na vida; e os céus
São uma dúvida certa que vivemos.
Tudo é abismo e noite. Morreu Deus.

II

Estou só. A atra distância que infinita
A alma separa de outra, se alargou.
Em mim, porém meu ser se unificou.
Sou um universo morto que medita.
Se estendo a mão na solidão aflita,
Nada há entre ela e aquilo que tocou.
Satélite de um mundo que findou,
Rodeio o abismo, estrela erma e maldita.

Não há porta no cárcere sem fim
Em que me vivo preso. Nunca houve
Porta neste meu ser que finda em mim.

Vivo até na consciência a solidão.
Na erma noite agora o vento chove
E um novo nada enche-me o coração.

[9]

GLOSA

Quem me roubou a minha dor antiga,
E só a vida me deixou por dor?
Quem, entre o incêndio da alma em que o ser periga,
Me deixou só no fogo e no torpor?
Quem fez a fantasia minha amiga,
Negando o fruto e emurhecendo a flor?
Ninguém ou o Fado, e a fantasia siga

A seu infiel e irreal sabor...

Quem me dispôs para o que não pudesse?

Quem me fadou para o que não conheço

Na teia do real que ninguém tece?

Quem me arrancou ao sonho que me odiava

E me deu só a vida em que me esqueço,

“Onde a minha saudade a cor se trava”.

[10]

Nas grandes horas em que a insônia avulta

Como um novo universo doloroso,

E a mente é clara como um ser que insulta

O uso confuso com que o dia é ocioso,

Cismo, embebido em sombras de repouso

Onde habitam fantasmas e a alma é oculta,

Em quanto errei e quanto ou dor ou gozo

Me foram nada, como frase estulta.

Cismo, cheio de nada, e a noite é tudo.

Meu coração, que fala estando mudo,

Repete seu monótono torpor

Na sombra, no delírio da clareza,

E não há Deus, nem ser, nem Natureza,

E a própria mágoa melhor fora dor.

[11]

I

O grande espectro, que faz sombra e medo,

Ergueu-se ao pé de mim, e eu temi-o;

Não porém com pavor, que aflora cedo,

Mas com um negro medo, oco e tardio.

Trajava o corpo seu vácuo e segredo
E o espaço irreal, onde formava frio,
Era como os desertos de degredo,
Um não-ser mais vazio que o vazio.

Não mais o vi, mas sinto a cada hora
Ao pé da alma, que teme e já não chora,
A álgida consequência e o vulto nada,
E cada passo em minha senda incerta
Um eco o acompanha, que deserta
Da atenção fria, inutilmente dada.

II

Na pior consequência de pensar
Invoquei Deus, como um auxílio, e não
Como o ermo só criador da criação.
Sentia-me órfão. “Pai, quero-te amar...”

Mas nos ermos do tempo e do lugar,
Na minha iniludível solidão,
Nem Deus nem almas encontrei, e em vão
Abri a porta da alma par em par.

Fui ser pedinte à esquina do Destino,
Fiz-me, por consagrar a pena e a esmola,
Tal qual eu era, mísero e menino.

Mas nada me conhece ou me consola.
O mundo existe, a mente é desatino,
E o nada que não somos nos desola.

[12]

Por mais que tente, não me desembrulho.

Há qualquer cousa de confuso em mim.
Lá pela confusão não dar barulho,
Não quer dizer que lhe não seja afim.
Na noite informe ao luar brilha o jardim.
O mar ao longe dorme o seu marulho.
Que quieto é tudo! Como até o orgulho
De poder ser alguém aqui tem fim!
Como nesta noturna quietação
Tudo se acalma e até se desconhece
No fundo ignoto do ermo coração.
Ah, com que quantidade tudo esquece!
Como tudo é silêncio e confusão
Onde só o som das árvores estremece!

[13]

Cabeça augusta, que uma luz contorna,
Que há entre mim e o mundo que me faz
(Por que em espinhos a auréola se torna?)
Ansiar a minha morte e a tua paz?
A tua história? – Pilatos ou Caifás
Que tem? São sonhos que o narrar transtorna.
Não é esse o Calvário a que te traz
Tua sina onde todo o fel se entorna.
Não. É em mim que se o Calvário ergueu.
É em meu coração abandonado
Que Ele, cabeça augusta, alto sofreu.
Quem na Cruz onde está ermo e pregado
O pregou? Foi Romano ou foi Judeu?
Bate-me o coração. Meu Deus, fui eu!

[14]

I

A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.
Ah, como hei de encontrá-lo? Quem errou
A vinda tem a regressão errada.
Já não sei de onde vim nem onde estou.
De o não saber, minha alma está parada.
Se ao menos atingir neste lugar
Um alto monte, de onde possa enfim
O que esqueci, olhando-o, relembrar,
Na ausência, ao menos, saberei de mim,
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar
Em mim um pouco de quando era assim.

II

Dia a dia mudamos para quem
Amanhã não veremos. Hora a hora
Nosso diverso e sucessivo alguém
Desce uma vasta escadaria agora.
É uma multidão que desce, sem
Que um saiba de outros. Vejo-os meus e fora.
Ah, que horrorosa semelhança têm!
São um múltiplo mesmo que se ignora.
Olho-os. Nenhum sou eu, a todos sendo.
E a multidão engrossa, alheia a ver-me,
Sem que eu perceba de onde vai crescendo.

Sinto-os a todos dentro em mim mover-me,
E, inúmero, prolixo, vou descendo
Até passar por todos e perder-me.

[15]

O REI

O Rei, cuja coroa de oiro é luz
Fita do alto trono os seus mesquinhos.
Ao meu Rei coroaram-nO de espinhos
E por trono Lhe deram uma cruz.

O olhar fito do Rei a si conduz
Os olhares fitados e vizinhos
Mas mais me fitam, e mortas sem carinhos,
As pálpebras descidas de Jesus.

O Rei fala, e um seu gesto tudo prende,
O som da sua voz tudo transmuda.
E a sua viva majestade esplende;

Meu Rei morto tem mais que majestade;
Diz-me a Verdade aquela boca muda;
E essas mãos presas dão-me a Liberdade.

[16]

NO TÚMULO DE CHRISTIAN ROSENCREUTZ

III

Ah, mas aqui, onde irreais erramos,
Dormimos o que somos, e a verdade,
Inda que enfim em sonhos a vejamos,
Vemo-la, porque em sonho, em falsidade.

Sombras buscando corpos, se os achamos
Como sentir a sua realidade?

Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?

Nosso toque é ausência e vacuidade.

Quem desta Alma fechada nos liberta?

Sem ver, ouvimos para além da sala

De ser: mas como, aqui, a porta aberta?

Calmo na falsa morte a nós exposto,

O Livro ocluso contra o peito posto,

Nosso Pai Roseacruz conhece e cala.

Álvaro de Campos



[17]

SONETOS DE ÁLVARO DE CAMPOS

I

Quando olho para mim não me percebo.

Tenho tanto a mania de sentir

Que me extravio às vezes ao sair

Das próprias sensações que eu recebo.

O ar que respiro, este licor que bebo

Pertencem ao meu modo de existir,

E eu nunca sei como hei-de concluir

As sensações que a meu pesar concebo.

Nem nunca, propriamente, reparei

Se na verdade sinto o que sinto. Eu

Serei tal qual pareço em mim? serei

Tal qual me julgo verdadeiramente?

Mesmo ante as sensações sou um pouco ateu,
Nem sei bem se sou eu quem em mim sente.

II

A Praça da Figueira de manhã,
Quando o dia é de sol (como acontece
Sempre em Lisboa), nunca em mim esquece,
Embora seja uma memória vã.

Há tanta coisa mais interessante
Que aquele lugar lógico e plebeu!
Mas amo aquilo, mesmo assim... Sei eu
Por que o amo? Não importa nada... Adiante!

Isto de sensações só vale a pena
Se a gente se não põe a olhar para elas.
Nenhuma delas em mim é serena...

De resto, nada em mim é certo e está
De acordo consigo próprio... As horas belas
São as dos outros, ou as que não há.

III

Olha, Daisy: quando eu morrer tu hás-de
Dizer aos meus amigos aí de Londres,
Embora não o sintas, que tu escondes
A grande dor da minha morte. Irás de
Londres pra York, onde nasceste (dizes...
Que eu nada que tu digas acredito),
Contar àquele pobre rapazito
Que me deu tantas horas tão felizes,
Embora não o saibas, que morri...
Mesmo ele, a quem eu tanto julguei amar,

Nada se importará... Depois vai dar
A notícia a essa estranha Cecily
Que acreditava que eu seria grande...
Raios partam a vida e quem lá ande!

[18]

BARROW-ON-FURNESS

I

Sou vil, sou reles, como toda a gente,
Não tenho ideais, mas não os tem ninguém.
Quem diz que os tem é como eu, mas mente.
Quem diz que busca é porque não os tem.
É com a imaginação que eu amo o bem.
Meu baixo ser porém não mo consente.
Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, de um Além.
Como todos não creio no que creio.
Talvez possa morrer por esse ideal.
Mas, enquanto não morro, falo e leio.
Justificar-me? Sou quem todos são...
Modificar-me? Para meu igual?...
– Acaba lá com isso, ó coração!

II

Deuses, forças, almas de ciência ou fé,
Eh! Tanta explicação que nada explica!
Estou sentado no cais, numa barrica,
E não compreendo mais do que de pé.
Por que o havia de compreender?
Pois sim, mas também por que o não havia?

Água do rio, correndo suja e fria,
Eu passo como tu, sem mais valer...

Ó universo, novelo emaranhado,
Que paciência de dedos de quem pensa
Em outra cousa te põe separado?

Deixa de ser novelo o que nos fica...
A que brincar? Ao amor?, à indif'rença?
Por mim, só me levanto da barrica.

V

Há quanto tempo, Portugal, há quanto
Vivemos separados! Ah, mas a alma,
Esta alma incerta, nunca forte ou calma,
Não se distrai de ti, nem bem nem tanto.

Sonho, histérico oculto, um vão recanto...
O rio Furness, que é o que aqui banha,
Só ironicamente me acompanha,
Que estou parado e ele correndo tanto...

Tanto? Sim, tanto relativamente...

Arre, acabemos com as distinções,
As sutilezas, o interstício, o entre,

A metafísica das sensações –

Acabemos com isto e tudo mais...

Ah, que ânsia humana de ser rio ou cais!

[19]

AH, UM SONETO...

Meu coração é um almirante louco
Que abandonou a profissão do mar
E que a vai relembrando pouco a pouco

Em casa a passear, a passear...
No movimento (eu mesmo me desloco
Nesta cadeira, só de o imaginar)
O mar abandonado fica em foco
Nos músculos cansados de parar.
Há saudades nas pernas e nos braços.
Há saudades no cérebro por fora.
Há grandes raivas feitas de cansaços.
Mas – esta é boa! – era do coração
Que eu falava... e onde diabo estou agora
Com almirante em vez de sensação?...

[20]

REGRESSO AO LAR

Há quanto tempo não escrevo um soneto
Mas não importa: escrevo este agora.
Sonetos são infância, e, nesta hora,
A minha infância é só um ponto preto,
Que num imóvel e fatal trajeto
Do comboio que sou me deita fora.
E o soneto é como alguém que mora
Há dois dias em tudo que projeto.
Graças a Deus, ainda sei que há
Quatorze linhas a cumprir iguais
Para a gente saber onde é que está...
Mas onde a gente está, ou eu, não sei...
Não quero saber mais de nada mais
E berdamerda para o que saberei.

[21]

Meu coração, o almirante errado
Que comandou a armada por haver
Tentou caminho onde o negou o Fado,
Quis ser feliz quando o não pôde ser.
E assim, pechado,⁵² absurdo, postergado,
Dado ao que nos resulta de se abster,
Não foi dado, não foi dado, não foi dado
E o verso errado deixa-o entender.
Mas há compensações absolutórias
Em sonho e no silêncio da derrota
Que tem mais rosas de alma que as vitórias.
E assim surgiu, Imperial, a frota
Carregada de anseios e de glórias
Com que o almirante prosseguiu na rota.

Mário de Sá-Carneiro

(1890 1916)

Nascido em Lisboa, perdeu a mãe muito cedo. O pai sofre uma reviravolta nos negócios. O baque sofrido pelo pai, que o sustentava, afetou diretamente a sua vida, pois era com a mesada paterna que mantinha a revista *Orpheu*, que existiu apenas até o número dois, ficando o três no nascedouro, só vindo à luz em 1965, quando completava 50 anos de sua aparição. Nela se tinham agrupado e tornado conhecidos os jovens poetas da sua geração, destacando-se os dois maiores – Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro – entre os quais se desenvolveu uma amizade profunda, feita de compreensão, carinho e admiração mútua. Inadaptado à vida, Mário não se sentia realizado; buscava o equilíbrio, fugia de ser *quase*; narcísico, acabou por desprezar-se em versos de agressiva brutalidade. Dessa matéria se

constituiu a sua poesia, das mais originais e angustiadas do século XX.



[1]

ESCAVAÇÃO

Numa ânsia de ter alguma coisa,
Divago por mim mesmo a procurar,
Desço-me todo, em vão, sem nada achar,
E a minh'alma perdida não repousa.

Nada tendo, decido-me a criar:
Brando a espada: sou luz harmoniosa
E chama genial que tudo ousa
Unicamente à força de sonhar...

Mas a vitória fulva esvai-se logo...
E cinzas, cinzas só, em vez de fogo...
– Onde existo que não existo em mim?

.....
.....

Um cemitério falso sem ossadas,
Noites d'amor sem bocas esmagadas –
Tudo outro espasmo que princípio ou fim...

[2]

SALOMÉ

Insônia roxa. A luz a virgular-se em medo,
Luz morta de luar, mais alma do que a lua...
Ela dança, ela range. A carne, álcool de nua,
Alastra-se pra mim num espasmo de segredo...

Tudo é capricho ao seu redor, em sombras fátuas...

O aroma endoideceu, upou-se em cor, quebrou...
Tenho frio... Alabastro!... A minha Alma parou...
E o seu corpo resvala a projetar estátuas...
Ela chama-me em Íris. Nimba-se a perder-me,
Golfa-me os seios nus, ecoa-me em quebranto...
Timbres, elmos, punhais... A doida quer morrer-me:
Mordoura-se a chorar – há sexos no seu pranto...
Ergo-me em som, oscilo, e parto, e vou arder-me
Na boca imperial que humanizou um Santo...

[3]

CERTA VOZ NA NOITE, RUIVAMENTE...

Esquivo sortilégio o dessa voz, opiada
Em sons cor de amaranto, às noites de incerteza,
Que eu lembro não sei de Onde – a voz duma Princesa
Bailando meia nua entre clarões de espada.
Leonina, ela arremessa a carne arroxeadas;
E bêbada de Si, arfante de Beleza,
Acera os seios nus, descobre o sexo... Reza
O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...
Entanto nunca a vi mesmo em visão. Somente
A sua voz a fulcra ao meu lembrar-me. Assim
Não lhe desejo a carne – a carne inexistente...
É só de voz-em-cio a bailadeira astral –
E nessa voz-Estátua, ah! nessa voz-total,
É que eu sonho esvair-me em vícios de marfim...

[4]

APOTEOSE

Mastros quebrados, singro num mar de Ouro

Dormindo fogo, incerto longamente...
Tudo se me igualou num sonho rente,
E em metade de mim hoje só moro...
São tristezas de bronze as que inda choro –
Pilastras mortas, mármore ao Poente...
Lajearam-se-me as ânsias brancamente
Por claustros falsos onde nunca oro...
Desci de Mim. Dobrei o manto de Astro,
Quebrei a taça de cristal e espanto,
Talhei em sombra o Oiro do meu rastro...
Findei... Horas-platina... Olor-brocado...
Luar-ânsia... Luz-perdão... Orquídeas-pranto...
.....
– Ó pântanos de Mim – jardim estagnado...

[5]

PIED-DE-NEZ

Lá anda a minha Dor às cambalhotas
No salão de vermelho atapetado –
Meu cetim e ternura engordurado,
Rendas da minha ânsia todas rotas...
O Erro sempre a rir-me em destrambelho –
Falso mistério, mas que não se abrange...
De antigo armário que agoirento range,
Minha alma atual o esverdinhado espelho...
Chora em mim um palhaço às piruetas;
O meu castelo em Espanha, ei-lo vendido –
E, entretanto, foram de violetas,
Deram-me beijos sem os ter pedido...

Mas como sempre, ao fim – bandeiras pretas,
Tômbolas falsas, carrossel partido...

[6]

ÚLTIMO SONETO

Que rosas fugitivas foste ali!
Requeriam-te os tapetes, e vieste...
– Se me dói hoje o bem que me fizeste,
É justo, porque muito te devi.
Em que seda de afagos me envolvi
Quando entraste, nas tardes que apareceste!
Como fui de percal quando me deste
Tua boca a beijar, que remordi...
Pensei que fosse o meu o teu cansaço –
Que seria entre nós um longo abraço
O tédio que, não esbelta, te curvava...
E fugiste... Que importa? Se deixaste
A lembrança violeta que animaste,
Onde a minha saudade a Cor se trava?

[7]

O FANTASMA

O que farei na vida – o Emigrado
Astral após que fantasiada guerra,
Quando este Oiro por fim cair por terra,
Que ainda é Oiro, embora esverdinhado?
(De que revolta ou que país fadado?)
Pobre lisonja a gaze que me encerra...
Imaginária e pertinaz, desferra
Que força mágica o meu pasmo aguado?

A escada é suspeita e é perigosa:
Alastra-se uma nódoa duvidosa
Pela alcatifa, os corrimões partidos...

Taparam com rodilhas o meu norte,
As formigas cobriram minha sorte,
Morreram-me meninos nos sentidos...

[8]

EL-REI

Quando chego o piano estala agoiro
E medem-se os convivas logo, inquietos;
Alargam-se as paredes, sobem tetos;
Paira um Luxo de Adaga em mão de moiro.

Meu intento porém é todo loiro
E a cor-de-rosa, insinuando afetos.
Mas ninguém se me expande...
Frenesis ninguém brilha! Excesso de Oiro...

Meu Dislate a conventos longos orça.
P'ra medir minha zoina,
Só mítica, de alada, esguia corça.

Quem me convida mesmo não faz bem:
Intruso ainda quando, à viva força,
A sua casa me levasse alguém...

[9]

AQUELOUTRO

O dúbio mascarado, o mentiroso
Afinal, que passou na vida incógnito;
O Rei-lua postiço, o falso atônito;
Bem no fundo o covarde rigoroso...

Em vez de Pajem bobo presunçoso...
Sua alma de neve asco de um vômito...
Seu ânimo cantando como indômito
Um lacaio invertido e pressuroso...
O sem nervos nem ânsia, o papa-açorda...
(Seu coração talvez movido a corda...)
Apesar de seus berros ao Ideal,
O corrido, o raimoso, o desleal,
O balofo arrotando Império astral,
O mago sem condão, o Esfinge Gorda...

[52](#) neste poema manuscrito, de fácil leitura, uma só palavra permanece dubitada. leio-a como “pechado”, mas sem convicção.

Florbela Espanca

(1894 1930)

Nasceu em Vila Viçosa e estudou em Évora. Poetisa, sua obra foi centrada nos sonetos, sobretudo os de amor. Tendo-se casado três vezes, sua vida tornou-se matéria de sua poesia. Segundo Maria Lúcia Dal Farra, até à data de seu suicídio – no momento em que completaria 36 anos – somente conseguira publicar, às suas próprias custas, uma pequena tiragem de duzentos exemplares de cada um de seus dois volumes de poesia: o *Livro de mágoas*, em 1919, e o *Livro de Sóror Saudade*, em 1923. Sua obra foi ignorada por completo pelo público leitor e pela crítica; Florbela só recebeu compreensão, em vida, dos poetas seus pares. Em 1931, após sua morte, Guido Battelli, seu amigo italiano, publicou a primeira edição de *Charneca em flor*, que alcançou extraordinário *boom* editorial, inédito na história da imprensa portuguesa.



[1]

ESTE LIVRO...

Este livro é de mágoas. Desgraçados
Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!
Somente a vossa dor de Torturados
Pode, talvez, senti-lo... e compreendê-lo.

Este livro é para vós. Abençoados
Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!
Bíblia de tristes... Ó Desventurados,
Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Mágoas... Dores... Ansiedades!

Livro de Sombras... Névoas e Saudades!
Vai pelo mundo... (Trouxe-o no meu seio...)
Irmãos na Dor, os olhos rasos de água,
Chorai comigo a minha imensa mágoa,
Lendo o meu livro só de mágoas cheio!...

[2]

NOITE DE SAUDADE

A Noite vem poisando devagar
Sobre a Terra, que inunda de amargura...
E nem sequer a benção do luar
A quis tornar divinamente pura...
Ninguém vem atrás dela a acompanhar
A sua dor que é cheia de tortura...
E eu oiço a Noite imensa soluçar!
E eu oiço soluçar a Noite escura!
Por que és assim tão escura, assim tão triste?!
É que, talvez, ó Noite, em ti existe
Uma Saudade igual à que eu contenho!
Saudade que eu sei donde me vem...
Talvez de ti, ó Noite!... Ou de ninguém!...
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!

[3]

AMIGA

Deixa-me ser a tua amiga, Amor,
A tua amiga só, já que não queres
Que pelo teu amor seja a melhor,
A mais triste de todas as mulheres.
Que só, de ti, me venha mágoa e dor

O que me importa a mim?! O que quiseres
É sempre um sonho bom! Seja o que for,
Bendito sejas tu por mo dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho...
Como se os dois nascêssemos irmãos,
Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho...

Beija-mas bem!... Que fantasia louca
Guardar assim, fechados, nestas mãos,
Os beijos que sonhei prà minha boca!...

[4]

ÓDIO?

Ódio por ele? Não... Se o amei tanto,
Se tanto bem lhe quis no meu passado,
Se o encontrei depois de o ter sonhado,
Se à vida assim roubei todo o encanto...

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto
Turva o meu triste olhar, marmorizado,
Olhar de monja, trágico, gelado
Como um soturno e enorme Campo Santo!

Ah! Nunca mais amá-lo é já bastante!
Quero senti-lo doutra, bem distante,
Como se fora meu, calma e serena!

Ódio seria em mim saudade infinda,
Mágoa de o ter perdido, amor ainda.
Ódio por ele? Não... não vale a pena...

[5]

A NOSSA CASA

A nossa casa, Amor, a nossa casa!

Onde está ela, Amor, que não a vejo?
Na minha doida fantasia em brasa
Constrói-a, num instante, o meu desejo!

Onde está ela, Amor, a nossa casa,
O bem que neste mundo mais invejo?
O brando ninho aonde o nosso beijo
Será mais puro e doce que uma asa?

Sonho... que eu e tu, dois pobrezinhos,
Andamos de mãos dadas, nos caminhos
Duma terra de rosas, num jardim,
Num país de ilusão que nunca vi...
E que eu moro – tão bom! – dentro de ti
E tu, ó meu Amor, dentro de mim...

[6]

SUPREMO ENLEIO

Quanta mulher no teu passado, quanta!
Tanta sombra em redor! Mas que me importa?
Se delas veio o sonho que conforta,
A sua vinda foi três vezes santa!

Erva do chão que a mão de Deus levanta,
Folhas murchas de rojo à tua porta...
Quando eu for uma pobre coisa morta,
Quanta mulher ainda! Quanta! Quanta!

Mas eu sou a manhã: apago estrelas!
Hás-de ver-me, beijar-me em todas elas,
Mesmo na boca da que for mais linda!

E quando a derradeira, enfim, vier,
Nesse corpo vibrante de mulher

Será o meu que hás-de encontrar ainda...

[7]

“É UM NÃO QUERER MAIS QUE BEM QUERER”

VII

São mortos os que nunca acreditaram
Que esta vida é somente uma passagem,
Um atalho sombrio, uma paisagem
Onde os nossos sentidos se poisaram.

São mortos os que nunca alevantaram
De entre escombros a Torre de Menagem⁵³
Dos seus sonhos de orgulho e de coragem,
E os que não riram, e os que não choraram.

Que Deus faça de mim, quando eu morrer,
Quando eu partir para o País da Luz,
A sombra calma de um entardecer,
Tombando, em doces pregas de mortalha,
Sobre o teu corpo heroico, posto em cruz,
Na solidão dum campo de batalha!

IX

Perdi os meus fantásticos castelos
Como névoa distante que se esfuma...
Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los:
Quebrei as minhas lanças uma a uma!
Perdi minhas galeras entre os gelos
Que se afundaram sobre um mar de bruma...
– Tantos escolhos! Quem podia vê-los? –
Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!
Perdi a minha taça, o meu anel,

A minha cota de aço, o meu corcel,
Perdi meu elmo de oiro e pedrarias...
Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...
Sobre o meu coração pesam montanhas...
Olho assombrada as minhas mãos vazias...

[53](#) torre de menagem: torre na qual se prendia alguém, dando-lhe vantagens que não teria se fosse para uma prisão comum, tais como exercer suas atividades habituais.



SÉCULO
XX

José Régio

(1901 1969)

José Maria dos Reis Pereira, figura notável do século XX em Portugal, nasceu em Vila Nova do Conde. Em Coimbra, cursou a Faculdade de Letras, tendo seguido a carreira de magistério secundário na cidade de Portalegre. Foi um dos diretores da revista *Presença*, ao lado de Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões; esta revista, lançada 12 anos depois de *Orpheu*, teve papel importante até mesmo na edição dos poemas de Mário de Sá-Carneiro, poeta pelo qual deixou Régio transparecer certa preferência ao redigir sua dissertação de Mestrado, “A Moderna Poesia Portuguesa”. Grande poeta, romancista, contista, crítico literário, autor de peças dramáticas, confessa que “até na sua poesia se revela a sua vocação teatral”.



[1]

NARCISO

Dentro de mim me quis eu ver. Tremia,
Dobrado em dois sobre o meu próprio poço...
Ah, que terrível face e que arcabouço
Este meu corpo lânguido escondia!
Ó boca tumular, cerrada e fria,
Cujo silêncio esfíngico eu bem ouço!...
Ó lindos olhos sôfregos, de moço,
Numa frente a suar melancolia!...
Assim me desejei nestas imagens.
Meus poemas requintados e selvagens,
O meu Desejo os sulca de vermelho:

Que eu vivo à espera dessa noite estranha,
Noite de amor em que me goze e tenha,
...Lá no fundo do poço em que me espelho!

[2]

A JAULA E AS FERAS

Vivem centos de doidos nesse hospício
(Quem no diria, olhando cá de fora...?!)
E o portão dança já no velho quício,
Dança, e faz entrar mais a toda a hora...
Trazem todos um sonho, um crime, um vício,
E foram reis lá muito longe, outrora...
E em seus rostos de espanto ou de flagício
Não sei que ausência atroz se comemora!
Faz medo e angústia olhá-los bem nos olhos;
E, lá por trás de grades e ferrolhos,
Estoiram de ansiedade desmedida.
– Meu corpo, ó meu hospício de alienados!
Abre-te aos meus desejos enjaulados,
Deixa-os despedaçar a minha vida!

[3]

LÚCIFER

Torcendo as mãos, pensei: “Que esses amigos
“A quem o ritmo que lhes canto apraz
“Não sonhem nunca as podridões e os perigos
“Que a melodia vã tem por detrás...
“Herdei de avós leprosos e mendigos
“Uma chaga incurável e minaz.⁵⁴
“Versos que eu faça..., é ela quem nos faz!

“Meus versos são venenos e castigos.
“Mas, pra que ninguém saiba o que sei,
“Mentirei!, fingirei!, renunciarei!,
“Serei sozinho entre os meus quatro muros.”
Nisto..., a parede abriu-se e o Anjo entrava.
E à monstruosa chaga que purgava
Se vieram colar seus lábios puros!

[4]

STRUGGLE FOR LIFE

Sim, bem sei que o tablado em que figuro
Longe está bem de mim léguas e léguas.
Minhas pupilas viam longe... e eu cego-as;
Mas sei que finjo achar o que procuro.
Sei que o meu sonho é imenso e anseia ar puro,
Mas, no meu gabinete, o meço a réguas.
Sei que devo aguardar, velar sem tréguas,
Mas busco o sono e embrulho-me no escuro.
Sei que este meu aspecto dúbio, fez-mo
A vida em que o meu Ser supremo e belo
E os meus gestos indômitos não cabem.
Sei que sou a paródia de mim mesmo.
Sei tudo... E para quê? por que sabê-lo?
Viver é entrar no rol dos que o não sabem!

[5]

SONETO DE AMOR

Não me peças palavras, nem baladas,
Nem expressões, nem alma... Abra-me o seio,
Deixa cair as pálpebras pesadas,

E entre os seios me apertes sem receio.
Na tua boca sob a minha, ao meio,
Nossas línguas se busquem, desvairadas...
E que os meus flancos nus vibrem no enleio
Das tuas pernas ágeis e delgadas.
E em duas bocas uma língua..., – unidos,
Nós trocaremos beijos e gemidos,
Sentindo o nosso sangue misturar-se.
Depois... – abre os teus olhos, minha amada!
Enterra-os bem nos meus; não digas nada...
Deixa a Vida exprimir-se sem disfarce!

[6]

LOGRO

Vejo, enfim, que, sem Ti, nada me presta!
Sem Ti, quebrada a lança, inane o escudo.
Silêncio e escuro, – o cego surdo-mudo,
De qualquer vida, eis ao que chega nesta.
Inútil tentar mais!; que não me resta
Mais do que o vício, solitário e agudo,
De tentar por tentar, e achar em tudo
O azedo a cinza após a febre e a festa.
Só Tu me podes restituir a mim,
Revelar um Princípio no meu fim,
Compenetrar de Ser a morte e o nada.
Cheguei!, se aqui mandaste que eu chegasse.
Mostra-me, pois, de novo, a Tua face,
Que até essa ilusão me foi roubada!

[7]

IGNOTO DEO

Desisti de saber qual é Teu nome,
Se tens ou não tens nome que Te demos,
Ou que rosto é que toma, se algum tome,
Teu Sopro tão além de quanto vemos.

Desisti de Te amar, por mais que a fome
Do Teu amor nos seja o mais que temos,
E empenhei-me em domar, nem que os não dome,
Meus, por Ti, passionais e vãos extremos.

Chamar-Te amante ou pai..., grotesco engano
Que por demais tresanda a gosto humano!
Grotesco engano o dar-te forma! E enfim,

Desisti de Te achar no quer que seja,
De Te dar nome, rosto, culto, ou igreja...
– Tu é que não desistirás de mim!

[8]

TESTAMENTO DO POETA

Todo esse vosso esforço é vão, amigos:
Não sou dos que se aceita... a não ser mortos.
Demais, já desisti de quaisquer portos;
Não peço a vossa esmola de mendigos.

O mesmo vos direi, sonhos antigos
De amor! olhos nos meus outrora absortos!
Corpos já hoje inchados, velhos, tortos,
Que fostes o melhor dos meus pascigos!

E o mesmo digo a tudo e a todos, – hoje
Que tudo e todos vejo reduzidos,
E ao meu próprio Deus nego, e o ar me foge.

Para reaver, porém, todo o Universo,
E amar! e crer! e achar meus mil sentidos!...,
Basta-me o gesto de contar um verso.

[54](#) minaz: ameaçadora

Vitorino Nemésio

(1901 1978)

Nasceu nos Açores, na Ilha Terceira. Estudou Direito e Letras em Coimbra, tendo-se licenciado em Filologia Românica, na Universidade de Lisboa. Foi Leitor de Português na Universidade de Montpellier e Agrégé de Conférences na de Bruxelas. Começou como professor Auxiliar da Faculdade de Letras de Lisboa, passando a Catedrático e mais tarde a Diretor. Fundou a *Revista de Portugal* e colaborou em jornais e revistas; foi romancista, tendo escrito um que marcou época, *Mau tempo no canal*. Segundo Sophia de Mello Breyner Andresen, “Sua poesia, que muitas vezes se inspira no lirismo popular, é caracterizada pelo grande sentido do concreto e por uma arte do poema extremamente afinada e sensível”.



[1]

TORMENTO

Quando o Sol agoniza no Poente,
Num mar de sangue, enorme, arroxado,
Eu vejo, sobre o Oceano, alma latente
Dum ser desiludido, torturado.

Essa alma triste desse ser magoado
Que emite a sua voz terna, dolente,
Pelos vagalhões do Mar altivo, irado,
Esvai-se, desfalece lentamente.

Ó Sorte inexorável, Sorte dura!
Tu, muda o seu viver em meiga aurora
Ou sai com ele do Mundo pavoroso,

Desterra essa pobre alma de Tortura,
Leva-a daqui bem longe, Céu em fora,
Acaba o seu tormento doloroso!

[2]

IDEAL

Voa, meu coração, mui brandamente,
Aos páramos da Luz e da Poesia!
É lá que hás-de estar bem. Só lá se sente,
Lá se canta e se habita na Elegia!

Voa, meu coração, co'o Sol poente,
Vai no eco suave da Harmonia!
Sobe... sobe... e verás mui de repente
Aquilo que sonhaste em certo dia.

Voa, meu coração, que o Céu é belo,
Que só lá há o Prazer e a Ventura,
Voa, meu coração, pobre e doente,
Que, depois, satisfeito o teu anelo,
Hás-de dizer-me assim da branca Altura:
Oh!... Deixa-me aqui estar eternamente!

[3]

A quem me atulhou o peito
De saudades, dentro e fora:
Fora – em flor de escuro aspeito,
Dentro – em renúncias da Hora.

A quem com rito e a preceito
Me sorriu, e folga e cora
Quando o Sol lhe bate, em jeito
De carícia, porque a adora.

A quem... A Ti. Quero dar-te
Sonetos de pouca arte,
Falas de Sonho e de Cor,
Que digam... Eu sei! Talvez:
Era um poeta, uma vez,
Louco por Ti, meu amor.

[4]

CÉU VELHO

Nasci num astro que esfriou.
A escolta de anjos em que vim, perdi-a.
Ao desprender-se a última asa fria
Meu destino de terra começou.
O salvado dos astros – gorou.
Aonde, aonde a minha origem ia?
Agora, em mim, a noite bebe o dia
Que meus altos cuidados devorou.
Se, bebendo-o, menino me tornasse
E, dando-me uma pena, ora aquecida,
Ao tal astro gelado me levasse?
Já sinto a aragem forte em mim batida,
Talvez da escolta de anjos. Volto a face:
Há lá anjo nenhum na minha vida!

[5]

AO BOM SÁ

Velho Sá de Miranda, que cantaste
Campos de Roma e lameiros do Minho,
O teu verbo moral é como a haste
Do carvalho cerquinho.

Lá nos altos ardores camonianos
– Turras, sonhos, prisões, amores dispersos –
Há lúcidos venenos italianos:
Tu, levantas perdizes dos teus versos!
Já o Rato dos Campos te aconselha
O celeiro pacífico, timbrando
Da rasoira de lei, medida velha.
E no arco da viola, firme e brando,
Para te distraíres, de quando em quando,
Estiras uma sílaba vermelha.

[6]

Não cantarei a virgem que o cavalo
Com um xairel de sangue arrebatou,
Quebrada pelo bruto, – nem levá-lo
Ao potro vingador de um verso vou.
Não cantarei tal noite aziaga. Falo
Apenas do que tenho, do que sou
Com ela, como o vinho no gargalo
Do frasco em que me bebe e me esgotou.
Nem cantarei a vítima do resto,
Violada na inocência que perdeu
Nas emboscadas de um punício lodo:
Que só meu próprio amor acendo. E atesto
A chama da Vitória que me deu
Na margarida branca o mundo todo.

[7]

A CARTOMANTE

Com “pensamentos de corpo”

A tua cartomante me adivinha,
Lance banal talvez para quem julgue
Que ela só lábia em suas cartas tinha.

Mas eu, que tenho o corpo que ela pensa
Que do teu faz objeto no pensar,
Sei que te penso e amo em corpo – a densa
Forma que te veste alma no alto amar.

Assim – copas, paus, oiros e as espadas
Trocam valete e dama em seus lanceiros
No banal estender das cartas dadas,
“Pensamentos de corpo” verdadeiros.

Alta filosofia e da espadilha
Que chama pensamento ao corpo quente
E todo um continente à tua Ilha,
Sendo eu, que longe estou, o sal da enchente.

Miguel Torga

(1907-1995)

Nascido em São Martinho de Anta, Trás-os-Montes, veio ao Brasil em 1920, mas voltou em 1925 a Portugal, onde se matriculou na Universidade de Coimbra, formando-se em Medicina. Fundou com Branquinho da Fonseca a revista *Manifesto* e colaborou na *Revista de Portugal*. Publicou seu primeiro livro, de poesia, *Ansiedade*, em 1928, com o seu próprio nome, Adolpho Rocha. Escreveu contos – *Contos da montanha*, *Novos contos da montanha*, *Bichos* –; um romance – *Vindima*– e, sobretudo, poesia, da qual destacaríamos *Alguns poemas ibéricos*, em que se encontram personagens da península ibérica, não apenas portugueses. Deles valeria a pena destacar o poema a D. Miguel de Unamuno. Dos maiores autores em prosa e verso do século XX, tem sido a sua obra valorizada por críticos e ensaístas da atualidade.



[1]

EXORTAÇÃO

Mão de escultor, o barro é outro, agora!

É mais de baixo, de maior fundura.

É de uma terra mais humana, embora

Seja de terra toda a criatura.

Que a tua inspiração tenha ternura.

Que a tua solidão fique de fora.

Que não macule a nova formosura

A mais discreta sombra de outra hora.

Quando a forma começa, venha o lume!

Venha ao botão de rosa o seu perfume,
Límpido casto, como a flor o quer.

Desça da fronte augusta do artista
A impessoal beleza da conquista
De cada descoberta que fizer.

[2]

RESSURREIÇÃO

Porque a forma das coisas lhe fugia,
O poeta deitou-se e teve sono.
Mais nenhuma ilusão lhe apetecia,
Mais nenhum coração era seu dono.

Cada fruto maduro apodrecia;
Cada ninho morria de abandono;
Nada lutava e nada resistia,
Porque na cor de tudo havia outono.

Só a razão da vida via mais:
Terra, sementes, caules, animais,
Descansavam apenas um momento.

E o vencido poeta despertou
Vivo como a certeza dum rebento
Na seiva do poema que sonhou.

[3]

ENCONTRO

Quando o galo cantou na escuridão
Como um claro rumor que afasta o medo,
É que ele viu que chegara a ocasião
E que findara enfim o seu degredo.

Fosse qual fosse o dedo

Que lhe apontava a vida, era de mão
Que conhecia o mágico segredo
De negar e rasgar a solidão.

Mundo! – disse ele então. – Mundo de todos!
Mundo de estrelas, de ilusões, de lodos,
Onde nada é sozinho nem disperso:

Mundo! Sou eu aquela voz perdida,
Que vem juntar-se a ti, arrependida,
Trazendo a humana gratidão de um verso.

[4]

REGRESSO

Nua, a poesia sai dentre o arvoredado.
Como graça fugida ao namorado,
Vem a sorrir da causa do seu medo:
O seu corpo de noiva fecundado.

Vem com seu passo ledado,
Já sem rugas na fronte; descuidado
O coração divino, onde um segredo
Só em humana luz é revelado.

Realidade, embriaguez, beleza,
Tudo ela traz e entrega no seu gesto.
Há no seu rosto aberto outra certeza,
Outro sol, outro sonho, outra alegria.
O seu próprio regresso é o seu protesto
Contra o falso pudor por que fugia.

[5]

RENDIÇÃO

Vem, camarada, vem

Render-me neste sonho de beleza!
Vem olhar doutro modo a natureza
E cantá-la também!

Ergue o teu coração como ninguém;
Fala doutro luar, doutra pureza;
Tens outra humanidade, outra certeza:
Leva a chama da vida mais além!

Até onde podia, caminhei
Vi a lama da terra que pisei,
E cobri-a de versos e de espanto.

Mas, se o facho é maior na tua mão,
Vem, camarada irmão,
Erguer sobre os meus versos o teu canto.

Jorge de Sena

(1919 1978)

Nascido em Lisboa, formou-se em Engenharia na Universidade do Porto; em 1959, se auto-exilou no Brasil, iniciando sua docência acadêmica em Letras em Assis e Araraquara; nesta doutorou-se com tese sobre Camões. Em 1965 vai para os Estados Unidos, onde leciona na UCLA até falecer, sendo seus restos mortais trasladados para Lisboa em 2009. Poeta de alta qualidade, dos maiores sonetistas da língua, foi excelente ficcionista – autor de contos –, enfeixados sobretudo em – *Andanças e novas andanças do Demônio* –, de um romance e de uma tragédia instigante, *O indesejado*. Na antologia poética que organizou, *Líricas portuguesas*, inclui-se, ressaltando que sua poesia “representa um desejo de independência partidária da poesia social [...] e sobretudo um desejo de exprimir o que entende ser a dignidade humana – uma fidelidade integral à responsabilidade de estarmos no mundo”.



[1]

INDEPENDÊNCIA

Recuso-me a aceitar o que me derem.
Recuso-me às verdades acabadas;
Recuso-me, também, às que tiverem
Pousadas no sem-fim as sete espadas.
Recuso-me às espadas que não ferem
E às que ferem por não serem dadas.
Recuso-me aos eus-próprios que vierem
E às almas que já foram conquistadas.

Recuso-me a estar lúcido ou comprado
E a estar sozinho ou estar acampanhado.
Recuso-me a morrer. Recuso a vida.

Recuso-me à inocência e ao pecado
Como a ser livre ou ser predestinado.
Recuso tudo, ó Terra dividida!

[2]

GÊNESIS

VI

De mim não falo mais: não quero nada.
De Deus não falo: não tem outro abrigo.
Não falarei também do mundo antigo,
Pois nasce e morre em cada madrugada.

Nem de existir, que é vida atraíçoada,
Para sentir o tempo andar comigo;
Nem de viver, que é liberdade errada,
E foge todo o Amor quando o persigo.

Por mais justiça... – Ai quantos que eram novos
Em vão a esperaram, porque nunca a viram!
E a eternidade... Ó transfusão dos povos!

Não há verdade: o mundo não a esconde.
Tudo se vê: só se não sabe aonde.
Mortais ou imortais, todos mentiram.

[3]

GLOSA À CHEGADA DO INVERNO

Ao frio suave, obscuro e sossegado,
E com que a noite, agora, se anuncia
Depois de posto, ao longe, um sol dourado

Que a uma rosada fímbria arrasta e esfia...

Da solidão dos homens apartado,

E entregue a tal silêncio, que devia

Mais entender as sombras a meu lado

Que a terra nua onde se atrasa o dia...

Recordo o amor distante que em mim vive,

Sem tempo ou espaço, e apenas amarrado

À liberdade imensa que não tive,

E que não há. Como o recorde agora

Que a luz do dia já se não demora,

Se apenas de si próprio é recordado?

[4]

“Ó DOCE PERSPICÁCIA...”

Ó doce perspicácia dos sentidos!

Visão mais tátil que apressados dedos

Sempre na treva tropeçando em medos

Que só o olfato os ouve definidos!

Audível sexo, corpos repetidos,

Gosto salgado em curvas sem segredos

A que outras acres e secretas – ledos,

Tranquilos, finos, ásperos rangidos –

Se ligam, mancha a mancha, lentamente...

Perfume túrgido, macio, tépido,

Sequioso de mão gélida e tremente...

Vago arrepio que se escoia lépido

Por sobre os tensos corpos tão fingidos...

Ó doce perspicácia dos sentidos!

[5]

AS EVIDÊNCIAS

II

Desta vergonha de existir ouvindo,
Amordaçado, as vãs palavras belas,
Por repetidas quanto mais traindo
Tornadas vácuas da beleza delas;

Desta vergonha de viver mentindo
Só porque escuto o que dizeis com elas;
Desta vergonha de assistir medindo
Por elas as injúrias por trás delas

Ao mesmo sangue com que foram feitas,
Ao suor e ao sêmen por que são eleitas
E à simples morte de chegar-se ao fim;

Desta vergonha inominável grito
A própria vida com que às coisas fito:
Calai-vos, ímpios, que jurais por mim!

VIII

Amo-te muito, meu amor, e tanto
Que, ao ter-te, amo-te mais, e mais ainda
Depois de ter-te, meu amor. Não finda
Com o próprio amor o amor do teu encanto.

Que encanto é o teu? Se continua enquanto
Sofro a traição dos que, viscosos, prendem,
Por uma paz da guerra a que se vendem,
A pura liberdade do meu canto,

Um cântico da terra e do seu povo,
Nesta invenção da humanidade inteira
Que a cada instante há que inventar de novo,

Tão quase é coisa ou sucessão que passa...
Que encanto é o teu? Deitado à tua beira,
Sei que se rasga, eterno, o véu da Graça.

XI

Marinha poussa a névoa iluminada,
E dentro dela os pássaros cantando
São crepitar das ondas doce e brando
Na fímbria oculta e só adivinhada.

Verdes ao longe os montes na dourada
Encosta pelos tempos deslizando,
Suspensos pairam no frescor de quando
Eram da sombra a forma congelada.

Ao pé de mim respiras. No teu seio,
Como nas grutas fundas e sombrias
Os animais pintados adormecem,

Sereno seca um amoroso veio.

Um após outro hão-de secar-se os dias
Na teia tênue que das eras tecem.

XXI

Cendrada luz enegrecendo o dia,
Tão pálida nos longes dos telhados!
Para escrever mal vejo, e todavia
A dor libérrima que a mão me guia
Essa me vê, conforta meus cuidados.

Ao fim terrível que me espera extenso,
Nenhum conforto poderei pedir.
Da liberdade o desdobrado lenço
Meu rosto cobrirá. Nem sei se penso

Ou pensarei quando de mim fugir.

Perdem-se as letras. Noite, meu amor,

Ó minha vida, eu nunca disse nada.

Por nós, por ti, por mim, falou a dor.

E a dor é evidente – libertada.

[6]

“QUEM MUITO VIU...”

Quem muito viu, sofreu, passou trabalhos,

Mágoas, humilhações, tristes surpresas;

E foi traído, e foi roubado, e foi

Privado em extremo da justiça justa;

E andou terras e gentes, conheceu

Os mundos e submundos; e viveu

Dentro de si o amor de ter criado;

Quem tudo leu e amou, quem tudo foi –

Não sabe nada, nem triunfar lhe cabe

Em sorte como a todos os que vivem.

Apenas não viver lhe dava tudo.

Inquieto e franco, altivo e carinhoso,

Será sempre sem pátria. E a própria morte,

Quando o buscar, há-de encontrá-lo morto.

[7]

SONETO AINDA QUE NÃO

Como quando indiscreto às coisas me insinuo

E de infinito amor lhes dou sentido

Que de mim próprio é voz e precisão

De ser um ser que sendo as reconhece,

Me vejo ambíguo e distraído e firme

Na vã presciência que, rememorada,
É como um estar por sempre ininterrupto,
Aliciando humanamente as coisas.

Mas, meu amor, por ti tudo contemplo.
Por ti penetro como em ti em tudo
E torno realidade este fortuito
Encontro permanente de que vivo.
Se noutra mundo fora que existisses,
Eu te criara neste e às minhas coisas.

[8]

O TER E O DAR

Não me peças, ó vida, o que não dás.
Se o que sempre pedi nunca me deste,
E ao que não me atrevera tu trouxeste
Às minhas mãos sem jeito de o conter.

Para que pedes o que não me dás?
Se nada tenho do que desejara
E tenho tanto por que não esperara,
Como hei-de dar-te, sem jamais saber
Que meu foi teu, que teu foi meu, que nosso
Foi só de empréstimo, como hei-de ou posso,
Entre o que tenho, decidir e dar?

E como ao que não tenho hei-de perder,
Pelo que me darias a escolher
Como se fora tempo de acabar?

[9]

GLOSA DE GUIDO CAVALCANTI

“Perchi’l’no spero di tornar giammai”

Porque não espero de jamais voltar
À terra em que nasci; porque não espero,
Ainda que volte, de encontrá-la pronta
A conhecer-me como agora sei
Que eu a conheço; porque não espero
Sofrer saudades, ou perder a conta
Dos dias que vivi sem a lembrar;
Porque não espero nada, e morrerei
No exílio sempre, mas fiel ao mundo,
Já que de outro nenhum morro exilado;
Porque não espero, do meu poço fundo,
Olhar o céu e ver mais que azulado
Esse ar que ainda respiro, esse ar imundo
Por quantos que me ignoram respirado;
Porque não espero, espero contentado.

[10]

SETE SONETOS DA VISÃO PERPÉTUA

I

Anos sem fim, à luz do mar aceso,
Te vi nudez quase total, tão grácil
Figura juvenil, ambígua e fácil,
E ao longe às vezes totalmente nua
Em só relance de malícia crua.
Tudo isso me atraía e me afastava,
Embora a vida, retornando escrava,
A teus lugares me tivesse preso.
E quase sempre então tua figura,
Sentada estátua, ou falsa sesta impura,

Lá era, ao sol, o tempo congelado.
Hoje, subitamente, tu não viste
Ninguém senão o meu olhar quebrado,
E com lenta inocência te despiste.
Mas quantas rugas no sorriso ansiado!

II

Como velhice esta agonia desce
Ao fundo em que me encontro só comigo.
E quanto amor trocara então contigo
Enfim te dando o que sonhara em anos
Se torna apenas máscara de enganos
Com que te aceito, como amor antigo,
Esse momento de ansiedade e perigo
Que no teu rosto as rugas te recresce.
Tu sabes que de perto a juventude
Se te queimou no acaso das entregas;
E quanto risco a tua imagem corre
Quando não está tão longe que me ilude,
Nem já tão perto que de ciência chegas
A presumir a graça que não morre.
Mas, porque sabes, tua graça negas.

III

Não mais! Não mais! Que eu esqueça que te tive,
E tu me esqueças debruçado em ti!
Que tudo seja como outrora eu vi:
Uma figura ao longe recortada,
E fina e esbelta, ou suave e alongada,
Não tão distante que me não entendas,

Nem tão perto de mim que tu me vendas,
No mesmo corpo belo, o que não vive
Nesse teu rosto ou sob a tua pele:
Uma malícia esplêndida, capaz
De se entregar violenta quando a impele,
Sem mais que orgulho, a força juvenil.
Assim será que, em mim, teu corpo jaz.
E sem nos lábios o sorriso vil.
Mas como há-de teu corpo em mim ter paz?

IV

O que teu corpo foi, não imaginas:
A juventude, a força, a agilidade,
A fantasia obscena, a intensidade
Com que dos gestos se constrói prazer.
Mas isso ele foi em sonhos. Hei-de ver
Teu corpo assim, ou como o possuí?
Ou hei-de vê-lo como ao longe o vi?
Ou como estátua, em lixo de ruínas?
Jacente dormirá, estendida e pura?
Mas como dormirá, se em mim não dorme
O tempo que a teu rosto ainda tritura?
Como nos mata esta velhice enorme!
Que vinha vindo entre nós dois, tão dura,
Que melhor fora te tornar informe...
Ou sombra dúbia pela noite escura.

V

No claro dia, passas lentamente,
Fingindo não me ver. Será que tu

Sentiste quanto no teu corpo nu
Não encontrei, menos que a tua, a minha
Memória de ser jovem? Adivinha
A tua carne mais que o meu olhar-te?
A quem tanto viveu de contemplar-te
Te dói de te haver's dado ansiosamente?
E, à luz do mar, ao longe, te recortas.
Vejo que fluem para ti, já mortas,
Quantas imagens te criei, tão vivas!
De mais te contemplei sem possuir-te,
Sem proibir ao tempo o destruir-te
Em rápidas volúpias esquivas.
Já não desejo mais do que sorrir-te.

VI

E, todavia, eu não quisera amar-te.
Mas ter-te, sim, de todas as maneiras.
Quem és e como és, de quem te abeirás,
Que dizes ou não dizes, pouco importa.
E muito menos hoje me conforta.
Neste sorriso que te dou tranquilo,
Eu ponho num remorso tudo aquilo
Que em fundo amor eu te pudera dar-te,
Se alguma vez te amasse de amor fundo.
Senta-te à luz do mar, à luz do mundo,
Como na vez primeira em que te vi,
Tão jovem, que era crime o contemplar-te.
E despe-te outra vez, pois vem olhar-te
Quantos te buscam de saber-te aqui.

Sendo um de tantos, nunca te perdi.

VII

E olhei-te por mais tempo. Ainda hei-de olhar-te,
Quando, acabados teus lugares, partires,
Deixando no ar o espaço de fingires
A graça juvenil que eu devorei,

Ano após ano, e em meu olhar tomei
De todos que te tinham sem te ver.

Ainda hei-de olhar-te, se, quando morrer,
Puder voltar aqui, a procurar-te

No espaço que deixaste. Mas não te amo,
Não te amei nunca, e nunca te amarei.
Não se ama nunca a quem olhamos tanto.

Nem se deseja. Quanto por ti clamo,
Neste silêncio em que de ti fiquei,
Não é senão o libertar do encanto

Que foste ao longe, à luz do mar aceso.
E à luz que te recorta é que estou preso.

Sophia de Mello Breyner Andresen

(1919 2004)

Nascida no Porto em 1919, passou a viver em Lisboa, onde iniciou seus estudos filológicos, casou-se e teve cinco filhos. Publicou os primeiros versos em 1940, continuando a publicar poesia e prosa – contos, histórias para crianças, artigos, ensaios e teatro. Excelente tradutora, inclusive de clássicos. No breve, mas altamente expressivo e profundo julgamento que faz da sua obra, mais centrado nos poemas, diz Jorge de Sena: “A sua contenção de tom, a sua discreta fluidez, a simplicidade muito pura da expressão, qualidades suas das melhores, enganam quanto à energia, no entanto tão feminina, que os seus poemas contêm, sob um paganismo ideal e visionário, cujas contradições se descobrem e afinam na capacidade de dramático desdobramento objetivo da temática e da dicção.” Assim, podemos afirmar que Sophia foi uma das maiores poetisas de Portugal.



[1]

EM TODOS OS JARDINS

Em todos os jardins hei-de florir,
Em todos beberei a lua cheia,
Quando enfim no meu fim eu possuir
Todas as praias onde o mar ondeia.

Um dia serei eu o mar e a areia,
A tudo quanto existe me hei-de unir,
E o meu sangue arrasta em cada veia

Esse abraço que um dia se há-de abrir.

Então receberei no meu desejo
Todo o fogo que habita na floresta
Conhecido por mim como num beijo.

Então serei o ritmo das paisagens,
A secreta abundância dessa festa
Que eu via prometida nas imagens.

[2]

SINAL DE TI

I

Não darei o Teu nome à minha sede
De possuir os céus azuis sem fim,
Nem à vertigem súbita em que morro
Quando o vento da noite me atravessa.

Não darei o Teu nome à limpidez
De certas horas puras que perdi,
Nem às imagens de oiro que imagino
Nem a nenhuma coisa que sonhei.

Pois tudo isso é só a minha vida,
Exalação da terra, flor da terra,
Fruto pesado, leite e sabor.

Mesmo no azul extremo da distância,
Lá onde as cores todas se dissolvem,
O que me chama é só a minha vida.

[3]

KASSANDRA

Homens, barcos, batalhas e poentes,

Não sei quem, não sei onde, delirava.
E o futuro vermelho transbordava
Através das pupilas transparentes.
Ó dia de ouro sobre as coisas quentes,
Os rostos tinham almas que mudavam,
E as aves estrangeiras trespassavam
As minhas mãos abertas e presentes.
Houve instantes de força e de verdade –
Era o cantar de um deus que me embalava
Enchendo o céu de sol e de saudade.
Mas não deteve a lei que me levava,
Perdida sem saber se caminhava
Entre os deuses ou entre a humanidade.

[4]

CATILINA

Eu sou o solitário e nunca minto.
Rasguei toda a vaidade tira a tira
E caminho sem medo e sem mentira
À luz crepuscular do meu instinto.
De tudo desligado, livre sinto
Cada coisa vibrar como uma lira,
Eu – coisa sem nome em que respira
Toda a inquietação dum deus extinto.
Sou a seta lançada em pleno espaço
E tenho de cumprir o meu impulso,
Sou aquele que venho e logo passo.
E o coração batendo no meu pulso
Despedaçou a forma do meu braço

Pr' além do nó de angústia mais convulso.

[5]

SONETO À MANEIRA DE CAMÕES

Esperança e desespero de alimento
Me servem neste dia em que te espero
E já não sei se quero ou se não quero
Tão longe de razões é meu tormento.

Mas como usar amor de entendimento?
Daquilo que te peço desespero
Ainda que mo dês – pois o que eu quero
Ninguém o dá senão por um momento.

Mas como és belo, amor, de não durares,
De ser tão breve e fundo o teu engano,
E de eu te possuir sem tu te dares.

Amor perfeito dado a um ser humano:
Também morre o florir de mil pomares
E se quebram as ondas no oceano.

[6]

SONETO DE EURYDICE

Eurydice perdida que no cheiro
E nas vozes do mar procura Orpheu:
Ausência que povoa terra e céu
E cobre de silêncio o mundo inteiro.

Assim bebi manhãs de nevoeiro
E deixei de estar viva e de ser eu
Em procura de um rosto que era o meu
O meu rosto secreto e verdadeiro.

Porém nem nas marés nem na miragem

Eu te encontrei. Erguia-se somente
O rosto liso e puro da paisagem.

E devagar tornei-me transparente
Como morta nascida à tua imagem
E no mundo perdida esterilmente.

[7]

AS TRÊS PARCAS

As três Parcas que tecem os errados
Caminhos onde a rir atraçoamos
O puro tempo onde jamais chegamos
As três Parcas conhecem os maus fados.

Por nós elas esperam nos trocados
Caminhos onde cegos nos trocamos
Por alguém que não somos nem amamos
Mas que presos nos leva e dominados.

E nunca mais o doce vento aéreo
Nos levará ao mundo desejado
E nunca mais o rosto do mistério

Será o nosso rosto conquistado
Nem nos darão os deuses o império
Que à nossa espera tinham inventado.

[8]

PORQUE

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para comprar o que não tem perdão.

Porque os outros tem medo mas tu não.

Porque os outros são os túmulos caiados

Onde germina calada a podridão.
Porque os outros se calam mas tu não.
Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo.
Porque os outros são hábeis mas tu não.
Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mão dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não.

[9]

CORPO

Corpo serenamente construído
Para uma vida que depois se perde
Em fúria e em desencontro vivido
Contra a pureza inteira dos teus ombros.

Pudesse eu reter-te no espelho
Ausente e mudo a todo outro convívio
Reter o claro nó dos teus joelhos
Que vão rasgando o vidro dos espelhos.

Pudesse eu reter-te nessas tardes
Que desenhavam a linha dos teus flancos
Rodeados pelo ar agradecido.

Corpo brilhante de nudez intensa
Por sucessivas ondas construído
Em colunas assente como um templo.

[10]

RESSURGIREMOS

Ressurgiremos ainda sob os muros de Cnossos
E em Delphos centro do mundo

Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta

Ressurgiremos ali onde as palavras

São o nome das coisas

E onde são claros e vivos os contornos

Na aguda luz de Creta

Ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo

São o reino do homem

Ressurgiremos para olhar para a terra de frente

Na luz limpa de Creta

Pois convém tornar claro o coração do homem

E erguer a negra exatidão da cruz

Na luz branca de Creta.

Carlos de Oliveira

(1921 1981)

Nasceu em Belém do Pará, no Brasil, de pais portugueses, cedo retornando a Portugal, onde se licenciou em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra. Pertenceu ao Grupo Neo-Realista Coimbrão. Repartido entre a poesia e o romance, tendo organizado, com José Gomes Ferreira, uma coletânea de contos tradicionais portugueses, inseriu-se numa linha que o avizinhava de Afonso Duarte e Miguel Torga. Jorge de Sena aproxima-o de Camilo Castelo Branco, de um lado pelo seu ruralismo arcaizante, de outro, por um visionarismo sonhador que, na sua poesia, “se se alimentou de um discreto folclorismo, atingiu por vezes uma quinhentista dignidade de expressão”. Suas obras mostram um progressivo esforço de renovação da linguagem poética, fugindo à retórica de décadas anteriores, mantendo-se, porém, fiel a si próprio.



[1]

SONETO CASTELHANO DE CAMÕES

Onde estão esses olhos que arrastada

A alma me levavam e prendiam?

Onde estão essas faces que venciam

As pétalas da rosa mais rosada?

Onde está essa boca constelada

De dentes que só neve pareciam?

Os cabelos que oiro escureciam

Onde estão? E a mão tão delicada?

Ó toda linda, onde estarás agora

Que te não posso ver e o meu desejo
De ver-te me dá morte a cada hora?
Que devaneio o meu, bem entrevejo
Que é na minh'alma que tu estás, senhora,
E pergunto: onde estás que não te vejo?

[2]

SONETO DA CHUVA

Quantas vezes chorou no teu regaço
A minha infância, terra que eu pisei:
Aqueles versos de água onde os direi,
Cansado como vou do teu cansaço?
Virá abril de novo, até a tua
Memória se fartar das mesmas flores
Numa última órbita em que fores
Carregada de cinza como a lua.
Porque bebes as dores que me são dadas,
Desfeito é já no vosso próprio frio
Meu coração, visões abandonadas.
Deixem chover as lágrimas que eu crio:
Menos que chuva e lama nas estradas
És tu, poesia, meu amargo rio.

José Saramago

(1922 2010)

Nascido em Azinhaga, filho e neto de camponeses sem terra, não completou seus estudos por dificuldades financeiras. Publicou seu primeiro livro, o romance *Terra do pecado*, em 1947. Em 1966, publica *Os poemas possíveis*, livro que marca sua volta à literatura. A respeito deste, diz Jorge de Sena em suas *Líricas portuguesas*: “Lirismo ao mesmo tempo abstrato e concreto, na linha do melhor erotismo, perpassa-o uma lúcida agonia das circunstâncias vitais e da frustração atual, em que certa tradicionalidade da linguagem poética adquire pessoal e por vezes intenso tom.” A este livro seguiu-se, em 1970, outra coletânea poética, *Provavelmente alegria*. Muitíssimo mais numerosa e conhecida é sua obra em prosa, consistindo em romances intrigantes que provocam no leitor uma surpresa inicial que se mantém até ao fim. Em 1998 recebe o Prêmio Nobel de Literatura, o primeiro concedido a autor de língua portuguesa.



[1]

SONETO ATRASADO

De Marília os sinais aqui ficaram,
Que tudo são sinais de ter passado:
Se de flores vejo o chão atapetado,
Foi que do chão seus pés as levantaram.

Do riso de Marília se formaram
Os cantos que escuto deleitado,
E as águas correntes neste prado
Dos olhos de Marília é que brotaram.

O seu rasto seguindo, vou andando,
Ora sentindo dor, ora alegria,
Entre uma e outra a vida partilhando:
Mas quando o sol se esconde, a noite fria
Sobre mim desce, e logo, miserando,
Após Marília corro, após o dia.

[2]

CORPO

Talvez atrás dos olhos, quando abertos,
Uma cinzenta luz de madrugada
Ou vago sol oculto entre névoa.

O resto é escuridão, onde se esconde,
Entre colunas de ossos e arcadas,
Como animais viscosos, palpitando,
A soturna cegueira das entranhas.

O resto se compõe de fundas grutas,
De abismos insondáveis que demonstram,
Ao compasso do sangue e da memória,
As medidas do tempo irrecusado.

Tudo tão pouco e tanto quando, lenta,
Na penumbra dos olhos se desenha
A lembrança dum corpo retirado.

[3]

CAMINHO

Há mentiras de mais e compromissos
(Poemas são palavras recompostas)
E por tantas perguntas sem respostas
Mascara-se a verdade com posições.

Não é vida, nem sombra, nem razão,
É jaula de doidice furiosa,
Eriçada de gritos, angulosa,
Com estilhaços de vidro pelo chão.

É carrego de mais esta jornada
E protestos não servem, nem suores,
Já mordidos os membros de tremores,
Já vencida a bandeira e arrastada.

Depois se me apagaram os amores
Que a viagem fizeram desejada.

[4]

“LÁ NO CENTRO DO MAR”

Lá no centro do mar, lá nos confins
Onde nascem os ventos, onde o sol
Sobre as águas doiradas se demora;
Lá no espaço das fontes e verduras,
Dos brandos animais, da terra virgem,
Onde cantam as aves naturais:
Meu amor, minha ilha descoberta,
É de longe, da vida naufragada,
Que descanso nas praias do teu ventre,
Enquanto lentamente as mãos do vento,
Ao passar sobre o peito e as colinas,
Erguem ondas de fogo em movimento.

Eugénio de Andrade

(1923 2005)

Nascido em Póvoa do Atalaia, fez estudos secundários em Coimbra. Viveu em Lisboa, Coimbra e Porto. Colaborou em *Seara Nova*, *Cadernos de Poesia*, *Vértice*, *Mundo Literário* e outros. Óscar Lopes, em estudo sobre a obra do poeta, diz que sua “poesia vem da sensibilidade rural, que, aliás, neste país, ainda hoje nos cobre a todos no seu bafo: respira um *céu de camponeses*” e a caracteriza “como uma espécie de música, em que as próprias imagens, metáforas ou conotações verbais apenas entram como valores de composição, digamos que como notas integradas numa espécie de estruturas tonais, modais, seriais”. Já Jorge de Sena, em suas *Líricas portuguesas*, ao apresentá-lo, diz ser ele, “incontestavelmente, pela força lírica, pela ciência e a originalidade da forma, por uma sensualidade muito pura e franca, um dos mais notáveis poetas contemporâneos.”



[1]

AS MÃOS E OS FRUTOS

XXV

Shelley sem anjos e sem pureza,
Aqui estou à tua espera nesta praça,
Onde não há pombos mansos mas tristeza
E uma fonte por onde a água já não passa.
Das árvores não te falo pois estão nuas;
Das casas não vale a pena porque estão
Gastas pelo relógio e pelas luas
E pelos olhos de quem espera em vão.

De mim podia falar-te, mas não sei
Que dizer-te desta história de maneira
Que te pareça natural a minha voz.
Só sei que passo aqui a tarde inteira
Tecendo estes versos e a noite
Que te há-de trazer e nos há-de deixar sós.

[2]

SONETO

Amor desta tarde que arrefeceu
As mãos e os olhos que te dei;
Amor exato, vivo, desenhado
A fogo, onde eu próprio me queimei;
Amor que me destrói e destruiu
A fria arquitetura desta tarde
– só a ti canto, que nem eu já sei
Outra forma de ser e de encontrar-me.
Só a ti canto que não há razão
Para que o frio que me queima os olhos
Me trespassse e me suba ao coração;
Só a ti canto, que não há desastre
De onde não possa ainda erguer-me
Para encontrar de novo a tua face.

[3]

SONETO MENOR À CHEGADA DO VERÃO

Eis como o verão
Chega de súbito,
Com seus potros fulvos,
Seus dentes miúdos,

Seus múltiplos, longos
Corredores de cal,
As paredes nuas,
A luz de metal,
Seu dardo mais puro
Cravado na terra,
Cobras que despertam
No silêncio duro –
Eis como o verão
Entra no poema.

David Mourão-Ferreira

(1927 1996)

Nasceu em Lisboa, em cuja Universidade se licenciou, em Filologia Românica, nela tendo seguido a carreira do magistério. Autor também de ficção e teatro, colaborou em revistas e jornais, tais como *Távola Redonda* e *Graal*. Exerceu ainda a crítica de poesia. Em suas *Líricas portuguesas* o inclui Jorge de Sena, qualificando com justeza a sua poesia: “tem uma maestria técnica e uma desenvoltura irônica [...] que justamente o destacam e à sua poesia mais ou menos restrita a uma inspiração tradicionalisticamente erótica, pelo fino sentido de uma modernidade discreta, em que o quotidiano e a fantasia se equilibram numa grande segurança de tom, que é do melhor quilate”. São notáveis os poemas que escreveu para serem cantados por Amália Rodrigues, dos quais o que ficou mais conhecido no Brasil é, merecidamente, “Barco Negro”.



[1]

ÚLTIMA FACE

A Noite já não é aquela estrada,
Com uma inquietação em cada muro.
Rosto lunar, vulgar fruto maduro,
A tua face branca e transtornada,
De tão distante e fria, não é nada...
(Mas ilumina as faces que eu procuro...)
Contudo, sei que há-de tombar do escuro
A face apetecida e desejada!
É de mulher? Será... E traz um véu

Que vela, em sonho, tudo que perdeu
A minha adolescência já perdida...

Ah! não lhe peças nada, carne ansiosa!
Que ao menos seja essa velada rosa
Casta! – como não foi a tua vida.

[2]

COUSAS DO MAR

“... *as perigosas / cousas do Mar...*” *Camões, Lusíadas, V, 16.*

Corpo de nuvem que do Mar saída,
Volvida em chuva para o Mar voltou,
Quem te arrancou de mim? Quem te deu vida,
Corpo que do meu corpo se arrancou?

Já foste, não sei quando, despedida.
Quem, para mim, de novo te arrastou?
E quem te esparge, em vozes diluída,
Corpo de nuvem, neste Mar que eu sou?

Mas a carne que escorre de repente
Da bátega dos sons é tão ardente
Que de repente o próprio Mar flutua,
Sobre si mesmo volve e ao céu ascende,
– pois só no céu, no céu é que se prende
O vulto de uma nívea nuvem nua!

[3]

SONETO DO CATIVO

Se é sem dúvida Amor esta explosão
De tantas sensações contraditórias;
A sórdida mistura das memórias,
Tão longe da verdade e da invenção;

O espelho deformante; a profusão
De frases insensatas, incensórias;
A cúmplice partilha nas histórias
Do que os outros dirão ou não dirão;
Se é sem dúvida Amor a cobardia
De buscar nos lençóis a mais sombria
Razão de encantamento e de desprezo;
Não há dúvida, Amor, que te não fujo
E que, por ti, tão cego, surdo e sujo,
Tenho vivido eternamente preso!

[4]

TERNURA

Desvio dos teus ombros o lençol,
Que é feito de ternura amarrotada,
Da frescura que vem depois do sol,
Quando depois do sol não vem mais nada...

Olho a roupa no chão: que tempestade!
Há restos de ternura pelo meio,
Como vultos perdidos na cidade
Onde uma tempestade sobreveio...

Começas a vestir-te, lentamente,
E é ternura também que vou vestindo,
Para enfrentar lá fora aquela gente
Que da nossa ternura anda sorrindo...

Mas ninguém sonha a pressa com que nós
A despimos assim que estamos sós!

[5]

NOTURNO

Eram, na rua, passos de mulher.
Era o meu coração que os soletrava.
Era, na jarra, além do malmequer,
Espectral o espinho de uma rosa brava...
Era, no copo, além do gin, o gelo;
Além do gelo, a roda de limão...
Era a mão de ninguém no meu cabelo.
Era a noite mais quente deste verão.
Era, no gira-discos, o “Martírio
De São Sebastião”, de Debussy...
Era, na jarra, de repente, um lírio!
Era a suspeita de ficar sem ti.
Era o ladrar dos cães na vizinhança.
Era, também, um choro de criança...

[6]

HERANÇA

Ouvir, ouvir de noite uma ambulância,
E desejar que estejas a morrer;
Fechar a porta à minha própria infância;
Amigos, conhecidos, nem os ver;
Quebrar nas mãos o aro da esperança;
Mas de mim para mim depois dizer:
“Calma! Quem nada espera tudo alcança...”;
E guardar o revólver; e beber,
A sós, o vinho que na taça baste
A recompor-te, viva, na distância:
Isto foi, como herança, o que deixaste.
E ainda o mais que não te quis dizer:

Ouvir, ouvir de noite uma ambulância,
E desejar ser eu quem vai morrer...

[7]

PARAÍSO

Deixa ficar comigo a madrugada,
Para que a luz do Sol me não constanja.
Numa taça de sombra estilhaçada,
Deita sumo de lua e de laranja.

Arranja uma pianola, um disco, um posto,
Onde eu ouça o estertor de uma gaivota...
Crepite, em derredor, o Mar de Agosto...
E o outro cheiro, o teu, à minha volta!

Depois, podes partir. Só te aconselho
Que acendas, para tudo ser perfeito,
À cabeceira a luz do teu joelho,
Entre os lençóis o lume do teu peito...

Podes partir. De nada mais preciso
Para a minha ilusão do Paraíso.

[8]

CASA

Tentei fugir da mancha mais escura
Que existe no teu corpo, e desisti.
Era pior que a morte o que antevi:
Era a dor de ficar sem sepultura.

Bebi entre os teus flancos a loucura
De não poder viver longe de ti:
És a sombra da casa onde nasci,
És a noite que à noite me procura.

Só por dentro de ti há corredores
E em quartos interiores o cheiro a fruta
Que veste de frescura a escuridão...

Só por dentro de ti rebentam flores.
Só por dentro de ti a noite escuta
O que sem voz me sai do coração.

[9]

PRESÍDIO

Nem todo o corpo é carne... Não, nem todo.
Que dizer do pescoço, às vezes mármore,
Às vezes linho, lago, tronco de árvore,
Nuvem, ou ave, ao tato sempre pouco...?

E o ventre, inconsistente como o lodo?...
E o morno gradeamento dos teus braços?
Não, meu amor... Nem todo o corpo é carne:
É também água, terra, vento, fogo...

É sobretudo sombra à despedida,
Onda de pedra em cada reencontro;
No parque da memória o fugidio
Vulto da Primavera em pleno Outuno...
Nem só de carne é feito este presídio,
Pois no teu corpo existe o mundo todo!

[10]

ILHA

Deitada és uma ilha E raramente
Surgem ilhas no mar tão alongadas
Com tão prometedoras enseadas
Um só bosque no meio fluorescente

Promontórios a pique e de repente
Na luz de duas gêmeas madrugadas
O fulgor das colinas acordadas
O pasmo da planície adolescente
Deitada és uma ilha Que percorro
Descobrimdo-lhe as zonas mais sombrias
Mas nem sabes se grito por socorro
Ou se te mostro só que me inebrias
Amiga amor amante amada eu morro
Da vida que me dás todos os dias

Ensaio

DE

Cleonice Berardinelli



“ESTE AMOR QUE VOS TENHO, LIMPO E PURO”⁵⁵

É este o amor que, de preferência, se canta na lírica camoniana da medida nova, o amor quase sempre inatingível “Corro após este bem, que não se alcança” (*Rh*, 43)⁵⁶, fonte de sofrimento que se renova sem cessar “a dor de ver as mágoas que passara, / Tenho pola mor mágoa que passei” (*Ri*, 3), não mostrando ao amante “ũ’hora em que vivesse alegremente” (*Ri*, 98). O Poeta lamenta-se, clama contra sua desdita, mas prefere a prisão do amor à liberdade “Do tempo que fui livre m’arrependo” (*Ri*, 77); reconhecendo que as graças da mulher amada o aprisionam, compara-se ao preso que “Seu mal ao som dos ferros vai cantando” (*DF2*, 19). Está tão habituado à dor, que “Não o magoa a pena, nem o espanta, / Que mal se estranhará o costumado” (*Ri*, 85).

Camões raramente busca no amor a correspondência gratificante; fá-lo em poucos poemas cujo tema é o *carpe diem*, tão presente no lirismo renascentista, mas quase ausente da lírica portuguesa da mesma época, incluída a camoniana. Originado num verso de Horácio em que o poeta, dirigindo-se a uma mulher, diz:

*Seu plures hiemes seu tribuit Juppiter ultimam,
Quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare
Tyrrhenum, sapias, vina liques et spatio brevi
Spem longam reseces! Dum loquimur, fugerit invida
Aetas; carpe diem quam minimum credula postero.* (*Odes*, I, 11)⁵⁷

o *topos* aparece com expressão diversa “*Collige, virgo, rosas*”, num outro poeta latino do século IV, Ausônio, autor de *Idílio das rosas*, que se fecha pelo conselho dado a uma moça: “Jovem, colhe as rosas enquanto sua flor é nova e nova tua juventude, lembra-te de que vais passar tão rapidamente quanto ela.”⁵⁸

Bastante frequente na poesia francesa do século XVI, este *topos* terá talvez o mais inspirado exemplo de seu emprego no belíssimo soneto de Ronsard a Helena, “*Quand vous serez bien vieille, au soir, à la chandelle*”⁵⁹, em que, mais agressivo que os poetas latinos, o francês procura convencer a amada a viver o momento presente, assustando-a com a previsão da velhice solitária, apenas acompanhada por uma velha criada, quando ele já estará “*sous la terre, et fantôme sans os*”⁶⁰ e ela, “*au foyer une vieille accroupie*”⁶¹ arrependida de ter desdenhado o seu fiel amor. Bem melhor será atender ao seu apelo: “*Vivez, si m’en croyez, n’attendez à demain: / Cueillez dès aujourd’hui les roses de la vie.*”⁶² Vinte e cinco anos antes, em pequenina ode à primeira grande inspiradora, Cassandre, ele dera o mesmo conselho, em graciosos octossílabos, mas com menos força de persuasão: “*Cueillez, cueillez votre jeunesse: / Comme à cette fleur, la vieillesse / Fera ternir votre beauté.*”⁶³

Raro embora, como se disse atrás, encontra-se encantadoramente expresso em Camões no soneto “Está-se a primavera trasladando”, em que diz à amada:

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta,
Nas lindas faces, olhos, boca e testa,
Boninas, lírios, rosas debuxando.
De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto pode manifesta,
Que o monte, o campo, o rio e a floresta

Se estão de vós, senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruto destas flores,
Perderão toda a graça vossos olhos.

Porque pouco aproveita, linda dama,
Que semeasse Amor em vós amores,
Se vossa condição produz abrolhos. (*Rh*, [23])

Veja-se que, embora siga *lato sensu* o caminho já percorrido por antigos e contemporâneos, o Poeta cria a sua própria trilha. Nos quartetos, falava em várias flores, mas estas não estavam nos seus espaços habituais: trasladadas pela natureza para ela, para suas “faces, olhos, boca e testa”, enamoravam “o monte, o campo, o rio e a floresta.” Não são, pois, as flores apenas um comparante, senão parte integrante da mulher e, diversas das outras, darão fruto a ser colhido pelo amante, se ela o permitir; se não, ameaça-a ele, seus olhos perderão toda a graça. Não há muito, porém, a esperar de alguém que, como um terreno áspero, mesmo recebendo a semente do amor, só produz abrolhos. Não há aqui, portanto, o conselho a que aproveite o momento; há a expressão da desconfiança de que possa fazê-lo, dada a dureza da sua condição, o que não deixa de ser uma espécie de desafio a que o faça.

Mais próximo de Ronsard está nosso Poeta no soneto “Se as penas com que Amor tão mal me trata” – todo dirigido à sua senhora – muito bem estruturado: nos dois quartetos, as duas condições – “Se as penas com que Amor tão mal me trata” e “se o tempo, que tudo desbarata” –, nos dois tercetos, o que acontecerá se as hipóteses se tornarem realidade.

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Quiser que tanto tempo viva delas,
Que veja escuro o lume das estrelas,
Em cuja vista o meu se acende e mata;
E se o tempo, que tudo desbarata,

Secar as frescas rosas sem colhê-las,
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata;
Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança:
Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arreponder minha vingança. (*Rh*, 54)

Se Amor quiser que as penas por ele infligidas permitam que o Poeta viva o bastante para chegar a ver apagado o brilho dos olhos⁶⁴ da amada; se o tempo destruidor secar as rosas das suas faces sem as colher⁶⁵, se embranquecer os seus cabelos, ela verá também mudada a sua aspereza, quando já de nada lhe valerá ter mudado. Será para o Poeta o momento da vingança. E pergunta-se (-lhe) o leitor: “De que lhe valerá essa vingança?”

Poeta do amor irrealizado ou do que, realizado, não dura, porque o apartamento, temporário ou definitivo, tira a amada de seus braços, tenta contentar-se com “o gosto de ser triste” (*Rh*, fo. 40 v) ou de saber que seu sofrimento é lenitivo para outros amantes. Nenhum poema o dirá melhor do que o seguinte soneto:

Pois meus olhos não cansam de chorar
Tristezas que não cansam de cansar-me,
Pois não abranda o fogo em que abrasar-me
Pôde quem eu jamais pude abrandar,
Não canse o cego Amor de me guiar
A parte donde não saiba tornar-me,
Nem deixe o mundo todo de escutar-me
Enquanto me a voz fraca não deixar.

E se em montes, rios, ou em vales,
Piedade mora, ou dentro mora amor
Em feras, aves, plantas, pedras, águas,
Ouçam a longa história de meus males
E curem sua dor com minha dor,
Que grandes mágoas podem curar mágoas. (*Rh*, 65)

Soneto maneirista dos mais bem realizados pelo lúdico jogo de palavras: o mesmo verbo no mesmo ou em mais de um tempo verbal e com sujeitos diversos – “meus olhos não cansam”, “tristezas que não cansam de cansar-me”, “não abranda o fogo”, “eu jamais pude abrandar”, “piedade mora, ou dentro mora amor” –, ou o mesmo substantivo referido a mais de um possuidor – “curem sua dor com minha dor” –, e substituído por um quase sinônimo, tomado em sentido amplo – “grandes mágoas podem curar mágoas”.

Esses são os consolos do sujeito lírico. Mas há as exceções em que vem à tona o Poeta feito “de carne e de sentidos”, aquele que cria n’*Os Lusíadas* a Ilha dos Amores e a súplica de Vênus a Júpiter. Não com o mesmo desnudamento dos sentidos (ou do corpo), que a ação mitológica autorizava, mas com bastante realismo, o Poeta aborda o tema do desejo em alguns de seus poemas, dos quais destacamos o soneto “Pede o desejo, Dama, que vos veja” (*Rh*, 26), e as canções “Fermosa e gentil dama, quando vejo” (*Rh*, I) e “A instabilidade da Fortuna” (*Rh*, II).

No soneto, um dos mais belos de Camões, o desejo é de ver a Senhora: não apenas contemplá-la “dentro na [sua] alma” (“Dai-me ãa lei, senhora, de querer-vos”, *Rh*, 66), mas vê-la, o que implica um contato sensorial, seja ele apenas o da visão⁶⁶:

Pede⁶⁷ o desejo, Dama, que vos veja;
Não entende o que pede, está enganado;
É este amor tão fino e tão delgado,

Que quem o tem não sabe o que deseja.

Não há cousa a qual natural seja,
Que não queira perpétuo seu estado;
Não quer, logo, o desejo o desejado,
Porque não falte nunca onde sobeja.

Mas este puro afeito em mim se dana,
Que, como a grave pedra tem por arte
O centro desejar da natureza,

Assi o pensamento (pola parte
Que vai tomar de mim, terrestre, humana)
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

Duas forças opostas atuam sobre o amante: a lúcida consciência de que o desejo se mata ao realizar-se – tal como a esperança, o desejo só existe *in fieri* – e a incapacidade de resistir ao apelo do amor, que o atrai tão inevitavelmente como o centro da Terra atrai a pedra lançada.

De início, é bastante puro o *desejo* expresso de *ver*, mas a insistência com que aparece este substantivo e seus cognatos (deseja, desejado, desejar) acompanhado do verbo *pedir* (três vezes) cria o tom do desejo obsessivo que arde por transformar “este amor tão fino e tão delgado” em “baixeza”. O desejo pressiona o amante a que *veja*, mas este sabe que a *fineza* e *pureza* do amor o impedem de saber o que realmente quer. Sabe também que, para não faltar, o *desejo* não pode obter o *desejado*. Sabe ainda que este *puro afeto* se contamina do que o amante tem de *humano* e *terrestre*, levando-o a “pedir esta baixeza” que é ainda vê-la, com um *ver* que perdeu a pureza inicial.

O soneto é estruturalmente cíclico. O primeiro e o último versos repetem-se quase integralmente: “Pede o desejo, Dama, que vos veja”, e: “Foi, Senhora, pedir esta baixeza”. O mesmo verbo principal, o mesmo locutor, a mesma alocutária. Muda, porém, o sujeito, muda o tempo do verbo. No v.1, é o

desejo o agente; no v. 14, é o *pensamento*, o que agrava a responsabilidade do amante-sujeito lírico, consciente de que pede e do que pede. O verbo, no início, está no presente: “Pede [...] que vos veja”, mas um presente que contém em si embutido um futuro – se pede é porque ainda não a viu, mas possivelmente a *verá* –; no fim, está no passado – em que também se embutiria um futuro que não se sabe se se realizou – “foi pedir”. Assim, o soneto pode ser lido indefinidamente, recriando a obsessiva busca da realização amorosa, que não se efetua, pois, ao tentá-la, o amante a sente e qualifica como baixeza.

No soneto, como vimos, há um sentimento de culpa excessivo, pois que o máximo do desejo está – pelo menos no nível do explícito – em ver. Não é isso que encontramos nas supracitadas canções. Em ambas o Poeta, ainda que seja por um momento, é arrastado a um desejo mais forte que o de apenas ver o objeto amado.

Entretanto, a canção (“Fermosa e gentil dama, quando vejo”) começa pela descrição da mulher e a afirmação do Poeta de que “De meu não quero mais que meu desejo, / Nem mais de vós que ver tão lindo gesto”. Diz ainda – e parece-nos que pela única vez em sua obra – que se enamora de si mesmo por saber amá-la e “fico por mim só perdido de arte / Que hei ciúmes de mim por vossa parte”. A vista dela lhe dá a vida e só de si se queixa por não conter “bem de tanto preço.” Só então surge a terceira estrofe, que altera o fluir desse amor semelhante a tantos outros, irrompendo com violência inesperada:

Se, por algum acerto, Amor vos erra
Por parte do desejo, cometendo
Algum nefando e torpe desatino,
Se ainda mais que ver, enfim, pretendo,
Fraquezas são do corpo, qu’ é de terra,
Mas não do pensamento, que é divino. (*Rh*, fo. 22 v) (Grifos meus)

Consciente da “baixeza” do desejo, busca desculpar-se com a beleza dela:

Se tão alto imagino
Que de vista me perco, peço nisto,
Desculpa-me o que vejo;
Que se, enfim, resisto
Contra tão atrevido e vão desejo,
Faço-me forte em vossa vista pura,
E armo-me⁶⁸ de vossa fermosura. (Ibid.)

A canção se estende ainda por três estrofes e um *commiato*, mas o erotismo que se anunciara diluiu-se, para reaparecer discretamente na última estrofe e no *commiato* no qual o Poeta usa de metalinguagem, referindo-se aos próprios versos como mezinha paliativa para o seu mal:

[...] não se ganha
Cum paraíso outro paraíso:
E assi, de enleada, a esperança
Se satisfaz co bem que não alcança.
Se com razões escuso meu remédio,
Sabe, Canção, que porque não vejo,
Engano com palavras o desejo. (*Rh*, fo. 23 v)

Mais uma vez, como em tantas outras, o Poeta prefere o engano à dolorosa verdade. Não era isso que implorava o gigante, no “fim do mar”: “Que te custava ter-me neste engano?”

A segunda canção, “A instabilidade da Fortuna”, se compõe de sete estrofes e um *commiato*. As duas primeiras introduzem o poema, falando de temas que obsidiam o Poeta: “A instabilidade da Fortuna, / Os enganos suaves d’Amor cego”, o desconcerto do Amor, as suas sem-razões. Nas estrofes seguintes, enumeram-se as ousadias do amante, o “baixo pensamento”, o “baixo atrevimento”, o “humano desejo”, o fingimento, cada uma das quais terá castigo tremendo, só comparável aos dos personagens mitológicos que

cometeram grandes faltas, como Tântalo: “De sede morto estou posto num rio, / Onde de meu serviço o fruto vejo; / Mas logo se alça se a colhê-lo venho, / E foge-me a água, se beber porfio” (*Rh*, fo. 24 v); como Ixião, que, louco de amor, tomou a nuvem por Juno, iludiu-se e “A nuvem do contino pensamento / M’afigurou nos braços, e assi a tive, / Sonhando o que acordado desejei” (*Rh*, fo. 24 v); como Tício, cujo fígado e entranhas são devorados por um insaciável abutre, tem o coração continuamente devorado pelo pensamento: “Assi que pera a pena estou vivendo, / Sou outro novo Tício e não m’entendo” (*Rh*, fo. 25); como Sísifo, deve “subir / Ao monte da aspereza que em vós [na amada] vejo, / Co pesado penedo do desejo” (*Rh*, fo. 25).

A palavra que se repete a cada estrofe é *desejo*, que na sétima é adjetivado com força extrema:

Destarte o sumo bem se me oferece
Ao faminto desejo, porque sinta
A perda de perdê-lo mais penosa (*Rh*, fo. 25 v)

E a canção se encerra com a reafirmação da dor maior, a de descer ao inferno conhecendo as delícias do Paraíso:

Como o avaro a quem o sonho pinta
Achar tesouro grande, onde enriquece
E farta sua sede cobiçosa,
E acordando com fúria pressurosa
Vai cavar o lugar onde sonhava,
Mas tudo o que buscava
Lhe converte em carvão a desventura;
Ali sua cobiça mais se apura,
Por lhe faltar aquilo que esperava:
Destarte Amor me faz perder o siso.
Porque aqueles que estão na noite escura,

Nunca sentirão tanto o triste abiso,
Se ignorarem o bem do Paraíso. (*Rh*, fo. 25 v)

Como no soneto que comentamos, também nesta canção está presente o movimento cíclico do penar amoroso, pois todos os comparantes têm penas eternamente renovadas. Sofrimento reiterado, nestes casos, não pelo amor “limpo e puro”, mas pelo desejo ardente, que “detença / Nunca sofreu” e que “sem tento / M’abre as chagas de novo ao sofrimento.” (*Rh*, fo. 38).

[55](#) Publicado in Berardinelli, Cleonice, *Estudos Camonianos*. rio de janeiro: nova fronteira, 2000.

[56](#) A transcrição dos textos camonianos será feita a partir das edições das *Rimas*, indicadas à frente das citações: de 1595, *Rhythmas (Rh)*; de 1598, *Rimas (Ri)*; de 1616, *Rimas*, 2ª parte (*DF2*).

[57](#) “Que júpiter te conceda ainda muitos invernos, ou que seja o último este em que, hoje, o mar tirreno corrói as rochas que o limitam, sê prudente, filtra teus vinhos e reduz tuas longas esperanças à medida de tua breve vida. enquanto falamos, fugirá, invejosa, a hora. *Colhe o dia*, fiando-te o menos possível no amanhã.” horace, [1911]. (grifo meu).

[58](#) Ronsard, *Poésies choisies*, i, p. 39, nota 1.

[59](#) “Quando fores velhinha, à noite, sob o candeeiro”. Ronsard, Op. Cit., II, p.52, soneto 61.

[60](#) “Sob a terra, e fantasma sem ossos”. Ibid., p.53.

[61](#) “Uma velha acocorada à lareira”. Ibid.

[62](#) “Vive, se crês em mim, não esperes por amanhã. colhe desde hoje as rosas da vida.” Ibid.

[63](#) “Colhe, colhe, tua juventude: como a esta flor, a velhice fará embaçar tua beleza.” Ibid., i, p. 39.

[64](#) São frequentes na lírica camoniana as metáforas: *estrelas = olhos*, *rosas = faces*.

[65](#) Note-se que o poeta não se refere apenas a estarem secas as rosas – seria impossível, decorridos os anos, manter-se a frescura das faces –; acrescenta “sem colhê-las”, o que significa o terem ficado abandonadas, deixadas sós, sem a mão que as colhesse, abrigasse, afagasse, sem que o amor se realizasse. ficara sem resposta o convite: “*Collige, virgo*,

rosas.”

[66](#) Um dos sonetos em que canta as contradições do amor, “tanto de meu estado m’acho incerto” (*Rh*, 3), fecha-o o poeta pelo terceto: “se me pergunta alguém por que assi ando, / respondo que não sei; porém suspeito / que só porque vos vi, minha senhora.” cito-o para assinalar a semelhança entre este e aquele: em ambos se afirma a importância do *ver* como realizador do *desejo* e criador da perplexidade amorosa.

[67](#) Em *Rh* está “pede-me o desejo”, verso hipermétrico, corrigido em *Ri* para “pede o desejo”. neste passo seguimos *Ri*.

[68](#) Neste verso segue-se a (*Ri*), datada de 1598, por não fazer sentido a forma da (*Rh*): “e arma-se de vossa fermosura.”



DIOGO BERNARDES EM ALCÁCER-QUIBIR⁶⁹

Dentre os elementos da natureza que compõem a paisagem – quase sempre *locus amoenus* – (re)criada pelos poetas líricos do século XVI português em seus poemas da medida velha ou da medida nova, os rios são fundamentais. À primeira vista ressalta a frequência com que comparecem o Tejo e o Mondego, tão simbólicos de Portugal que Camões vai neles buscar as Musas do seu Canto, sem as quais será incapaz de prosseguir:

Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,
Eu, que cometo, insano e temerário,
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão árduo, longo e vário!

Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrário,
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo. (*Lus.* VII, 78)

Muitos outros rios fazem parte do repertório poético do quinhentos, ligados o mais das vezes à origem dos poetas que os celebram. Entre estes, destacam-se dois, tão marcados pelas águas, que foram chamados “poetas hidrófilos”, ou, mais especificamente, “limianos”, já que, nascidos à margem do rio Lima – que desce da Galiza, entrando em Portugal perto de Viana do Castelo –, nele vão buscar amiúde matéria para seus poemas. São

os irmãos Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz, dois dos mais inspirados poetas do seu tempo.

Pouco conhecidos pelos leitores do século XX, foram, no entanto, muito lidos nas rodas de intelectuais seus contemporâneos, fazendo parte, mesmo sem o convívio pessoal, do grupo de admiradores e seguidores de Sá de Miranda, a quem ambos dedicam poemas. Ao tempo, era habitual o diálogo em verso entre poetas, e Diogo Bernardes a ele não escapou, como se pode verificar pelo grande número de poemas (sonetos, sobretudo) que dedicou a vários companheiros de profissão e deles recebeu.

Dos dois irmãos ficou-nos um número bastante expressivo de poemas, bem mais numerosos os de Diogo Bernardes, pois que Frei Agostinho da Cruz, ao fazer-se frade, queimou todos os seus versos de inspiração profana. Não se sabe quantos, mas, pela qualidade dos que, devotos, permaneceram, é de lamentar a sua destruição.

Diogo Bernardes conseguiu fazer o que bem poucos conseguiram: reuniu seus poemas em três volumes e publicou-os.⁷⁰ O primeiro, em 1594, *Várias rimas ao Bom Jesus e à Virgem Gloriosa sua mãe e a santos particulares*, constitui o cancionero espiritual do poeta, englobando sonetos, elegias, estâncias, duas sextinas, redondilhas, uma ode, uma écloga deploratória, e pouca coisa mais, onde se retrata uma grande fé (Bernardes recebeu ordens menores em 1544) e a concepção da vida como desterro.

O segundo, em 1596, *Rimas várias – Flores do Lima*, contém sonetos, quatro canções, uma sextina, cinco elegias, redondilhas e um romance, onde o tema mais presente é o do amor não realizado, da esperança perdida. Lágrimas tão abundantes como as águas dos rios, queixas doridas, desesperança, desejo de morrer são o alimento de seus versos, como dos da maioria de outros poetas de seu tempo. No tratamento que dá aos seus temas, predomina em Bernardes a brandura dos versos, a doçura que deles dimana, justificando a definição que dele dá, no século XVII, D. Francisco

Manuel de Melo, em seu notável *Hospital das letras*, pela boca de Quevedo: “Esse foi poeta da terra da promessa, todo mel e manteiga; não se viu musa mais mimosa”, ao que objeta o mesmo D. Francisco: “Parece que o estranhais, como se à poesia conviesse por alguma via alguma aspereza!”.

Poeta dos mais inspirados, é autor de muitos dos mais belos sonetos maneiristas do século, alguns dos quais foram incorporados às *Rimas* de Camões, desde a primeira edição (1595), e disputados por Faria e Sousa como, indubitavelmente, de “seu poeta” (“mi poeta”, dizia ele, em sua paixão), sonetos cuja autoria me parece extremamente duvidosa, mas que, pela sua qualidade, Camões assinaria de bom grado. Em vários momentos de sua obra, pois, Bernardes estaria a par de Camões.

O terceiro livro, *O Lima*, só contém dois tipos de poema: cartas (20) e éclogas (33). Destas, nem todas são dialogadas; algumas têm o nome de um pastor ou pastora, único falante.

Uma certa monotonia no tratamento deste pequeno leque de temas será o ponto menos positivo da lírica bernardiana. Sendo sua obra bastante extensa, a repetição se torna, a partir de um determinado momento, inevitável e enfraquece o prazer que se ia encontrando à leitura dos primeiros textos. Há, contudo, em dado momento da sua produção, um alargamento temático oriundo de um acontecimento biográfico de alta relevância – para ele e para a pátria – que fornece matéria a vários e excelentes poemas onde adquirem permanência a alta significação do fato histórico e a reação particular do poeta na conjuntura.

Nascido à volta de 1530, teria Diogo Bernardes quase 50 anos quando D. Sebastião partiu para a África, decidido a intervir em Marrocos, aproveitando-se das divisões internas que dilaceravam essa região. Propôs-se o jovem rei a apoiar o sultão Mulei Mohâmede Almotauaquil, que fora destronado por Mulei Abde Almélisque, irmão do sultão a quem aquele sucedera. A expedição militar fora mal planejada, o exército cristão era

muito heterogêneo e mal adestrado. Diogo Bernardes, que exercera vários cargos na corte, acompanhou o rei em sua desastrada aventura. A batalha, travada no dia 4 de agosto de 1578, foi facilmente vencida pelos marroquinos, em número muito superior e mais bem preparados. D. Sebastião morreu na batalha. Bernardes ficou prisioneiro dos mouros. É larga, na sua obra, a ressonância do fatídico acontecimento que mudou o destino da pátria.

Os textos em que descreve e lamenta sua nova condição de cativo de gente de outra fé, agrilhado, submetido a trabalhos vis, sofrendo a saudade da sua pátria e do seu rio (quase sempre metonímia daquela), o confronto que estabelece entre o que foi e o que é, o antes e o agora, a consciência que tem da leviandade do empreendimento político-militar, o conflito entre a admiração pelo que o rei era e representava para ele, e o juízo que dele forma agora, o julgamento severo que faz dos que tinham influência sobre D. Sebastião, têm uma dupla importância: como textos de alto valor literário e como espaço autobiográfico de um autor/cidadão que, retratando-se, retrata também a pátria, no mais grave momento de sua história.

São bastante diversos estes textos, todos incluídos no primeiro livro publicado por Bernardes – *Várias rimas ao bom Jesus [...] (1594)* –, o cancionero espiritual do poeta. São eles: “Cinco sonetos que o autor fez estando cativo, às cinco chagas de Jesus”, três sonetos “a Nossa Senhora estando cativo”, uma “Canção a Nossa Senhora que o autor fez estando cativo”, um soneto a D. Sebastião, duas Elegias “estando cativo” e uma “Sextina” posposta às duas elegias e seguida por um soneto, os dois sem nenhuma indicação ou dedicatória. A inclusão destes dois últimos poemas se faz obviamente, como adiante se explicitará. Perfazem, ao todo, 640 versos: 140 dos dez sonetos; 110 da Canção, 135 da Elegia I, 202 da Elegia II e 39 da Sextina.

Embora nesses poemas o poeta utilize os mesmos, ou quase os mesmos

processos retóricos que usa no tratamento dos temas comuns a todos os seus contemporâneos, há neles uma diferença básica: o lamento, a queixa, o copioso pranto, o desalento são justificados por uma grande dor pessoal que reflete a desgraça nacional. Não há, pois, hipérboles na expressão do desastre ou da reação das gentes: é tão grande o mal acontecido, tão fechados os caminhos de regresso – à pátria, à esperança –, que não parece exagerado o poeta querer trazer dentro de si um rio (ou mais de um) para chorá-lo todo, transformado em lágrimas. Vejamos como Diogo Bernardes, sensível e brando, cria poemas a partir de um referente real, de uma dor realmente experimentada. Cria-os sempre na medida nova, agrupando os versos em sonetos, elegias, uma canção e uma sextina. Na maioria deles, escreve na primeira pessoa, pondo-se como sujeito lírico; em uma elegia e um soneto, chama-se Alcido, a quem o narrador passa a palavra, desenvolvendo-se o poema, afinal, na mesma primeira pessoa do poeta cativo, em terra estranha. Seguirei os poemas na sucessão em que são apresentados na obra, lembrando que assim foram ordenados pelo autor.

Os primeiros textos do cativo são os dos “Cinco sonetos às cinco chagas de Jesus”. Fala o cativo, tendo como alocutárias as cinco chagas, a que chama sucessivamente “rosas, estrelas, pedras preciosas, portas do céu”, para em seguida desdizer-se encarecendo-as, num jogo bem maneirista, dizendo: “Não pedras, não estrelas, menos rosas, / Mas chagas de Jesus muito mais belas”. Assim se fecha a primeira parte do soneto – os seus quartetos, que contêm o que se poderia considerar a fala do crente. Esse crente, porém, é poeta. Deve, pois, cantar esta marca da redenção. Como fazê-lo com alegria, se está cativo? O salmista já se perguntara um dia: “Como cantar o hino do Senhor na terra do exílio?”. Bernardes lhe ecoa a voz nos tercetos com que fecha o soneto e suplica ao Senhor que o livre, pois só livre o cantará com alegria:

Ah! Quem, ao rouco som do grave ferro,
Vos cantará louvores de alegria,

Oh, chagas, redenção do antigo erro?

Tornado à liberdade, em que me via,
Enxuto o pranto já deste desterro,
Ledo vos cantarei, a noite e o dia. (Soneto I)

Já nesse primeiro soneto se vê a referência, repetida mais de uma vez, aos ferros com que o cativo era agrilhoado; aqui, apenas se lhe ouve o som e percebe o peso, ao ser arrastado; mais adiante se saberá que machuca o pé descalço. O que importa é ser um instrumento de tortura e humilhação, que tolhe a liberdade: só livre o homem pode cantar ledado.

O segundo soneto retoma a estrutura do primeiro, num apelo do cristão às chagas: “nossa copiosa Redenção, / [...] penhor do Céu, chaves da glória. / [...] Insígnias da mais alta vitória”. Segue-se-lhe o poeta, que quer chorá-las e cantá-las:

Aquela dor imensa, que sentiram
Convosco os membros seus, chagas serenas,
Fazei que chore e cante, escreva e sinta.

Papel seja a minha alma, sejam penas
Os três cravos cruéis, que vos abriram;
Tinteiro o lado seja, o sangue tinta. (Soneto II)

Nesses dois tercetos, o poeta não somente chora e sente a dor imensa de Cristo, mas quer escrevê-la, cantá-la, num desejo de identificar-se a Ele, fazendo da Sua dor a sua dor, numa apaixonada homologia em que sua alma será o papel onde abrirão chagas as penas/cravos, mergulhadas no tinteiro/lado, embebidas no sangue/tinta que dará origem ao poema e repartirá a dor.

Insiste o poeta em honrar as chagas divinas, mas as flores que pode encontrar são baixas ao pé delas, e agora já lhe parece que as rimas que poderá cantar não serão dignas de louvá-las. Só lhe resta dar-lhes amor:

Em lugar destas flores, que não tenho,
Em lugar destas rimas, que não canto,
Um puro amor vos dou, que dar-vos posso.

Nele mui confiado a vós me venho;
Que sei que pode amor convosco tanto,
Que destes por amor o sangue vosso. (Soneto III)

Nesse soneto medial, um verso parece marcar uma divisa: “Em lugar destas rimas, que não canto”. É como se o poeta se retirasse e deixasse apenas o devoto, que preza mais que tudo o dom do amor, como aprendeu com o Mestre. E é nesse amor, representado superlativamente pelas chagas, que ele vai abrigar-se:

Sacratíssimas chagas, neste escuro
Tempestuoso mar da humana vida,
Qual alma, dos seus ventos combatida,
Não se recolhe em vós, porto seguro? (Soneto IV)

O último soneto do conjunto é ainda mais repassado de fé e de arrependimento: vê em sua alma as nódoas que nela escrevem “mil culpas feias”. Para lavá-las é preciso o sangue de Cristo, e o fervoroso poeta termina o seu quinto soneto dirigindo-se pela última vez às chagas:

Por vós (que belas sois) fermosa fique:
Por vós resplandecente entre no Céu,
Onde vos veja estar resplandecendo. (Soneto V)

Como se viu, só no primeiro soneto se faz alusão ao sofrimento causado pelo cativo: nos outros, o que há é a afirmação de uma fé profunda, de um profundo arrependimento, que vêm à tona e se exacerbam no difícil momento que o poeta está vivendo.

A esses sonetos segue-se a “Canção a Nossa Senhora, estando cativo”, cujas estrofes começam por um apelo e um louvor à Virgem, com os epítetos

habituais, muitos tirados da ladainha de Nossa Senhora, apurados no crisol do poeta/devoto. A partir da quarta, faz-se menção da situação do poeta no momento do canto:

Ó Virgem, d'humildade e graça cheia,
Que converteis em riso o triste pranto
Da triste miserável vida nossa,
Como vos cantarei alegre canto,
Cativo, sem repouso, em terra alheia,
Entre bárbara gente imiga vossa?
Desatai vós esta cadeia grossa
Que meus erros sem fim
Forjaram pera mim,
Por que, solto por vós, cantar vos possa
Na ribeira do Lima, sem receio,
(Ó Madre de Jesus)
Não do turvo Lucuz, de sangue cheio. (v. 40-52)

Volta o poeta à velha questão proposta pelo salmista, e repete a súplica que fizera às Cinco Chagas, situando-se aqui geograficamente, junto do rio Lucuz (Luco), em Marrocos, espaço do cativo, cheio do sangue que correu na batalha, por oposição ao seu tão caro rio Lima. Maior que o desejo de voltar à pátria, maior que o desejo de voltar a ser livre é, porém, o desejo de merecer ver a Deus e à Virgem. E estas serão as últimas palavras da canção:

Se com penar aqui, se com sofrer
As penas em que vivo,
Se com morrer cativo
Tão alto bem se pode merecer,
Tal vida tenha aqui, tal morte tenha.
Daqui não saia mais,
Porque por meios tais a tal fim venha. (v. 97-103)

Logo a seguir à canção vêm os três sonetos à Virgem, também estando cativo. Em todos há a afirmação da confiança no poder e na misericórdia da Senhora, que sempre o tem salvado em todas as circunstâncias e que certamente o salvará nesse momento em que ele se vê em ferros do inimigo, seu e dela; que “vejam os mais desamparados / Que sois amparo certo, bem seguro, / Em quantos males tem a vida nossa”.

Nesse soneto a referência era aos grilhões; no segundo ela se intensifica: é ao espaço em que se vê aprisionado, ao pranto contínuo, ao chão para o repouso e aos cabelos a encanecer.

Bem vedes qual estou neste deserto,
Onde, cativo, choro a noite e o dia,
Onde me dão por cama a terra fria,
Onde me tolhem ver o ar aberto.

Este meu desamparo, estas cãs tristes,
Que mais alvas se fazem com meu pranto,
Vos inclinem, Senhora, a socorrer-me. (v. 5-11)

A certeza do amparo já não é tão firmemente assegurada, mas implorada, com alguma dúvida: “Virgem, não tardeis mais, não tardeis tanto, / Que, se tardais, quem poderá valer-me?”. O terceiro soneto se inicia por um verso de extremo carinho dirigido à Virgem, “Ó do meu doce amor doce cuidado”. A essa Virgem tão docemente amada, roga o poeta que lhe permita que, “deixando atrás est’alta serra, / Passando o bravo mar, abrace a terra, / Onde nele se crê crucificado” (isto é, onde se crê no Cristo crucificado). Se não o merece por si, que lho conceda “À conta das mercês que não tem conto, / Que tendes para todos merecidas”.

Bem mais extensas (135 e 202 versos), as duas elegias escritas na África mudam a direção do discurso do sujeito lírico, que agora não se dirige a Jesus ou a Maria, suplicando-lhes que o salvem do cativo, mas a uma série de alocutários, tais como o dia da derrota, o Sol, o Rei, os amigos que

pereceram na batalha, a desventura, os próprios suspiros, o Lima e o Tejo, o duro monte, Lusitânia, a vida.

A Elegia I começa por apresentar dois tempos – passado e presente –, dois sons – o “das águas / do saudável, brando e claro Lima” e o “do ferro que lastima / O descoberto pé” –, duas reações – “livre cantei” e “choro cativo”. Entre uns e outros, o “dia triste” em que as ervas se umedeceram com o real sangue lusitano. Ao lembrar esse dia, o poeta – que fala na primeira pessoa – exprime o seu horror, interpelando o Sol, como já fizera Camões, ao descrever o brutal assassinio de Inês, em passo tão citado. Não são menos belos os versos de Bernardes: “Oh, Sol, como tua luz não encobriste / Quando do real sangue lusitano / As ervas, que secaste, úmidas viste?” (Elegia I, v.12-14). A menção ao real sangue lusitano fá-lo passar a dirigir-se ao Rei:

Não te valeu, ó Rei, a tenra idade,
Não te valeu esforço, nem destreza,
Não te valeu suprema majestade.

[...]

Conjurou contra ti o fero Marte,
Vendo que sua fama escurecias,
Se vencedor ficavas desta parte.
Acabou juntamente com teus dias
Do Lusitano reino a segurança
Que tu estender tanto pretendias. (I, v.18-20; 24-9)

Nesses primeiros versos dirigidos a D. Sebastião, predomina a admiração do súdito pelo rei tão jovem, destro, esforçado, cujo valor causa inveja a Marte, cuja morte foi o fim da segurança de Portugal. Nos seguintes já insinua que os seus (amigos? validos?) lhe ocultavam o perigo que sentiam iminente, para não lhe desagradar, e passa, surpreendentemente para o leitor, a censurá-lo direta e rudemente. É bastante longa a passagem, mas acho que é

preciso conhecê-la:

A tua pretensão, em ar desfeita,
Bom fora que a ti só custara caro.
Diante de Juiz, que não aceita
Ser nas palavras um, outro no peito,
Darás, se já não deste, conta estreita.
Esquecido do justo e são respeito,
Deixaste cometer à sorte leve
O proveito comum por teu proveito.
Do inocente Abel exclamar deve
O sangue em terra imiga derramado,
Contra quem lh'encurtou vida tão breve.
Se foras com bom zelo aconselhado,
Não vieram com poucos buscar tantos,
Oh, Rei, por nosso mal tão esforçado!
Oh, cego entendimento, em vez de quantos
Troféus nesta empresa prometeste,
Que vimos senão mortes, senão prantos? (I, v. 37-53)

A primeira acusação é forte: pretensioso, arrasta os outros ao desastre que o(s) levou à morte. É ao rei morto que o poeta fala, acusando-o de falsidade ou hipocrisia, da qual já terá dado contas a Deus. E insiste: em sua leviandade, arriscou “o proveito comum por [s]eu proveito”. Não teve quem o aconselhasse e assim, mesmo uma sua qualidade – o esforço – foi mal dirigido. Na carga cerrada contra o infeliz príncipe, falta disparar a farpa da ironia; ei-la: “Não só prodigamente enriqueceste / Com despojos reais o pobre mouro, / Mas inda nossa fama escureceste”.

A morte dizimou a gente lusitana: “Caiu o fraco ali junto do forte, / Não houve d'alto a baixo diferença. / A todos igualou a dura morte”, a terra estranha não os cobriu “E ainda (por ser mor a desventura) / As feras e as

aves carniceiras / Vos deram em seus ventres sepultura”.

O poeta lamenta a perda dos amigos com quem foi “sem ventura aventureiro”, mas lamenta-se mais a si próprio, pois, enquanto “A vós pôs-vos no Céu o fim da guerra, / A mim em miserável cativo”. É em belos versos que se queixa da

Terra, que vos negou tão pouca terra;
Terra, que, quanto nela choro mais,
Tanto mais com meu choro se endurece,
E menos move a dor seus naturais
Tudo o que nela vejo m’entristece:
Triste me deixa o Sol em transmontando
Triste me torna a ver quando amanhece. (I, v. 95-101)

Queixa-se, finalmente, da sua desventura, que lhe deveria ter dado a morte na terra onde nasceu. Foi ela causa de lhe ser a pátria “contrária e odiosa”. Não assim “a ribeira do Lima saudável”, à qual quereria voltar um dia, se recuperasse a liberdade; e a Elegia termina com a promessa de novo canto:

E se, por dom do céu, tornar a ver
A sua verde relva e branca areia,
Livre (que ledo já não pode ser)
Da batalha cruel, da morte feia,
Darei em triste carne²¹ larga cópia,
Chorando com tal dor a dor alheia,
Como cativo choro a minha própria. (I, v. 129-135)

Na Elegia II há, como já disse, um personagem nomeado, Alcido, localizado “Sobre um alto rochedo em Berberia”, e logo caracterizado como cativo, pois ali estava repousando, enquanto “o cruel senhor lho concedia”, e como aquele que grita o mal que traz n’alma escrito, tendo como resposta apenas o som dos ecos. Um dia, os ecos lhe responderam com som novo, mostrando “desusado sentimento” ao ouvir “acentos desusados”. Eis o que

ele cantava, dirigindo-se aos seus suspiros:

Se lá, onde o amor leva o pensamento,
Tristes suspiros (disse), vos levasse
Algum mais amoroso e brando vento,
Não sinto coração que vos negasse
Amor e saúde, e que comigo,
Inda que de tão longe, não chorasse.
Mas deste alpestre monte, duro imigo,
Onde ninguém de mi se move a mágoa,
O vento não vos quer levar consigo. (II, v. 37-45)

Reconhece a culpa que tem nas penas que sofre, pois, “sendo de Febo e de Cupido, / Um e outro deixei por seguir Marte.” Poeta e amante, fez-se soldado e por isso deve receber o castigo. Mais que a sua própria perda, sofre a do seu rei, mais valoroso que Cipião e Aníbal, que para sempre “Caiu na rubicunda e ardente areia / [...] / Deu o final suspiro em terra alheia”.

A este se dirige afetuosamente, chamando-lhe “animoso espírito”, concitando-o a ir encontrar-se com os que já o esperam no Céu. Promete-lhe seu pranto e seu verso, enquanto vivo for. É tão grande a tristeza em que se vê que a desabafa num apelo aos rios preferidos: “Ah, triste rio Lima, ah, triste Tejo! / Quem vos tivera dentro no meu peito / Pera poder chorar quanto desejo”. Triste é ele, tristes os rios, triste a Lusitânia, a quem também faz um apelo:

Ai, triste Lusitânia, triste chora,
Que nunca para choro eterno e triste,
Tanta causa tiveste, como agora.
Aquele que com lágrimas pediste
Quando tão duramente a tenra vida
Do Príncipe seu pai cortada viste,

Agora, nesta sua despedida,
De lágrimas te quis deixar herdeira,
Ou inda a pior mal oferecida. (II, v. 100-108),

referindo-se à fatalidade que marca D. Sebastião desde antes de nascer, pois seu pai, o infante D. João, filho de D. João III, morrera antes do seu nascimento. A profunda tristeza em que está imerso não tira ao poeta o discernimento para ver o perigo iminente da perda da independência da pátria: “Mas o Céu o permita de maneira / Que de teu rico cetro soberano / Se conserve a potência sempre inteira”.

Sem atingir a dureza das acusações ao rei que aponte na Elegia I, o poeta, em meio à expansão de uma profunda dor, faz a crítica da trágica aventura, sempre recorrendo à função conativa, em que o desabafo ganha ouvidos, ainda que sejam os de uma jornada, de um dia que nunca se esquecerá:

Ah, jornada infelice, ah, *cego engano*,
Deixar tão rica terra, ir a desteros,
Por livrar dum tirano outro tirano!
Ambos imigos nossos, ambos perros,
Ambos desprezadores da Cruz santa,
Ambos tinham um culto, ambos mil erros.
Quem põe os olhos nisto não s’espanta
De permitir o Céu castigo tanto
A descuido tamanho, a culpa tanta.
Dia cheio de dor, cheio d’espanto,
Enquanto o Sol der luz, verdura os prados,
Celebrado serás com triste pranto. (Grifos meus) (II, v. 112-123)

Nessa Elegia II, porém, a censura direta ocupa a menor parte; muito intensa e duradoura é a que se faz indiretamente no pranto que se estende por muitos e comovidos versos, onde afloram os versos d’*Os Lusíadas*, sobretudo aqueles em que o Poeta descreve os momentos que precedem a

partida das naus, em que “Rompem o Céu sereno e cristalino / Os suspiros mortais qu’a saúde / Arranca de su’alma de contino”. E aqui, como lá, veem-se e ouvem-se as mães, as filhas, as esposas. O próprio Sol “não amanhece já fermoso e claro”.

O poeta sente que os ecos se cansaram de tanto ouvi-lo; vê que já “vai transpondo aquelas altas fráguas / O Sol pera nas ondas s’esconder”. É hora de recolher-se, de voltar à prisão, de calar-se. Mas é preciso deixar a triste memória do que se passou e ele grava os seus versos, para que todos que por lá passarem possam levá-los à sua tão amada Lusitânia:

Mas porque não acabe tão asinha
Esta alegria triste, sem ventura,
Mais sem ventura e triste, por ser minha:
Primeiro que se cerre a noite escura,
Escrita a deixarei, antes cortada
Com duro ferro nesta rocha dura. (II, v. 187-192)

Logo após a Elegia II vêm uma sextina e um soneto ao mesmo assunto. Neste não me deterei, mas naquela, um dos mais perfeitos espécimes do difícil gênero que cultivaram outros quinhentistas, Bernardim e Camões entre eles.

Como se sabe, a sextina é um poema cuja composição exige grande virtuosidade. Fixada pelo trovador provençal Arnaut Daniel (fim do séc. XII a começo do XIII), que “substituiu a rima pela identidade das palavras,⁷² e com a obrigação de cada estrofe ter, como palavra final do 1o. verso, a palavra com que terminara a estrofe anterior. Mas não apenas isto, porquanto a ordem da repetição nos versos intermédios, nem é arbitrária, nem obedece a uma mera permutação circular. Essa ordem⁷³ é obtida pelo que poderíamos chamar a permutação sucessiva, *em espiral*”, fazendo que as palavras finais se apresentem nesta disposição:

123456 615243 364125 532614 451362 246531

Se se puser a ponta do lápis no último verso da primeira sextilha e o for movendo no sentido ascendente, ligando os versos simetricamente dispostos – sexto, primeiro, quinto, segundo, quarto, terceiro –, ter-se-á traçado uma espiral que dará a ordem dos versos da segunda estrofe, e assim por diante até à sexta, quando não haverá mais possibilidade de variar, pois a próxima repetiria o esquema da primeira. Como Arnaut Daniel, Bernardes apõe às sextilhas um terceto, no qual retoma as mesmas palavras finais, tomadas duas a duas em cada verso, nesta sequência: v. 1 – 4, 1; v. 2 – 5, 2; v. 3 – 6, 3.

Simbolizando a espiral o tempo a desenrolar-se, a sextina visaria a simbolizar o *eterno retorno* de todas as coisas, relacionando-o com a humanidade e o seu destino.⁷⁴ Bernardes teria consciência desse significado “oculto” da sextina, utilizando-a para nela captar um momento crucial do destino da pátria e de sua própria vida.

- | | |
|---|--|
| 1 | 2 |
| 1. Cansados tenho já com largo pranto | 6. Primeiro faltará água nos rios |
| 2. Estes, a que vim ter, estranhos montes | 1. E a dor não será causa do pranto |
| 3. Depois daquele triste e mortal dia | 5. Que tire da lembrança aqueles campos |
| 4. Em que com mortal dor viram meus olhos | 2. Onde de mortos vi fazerem montes, |
| 5. Por meio dos ardentes secos campos, | 4. Onde cerrou a morte tantos olhos |
| 6. Correr de puro sangue grandes rios. | 3. Pera nunca ver mais a luz do dia |
| 3 | 4 |
| 3. Com dó do grande mal daquele dia | 5. Não naceм tantas ervas pelos campos |
| 6. Tornaram pera trás turvos os rios | 3. Como mágoas causou aquele dia |
| 4. Escondeu a manhã seus claros olhos, | 2. Nos vales, nos outeiros e nos montes, |
| 1. Soaram pelo ar vozes de pranto, | 6. Abriu a comum dor correntes rios |
| 2. Abalou o temor os altos montes, | 1. De triste, lagrimoso eterno pranto |
| 5. E pálidos deixou os verdes campos. | 4. Em tantos tristes peitos, tristes olhos |
| 5 | 6 |
| 4. Quando descansareis, cansados olhos, | 2. O bravo mar em meio, os altos montes |
| 5. Na vista d'outros mais alegres campos? | 4. Da serra, onde primeiro abri os olhos, |

- | | |
|--|---|
| 1. Quando (pera qu'abrande vosso pranto) | 6. Tantos bosques desertos, tantos rios |
| 3. Nacerá pera vós bem melhor dia? | 5. Me fazem imaginar que nestes campos, |
| 6. Quando vereis o Lima e outros rios | 3. Antes que pera mim venha tal dia, |
| 2. Desabafados, livres destes montes? | 1. Consumirei a vida em triste pranto |

- 4.1. Naceram os meus *olhos* pera *pranto*,
 5.2. Testemunhas me são, *campos* e *montes*,
 6.3. Dos *rios* que derramo noite e *dia*.

As palavras finais devem ser escolhidas com grande cuidado, por constituírem o fio condutor do pensamento do poeta e para que, dotadas de tal ou qual polissemia, permitam a mudança na constância. A escolha de Bernardes é perfeita e é a causa primeira para que tenha produzido uma das mais belas sextinas de sua época: começa por *pranto* (1) a reação do poeta à dor da perda, que, como já vimos, empapa os versos das Elegias, confundidas as lágrimas com as águas dos rios; seguem-se-lhe “estranhos *montes*” (2), o espaço adverso, onde o poeta está cativo; depois, o *dia* (3), não um dia qualquer, mas aquele “triste e mortal dia”, um marco no tempo, a separar o passado feliz do presente desgraçado; então, os *olhos* (4), fonte do pranto, testemunhas do espaço e do tempo da desgraça; agora, os “ardentes secos *campos*” (5) completando a paisagem inóspita e, finalmente, *rios* (6), não de lágrimas, porém, nem de águas, mas “de puro sangue”.

A segunda sextilha se inicia pelos *rios* (6), de água, desta vez, e seguidos, como seria de esperar, do pranto, empregados ambos em dois *impossibilia*: faltar “água nos rios” (nos rios, em geral) e “a dor não se[r] causa do *pranto*” (1), menos impossíveis, porém, do que o poeta tirar da lembrança “aqueles *campos*” (5), que, já caracterizados como “ardentes secos”, são agora agravados por nele se “fazerem *montes*” (2), muito mais estranhos que os verdadeiros que com eles compunham a triste paisagem do exílio, porque de mortos, cujos *olhos* (4) estão cerrados – note-se que aqui os olhos não são mais os do poeta que vê o sangue correr, mas os dos que já não

veem; o *dia* (3) cuja luz lhes será para sempre negada não é o dia triste, é o dia tomado em absoluto, caracterizado pelo que o faz e distingue: a luz.

Na terceira sextilha torna-se ao *dia* (3) fatal, que fará compadecerem-se e voltar atrás, “turvos” (de sangue?), os *rios* (6), personificados, como a manhã que escondeu seus claros *olhos* (4); as “vozes do *pranto*” (1) perpassam os *montes* (2) abalados pelo temor e os verdes *campos* (5) tornados pálidos.

Nas duas primeiras estrofes exprime-se sobretudo a reação do poeta ao trágico acontecimento: a sua dor expressa no copioso *pranto*; na terceira, também a reação da natureza. Na quarta, a reflexão sobre quantas mágoas, mais numerosas que as ervas dos *campos* (5), se sofreram naquele *dia* (3) em que, por toda parte – vales, outeiros e *montes* (2) – a dor fez correr *rios* (6) de “triste” *pranto* (1) nos “tristes peitos”, nos “tristes *olhos*” (4), num alargamento da mágoa que é mais que sua, é de todos os tristes. Na quinta, o poeta questiona-se, perguntando aos próprios *olhos* (4) cansados, quando descansarão na contemplação de outros *campos* (5) mais alegres; quando, para abrandar seu *pranto* (1), nascerá, um *dia* (3) melhor, quando voltará a ver o Lima e outros *rios* (6) livres desses *montes* (2). Do refletir sobre a possibilidade de abrandar-se um dia o sofrimento, relembra (sexta sextilha), o mar que separa o lá e o cá, os *montes* (2) onde nasceu, abriu os *olhos* (4), tantos bosques e *rios* (6), que o “fazem imaginar que nestes *campos*” (5), antes que chegue tal *dia* (3), consumirá a sua “vida em triste *pranto*” (1).

Há no poema um movimento cíclico: partindo do *pranto* do poeta, provocado pelo que seus *olhos* viram e veem, estende-se aos *olhos* dos outros, que já não veem, à natureza atravessada pelo “eterno *pranto*” de quantos já choraram, e volta ao poeta, nos *campos* e *montes* da terra alheia e na desesperança do terceto final, em que reconhece a fatalidade que o marca: “Naceram os meus *olhos* pera *pranto*”.

As suas elegias e a sextina constituem um grupo de alto nível poético;

precedem-nas e as seguem dois sonetos, o primeiro dos quais (“Ao estandarte que levou El-rei na jornada de África, no qual ia Cristo Crucificado”) soa com amarga ironia porque escrito antes da batalha, por um português cheio de fé e confiança, e pretensiosamente certo da vitória sobre a África que desafia: “Se não queres sentir, com novo dano, / A perda qu’inda em ti Cartago chora / Dum [D. Sebastião] aceita o governo e doutro [Deus] a lei”. O soneto final ecoa a voz chorosa, que já longamente ouvimos, do “cativo em terra estranha”.

Da bastante extensa obra poética de Bernardes, privilegiaram-se os poemas do exílio, não só pela sua indiscutível qualidade, pela quantidade de emoção que transmite o sujeito lírico, mas por constituírem um raro documento do desastre de Alcácer-Quibir, o depoimento de um soldado vencido e escravizado, que participou da luta, que viu correr rios de sangue, viu os campos cobertos de mortos; de um português ferido no seu orgulho e no seu acendrado amor à pátria, que chora, como a todos que se lançaram na louca aventura do rei. Dois pontos me parecem mais instigantes nas Elegias, onde mais de perto e explicitamente somos conduzidos a ler esse grave momento histórico de Portugal: o primeiro é a certeza que tem o poeta da morte do rei no campo de batalha. Até então, nenhuma dúvida se instaurara sobre o fim do rei; ela virá depois, gerada pelo temor da perda da independência, por tendências atávicas, por uma série de fatores (que já se estudaram sobejamente em estudos sobre o sebastianismo); com Bernardes se está ainda no ponto zero: a “segurança do reino lusitano” “acabou juntamente com teus dias”, diz-lhe o poeta comovido que o põe no Céu, com os outros que morreram a seu lado. D. Sebastião está morto e não *encoberto*, ainda ninguém o *espera*. O segundo ponto é a lucidez com que o poeta aponta os erros do rei e a coragem, a dureza com que o acusa. Como supor que um príncipe que fora leviano, pretensioso, surdo aos bons conselhos, se acaso não tivesse morrido nas areias africanas, voltasse um dia para salvar a nação? Só o passar do tempo, a escassez da memória popular, a perda da

independência farão esquecer os erros do rei irresponsável e alimentarão a lembrança do jovem príncipe, heróico à sua maneira, que se lançou um dia à aventura e que, como um cavaleiro de novela, poderá voltar para realizar os mais ousados sonhos de um quinto império. Diogo Bernardes só conheceu o rei “que houve”; o mito não o tinha ainda transformado no “que há”.

Foi minha intenção dar a conhecer ou reavivar na memória dos leitores alguns textos, que considero importantes, de Bernardes, poeta e cidadão. Que a leitura dessas passagens os tenha surpreendido, se, influenciados pelo julgamento de D. Francisco Manuel de Melo, pela voz de Quevedo, esperavam encontrar em sua “musa mimosa” apenas versos que escorressem “mel e manteiga”. Nestes, fundamente marcados pela desgraça, se algo escorre, são lágrimas e sangue.

[69](#) Publicado in revista camoniana v. 14, bauru: edusc, 2003.

[70](#) As citações dos poemas de bernardes são aqui feitas pela seguinte edição: bernardes, d., *Obras completas*, v. iii. lisboa: sá da costa, 1945-46.

[71](#) *Carme*: poema

[72](#) Sena, J. de, “A Sextina e a Sextina de Bernardim Ribeiro” (1962), in *Dialécticas aplicadas da literatura*, p. 54.

[73](#) *Ibid.*, p. 55.

[74](#) *Ibid.*, p. 61-4.



JOÃO DE DEUS E A SADIA SIMPLICIDADE AMOROSA⁷⁵

Bem conturbado é o período em que vive João de Deus. Banido D. Miguel após a Convenção de Évora-Monte (1834), D. Maria é declarada maior e assume o poder. Seus primeiros ministérios se sucedem, chefiados por Palmela, Saldanha, Terceira, sem que se altere a situação do país. O descontentamento cresce e a oposição se fortifica, tendo à frente Costa Cabral (1836), violento na ofensiva à “Carta”, e em defesa da Constituição de 1822. A proteção que à rainha dispensam potências estrangeiras ainda mais excita os ânimos e D. Maria se vê obrigada a ceder, convocando um novo gabinete, presidido por Sá da Bandeira (1836). É o triunfo do setembrismo, mas por pouco tempo: agitações populares e militares e a sucessiva substituição dos ministérios levarão Costa Cabral à pasta do Reino, na qual durante quatro anos se manterá (1842-1846), fazendo obra notável. Para consegui-lo, entretanto, é preciso ser inflexível e duro, e desagradar a muitos. Voltam-se contra ele os militares e o povo: a revolução da Maria da Fonte vence-o e ele foge para a Espanha. D. Maria recorre a seus fiéis Palmela, Saldanha e Terceira, e mais Mousinho de Albuquerque e outros, tentando uma conciliação entre setembristas e cartistas, bastante precária. As lutas partidárias continuam e mais uma vez intervêm as forças da Inglaterra e da Espanha (1847). A salvação parece estar em Costa Cabral – já conde de Tomar –, que volta ao governo em 1849, para em 1851 ser novamente exilado; voltam a suceder-se os ministérios: Terceira, Saldanha,

surgindo na sua composição outros nomes ilustres como Loulé e Fontes Pereira de Melo; este, na pasta da Fazenda, dá início a uma série de reformas econômicas e financeiras a que se chama *Regeneração* (1852). Passam, então, os do governo a chamar-se *regeneradores* e os antigos setembristas se rotularão de *progressistas* ou *históricos*. Em 1853, morre D. Maria. Por dois anos ficará como regente seu viúvo, D. Fernando. Em setembro de 1855, D. Pedro – príncipe culto, sensível, democratizante – atinge a maioridade e inicia seu trágico reinado de oito anos. A inquietação política persiste – a Saldanha sucede Loulé, e Terceira, e J. Antônio Aguiar, e outra vez Loulé. Há, todavia, algum progresso material – construção de linhas férreas e telegráficas, estradas e pontes –, obra de Fontes Pereira de Melo, e há, no campo da instrução, algumas realizações notáveis, como a criação do Curso Superior de Letras (1859). Muito jovem, com apenas 26 anos, morre D. Pedro V (1861), sinceramente pranteado por seu povo. Sucede-lhe no trono o irmão, D. Luís, e, monotonamente, reproduz-se a substituição de gabinetes com os mesmos homens já tantas vezes experimentados, agora presididos pelo marquês de Ávila e Bolama, depois por Fontes Pereira de Melo, alternando-se os dois partidos na chefia do governo. O rei é figura à margem dos acontecimentos, mergulhado na sua música ou nos seus livros. O socialismo proudhoniano toma vulto entre os jovens da chamada “Geração de 70”, que, liderados por Antero, realizam em 1871 as *Conferências do Casino*, que são interrompidas por ordem do marquês de Ávila. Em 1872 cria-se uma seção portuguesa da Internacional Operária; em 1875, o Partido Socialista, a que pertence Antero de Quental, e em 1876, o Partido Republicano. Morto D. Luís em 1889, sucede-lhe D. Carlos, que começa a reinar num período difícil: à situação crítica com a Inglaterra, devida às colônias na África, acresce a onda de descontentamento contra o próprio rei, exacerbada pela proclamação da República do Brasil. Ao *Ultimatum* (1890) da Inglaterra, Portugal se vê constrangido a ceder, e tal atitude atinge profundamente os brios

portugueses e a reação não se faz esperar. Uma revolta no Porto proclama a República, mas é sufocada (1891). D. Carlos, ainda em tentativas com a Inglaterra para conservar o máximo dos territórios portugueses na África, organiza em 1892 um ministério presidido por Dias Ferreira e tendo como ministro da Fazenda Oliveira Martins, que planeja uma reforma político-financeira todavia não realizada, abandonando o cargo. Não se registram outros acontecimentos notáveis até 1898, data do falecimento de João de Deus.

Todos os que se têm aproximado com espírito crítico da obra poética de João de Deus são unânimes em salientar a extrema simplicidade de seus versos. A espontaneidade, o desatavio, a fluência são suas qualidades mestras. É poesia que entra pelos olhos ou pelos ouvidos, com seu poder encantatório e inexplicável, apoderando-se de cada leitor ou ouvinte com a mesma facilidade com que teria saído das mãos do seu autor. E este, pelo seu talento de improvisar e por se dizer inculto, ledor tão-somente da gazeta e da *Marília de Dirceu*, contribuiu para que se divulgasse a ideia de que seus versos eram o produto puro da inspiração, intocados – ou quase – do apuro do artista.⁷⁶ Ora, Eugênio de Castro, que muito conviveu com o poeta, afirma que este polia e tornava a polir cada um de seus poemas, na ânsia de aperfeiçoá-los. Mesmo que tal processo de criação não tenha sido sempre o seu, o fato é que João de Deus atinge, na maior parte de sua obra, uma perfeição formal e uma harmonia de ritmos que são de um artista experimentado. A sua naturalidade pode ser – e tem sido – comparada à do Camões das redondilhas: uma sábia naturalidade, com todo o esmero da grande arte.⁷⁷

Não esperemos do lírico João de Deus um poeta participante, como foram, em parte, Antero de Quental ou Guerra Junqueiro, seus contemporâneos em Coimbra; seu tema é o amor: amor à mulher e amor a Deus. Só o satírico – bem menor que o lírico – refletirá preocupações políticas e sociais, traçando caricaturas das instituições e dos que as mantêm. Onde, porém, o vemos

mais entrosado em seu tempo, positivamente atuante, é na sua obra educativa, criando uma *Cartilha maternal*, que aprimora mais e mais, e orientando os mestres que querem adotá-la. Sua bondade, louvada por todos os que o conheceram, empenhava-o nesse trabalho útil e desinteressado.

Não pode ser esquecida, no entanto, a sua atitude firme e consoante com a da “Geração de 70” no comentário à carta aposta por Castilho ao *D. Jaime*, de Tomás Ribeiro, em que o velho mentor compara este poema a *Os Lusíadas*, tendo como medida aferidora a sua maior ou menor conveniência e acomodação aos meninos das escolas. A crítica certa e forte de João de Deus não só atinge fundo as ridículas afirmações de Castilho, como também revela uma fina intuição do fenômeno poético que se revela, por exemplo, nas suas observações sobre compasso do verso e andamento da frase.⁷⁸ Referindo-se a essa carta, diz Teófilo Braga: “Esse escrito é pouco conhecido, mas nele começa esse fenômeno moral e intelectual da dissidência da *Escola revolucionária...*” (in *As modernas ideias da literatura portuguesa*). É, de certo, com menor amplitude e ressonância, o mesmo tipo de reação que dará origem, dois anos mais tarde, à Questão Coimbrã.

Mas voltemos ao poeta. Pertencendo cronologicamente à última geração romântica (tem quase a mesma idade que Soares de Passos e Bulhão Pato), não é de admirar que sua poesia apresente características românticas. Assinala-o, entre outros, Fidelino de Figueiredo, salientando, por outro lado, os aspectos que a distinguem da dos autores seus contemporâneos: sentimentalismo menos exacerbado, subjetivismo menos confidencial. Na verdade, não se compraz João de Deus na contemplação do fúnebre ou do macabro; a tristeza que revela é profunda, mas nunca mórbida; daí o clima de equilíbrio saudável em que decorre sua poesia, o qual mais se acentua pela alegria moça e espontânea de muitos de seus poemas.

Dir-se-ia que a velha árvore romântica, a agonizar, reflorescia em um ramo

novo, onde corria seiva nova e diferente, de romantismo mais sadio (insistimos nesse aspecto), que vinha prolongar-lhe a vida. Não esqueçamos que a esse momento de sobrevida do Romantismo português corresponde a sua infância e mocidade no Brasil e que João de Deus, contemporâneo dos românticos brasileiros em fase de afirmação da (para eles) nova escola, plenos de jovem vitalidade, e dos ultrarromânticos portugueses que morrem “à míngua, de excesso”,⁷⁹ tem muito maiores afinidades com aqueles. Para tal arejamento, terá, sem dúvida, contribuído o seu convívio com os companheiros de Coimbra, mais moços que ele, introdutores do Realismo em Portugal e cujas violentas críticas se voltavam sobretudo contra o Romantismo serôdio e gasto do último momento, que não contra a validade indiscutível da obra de um Alexandre Herculano.

É, pois, aos brasileiros da primeira fase romântica que se aparenta a poesia de João de Deus, e mais especialmente à de Casimiro de Abreu. Deste poeta diz Manuel Bandeira:⁸⁰ “Casimiro de Abreu é seguramente o mais simples, o mais ingênuo dos nossos românticos e isso lhe valeu o primeiro lugar na preferência do povo”, e o mesmo se poderia dizer de João de Deus, não esquecendo, todavia, que aquele viveu apenas 21 anos, enquanto que este teve publicados seus primeiros poemas à volta dos 40. Excluída, assim, a tonalidade quase infantil de certos versos de Casimiro, o seu complexo adolescente do “amor e medo”, e a nostalgia da pátria, encontraremos em ambos os poetas os mesmos temas tratados de maneira muito semelhante: em ambos há a mesma leveza, a mesma graciosidade, a mesma inocente sensualidade.

Será lícito, parece-nos – já que os poemas de Casimiro de Abreu foram publicados muito antes dos de João de Deus e tiveram tal sucesso em Portugal que lá também se fizeram edições, duas das quais prefaciadas por Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas –, supor que a sua poesia tenha influenciado de certo modo a do poeta português.

Feita tal aproximação, que se nos afigura necessária à situação da obra lírica de João de Deus, tentemos caracterizá-la.

A tônica de sua poesia amorosa não é a irrealização, como na maioria dos poetas do amor; embora a mulher amada seja descrita superlativamente, comparada ao que há de mais belo na natureza – ela brilha mais que os astros, sua voz é mais suave que a dos pássaros, seus cabelos mais perfumados que as flores –, tais dons não a tornam insensível e, se ele a vê tão alta e pura, é puro e alto o voo em que vai buscá-la, encontrando-a por toda parte, resumindo ambos o mundo inteiro (“O mundo és tu... e eu!”). Chama-lhe *pomba e anjo tutelar*, adora-a às vezes à distância, bastando-lhe “olhar de longe... olhar!”. É mais frequente, porém, estar ao seu lado, sentir-lhe “convulso / Bater o coração”, ver-lhe “arfar o seio / Corar... mudar de cor...”, beijá-la. No beijo se resume quase toda a sensualidade de sua poesia: sensualidade graciosa, tocada de leve malícia, com que o beijo é dado, negado ou negaceado. O delicioso poema “Perdão” é uma espécie de círculo vicioso do beijo – causa de amuo e meio de obter perdão. Há, pois, na poesia de João de Deus, a presença ausente da mulher idealizada e distante, mas também a presença presente e ativa da mulher real, a quem o poeta pode dizer, convicto: “Amamo-nos!”. Mesmo àquela que paira distante “nessas alturas onde tudo é brilho, Harmonia, pureza, formosura”, que é para ele “luz do céu! cheia de graça”, ele dirá: “Tu cuja cinta meço a toda hora”, afirmando sua existência física; e o ciúme que dela tem manifesta-se no desejo material de morder o lençol que lhe cobre o seio. Tal capacidade de abranger o ideal e o real dá-lhe um âmbito que falta à maioria dos românticos, sem chegar nunca ao realismo, e aproxima-o da tonalidade amorosa do *Cântico dos cânticos*, que superiormente traduziu.

Têm sido frequentemente notadas a influência e a perduração do lirismo medieval e camoniano em João de Deus: ele apreendeu-lhe a forma e o espírito, adaptando-os a sua época. Num poema, dos mais originais, que gostaríamos de subintitular *cantiga de amigo* (“Amôres, amôres”),⁸¹ é a

mulher quem fala, conseguindo o poeta, como os velhos trovadores, dar-lhe autenticidade feminina; e, numa criação que nos lembra fatalmente a de Camões em “Coifa de beirame / Namorou Joane”, dá-nos João de Deus uma menina buliçosa, cheia de malícia e livre de preconceitos, confessando francamente sua volubilidade, sua naturalidade em receber e dar, que ressalta de pequenos flagrantes como este:

Um dia que o alto
Me vinha abraçar,
Fiquei-lhe de um salto
Suspensa no ar. (v. 21-4)

Ao amor plenamente sentido e vivido, a fé em Deus e na vida futura dará eternidade; é assim o amor terreno que conduz ao amor divino (“Último Adeus”):

Lá tão longe de ti, mas não do terno
Bondoso Pai que os dois nos há gerado,
Só para mágoas não, que bem guardado
Nos tem também no céu prazer eterno. (v. 5-8)

Seu Deus é compassivo, remunerador, pai, enfim, e a morte não é morte, mas ressurreição. Esse tom sério e devoto com que se acerca do Senhor, abandona-o o poeta algumas vezes e se permite brincar com a divindade, não imaginando maior prazer no céu do que o de um beijo da amada e só vendo Deus retratado na face das belas mulheres. A dor verdadeira, porém, a que inspirou a sua obra-prima, a elegia “A vida”, fá-lo duvidar da existência do céu (“se um céu houvesse”), e da misericórdia de Deus: “Deus podia prever a desgraça, / Deus podia prever e não quis!”. É um momento doloroso de revolta e descrença, fundamente sofrido, talvez duradouro, mas um momento: ao longo da obra – e da vida – teve a iluminá-lo “a lâmpada da Fé, onde a nossa alma / Vai, como a corça à solitária fonte, / Matar a sede que mais nada acalma”.

Dissemos que a poesia de João de Deus tem âmbito mais amplo que a da maioria dos românticos e isso porque o poeta não desdenhou o material herdado do Romantismo, acrescentando-lhe o que buscara diretamente no velho lirismo português e a sua experiência pessoal de artista contíguo ao Realismo. É, todavia, o Romantismo que lhe constitui o filão mais abundante, como se pode facilmente verificar pela simples leitura do índice da Parte I do *Campo de flores*, ou por um rápido levantamento vocabular nos versos nela contidos. Na verdade, a maioria dos títulos dos poemas líricos se compõe de nomes indicativos de sentimentos ou estados de espírito (Amor, Paixão, Saudade, Adoração, Tristezas, Melancolia, Enlevo etc.), ou ainda de elementos muito usados pelos românticos (Casto lírio, Folha caída, Rosa e rosas, Lírio do vale, Aroma e ave, Estrela etc.), e no seu vocabulário colhemos fartamente termos caros aos poetas da geração de Garrett ou aos do *Trovador* e do *Novo Trovador*.

Sua adjetivação predominantemente subjetiva e de brando colorido faz-se sobretudo através de epítetos como: suave, doce, mimoso, puro, cândido, celeste, vaporoso, lindo, inocente etc., pouco expressivos, por muito gastos, mas renovados às vezes por associações ou reiteraões. É, entretanto, pelo uso de comparações, e de comparações em cadeia, que o poeta consegue caracterizar e valorizar a mulher amada, numa espécie de adjetivação indireta. E note-se que as comparações vêm explícitas: “Tu, bela, fresca, e linda / Como a aurora, ou mais / Do que a aurora ainda”, ou implícitas: “Não brilha o sol, / Nem pode a lua / Brilhar na sua / Presença dela!”. Beleza, brilho, cor, som, ela os tem mais que a pérola, o sol, a lua, a estrela, a madrugada, a ave, e tem ainda, só suas, a doçura, a pureza, a inocência, a santidade...

Não sei de outro poeta da língua portuguesa – excetuando o nosso Gonçalves Dias – que tenha utilizado tão ampla e artisticamente os variadíssimos metros que sete séculos de poesia lhe proporcionavam: redondilhos maiores e decassílabos, em maior número; hexassílabos

bastante numerosos; redondilhos menores, tetrassílabos e eneassílabos em menor proporção; e, alternando com estes, trissílabos e monossílabos. É de lamentar que não tenha usado o belo verso de arte-maior que o Romantismo começara a desenterrar do esquecimento. Da sua versatilidade em passar de um ritmo a outro é exemplo plenamente realizado o poema “A vida”. Também múltiplos são os talhos estróficos, em que a variedade provém do número de versos ou da alternância de metros em cada estrofe.

A harmonia e a musicalidade dos versos de João de Deus são em parte decorrentes dessa mestria na escolha de seus metros e na sua execução, e ainda no emprego de processos estilísticos, na maioria de cunho popular. Não encontramos estribilhos propriamente ditos em seus poemas, mas repetições parciais que lhes dão uma simetria de caráter melódico bem do gosto da poesia transmitida oralmente; em alguns casos, temos a repetição da primeira estrofe na última (cf. “Espera”), em outros a repetição dos primeiros versos da estrofe nos últimos (cf. “Estrela”), em outros, mais comuns, são as mesmas palavras que se repetem dentro da mesma estrofe ou de estrofes sucessivas, estabelecendo um elo fônico de alto valor musical.

Do mais gracioso e original da sua poesia são os poemas dialogados ou supostamente dialogados – supostamente, pois sente-se a presença do interlocutor, mas este não fala (no poema “Beijo”, o jogo amoroso é rítmicamente reproduzido pela alternância dos tetrassílabos – a persuasão – e do monossílabo – o convite, primeiro em forma interrogativa, depois quase uma ordem).

No começo de sua vida literária, confessou João de Deus seu “fraco pela poesia amorosa”. E, como seu amor era simples – feliz ou infeliz, mas sempre de uma sadia simplicidade –, ele o captou em versos simples. Sua alma sem meandros, sua inteligência aberta mas não inquiridora de soluções filosóficas, seu senso de humor discreto, sua grande capacidade de amar e

de crer resultaram nesse *Campo de flores*, de que procuramos selecionar o melhor para esta antologia.

[75](#) Publicado in *João de Deus* – poesia. coleção “nossos clássicos”, Rio de Janeiro: Agir, 1967. in Berardinelli, Cleonice, *Estudos de literatura portuguesa*, Vila da Maia: INCM, 1985.

[76](#) A sua modéstia ressalta dos versos que escreveu quando, em plena maturidade, recebeu grandes homenagens que visavam ao poeta e ao educador: “estas honras, este culto, / bem se podiam prestar / a homens de grande vulto / mas a mim, poeta inculto, / espontâneo, popular, / ... é deveras singular....”.

[77](#) Prova de seu espírito crítico seguro é a carta citada na nota seguinte.

[78](#) V. João de Deus, “*Os Lusíadas*” e a conversação preambular. Lisboa, 1880. É uma carta dirigida a avelino de souza e publicada em 1863 no jornal *O Bejense*, que ele dirigiu de 1862 a 1864, e da qual achamos oportuno transcrever alguns passos: “se não fosse a boa-fé com que o sr. antônio feliciano de castilho se costuma exceder a todas as demasias da benevolência, quando se trata de afervorar alguém na cultura das letras, visto não poder duvidar da sua inteligência, duvidava da sua sinceridade”. E, depois de citar as contradições em que incorre castilho, salienta sua falta de sensibilidade no considerar má a utilização do mesmo metro para todos os versos d’“*Os Lusíadas*” que não poderiam corresponder à variedade de tons que nele se contêm. a essa objeção opõe João de Deus uma longa e justa argumentação, terminando: “o andamento da frase não tem nada com o compasso do verso. são duas coisas diferentes compasso e andamento. todos os versos da mesma qualidade têm o mesmo compasso. dar-lhes o mesmo andamento só quem ou não sabe ler, ou quem os não sabe fazer”.

[79](#) Permitimo-nos parodiar o verso de Mário de Sá-Carneiro “morro à míngua, de excesso” (do poema “a queda”, in *Mário de Sá-Carneiro*, p. 65), que bem caracteriza, a nosso ver, o ultrarromantismo.

[80](#) In *Apresentação da poesia brasileira*, p. 72.

[81](#) Deus, j. de, *Campo de flores*.



A BIFRONTE IDEIA DE ANTERO DE QUENTAL⁸²

Dos sonetos de Antero de Quental, dois se posicionam num díptico apresentado pelo autor como *Tese* e *Antítese*; em sua magistral edição das obras do poeta, situa-os Antônio Sérgio, no ciclo “apostolado social”.

Como Hegel, na esteira de Fichte⁸³, apresenta Antero sua posição dúplice e dialética *in fieri*, sem a resolver numa síntese que se poderá buscar em outros poemas, no conjunto das atitudes políticas por ele assumidas e dos seus pronunciamentos em prosa – em discursos, artigos, cartas etc. – sem a certeza de encontrá-la.

Antero Tarquínio de Quental, que na mocidade se assinou também do Quental – assim o li pela primeira vez – nasceu no Arquipélago dos Açores, na Ilha de São Miguel, na cidade de Ponta Delgada, a 18 de abril de 1842. Seus estudos primários e secundários foram feitos no continente e, em menor parte, na ilha. Em 1855 vai para Coimbra, onde termina o liceu e se matricula, em setembro de 1858, no primeiro ano de Direito. Durante o curso não se distingue como aluno exemplar, tendo mesmo sido reprovado no quarto ano, mas é reconhecido pelos companheiros como um líder. Assim o encontramos no sincero e eloquente depoimento de Eça para o *In memoriam* de Antero:

Em Coimbra, uma noite, noite macia de abril ou maio, atravessando lentamente com as minhas *sebentas* na algibeira o Largo da Feira, avistei

sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas da Lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava.

[...]

Deslumbrado, toquei o cotovelo dum camarada, que murmurou, por entre os lábios abertos de gosto e pasmo:

“É o Antero!...”

[...] destracei a capa, também me sentei num degrau, quase aos pés de Antero que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discípulo. E para sempre assim me conservei na vida.⁸⁴

Pertencente a uma geração de jovens de inteligência incomum e notável interesse pela coisa pública, é ele quase sempre o seu porta-voz durante os anos de Universidade.

Em 1862, aos vinte anos, é o escolhido para saudar, em nome dos estudantes, o Príncipe Humberto, da Itália, e o faz com palavras firmes em que transparece a repulsa dos moços à reacionária direção da Universidade, e sobretudo ao Reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto, que todos detestavam. Eis um extrato da breve e vigorosa mensagem:

“Os Estudantes da Universidade de Coimbra, filhos e netos dos heróicos defensores do Porto, saúdam, em nome da fraternidade de dois povos irmãos, o neto de C[arlos] Alberto: a mocidade liberal Portuguesa saúda, em nome da liberdade do mundo católico, o filho do amigo de Garibaldi, o filho de Vítor Manuel.

[...]

Não é ao representante da Casa de Sabóia que vimos prestar homenagem: é ao filho de V[ítor] Manuel que saudamos, do primeiro soldado da independência italiana, desse, de quem os reis da Europa aprendem como, neste século ainda, se pode ser popular sendo-se Rei; de quem a Itália espera ressurreição completa; de quem espera a Igreja Cristã uma nova época de verdadeira grandeza e liberdade verdadeira”.⁸⁵

O impacto causado por essas palavras fez-se sentir, segundo testemunha da época, em toda a comitiva do príncipe e, obviamente, nas autoridades universitárias.

A visita do príncipe fora em outubro; em dezembro, no dia oito nova reunião na sala dos Capelos para entrega de prêmios aos estudantes. Sala cheia. Silêncio absoluto. Longo discurso do Dr. Jerônimo José de Melo. Deve seguir-se o do Reitor. Às primeiras palavras, todos os estudantes se levantam, sem desordem, sem tumulto, e esvaziam a sala. Fora, na praça, dão vivas à liberdade.

Este procedimento dos estudantes foi erroneamente julgado; Antero, chocado com a reação pública, teria dito, segundo um contemporâneo, as seguintes palavras: “–Dizem por aí que os estudantes foram o instrumento de política contra o governo e que nós todos somos uns díscolos inconscientes.”⁸⁶ E decidem tomar uma decisão: lançar um “Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra à opinião ilustrada do país”, com trezentas e catorze assinaturas. O redator foi Antero. Começa por pedir alguns minutos de atenção “ao Governo, aos homens desinteressados e liberais” e continua:

“Não é só contra o Reitor, o Senhor Doutor Basílio Alberto de Sousa Pinto, que nos manifestamos, contra a autoridade que não cumpre com o dever da justiça, o primeiro e único que lhe impõe o seu cargo. Há aqui mais alguma coisa e alguma coisa pior. Gememos sob o peso de uma legislação iníqua, porque é velha; necessariamente injusta, porque é confusa... A manifestação contra o Reitor da Universidade é também protesto contra a iniquidade de uma legislação atrasada de três séculos, porque este Reitor simboliza todo o rigor dessa lei, porque consubstancia em si tudo o que há de mau na instituição”.⁸⁷

Bem cedo, portanto, aos vinte anos, Antero entrava na arena – e utiliza-se uma sua expressão na carta autobiográfica a Wilhelm Storck, tradutor de

seus versos para o alemão: “Desci confiado para a arena: queria reformar tudo, eu que nem sequer estava ainda a meio caminho da formação de mim mesmo!”⁸⁸

Estará, outra vez, na arena, em 1865, ao revidar os golpes de Castilho na célebre carta “Bom Senso e Bom Gosto”. Entrou na luta com alta dignidade, defendendo, não a si mesmo, mas a ideias e atitudes que lhe pareciam sérias e inevitáveis no momento em que viviam. Logo se enojou da polémica, em que se metera um pouco impulsivamente, porque logo percebeu que não o tinham entendido nem mesmo os que o aplaudiam:

“Aplaudiram uns a audácia da heresia literária; outros a firmeza de um golpe certo; aqueles folgaram com a satisfação de certos ódios, que eu não conheço; estes com o abatimento de certas famas; todos, enfim, com o escândalo...

Mas eu só tinha buscado o triunfo da verdade.”⁸⁹

É uma tônica da vida de Antero, a busca da verdade. Foi ela também que o levou a seguir para Paris com o fito de fazer-se tipógrafo, para pôr em prática o socialismo ao qual se ligara com a convicção que punha em tudo que fazia. Seu companheiro e amigo Luís de Magalhães assim se exprime no *In Memoriam*:

“Com a mesma ardente fé com que um cavaleiro mediévico professava numa ordem militar religiosa, assim Antero professou na ordem revolucionária do Socialismo. Professou solenemente, com a solenidade que advém da grandeza das resoluções e da verdade íntima com que se tomam. Abdicou da sua classe, renunciou à sua situação social e à sua fortuna. [...] aprendeu em Lisboa a arte tipográfica e partiu para Paris, em fins de 1866, a envergar a blusa do operário e a confundir-se, como um átomo, na massa obscura do proletariado!”⁹⁰

A experiência frustrou-o. Em carta a Alberto Sampaio analisa a sua *situação trágica* em Paris:

“Há um mês e tanto que caminho no meio de desilusões, disto bastante – mas sobretudo de mim. Concebi pela inteligência um molde e não atendi à matéria com que tinha de o encher. Ao segundo dia, logo a antinomia entre o mundo em que me achava e o meu estado de espírito e a natureza mesma do meu ser me apareceram cruelmente. [...]

Foi uma tentativa malograda mas honrosa, porque foi sincera; só eu sei por que esforços passei para cumprir o que julgava então o meu dever, quantos sacrifícios!”⁹¹

Esses esforços e sacrifícios abalaram-lhe profundamente a saúde, que tentará recuperar em sua ilha de São Miguel. De volta a Lisboa, frequenta o Cenáculo, em casa de Jaime Batalha Reis, onde se reuniam, entre outros, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Salomão Sáraga, Manuel de Arriaga. Em seu artigo para o *In memoriam* de Antero de Quental, já aqui citado, Eça narra com a graça habitual a chegada de Antero e a transformação que se processou no grupo até então formado “de uns quatro ou cinco demônios cheios de incoerência e de turbulência”.⁹²

“Aí Antero apareceu numa fria manhã – e foi aclamado. [...] Sob a influência de Antero logo dois de nós, que andávamos a compor uma ópera-bufo, contendo um novo sistema do Universo, abandonamos essa obra de escandaloso delírio – e começamos à noite a estudar Proudhon, nos três tomos da *Justiça e a Revolução na Igreja*, quietos à banca [...] E do Cenáculo, donde, antes da vinda de Antero (que foi como a vinda do Rei Artur à confusa terra de Gales), nada poderia ter nascido além de chalaça, versos satânicos, noitadas curtidas a vinho de Torres e farrapos de Filosofia fácil, nasceram, *mirabile dictu*, as Conferências do Casino, aurora de um mundo novo, mundo puro e novo que depois, ó dor, creio que envelheceu e apodreceu...”⁹³

Como se sabe, as Conferências, por muito revolucionárias e inovadoras, foram interrompidas pela polícia do Marquês de Ávila e Bolama, a quem

Antero escreveu uma terrível carta em que atacava a portaria que as proibia, qualificando-a de

“[...] ato tolo, ato ilegal, praticado por um inquisidor de *cache-nez*, ato contrário ao espírito da época: a época é liberal e o ato é despótico; a época é tolerante e o ato é inquisitorial; a época é inteligente e o ato é estúpido.”⁹⁴

Na verdade, a participação política de Antero começara no ano anterior (1870), com a publicação de artigos em jornais democratas de Lisboa, mas é a organização das Conferências Democráticas, em que proferiu duas das mais importantes, que inaugura sua atividade nessa área. Desse mesmo ano é o artigo “O que é a Internacional”, em que diz:

“[...] O Capitalista diz ao Trabalhador: se queres produzir, se queres viver, se queres existir, aceita submisso as minhas condições, recebe a minha lei, sê o meu criado e o meu servo: eu apreciarei o teu trabalho, darei por ele o que entender e quiser, serei o teu diretor, o teu amo, o teu tirano, e só assim terás tu o direito a existir! [...] É isto justo? É isto humano? Não, mil vezes não: e todavia é esta a cruel realidade! [...] Pois bem! O sentimento inato da Justiça diz ao povo que isto *não pode ser*: e a Ciência Econômica demonstra-lhe que isto *não deve ser*”⁹⁵

No ano seguinte, no artigo de abertura do jornal escrevia:

“[...] Ao povo chegou-lhe finalmente a sua vez de falar também. Por toda a parte, a voz solene e rumorosa das plebes se ergue como o bramido de um grande mar distante: distante, mas que já se deixa ouvir e, de quando em quando, entrever no fundo do horizonte. [...] É o fato supremo do século: a entrada definitiva do povo na cena da história.”⁹⁶

Num rápido percurso, enumera as classes que disseram sua palavra e se retiraram da cena: o sacerdócio, a aristocracia e a burguesia. Reconhece a utilidade desta última, mas também o seu esgotamento e perniciosidade atuais: “Hoje, o domínio dessa classe ávida e sem ideia não pode ser senão nocivo, letal, para o desenvolvimento revolucionário das sociedades.”⁹⁷

Para esta evolução não bastará uma classe, mas todas as classes reunidas, ou melhor, nenhuma classe, já que estas serão abolidas, absorvidas pela totalidade chamada Povo (com maiúscula alegorizante):

“Esse órgão é o Povo, unidade indissolúvel, negação das antigas divisões e afirmação enérgica da homogeneidade jurídica da humanidade.”⁹⁸

E, porque é assim, conclui:

“Por isso mesmo que seguimos o Povo, não seguiremos nenhum partido e, num certo sentido, nenhuma escola. Escola ou partido algum pode por ora pretender representar todo o pensamento popular. Se, porém, ao conjunto de doutrinas e tendências, que são o fundo comum dos partidos e escolas democráticas, se chama Socialismo, aceitamos de boa mente a denominação de socialistas, porque entendemos serem essas tendências e doutrinas comuns a expressão completa (embora não em todo o ponto consistente e harmoniosa) das aspirações sociais do povo contemporâneo.”⁹⁹

Eis, pois, Antero aceitando o rótulo de socialista. Seria lícito perguntar: qual é o socialismo de Antero? Responde-nos com clareza e síntese Antônio Sérgio em um de seus ensaios: é um socialismo proudhoniano, cuja doutrina é uma “espécie de cúpula das concepções jurídicas da Democracia”. Encarando “as questões econômicas de um ponto de vista essencialmente moral”, baseia “o progresso no esforço moral”, busca realizar-se por meios pacíficos; pode ser considerado “como uma aplicação – ou um corolário – de concepções religiosas e cristãs”. É “um socialismo de consciência, um socialismo idealista – e não de um idealismo sentimental e romântico, mas de auto-refreamento e de disciplina interior.”

Citamos ainda Antônio Sérgio:

O objetivo final do seu pensamento não é a boa repartição dos bens corpóreos: tal repartição, para Antero, não passa de um meio. Os verdadeiros fins são para o nosso poeta a plena dignidade da pessoa humana, a máxima fraternidade entre os membros da Grei: fraternidade,

como sabemos, com que o regime capitalista se não coaduna. [...] Para Antero, o verdadeiro socialismo é liberal: não se vai para o bem por caminhos maldosos, nem à fraternidade pela violência.¹⁰⁰

Na verdade, Antero se refere ao socialismo como a “uma religião” a cuja prática toma as metáforas que utiliza:

[...] “Nada disto altera ou enfraquece o *voto de obediência* que fiz nas aras da Revolução, pondo-me todo e tal qual sou, defeitos e qualidades, força e fraqueza, ao serviço da grande ideia. Nisto estou firme, e não admira, porquanto, tendo chegado a entrever a Revolução na sua idealidade, deixe-me dizer, no seu *misticismo*, encontrei o que o meu *temperamento místico* pedia, uma *religião* e agarro-me a ela com a tenacidade com que tais temperamentos se abraçam ao que lhes é intimamente adequado. Tomei a Cruz e hei-de morrer debaixo dela, mas sem a largar.”¹⁰¹ (Grifos meus)

É curioso assinalar que esse socialista participou da orientação e redação de dois jornais cujos títulos são *República Federal* e *A República – Jornal da democracia portuguesa*. No artigo de apresentação deste último, Antero escrevia:

“O complemento necessário da liberdade, que a faz viver e frutificar, é a República. [...]

A República é, no Estado, liberdade; nas consciências, moralidade; na indústria, produção; no trabalho, segurança; na nação, força e independência. Para todos, riqueza; para todos, igualdade; para todos, luz.”¹⁰²

Afinal, republicano ou socialista? Eis sua resposta, num artigo do *Pensamento Social*, semanário surgido em fevereiro de 1872:

“Somos republicanos daquela república que por ora não existe senão como ideia e aspiração, a República Social, porque só nela a forma republicana deixa de ser uma ilusão, tem uma realidade absoluta, assentando sobre instituições econômicas e sociais verdadeiramente democráticas,

destruidoras de todos os antagonismos e monopólios de classes, zeladoras do direito e da dignidade do trabalho, destinadas a manter continuamente entre os cidadãos o nível da igualdade. A república, neste caso, não é mais do que a forma política daquela organização econômica da sociedade que nós, com o nome de Socialismo, temos sempre pregado como sendo a expressão exata da Justiça nas relações humanas. Entendida neste sentido a palavra, somos republicanos, porque se não compreendemos que haja república verdadeira fora do socialismo, não compreendemos igualmente que fora da república possa o socialismo realizar-se completamente...”¹⁰³

Essa seria a república ideal, sonhada por esse idealista; não é, porém, a que pretendem implantar os republicanos portugueses. Decepcionado, Antero escreve a Lobo de Moura:

“Creio que teremos a República em Portugal, mais ano, menos ano; mas, francamente, não a desejo, a não ser num ponto de vista todo pessoal, como espetáculo e ensino. Então é que havemos de ver o que é atufar-se uma nação em lama e asneira.”¹⁰⁴

No mesmo ano de 1873, escreve a Oliveira Martins:

“A fantasia republicana está desfeita de todo no nosso grupo socialista e dou por isso muitas graças aos deuses. É necessário, de toda a necessidade, que quebreiros com os republicanos e eu estou resolvido a fazê-lo em voltando a Portugal... Urge que ninguém nos tome por jacobinos, nem por comunistas.”¹⁰⁵

Em outubro de 1878, é convidado a apresentar sua candidatura a deputado por um círculo republicano-socialista. A propósito, escreve a Oliveira Martins:

“Aqui pretendem uns centros republicanos *soi-disant* socialistas, apresentar a minha candidatura por Âlcantara. Respondi que achava equívoca a expressão republicano-socialista, e como este equívoco praticamente me parece perigoso, só aceitaria a dita candidatura com o caráter

exclusivamente socialista. [...] Talvez seja uma ocasião de me explicar sobre a delicada distinção entre socialista e republicano e de sair uma vez por todas de um equívoco que me pesa.”¹⁰⁶

Em 1879, aceita a candidatura oferecida pelo Partido Socialista. Em 1880 lança um importante Manifesto em que exprime sua concepção de problemas de política social e econômica. Nove anos mais tarde, e já ao fim da vida, redigirá um artigo “O socialismo e a moral”, revelador de sua posição intransigente sobre a relação entre o problema econômico e o moral. Ouçam-se algumas frases que poderão ser consideradas como o testamento político de Antero:

“A emancipação dos trabalhadores deve ser obra do próprio esforço dos trabalhadores, por conseguinte, antes de tudo e como primeira condição, da sua energia moral, da sua perseverança, da sua firme dignidade, numa palavra, não somente da agitação coletiva, muitas vezes superficial e inconsistente, mas da sólida virtude dos indivíduos.

Coisa alguma grande e duradoura se fundou ainda no mundo senão pela moral; e se o Socialismo tem de ser uma esplêndida realidade, só o será como um passo mais no caminho da evolução moral das sociedades.

[...]

O grande Proudhon, depois de trinta anos de trabalho e martírio, desenganado da política das revoluções, chegava finalmente, numa das últimas páginas que escreveu, a esta conclusão: ‘O mundo só pela moral será libertado e salvo’. É com esta palavra de ouro que fecharei este pequeno artigo.”¹⁰⁷

Até aqui acompanhamos o pensamento político anterioriano sobretudo através de seu testemunho escrito em prosa. Minhas primeiras palavras, remetiam para dois sonetos, *Tese* e *Antítese*, cuja tensão dialética justifica o título deste “pequeno artigo” (diria, parodiando Antero) e foi o ponto de partida para minha reflexão, toda ela debruçada sobre textos do autor.

Insertos nas *Odes modernas*, esses sonetos chegam, como os títulos fazem prever, a conclusões opostas e, embora Antero tenha alguma vez classificado tese e antítese como “formas que se opõem sem que por isso se contradigam”, parece-me difícil propor uma síntese – que ele neste caso não propõe –, mesmo recorrendo à sua obra em verso e em prosa, e à situação do homem político, empenhado no apostolado social. Vejam-se os dois sonetos:

TESE E ANTÍTESE

I

Já não sei o que vale a nova ideia
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,
Torva no aspecto, à luz da barricada,
Como bacante após lúbrica ceia!

Sanguinolento o olhar se lhe incendeia...
Aspira fumo e fogo embriagada...
A deusa de alma vasta e sossegada
Ei-la presa das fúrias de Medeia!

Um século irritado e truculento
Chama à epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obus...

Mas a ideia é num mundo inalterável,
Num cristalino Céu, que vive estável...
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

II

Num Céu intemerato e cristalino
Pode habitar talvez um Deus distante,
Vendo passar em sonho cambiante
O Ser, como espetáculo divino:

Mas o homem, na terra onde o destino
O lançou, vive e agita-se incessante...
Enche o ar da terra o seu pulmão possante
Cá da terra blasfema ou ergue um hino...
A ideia encarna em peitos que palpitam:
O seu pulsar são chamas que crepitam,
Paixões ardentes como vivos sóis!
Combatei pois na terra árida e bruta,
Té que a revolva o remoinhar da luta,
Té que a fecunde o sangue dos heróis!¹⁰⁸

Tentemos analisá-los de per si e entre si. A primeira observação que cabe é a de que ambos os sonetos são centrados na ideia – nova ideia, como se põe no primeiro verso –; a segunda observação a ser feita é a de que cada soneto contém em si a mesma dicotomia que opõe os dois como tese e antítese; como diria o próprio Antero em seu ensaio “A Filosofia da Natureza dos Naturalistas”, em cada um há *matéria* e *espírito*, materialismo e idealismo.

No primeiro soneto, por um processo de que se utiliza abundantemente e com êxito, Antero concretiza o abstrato – no caso a ideia – e dramatiza a situação. O leitor “assiste” a uma cena bem caracterizada: a) tempo da ação – o tempo presente, marcado negativamente por dois adjetivos éticos: “Um século irritado e truculento”; b) personagem – a nova ideia, também negativamente desenhada: “desgrenhada, / Torva no aspecto, à luz da barricada, / Como bacante após lúbrica ceia!”; c) local da ação – as ruas; d) ação realizada (na verdade, atitudes assumidas) pelo personagem – “Sanguinolento o olhar se lhe incendeia... / Aspira fumo e fogo embriagada... / [...] / Ei-la presa das fúrias de Medeia!”

Que outro espaço conota este, criado pelo poeta? Parece fora de dúvida – e a palavra *barricada* é altamente indicial – que são as ruas de Paris, por ocasião da Revolução Francesa, com mulheres desgrenhadas, como as

tricoteuses, que moviam sem parar suas agulhas durante os julgamentos e as execuções, mesmo no momento em que cabeças guilhotinadas caíam nos cestos.

Não remete o poema apenas para outro espaço – e mau! –; remete também para outro tempo – e bem melhor! Aquele em que a ideia não era nova e era “A deusa de alma vasta e sossegada”, antes de a tomarem as “fúrias de Medeia” nesse tempo presente sintetizado no primeiro terceto:

Um século irritado e truculento
Chama à epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obus...

É, pois, o tempo em que o pensamento é substituído pela epilepsia – com seu cortejo de convulsões, inconsciência, desgoverno dos gestos, privação do raciocínio, equiparada às fúrias de Medeia, – e à sonoridade persuasiva das palavras prefere-se o ribombo agressivo da artilharia. O pensamento perde, portanto, a coerência e a consciência; a palavra “ganha” violência e poder de destruição.

Tudo isso se contém nos dois quartetos e no primeiro terceto – onze versos –, iniciados pelo verso: “Já não sei o que vale a nova ideia”, que introduz a dúvida do poeta sobre a validade da revolução nas ruas, da utilização da força para a implantação de novos ideais políticos; o terceto final, introduzido pela adversativa *mas*, desfaz a dúvida, pela afirmativa do contrário:

Mas a ideia é num mundo inalterável,
Num cristalino Céu, que vive estável...
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

Resolve-se a dicotomia dialética – não matéria (v. 1-11), mas espírito (v. 12-14) – pela vitória do idealismo.

O segundo soneto tem uma disposição quiasmática em relação ao primeiro,

a mesma dicotomia se apresenta em sentido contrário: não espírito (v.1-4), mas matéria (v.5-14); não contemplação, mas luta (note-se o número de versos, também em quiasmo: 11 : 3 :: 4 : 10.¹⁰⁹ (1o son.) (2o son.)

O primeiro quarteto deste retoma o mesmo espaço do último terceto daquele: mundo inalterável, cristalino Céu, e Céu intemerato e cristalino, no qual habita, não a ideia mas um Deus distante que dela seria homólogo. Um Deus distante, num Céu distante, a ver, de longe, passar o Ser em sonho cambiante, como espetáculo divino. Visão vaga, imprecisa e, para mais, marcada pela dúvida: “Pode habitar talvez”.

Nestes versos está a nova tese (coincidente com a antítese do soneto anterior). Nos seguintes, introduzidos pela mesma adversativa, virá a antítese que se exprime através de elementos concretos, precisos. Novamente o leitor assiste a uma representação, na qual: a) o tempo da ação é o presente histórico, não delimitado: “o homem [...] vive e agita-se incessantemente... / Enche o ar da terra seu pulmão possante... / Cá da terra blasfema ou ergue um hino...”; “a ideia encarna em peitos que palpitam”; b) personagens – o homem, sede da ideia, e a própria ideia; c) local da ação – a terra (tornada cada vez mais nítida à medida que se reitera no texto, como se uma luz crescente fora lançada na cena); d) ação realizada: 1. pelo homem – vive e agita-se, respira, blasfema ou ergue um hino; 2. pela ideia – encarna, pulsa.

No primeiro soneto, o “drama” abrangia os dois quartetos; o primeiro terceto era uma reflexão sobre o encenado. No que agora analisamos, o “drama” se contém no segundo quarteto e no primeiro terceto que, como seu correspondente no outro, tem dupla e importante função: faz parte da representação – lá, como o tempo da ação, aqui como a própria ação realizada por um dos personagens – e encerra uma reflexão do sujeito poético. E vale a pena observar que os dois tercetos, que encerram verdades indiscutíveis, se posicionam também como tese e antítese: lá, estavam no

campo do condenável; aqui, no do louvável. Vale a pena ainda confrontar elementos encontrados no primeiro terceto do segundo soneto e no segundo terceto do primeiro soneto; neste, uma ideia *estável* vive num mundo *inalterável*; o pensamento (= ideia) “não é fogo, é luz!”, naquele, a ideia pulsa e “seu pulsar são chamas que crepitam, / Paixões ardentes como vivos sóis!” Tese e antítese novamente: estaticidade *versus* dinamismo, luminosidade *versus* crepitação, ardência.

O segundo soneto termina com uma veemente exortação:

Combatei, pois, na terra árida e bruta
Té que a revolva o remoinhar da luta,
Té que a fecunde o sangue dos heróis!

Ao fim da leitura do díptico, é este terceto que fica a ressoar, com a aspereza dos epítetos atribuídos à terra – *árida e bruta* –, a isometria do primeiro membro dos últimos versos, acentuada pela repetição da forma aferética da preposição que soa como batidas secas – “Té que a revolva”, “Té que a fecunde” –, a acentuar a violência da luta que revolverá a terra, fecundada pelo sangue dos heróis.

A última palavra ficaria para uma síntese que não foi proposta. Se o não foi, o que permanece é a concitação ao combate, à revolução. Como conciliar este momento da extensa obra anterioriana com o pensamento que nela se expõe e reitera frequentemente?

Nos comentários que apõe aos sonetos, Antônio Sérgio lembra que “o que estava na lógica e na harmonia de Antero” se exprimia em vários passos seus, como: “A missão do revolucionário é uma obra de paz, de reflexão, quase de ciência”. “Revolução não quer dizer guerra, mas sim paz”.

Adiante, torna a citar Antero:

[...] “Matéria e espírito, determinismo e liberdade, não são ideias contraditórias senão na aparência: de fato, são só duas esferas diferentes de

compreensão, tese e antítese, cuja síntese é a razão. [...] Essa síntese [...] nem a todos parecerá temeridade e paradoxo concebê-la, como eu a concebo, nem idealista nem materialista no antigo e mais usual sentido das palavras, mas, num sentido novo e mais profundo, como materialista idealista.”¹¹⁰

Não cito Antônio Sérgio na ordem em que o encontramos, mas noutra que serve melhor a meu raciocínio, sem, no entanto, trair-lhe o pensamento. No afã de explicar este insólito Antero, supõe que

[...] talvez o problema destes dois sonetos – *Tese e Antítese* – se pudesse formular do seguinte modo: competirá ao apóstolo o ser também político? não haverá incompatibilidade entre os dois papéis? (Parece-nos que a solução a encontrará o apóstolo atuando no setor da economia cooperativa e também no da escola primária e secundária; não na demagogia, no partidarismo e no mando).¹¹¹

Antes dessa proposta de compreensão, fizera outra:

[...] a tese e antítese neste passo das *Odes*, não surgem como momentos de nenhuma síntese, nem a antítese como definitiva rejeição da tese. São fauces irredutíveis de um problema angustioso, que remordem na consciência de qualquer apóstolo. Quanto a nós, o fato de Antero finalizar pela antítese explica-se apenas por exigência estética, e não por uma preferência decisiva e nítida a favor da antítese, ou recurso à força, – a qual se não coadunava com a sua índole básica, com a sua unidade espiritual profunda [...]¹¹²

Não me convence a hipótese de Antônio Sérgio, da exigência estética, até porque, se quiserem, podemos fazer uma leitura às avessas dos dois sonetos, começando pelo segundo. A lógica se manterá perfeita: em vez de partir da nova ideia “à luz da barricada” para negá-la, situando-a “num cristalino céu” de onde é novamente lançada na luta, parte-se deste “Céu intemerato e cristalino”, de onde Deus vê o homem – e nele encarnada a ideia – na terra,

em luta, para voltar ao “cristalino céu” onde a ideia “vive estável”. Os dois sonetos terminam por um apelo: no segundo, a um vós – homens, incitados ao combate –; no primeiro ao pensamento, cuja essência se afirma. Se o final do segundo é mais retoricamente impressionante, até pela repetição parcial das mesmas palavras e total do mesmo giro sintático, no final do primeiro, além de uma repetição parcial expressiva, há o verdadeiro fecho de ouro dos grandes sonetos: “Tu, pensamento, não és fogo, és luz!”.

Teríamos um belo dialogismo em tese e antítese se os lêssemos assim, e teríamos, para culminar, um belíssimo final em que se reafirmaria o Antero pregador da paz, da ordem e da verdadeira liberdade. Por que o não fez? Por que, em momento de tão alta inspiração, queimou o que adorara e adorou o que queimara? Porque estava convencido de que na razão está a síntese, a síntese *materialista idealista*, atrás citada?

Não me parece. Da leitura dos dois poemas, num sentido ou no outro, o que nos fica é a última mensagem. O que Antero nos deixou foi, por uma vez na vida, a mensagem da revolução. Ao político que ele foi, poder-se-ia exigir coerência. Ao poeta, seria lícito cobrá-la?

Poderíamos considerar que *Tese e Antítese* tivessem sido um ato falho de Antero? Bracejando toda a sua vida entre um querer imenso e um poder tragicamente limitado por graves problemas de saúde, ele tem paralelamente uma vida ativa de escritor que prega a revolução pacífica, a não violência, a não atuação material. Por convicção ou por deficiência? Por ambas, talvez seja a melhor resposta. E um dia, aos vinte e oito anos, no ano mesmo em que se iniciava nas lides políticas, tomou-o a Musa e o fez dizer, uma vez ao menos, o que recalcava e recalcaria até o fim, o que palpitava e crepitava em seu peito: “Paixões ardentes como vivos sóis!”

[82](#) Publicado in *Arquivos do Centro Cultural Português*N

[83](#) Quental, A. de, *Sonetos*, p. 117.

[84](#) Queirós, E. de, *Notas contemporâneas*, p. 325-7. nesta citação e em todas as seguintes, modernizou-se a ortografia.

[85](#) Carreiro, J. B. *Antero de Quental – Subsídios para a sua biografia*, V. I, p. 171-2.

[86](#) *Ibid.*, p. 175.

[87](#)³³ *Ibid.*, p. 176.

[88](#) Este texto, extraído da carta autobiográfica a W. Storck, é utilizado por José Bruno Carreiro (op. cit., p. 221) como epígrafe à quinta parte do primeiro volume da sua obra; “Na Arena” é o título desta parte.

[89](#) Carreiro, J. B., Op. Cit., p. 251, nota 22.

[90](#) *Ibid.*, p. 276.

[91](#) *Ibid.*, p. 281.

[92](#) *Ibid.*, p. 296.

[93](#) *Ibid.*, p. 296-7.

[94](#) *Ibid.*, p. 386.

[95](#) *Ibid.*, p. 324.

[96](#) *Ibid.*, p. 325.

[97](#) *Ibid.*

[98](#) *Ibid.*

[99](#) *Ibid.*, p. 325-6.

[100](#) Sérgio, A. *Ensaio*, V. IV, p. 193-5.

[101](#) Carreiro, J. B., Op. Cit., p. 327.

[102](#) *Ibid.*, p. 331.

[103](#) *Ibid.*, p. 333, nota 13.

[104](#) *Ibid.*, p.342.

[105](#) *Ibid.*, p.343.

[106](#) Ibid., p.344-5.

[107](#) Ibid., p. 350-1.

[108](#) Quental, A. de, Op. Cit., p. 111-2

[109](#) Para mais, poder-se-ia apontar o fato de serem destinados, no espaço / tempo poético, vinte e um versos à nova ideia, que passa de repelida (v. 1-11 do 1o soneto) a ardentemente buscada (v. 5-14 do 2o soneto), e apenas sete – a terça parte – à ideia *tout court*, apresentada de início como duradoura, explicitamente afirmada (v. 12-4 do 1o soneto), passando a duvidosa, implícita em um “deus distante” (v. 1-4 do 2o soneto). ideia e nova ideia são mostradas em suas duas faces, questionadas, pois. a esta última, no entanto, é dado permanecer bem mais longamente no texto poético e ter a palavra final.

[110](#) Quental, A. de, op. cit., p. 117.

[111](#) Ibid., p. 116.

[112](#) Ibid., p. 114.



A POESIA DE GUERRA

JUNQUEIRO¹¹³

Por volta de 1888, em Lisboa, um grupo de 11 homens inteligentes e cultos começou a reunir-se mensalmente em torno de uma mesa de jantar, para passar algumas horas de bom convívio e de boa palestra, regada a Colares ou champanhe. Para fazerdes¹¹⁴ ideia da excelência de tais jantares, bastará lembrarmos que um dos 11, Eça de Queiroz, vinha periodicamente de Paris a Lisboa para neles tomar parte. Um outro de seus membros, Oliveira Martins, batizou o grupo: “Vencidos da vida”. Mas vencidos por quê? Se atentássemos em seus ternos talhados possivelmente no Poole, em suas cartolas ou chapéus altos, em suas botinas lustrosas de verniz, nas flores à lapela, no ar *dandy* de alguns deles, não saberíamos responder. E se nos dissessem que havia entre eles três condes e um marquês, e mais um crítico, um historiador, um novelista e um poeta que eram os maiores de sua geração, concordaríamos que “para todos os efeitos públicos pareciam ser realmente vencedores”. Mas foram eles que assim se chamaram e isso porque assim se sentiam: “para um homem o ser vencido ou derrotado na vida depende, não da realidade aparente a que chegou – mas do ideal íntimo a que aspirava”. Isso respondeu Eça de Queiroz, em nome do grupo, às maldosas insinuações de Pinheiro Chagas, acrescentando, com aquela ironia tão temida dos adversários: “os vencidos oferecem o mais alto exemplo moral e social de que se pode orgulhar este país. Onze sujeitos que há mais dum ano formam um grupo, sem nunca terem partido a cara uns aos outros:

sem se dividirem em pequenos grupos de direita e esquerda; sem terem durante todo este tempo nomeado entre si um presidente e um secretário perpétuo; sem se haverem dotado com uma denominação oficial ‘Reais vencidos da vida ou vencidos da vida real ou nacional’; sem arranjar estatutos aprovados no governo civil; sem emitirem ações; sem possuírem hino nem bandeira bordada por um grupo de senhoras ‘tão anônimas quanto dedicadas’; sem iluminarem no primeiro de dezembro; sem serem elogiados no *Diário de Notícias* – estes homens constituem uma tal maravilha social que certamente no futuro, na ordem das coisas morais, se falará dos 11 do Bragança, como na ordem das coisas heroicas se fala nos doze de Inglaterra”.

Apesar do bom humor dessa tirada, Eça participava da desilusão e do pessimismo do grupo. A sua geração – uma das mais pujantes da história do pensamento português – sonhara sonhos altos, de igualdade entre os homens, de combate à tirania, de reerguimento moral. Novas ideias filosóficas, novos credos políticos inflamaram-nos, e, cômicos de uma alta missão reformadora, lançaram-se às instituições: à Igreja, à monarquia, símbolos da tirania secular; à sociedade contemporânea, símbolo da devassidão; à própria pátria, prostituída, vivendo no “gosto da apagada e vil tristeza”.

Ramalho Ortigão desferira, uma a uma, as suas “Farpas” agudas e penetrantes; Oliveira Martins, apaixonado e eloquente, vira com as lentes enfumadas do pessimismo schopenhaueriano a história de Portugal e assim sombria a transmitira aos pósteros; Eça, com um sorriso irônico a sublinhar cada frase, derramara as cores e a luz de seu talento na pintura da sociedade corrupta das bestas e das levianas, dos padres sacrílegos, dos inconsistentes, dos fátuos e dos néscios; Antero, quebrados os altares dos templos, sério e trágico na sua sinceridade absoluta, transformara em admirável poesia a insatisfação e a busca que se refletiam em seus límpidos olhos azuis. Nenhum deles, porém, com mais força, mais ímpeto, mais revolta do que

Guerra Junqueiro. Porque a sua arma era a mais terrível, dessas que só se arrancam da ferida com bocados de carne sangrenta: o sarcasmo. E como soube manejá-la!

Perdoai, senhoras e senhores, o só agora falar-vos no poeta que hoje se comemora. Quis situá-lo na sua época, entre os seus pares, para melhor explicar-lhe as atitudes em face dos grandes problemas da vida, pois essas não são apenas suas, mas da sua geração, que bebeu às mesmas fontes, sofreu as mesmas influências, teve aproximadamente as mesmas reações.

Não é, entretanto, do homem de ação, do político nem mesmo do filósofo que me propus tratar: é o poeta que vos trago aqui, na beleza de seus versos imortais.

Caberá Junqueiro em alguma escola literária? Não o creio. Aliás, os poetas seus contemporâneos dificilmente se poderão rotular disso ou daquilo. Chamam-se às vezes poetas do realismo não realistas, pois se o são também, não o são exclusivamente. Adepto das novas ideias, Junqueiro traçará o retrato caricatural do poeta romântico (“Introdução”):¹¹⁵

É o bardo cismador, linfático, plangente,
Doce como o luar, negro como um abismo.
O poeta que traz no coração doente
A velha flor azul do sentimentalismo.

E se referirá a Byron ou a Musset com desdém soberano; mas ele bem sabe que o romantismo sobrevive na sua poesia, embora ele a queira científica e revolucionária. E que verbo mais revolucionário que o do mestre confessado, o “divino Hugo”? Não têm os alexandrinos dos dois poetas a mesma indignação apaixonada, que se derrama em amplas estrofes sinfônicas? Não poderia Junqueiro dizer, como Victor Hugo: “*mon âme est un écho sonore*”? Sim, porque toda a instabilidade dramática do seu tempo – religiosa, filosófica, política, social – bate em cheio na alma do poeta, fá-la vibrar dolorosamente e dela se projeta sobre a terra em catadupas de som.

Essa própria cólera por vezes desmedida e injusta – ele mesmo o reconhecerá mais tarde –, esse fluir dos versos, menos ao sabor da ideia que da emoção, não são ainda românticos? Bem razão, parece-me, tem Antônio Sérgio, quando chama ao Realismo português o terceiro romantismo, ou Fidelino de Figueiredo, que o considera apenas um período da era romântica. Dificilmente poderá o português despir-se de um romantismo que lhe é inerente, que não depende de época ou de escola, que é anterior a esta: o romantismo de um Bernardim ou mesmo – permiti que o diga – de um Luís de Camões. Acho que isso explicará, em parte, a não existência de um grande poeta parnasiano em Portugal, terra de poetas.

Pois Guerra Junqueiro não fugiu à tendência geral de sua raça. O que conseguiu, quase sempre, foi evitar a exageração romântica e ultrarromântica, pondo o sentimento onde havia o sentimentalismo, o doce onde havia o adocicado, a emoção onde havia o pieguismo. Não se furtou, porém, a um profundo subjetivismo que, raramente confessional, é sobretudo a sua maneira de ver e de sentir, ainda quando parece dar-nos paisagens e perfis.

Mas dizíamos que por vezes o poeta se nos revela no que tem de mais íntimo, diretamente, sem transposição, na primeira pessoa, num abrir de alma sem reservas. São versos de amor: amor de esposo, terno, apaixonado, seguro. Diante da mulher, põe-se de joelhos, em “Adoração”:¹¹⁶

Eu não te tenho amor simplesmente. A paixão
Em mim não é amor, filha, é adoração!
Nem se fala em voz baixa à imagem que se adora
Quando da minha noite eu te contemplo, aurora
E, estrela de manhã, um beijo teu perpassa
Em meus lábios, oh! quando essa infinita graça
Do teu piedoso olhar me inunda, nesse instante
Eu sinto – virgem linda, inefável, radiante,

Envolta num clarão balsâmico de lua,
A minh'alma ajoelhar, trêmula, aos pés da tua!;
longe dela, uma ausência breve parece durar a eternidade (“Carta a F.”):
És tu quem me conduz, és tu quem me alumia.
Para mim não desponta a aurora, não é dia,
Se não vejo os dois sóis azuis do teu olhar.
Deixei-te há pouco mais dum mês, – mês secular
E nessa noite imensa, ah, digo-te a verdade,
Iluminou-me sempre o luar da saúde.

Amor de pai que se debruça sobre a filha a vê-la sonhar: o seu sono lhe
inspira recolhimento e humildade (“A minha filha”):

E eu, urze má das encostas,
Eu sinto o dever sagrado
De te beijar, – de mãos postas!
De te abençoar, – ajoelhado!

a seu sorriso vai buscar o brilho da luz e o azul do céu (“Vendo-a sorrir”):

Sou o sol que agoniza, e tu, meu anjo loiro,
És o sol que se eleva.
Inunda-me de luz, sorri, polvilha de oiro
O meu manto de treva!

Amor de filho, a quem a mãe faltou muito cedo, amor saudade, enternecido
e triste, a evocar, através da névoa do tempo, uma presença e uma voz
(“Aos Simples”):¹¹⁷

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caía mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.

[...]

.....
.....

A minha mãe faltou-me era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto dum leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo d'oliveira!

Bem necessita o poeta desse ambiente de paz e carinho no lar que é um refúgio a abrigá-lo das lutas em que o lança seu ardor combativo. Anima-o o desejo de opor ao erro a verdade e, para tal, lança-se à destruição antes de construir. A paixão, porém, com ser sincera é irrefletida e, se o tiro é disparado contra o alvo, os estilhaços atingem o não visado. Pretendendo salvar a família, condenando, como símbolo do vício, a D. João, generaliza demais o seu julgamento; querendo ferir de morte a Tartufo, atinge o verdadeiro crente e a verdadeira fé; buscando vingar a pátria dos ultrajes recebidos, fere sem piedade alguns dos mais caros filhos da pátria.

Dizia-vos eu que não pretendia julgar o homem, em suas atitudes humanas, mas o poeta, em suas criações artísticas e, através de todos os tranSES de sua vida agitada, em todas as suas obras de sopro épico ou lírico, está sempre presente a poesia.

Todos sabemos que “A morte de D. João” é um poema sem unidade, em que o próprio personagem-título é apresentado illogicamente. Junqueiro quer fazer dele a “síntese da corrupção e da libertinagem”, causa e princípio da dissolução moral; não o consegue, apesar de acumular sobre seus ombros as responsabilidades mais pesadas, em estrofes cáusticas e impiedosas; vemos todos, em D. João, mais a vítima que o causador dos males do seu tempo. É um produto do meio e da fatalidade e, se mais tarde se torna também cínico e pervertido, há que lamentá-lo mais que acusá-lo. D. João é poeta e,

quando o encontramos pela primeira vez, está cantando, em doces redondilhas, a tristeza de ser órfão e ser só (“O órfão”):

Não ter mãe, nem ter amada!

Ai, que tristeza tamanha,

Que dura sorte funesta!

Nem a urze da montanha,

E é coisa bem desgraçada,

Teve sorte igual a esta!

Ama, com amor feito de ilusões e de esperanças, e vai cantar sob as janelas da amada (“A cena do balcão”):

Vem, meu amor, levanta-te do leito!

Não tarda a despontar a luz do dia;

Já sinto no meu peito

Cantar uma vibrante cotovia!...

[...]

.....

[...]

Vem, minha filha! A madrugada clara

Pousa o pé cor-de-rosa na montanha;

O vento ondeia a seara;

Vai pelo mundo uma alegria estranha...

A mulher que o fascina, Impéria, não lhe merece os arroubos juvenis; é, como ela mesma reconhece, “a árvore maldita, a maçanilha do amor”. E ele, “o pálido poeta enamorado”, cuja alma (“Cair do azul”)

[...] era um límpido cristal;

Mais alegre que um dia de noivado,

Mais pura do que um beijo maternal,

ao sabê-la venal, impura, sente rolar-lhe pelo rosto

[...] uma lágrima santa, cristalina,
Dessas que levam, dentro, os corações.

Não resiste, porém, ao fascínio da mulher e entrega-se a esse amor impuro,
como quem se entrega, irremediavelmente, à morte (“Romanticismo”):

Morrer! que importa ao pária, ao vil mendigo
Sem bússola, sem norte?
Pois tu não me dirás que custa a morte
A quem a traz consigo?!

Morrer num ermo, como um cão danado,
Ou em leito de rosas e de arminhos
É tudo o mesmo fado;
Pouco vale a dif’reença dos caminhos.

A mim lançou-me Deus esta ironia,
Esta chama voraz...
Vem apagá-la, que ao romper do dia
Talvez minh’alma já descanse em paz.

Talvez... talvez!... quem sabe se o maldito,
Ao cabo da jornada,
Em vez da luz imensa do infinito,
Há-de encontrar o nada!

Mas a seu espírito repugna a vitória da carne, e ainda tentará resistir. A
Jesus Cristo – apesar de não considerá-lo Deus, mas o mais perfeito dos
homens, e nisso D. João é o próprio Junqueiro – lança a sua súplica
(“Ruínas”):

Ó Jesus Cristo, ó sábio,
[...]

Se és na verdade o pai dos desditosos,
Se a tua doce mão

Feita de luz e esp'rança
Sabe curar as lepras do pecado,
Arranca-me da alma esta paixão,
Como se arranca o ferro duma lança
Do peito dum soldado.

E subitamente, sem transição, no capítulo seguinte, surge o novo D. João: cínico e prazenteiro, fazendo soar as cordas da guitarra e atraindo com seu canto as donzelinhas puras: aldeãs de face trigueira, pálidas Ofélias, formosas Julietas, castas Margaridas. Agora, sim, eis o verdadeiro D. João: corrompido e dissoluto. Mas há nele ainda – e isto poderia redimi-lo – a consciência da culpa, o horror de si mesmo (“A guitarra de D. João”):

Sou um pântano escuro, inavegável, quieto,
Sem vida, sem amor, sem vibrações, sem lutas.
Trago dentro de mim um coração abjeto,
Torpe como o lençol das velhas prostitutas.

O *spleen*, dominador, vampírico, secreto,
Roeu-me da consciência as fibras impolutas.
Sou um pântano escuro, inavegável, quieto,
Como a hedionda paz das trevas absolutas...

Se esgotei finalmente os sonhos do imprevisto,
Se já não posso ter as sensações agudas
Da virtude e do mal, porque é que ainda existo!

Sinto-me naufragar no horror das trevas mudas...
Quem me dera gemer no teu Calvário, ó Cristo!
Quem me dera sentir o teu remorso, ó Judas!

Daí em diante a queda se acelera; até então, o trágico; agora, o ridículo, o grotesco, até à morte repugnante.

Morreu D. João: a noite terminou, pode raiar a aurora. E Junqueiro rouba

um raio de luz à madrugada e nele embebe a sua pena, e nos dá esses versos puros e claros como o dia (“Os últimos momentos”):

Parou a ventania.
As estrelas dormentes, fatigadas,
Cerram à luz do dia
As misteriosas pálpebras doiradas.
Vai despontar o rosicler da aurora;
O azul sereno e vasto
Empalidece e cora,
Como se Deus lhe desse
Um grande beijo luminoso e casto;
A estrela da manhã
Na altura resplandece;
E a cotovia, a sua linda irmã,
Vai pelo azul um cântico vibrando,
Tão límpido, tão alto, que parece
Que é a estrela do Céu que está cantando.

Esse, o libelo contra a sociedade. Contra a Igreja, contra o clero, a sátira mais dura, mais sarcástica, porque injusta, brutal, grosseira. E não foi outro o julgamento do Junqueiro dos últimos anos, ao lançar os olhos para a sua obra e arrepender-se do que escrevera, cortando centenas de versos condenáveis e ordenando que se destruíssem os livros à venda. Entretanto, no meio desses versos que repugnam à nossa sensibilidade e ao nosso espírito de justiça, aqui e ali reponta, incontaminada, a Poesia. E – estranhos caminhos da alma humana! – os mais belos momentos poéticos da *Velhice do Padre Eterno* são inspirados pela fé. Junqueiro, que não só ataca o clero e o papa, o dogma e a Igreja, mas o próprio Padre Eterno, afirma a sua fé em Deus. Fez de Jeová um deus execrável e ridículo, não respeitando as almas dos simples, que nele creem e aos quais dirige os magníficos versos com que abre o livro. Não temos, porém, o direito de duvidar da sua

sinceridade, quando diz (“Aos simples”):

Ó crentes, como vós, no íntimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.

Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.
Quando a lama apodrece inda o clarão cintila:
Tirai o corpo – e fica uma língua de chama...
Tirai a alma – e resta um fragmento d’argila.

E para onde vai esse clarão? Mistério...
Não sei... Mas sei que sempre há-de arder e brilhar,
Quer tivesse incendiado o crânio de Tibério,
Quer tivesse aureolado a fronte a Joana d’Arc.

Sim, creio que depois do derradeiro sono
Há-de haver uma treva e há-de haver uma luz
Para o vício que morre ovante sobre um trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que há-de guardar por sua própria mão
Numa jaula de ferro a alma de Locusta,
Num relicário d’oiro a alma de Platão.

Bem outro é o valor do poema dramático “Pátria”¹¹⁸. Se o seu testemunho histórico é muito discutível, pois Junqueiro adotou o julgamento parcial de Oliveira Martins na sua *História de Portugal*, o seu significado poético é dos mais altos.

Nesse poema, que exerceu certa influência sobre uma feição do moderno teatro português, temos diante de nós um rei (D. Carlos, é obvio), três nobres e sua corte, maldizentes e lisonjeiros, um cronista-mor do reino e um

doido, que assim ficou porque, não se lembra como, nem quando, perdeu a sua alma. Estamos em 1890. O rei vai assinar o tratado com a Inglaterra, cedendo ao *Ultimatum*. Noite de tempestade. Na escuridão, uma voz trágica (Cena III):

Tive castelos, fortalezas pelo mundo...

Não tenho casa, não tenho pão!...

Tive navios... milhões de frotas... Mar profundo,

Onde é que estão?... onde é que estão?!...

Tive uma espada... Ah, como um raio, ardia, ardia,

Na minha mão!...

Quem ma levou? quem ma trocou, quando eu dormia,

Por um bordão?!...

O rei, desvairado, açula os cães contra a sombra que erra nas trevas. Lá fora, o doido continua:

Ai, a minh'alma anda perdida, anda perdida

Ou pela terra, ou pelo ar ou pelo mar...

Ai não sei dela... ai não sei dela... anda perdida,

E eu há mil anos correndo o mundo sem na encontrar!...

Pergunto às ondas, dizem-me as ondas:

– Pergunta ao luar... –

E a Lua triste, branca e gelada,

Não me diz nada... não me diz nada...

Põe-se a chorar!

Prendem-no e trazem-no ao rei; perguntam-lhe quem é: e ele, sonâmbulo (“Cena III”):

E tive um nome... um nome grande... e clamo e clamo,

Que expiação!

A perguntar, a perguntar como me chamo!...

Como me chamo? Como me chamo?...

Ai! não me lembro!... perdi o nome na escuridão!...

Reconhece-o por fim o cronista do rei que, numa longa tirada de centena e meia de versos, narra a própria história lírico-épica de Portugal (“Cena VIII”).

Acaso, meu Senhor, não vedes, como eu vejo,
Neste gigante, em seu aspecto e seu fadário,
O quer que seja de extra-humano e de lendário?
Maior que nós, simples mortais, este gigante
Foi da glória dum povo o semideus radiante.
Cavaleiro e pastor, lavrador e soldado,
Seu torrão dilatou, inóspito montado,
Numa pátria... E que pátria! a mais formosa e linda
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!

E a pátria tinha tudo: a fartura das hortas, dos olivais e dos pomares, o aconchego das aldeias, a proteção das catedrais.

E ele, o herói imortal duma empresa tamanha,
[...]

Simple vivia, – paz grandiosa, augusta e mansa,
Sob o burel o arnês, junto do arado a lança.

Mas, olhos postos no mar, o gigante sonhava com novos mundos e um dia, cavando o roble familiar, lançou-o às águas e partiu. E voltou cheio de glória e de riquezas.

Epopeia inaudita! Herói, ele a viveu,
Sonhador, a cantou: Ésquilo e Prometeu!

O ouro, os veludos, as pedras preciosas foram amolecendo o peito duro do gigante e ele já desfalecia sobre leitos de arminho e de brocado. Ainda uma vez sentiu bater no peito o velho coração e, num ímpeto de febre, tentou nova epopeia que se desfez na areia do deserto. E veio o cativoiro. Afinal,

meio século depois, arrebentou as cadeias que o prendiam:

E voltou livre, livre! ao seu torrão natal!...

Mas então, oh tristeza, oh desonra, oh desgraça!

Feras do mesmo sangue, homens da mesma raça

Envenenaram-no!...

Essas feras do mesmo sangue, não é difícil adivinhar, são os reis da dinastia de Bragança. Lá estão, pendentos da parede, os seus retratos. O rei, antes de assinar o tratado, olha-os a perguntar-lhes o que pensariam do seu gesto. E, ao som de um trovão retumbante, surge-lhe diante dos olhos atônitos o fantasma de D. João IV; e um a um se sucedem reis e rainhas bragantinos, até D. Luís; todos caricaturados pelo parcialismo do poeta, num desfile de vícios cruamente exibidos, desde a avareza até à luxúria, todos aprovando o ato covarde de D. Carlos. A cada fala responde, da escuridão, o doido errante. E, quando todos se foram, surge, do passado longínquo e glorioso, o espectro daquele que, flor dos cavaleiros portugueses, “claro como a estrela da manhã”, fora raiz de tão danosa estirpe: D. Nuno Álvares Pereira (“Cena XXI”).

Por teus avós chamaste. Um falta ainda,

Falta a raiz da árvore de morte,

Que em ti, vergôntea exausta, expira e finda.

Castigou-o Deus porque faltara ao voto de castidade que fizera. A expiação fora tremenda. Olha em torno e vê a sua espada, a velha espada de Aljubarrota. Arranca-a da panóplia, beija-a:

Cavaleirosa espada relumbrante!

Se nesse lodo amargo um braço existe

De profeta e de herói, que te levante!

Inda bem que na lâmina persiste,

Em crua lembrança e galardão,

Do sangue fraternal a nódoa triste.

Descobre o gládio a quem o houver na mão,
Que ante a justiça reta e verdadeira,
Não há padre, nem madre, nem irmão!

Porém, se a pátria, já na derradeira
Angústia e míngua onde a lançou meu dano,
Terra d'escravos é, terra estrangeira,

Rútila espada, que brandi ufano!
Antes um velho lavrador mendigo
Te erga a custo do chão, piedoso e humano!

Volte à bigorna o duro aço antigo;
E acabes, afinal, relha de arado,
Pelos campos de Deus, a lavrar trigo.

Arrojando a espada ao abismo da noite:

Deus te acompanhe! Seja Deus louvado!

Arde o palácio; das cinzas fumegantes, ergue-se a alma do doido. O fogo que tudo destruiu a libertou. Embebe-se ela no corpo do gigante, já moribundo, a expirar.

Por sobre os escombros, um velho e trôpego aldeão se aproxima, com um netinho nos braços. No chão, vê o montante de Nun'Álvares, levanta-o a custo; a criança lança-lhe os braços, agarra-o. E termina o poeta, interrogando o futuro: “Nas mãos dessa criança, um dia homem, brilharás acaso, espada de fogo e de justiça?”.

Os mesmos acentos de cólera e revolta encontramos em “*Finis patriae*”.¹¹⁹ Também aqui, há sombras que falam na escuridão: são as choupanas dos camponeses, operários e pescadores, são os hospitais, as escolas em ruínas, as cadeias e os condenados, as fortalezas desmanteladas, os monumentos arrasados, as estátuas dos heróis. Nesse negrume, porém, acende-se um facho de esperança: (“À mocidade das escolas”). A ela, o apelo ingente do

poeta:

Por terra, a túnica em pedaços,
Agonizando a Pátria está.
Ó mocidade, oiço os teus passos!...
Beija-a na frente, ergue-a nos braços,
Não morrerá!

Com sete lanças os traidores
A trespassaram, vede lá!...
Ó Mocidade!... unge-lhe as dores,
Beija-a nas mãos, cobre-a de flores,
Não morrerá!

[...]

Rasga o teu peito sem cautela,
Dá-lhe o teu sangue todo, vá!
Ó Mocidade heróica e bela,
Morre a cantar!... morre... porque ela
Reviverá!

Assim, como Júpiter tonante, trovejava Junqueiro os seus ardentes alexandrinos e lançava os raios da sua cólera contra a religião, o governo e a sociedade. Entretanto, não o julguemos voltado obstinadamente contra tudo e contra todos. Já vimos que é sincera a sua fé em Deus – um Deus, embora criado à sua imagem e semelhança –, o seu amor à pátria e a sua esperança no futuro. Da sociedade, porém, além da mocidade em que ele confia, o que não estará contaminado e corrompido? Os simples.¹²⁰ E vai nessa resposta o título da mais bela, da mais puramente poética de suas obras. Dedicou-a à esposa: “Querida: É este, por enquanto, o meu melhor livro. Pertence-te”. Era-o em 1892 e continuou a sê-lo até o fim. As paixões humanas não o tocaram, as contingências do tempo não o limitaram. “Tentei uma obra de arte que fosse, ao mesmo tempo, absolutamente individual, ingenuamente

portuguesa, e vasta e fundamentalmente humana. Alcancei-o? O tempo o dirá”. Já agora, afastados mais de meio século da publicação desse livro perfeito, podemos afirmar que o alcançou integralmente.

Embora constituído de poesias independentes, o livro tem tal unidade, que pode ser considerado um longo poema, todo feito de terna suavidade, doce melancolia, piedade fraterna, idealismo são e profunda compreensão humana.

A voz do poeta se ameiga, na doçura dos diminutivos carinhosos que exprimem o seu enlevo pela frescura infantil de “boeirinha linda, linda de encantar”: tudo nela é pequeno e delicado (“Préstito fúnebre”):

Oh, que donairoza, linda boeirinha!
Grandes olhos garços, sorrisinho arisco...
[...]

Na boquita rósea, três canções vermelhas,
Na aguilhada, ao alto, uma estrelinha a arder!

Descalcinha e pobre, mas sem ar mendigo,
Nada mais esbelto, mais encantador!
[...]

O chapéu é palha que inda há um mês deu trigo,
A saíta é linho inda há bem pouco em flor!...

ou por esta figurinha de zagal (“O pastor”):

Zagalzinho alegre, desde tenra infância
Já de surrãozito cheio a tiracol,
A escalar montanhas com ardor, com ânsia,
Por pastagens bravas d’auroral fragância,
Branqueadinho a neve e doiradinho a sol!...

a sua ternura pela velhinha branca, cuja oração é como “Trêmula ceguinha” que “não precisa d’olhos para ter olhar!” e que vai seguindo (“*In pulvis...*”)

Branca e pequenina, ligeirinha e leve,
[...]

Vai andando, andando, té que enfim cercada
Duma aleluia mística de luz,
Com o bordãozinho que a amparou na estrada
Bate às portas d’oiro da feliz morada,
Presbitério d’Almas, onde está Jesus!...

O seu carinho se estende aos bichos e às coisas: ao jerico russo “duma linda cor” que guia a moleirinha, e que nunca foi ferrado, nem usou retranca, ele chamará jumentilho e jumentinho, burrico, e burriquito, com dois diminutivos, um a dar a ideia do tamanho, outro do mimo, na mesma linguagem afetiva em que nos descreve as alvas ermidinhas, as brancas capelinhas e nos faz ver os astros abrir “os olhitos meigos”, para ver passar a “moleirinha branca, branca de luar...”

Nem uma vez o poeta empunhará a “tuba canora e belicosa”; aos seus lábios levará “a agreste avena ou fruta ruda”, e dela tirará os sons mais melodiosos, não vazados nos alexandrinos altissonantes dos livros de combate, mas no tradicional verso de arte-maior, sonoro e amplo, antigo como os seres e a paisagem do poema.

Também antigo, na linha da velha poesia portuguesa, é o emprego da repetição, dando, ao mesmo tempo, o cunho popular e o reforço da ideia.

Na ermidinha branca, a virgem está só, com o menino nos braços (“As ermidas”):

Como é que não treme pelo seu menino?
Como é que não chora seu piedoso olhar?
Como é que o seu lábio, fresco e matutino,
Se abre num sorriso, precursor divino
Da estrelinha d’alva quando vai raiar?!

A ela acorrem os fiéis em romaria:

Vão buscar alívios pro netinho doente,
Vão pedir notícias dalgum filho ausente,
Vão rogar a Glória para os mortos já...

E, como nem todos podem vir,

[...] a sempre linda Virgem da Amargura
Baixa do altarzinho toda afadigada,
[...]

De menino ao colo, – santa criatura! –
Lá vai ela andando, não tem medo a nada!...

Lá vai ela andando... no caminho estreito
Deixa um rastro d’oiro pela escuridão...
Deixa um rastro d’oiro de divino efeito,
Porque as sete espadas, a fulgir no peito,
Põem-lhe um set’estrelo sobre o coração...

Em contraste com o ameno desse poema, cujas repetições lhe acentuam a graça e a leveza, o trágico do “Cavador”, obtido sobretudo à custa de uma insistência que seria monótona se não fosse tão artisticamente obtida: dois a dois, repetem-se os finais dos versos; o estribilho, encerrando já em si uma repetição, aparece duas vezes em cada estrofe e rima com o último verso, que, por seu lado, é quase outro refrão. Lendo-o, ouvimos os sinos a finados, na plangência triste do dobre funeral:

Dezembro, noite, canta o galo...

Rouco na treva canta o galo...

– Oh, dor! oh, dor! –

Aldeão, não durmas!... Vai chamá-lo,

Miséria negra, vai chamá-lo!...

– Oh, dor! oh, dor! –

Bate-lhe à porta, é teu vassalo,

Que traga a enxada, é teu vassalo,
Miséria negra, o cavador!

[...]

Cavou cem montes... que é do trigo?!

Gerou seis bocas... que é do trigo?!

– Oh, dor! oh, dor! –

Bateu a Fome ao seu postigo...

Bateu a Morte ao seu postigo...

– Oh, dor! oh, dor! –

Que a paz de Deus seja comigo!

Que a paz de Deus seja comigo!...

Disse, expirando, o cavador!

Irmanados pela pobreza, pelo ambiente, pela paisagem, as criaturas de Junqueiro vivem sua vida simples até que a morte vem levá-las: a moleirinha, enfarinhada “pelos anjos loiros com luar de prata”, o velho castanheiro “a aquecer velhinhos, desfazer-se em luz”, o cantor de uma canção perdida, dizendo à amada morta (“Canção perdida”):

– Ó meu amor, dorme, dorme

Na areia fina do mar,

Que em antes da estrela d’alva

Contigo me irei deitar!...

o velho pastor que (“O pastor”)

Já liberto agora da Ilusão do mundo

Fez-se em anjo branco, inda outra vez pastor:

Milhões d’astros seguem seu olhar jocundo,

São rebanhos d’almas pelo azul profundo

As ovelhas novas do Ti Zé-Senhor!...

os pobrezinhos, as velhinhas, as jovens noivas.

Por sobre todos eles o poeta derrama a bênção de seus versos finais, de “Campo Santo”, numa visão poética da vida além da morte, onde a poesia é sobretudo feita de musicalidade:

Caí dormentes,
Caí exânimes, trementes,
Pálidos silêncios do luar dorido!
Litánias fluidas do luar dorido!
Misereres brancos do luar dorido!
Bálsamos, piedades, orações dolentes
Do luar dorido!...

da ingênua delicadeza com que se compensam no céu as misérias da terra: ao cavador, a terra se fez leve, leve..., para os pobrezinhos, põe a mesa a Virgem, “ai, que lindos frutos, ai, que ricos vinhos...”; para as avozinhas, “tem lá Deus bastantes / Fusos d’esmeraldas, rocas de diamantes”, em que elas tecerão as teias para os enxovais das donzelas – “Que no Céu, com anjos se irão casar...”

Senhoras e senhores: cada poema, cada estrofe, cada verso d’*Os simples* encerra poesia, como queria Junqueiro, “absolutamente individual, ingenitamente portuguesa e vasta e fundamentalmente humana”. Não há reservas a fazer-lhe; apenas emoção estética da mais alta a exprimir. Só por essa obra, ele seria o grande poeta que é. E falar de um poeta, procurar interpretá-lo, transmitir a outrem o nosso pensar e o nosso sentir a seu respeito é prazer dos mais raros, dos mais espirituais. À ilustre diretoria desse centro ficarei devedora destes momentos felizes em que pude, num recanto de Trás-os-Montes, celebrar o grande transmontano, um dos maiores poetas da língua portuguesa.

[113](#) Conferência realizada no centro transmontano, no Rio de Janeiro, a 7 de julho de 1956.

[114](#) O tratamento cerimonioso justifica-se pela presença do então cônsul-geral de Portugal e autoridades.

[115](#) Junqueiro, G., “A morte de D. João”.

[116](#) Idem, *Poesias dispersas*.

[117](#) Idem., *A velhice do Padre Eterno*.

[118](#) Idem., “pátria”.

[119](#) Idem., “*Finis patriae*”.

[120](#) Idem, *Os simples*.



TEIXEIRA DE PASCOAES, O “ENFERMO DA SAUDADE”¹²¹

Revivendo o passado em versos comovidos, Teixeira de Pascoaes lembra a hora triste em que nasceu:

Nasci naquela tarde angustiosa e calma...

Nasci ao pôr do sol dum dia de novembro...,

não dum dia qualquer, mas daquele “dia eleito da saudade”...

Era já o Fado que o marcava: seria sempre um triste, um saudoso, esse grande Poeta da Saudade.

Mas, ser triste e saudoso em Portugal, nesse Portugal que ele definiu como sendo “a Paisagem e a Saudade”, é quase ser como toda a gente... Embora universal, a saudade fez-se portuguesa e aí vive, desde os velhos trovadores medievais, passando por Camões, Garrett, Antônio Nobre, Fernando Pessoa; em todos eles ouvimos o queixume saudoso que se exala em breve e singela redondilha, em amplo e sonoro decassílabo ou em verso livre e insubmisso. Em Garrett, ela já é mais que sentimento: é presença tutelar, misterioso nume, musa inspiradora:

Saudade! gosto amargo de infelizes,

Delicioso pungir de acerbo espinho,

Que me estás repassando o íntimo peito

Com dor que os seios d’alma dilacera,

– Mas dor que tem prazeres – Saüdade!

Misterioso numen que aviventas
Corações que estalaram, e gotejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas – Saüdade! (*Camões*, I)

Em Pascoaes, porém, ela é tudo isso, e muito mais. Só ele soube compreendê-la, só ele desvendou o seu mistério, faz dela a essência do próprio ser: não é somente o seu poeta, mas o seu amante, o seu esposo, o seu sacerdote para a eternidade. A sua saudade tem força criadora, é afirmação de vida:

A saudade condensa as brumas da distância
Em claras formas, próximas de nós,
E restitui o gesto, o olhar, a voz,
A luz da vida,
A própria infância,
A toda criatura falecida.

Poucos poetas haverá em cuja obra seja tão forte e constante a presença da terra natal. Não o seu país, mas a sua região, a sua aldeia e, acima de tudo – dominando a paisagem pela grandiosidade e pelo mistério –, a sua serra, a serra que ele vira ao abrir os olhos para a vida, a serra do Marão:

Santa montanha azul da minha infância!
Amo-te, desde o instante milagroso,
Em que teu vulto, enorme, na distância,
Perante minhas lágrimas se ergueu!

[...]

Amo-te ó grande serra maternal!

[...]

Amo-te mais, por tudo o que não sei
Dizer, quando te vejo! Pelo verso,
Imortal e divino, que eu sonhei

E, inominado, paira no meu canto.

Foi na sua aldeia de São Gonçalo de Amarante que passou quase toda a vida, com exceção dos anos de estudo e de algumas outras viagens; foi lá que, em 14 de dezembro de 1952, realizou um velho sonho, desde muito expresso em verso:

Como seria bom assim morrer...

Morrer, como a paisagem desfalece.

Morrer, quase a sorrir, devagarinho.

Estar ainda no mundo pobrezinho

E já pairar, sonhando, além dos céus.

Morrer, cair nos braços da ternura;

Morrer, fugir, enfim, à morte escura,

Sermos, enfim, na eterna paz de Deus!

Nascido em 1877, já em 1898 publicava o seu primeiro volume de versos, *Sempre*, e desde então até à hora final não cessará de escrever. Durante trinta anos, será apenas – como se pudéssemos dizer *apenas!* – o poeta, pois as suas raras obras em prosa ou são essencialmente poéticas ou tentam explicar a poesia e os poetas portugueses. A partir dos 50 anos, porém, vai revelar-se o prosador que irá dando, incansável, as grandes biografias; *São Paulo, São Jerônimo, Napoleão, Camilo, Santo Agostinho*. Por fim, surgirá o novelista.

Do prosador nada diremos: é do poeta que aqui vimos falar, do poeta das sombras, da tristeza, das névoas, do ermo, da Saudade!

Ser poeta é ser a voz

Dos pobres, – a oração...

O gênio do silêncio,

A alma da solidão.

É o poeta, profundamente humano na sua concepção fraterna do universo,

mas que foge ao contacto do homem, a mergulhar no silêncio e na solidão, a integrar-se nas coisas, a diluir-se na natureza, numa fusão íntima e total, é o poeta do Tâmega e do Marão, da noite e do luar, dos longos incorpóreos, que aqui tentaremos fixar na pureza mesma de seus versos imortais.

Quando, em 1912, o convidaram para dirigir a revista *A Águia*, começou ele, em suas páginas, a pregar o Saudosismo, a apresentar, como doutrina, o que já era a essência de seus versos de *Sempre, Terra proIbida, Senhora da noite, Maranos e Vida etérea*.

Esse Saudosismo, que se fez de certo modo escola e que teve os seus seguidores, foi doutrina fundamentada no sentimento saudoso, tão característico do povo português e tão essencial a Pascoaes, esse “possesso de saudade” cujo ser é “quase fantasma de saudade”, cujo coração foi modelado “em matéria de saudade”, cujos “ossos são feitos de saudades”, que anda

Enfermo da Saudade, que me trouxe
No ventre e me criou,
E meu berço, com mãos de névoas, embalou,
que com ela se identificou a tal ponto que pôde dizer:
Que a vossa terra e os vossos pinheirais
Se alimentam de mim, desta saudade
Que andou, em alma e carne, sobre o mundo.

e que penetrou, como ninguém, a sua significação:
Ouve aquela palavra, que é Saudade.
Verás como traduz a tua raça,
No que ela tem de funda intimidade,
Religiosa, mística, infinita.

Que Pascoaes tenha errado ao tentar fazer do Saudosismo um programa de ação coletiva, como já se disse com muito acerto, não padece dúvida.

Entretanto, parece-nos que essa tentativa de criar um novo sistema político e religioso resulta da sua própria concepção da missão e da excelência da poesia.

Por ser essencialmente poeta, e poeta de feição muito especial, cuja fonte “É toda lá por dentro povoada / De sonhos, de fantasmas e de espantos”, que sente a inspiração tumultuar em seu peito: “Vivo a cantar, porque não caibo em mim, / E, de inspirado, excedo a Natureza...”, que anda a falar sozinho: “como os doidos e os santos...”.

Ele tem consciência da sua natureza de ser predestinado, complexo e estranho:

O poeta é um pobre doido, errando sempre além.

Deste mundo, a cantar, em vida se desterra.

Anjo de Satanás, anjo de Deus, que tem

Na alma toda a luz, no corpo toda a terra.

Sabe que encerra em si a divindade; que, tal como Deus, é criador e, na sua sede de criar, isola-se e enche de fantasmas a sua solidão:

Sou o amante dos ermos, sou aquele

Espírito em delírio, que povoa,

De fabulosos vultos, estes campos...

O Poeta é, pois, criatura e criador; participa da natureza dos homens e da dos deuses; por que estranharmos que seja um profeta ou um daqueles “enviados de Deus à velha Lusitânia, para que ela reze e cante, sobre o mundo, a elegia eterna da saudade”?

Se somente aos poetas é dado alcançar “os píncaros da Vida e (vir) depois contar, aos outros homens, a paisagem contemplada”, há-de caber-lhes a missão de cantar o que só a eles é revelado, o que só eles podem desvendar: “Cantai os Fantasmas e os Anjos; cantai os obreiros da nova Redenção – os que trabalham, em névoa de alma, o Relâmpago futuro... Cantai o que não

existe... O resto é cinza...”.

Parece-nos que assim se explica o movimento de alma que faz do Pascoaes poeta o Pascoaes apóstolo de nova religião. Movimento de alma, mais que de inteligência, causado pela consciência do seu fado, que faz dele um sacerdote do novo culto, ungido da Saudade, a cantar os fantasmas, o que não existe, pois só o que não existe é que é eterno...

Pelo poder mágico do verso, o poeta dá a vida e a restitui:

Meu canto diz aos mortos: Ressurgi!

E eis que eles ressuscitam. Diz às pedras

Brutas: amai, chorai! E eis que elas choram!

E esse poder vivificador, que anima as pedras e faz reviver os mortos, irmana o Poeta e a Saudade, pois “... a Saudade é irmã da Eternidade...”.

Mas voltemos um pouco atrás: para compreendermos como o Poeta chegou a fazer da Saudade “a Virgem da Pátria Lusitana / Minha adorada e nova Divindade...”. É preciso penetrar com ele na própria substância da saudade-sentimento e ver a riqueza de conteúdo emocional que ele lhe dá. Não é apenas a tristeza agridoce gerada pela lembrança; é também esperança, é a presença eterna do que passou: “A saudade não morre porque é feita da essência da Morte”.

Ser presença da ausência, e presença imorredoura, eis o significado altíssimo da saudade. Essa “Presença abstrata, pura, liberta” que o poeta concebe, não ligada à ideia de coisa ou ser presente, é tão forte que assume a nossos olhos um relevo particularmente nítido, que faz esfumar-se o verdadeiro ser. “A saudade que eu deixar será a minha presença verdadeira”; “E a dor que deixamos, nos outros, ao partir, não irá formar o corpo do nosso espectro? a luz da sua consciência e dos seus olhos?”.

Já temos aí a saudade com existência própria, embora, como nos diz o poeta no *Verbo escuro*, “existência abstrata, realidade espiritual”. É o fantasma

familiar que, certa noite, vem bater-lhe à porta:

A saudade vem bater
Vem bater à minha porta,
Quando o luar é de lágrimas
E a terra parece morta.

E a Saudade bate, bate,
Com tal carinho e brandura,
Que nem a aurora batendo
À porta da noite escura!

Mas eu ouço-te, Saudade...
E o silêncio é tão profundo!
Ouço vozes, choros de alma,
Que ninguém ouve no mundo!

E entra a Saudade... Fiquei
Como assombrado e sem voz!
Sinto-a melhor, que senti-la
É vê-la, dentro de nós.

Vinha com ela a tristeza
Que a tarde espalha no ar...
Vinha cercada de sombras
Que andam, na terra, ao luar.

Tudo vem com a Saudade,
De noite, bater-me à porta,
Quando o luar é de lágrimas
E a terra parece morta...

Aparição noturna, envolta em sombras, aureolada de luar, silenciosa e triste, chega mansamente, acompanhada de outras sombras – os Ermos e o Marão! O Poeta recebe-a “assombrado e sem voz”, sente-lhe a presença e o seu divino encanto o penetra, o arrebatava. Então ele, “o louco peregrino da

Saudade”, nela reconhecerá “o seu perfil de santa” e, deslumbrado, lhe cantará um hino de amor e de esperança, qual novo arcanjo Gabriel, em nova Anunciação:

Virgem dos lusitanos! Escolhida
Do mensageiro alado, que o Senhor
Já te enviou dos céus; e, humilde e triste,
Disseste: sim! Corada de pudor.

Ó Saudade! Ó Saudade! Ó Virgem Mãe,
Que, sobre a terra santa portuguesa,
Conceberás, isenta de pecado,
O Cristo da esperança e da beleza!

Ó nova Divindade, eu quero erguer-te,
No mais alto da Serra, um belo altar,
Feito de saibro e rosas matutinas,
Alumiado do sol e do luar.

Ali, será Belém. Os bons pastores
Se hão-de ajuntar, em grande romaria,
Na adoração do novo Deus menino,
Rezado pela nova Profecia.

Não mais sentimento apenas ou apenas aparição, eis que a Saudade “conquista o altar de Deus”. Ei-la que dará ao mundo um Deus-menino, “O Cristo da esperança e da beleza”, concebido de Maranos, o ser solitário, alimentado de lágrimas por sua própria alma.

Assim personificada, divinizada, a Saudade, com maiúscula, aparecerá na obra de Pascoaes ao lado da saudade-sentimento. E nas duas, que são afinal uma só, se resume o universo. Divindade suprema, onipresente, o Poeta a encontra em toda parte: “E tudo para mim é trágica saudade”. Encontra-a na paisagem, na névoa da distância, no seu canto e, sobretudo, em si mesmo:

A divina saudade que nasceu
Comigo; e noite e dia
E sempre me acompanha.

Não o deixa nunca; e o poeta vê pelos olhos dela, sente com o seu coração.
Essa identificação do Poeta com a saudade, e desta com o Universo, talvez
explique a simpatia cósmica de Pascoaes, a sua dispersão por todas as
coisas.

Que estranha simpatia
Me prende às pobres cousas da Natura!
A minha dor cantando é luz; minha alegria
Incendeia a noturna sombra escura.

E vejo a intimidade, o laço oculto,
Que as almas todas casa;
Meu coração erguendo, em sonhos, o seu vulto,
É pedra, nuvem, asa.

Horas em que medito e me disperso,
Por tudo quanto existe,
Em mim, se extingue o dia do Universo
E principia, em mim, a sua noite triste.

Sou tudo quanto existe. Em minhas veias,
Lateja a terra em febre e a luz do Céu!

Essa capacidade de sentir a Natureza com amor fraterno, dispersa-o tão
integralmente, que ele desaparece, “deixa de existir, para ser tudo”.

Já de tanto sentir a Natureza,
De tanto a amar, com ela me confundo.
E agora, quem sou eu? Nesta incerteza
Chamo por mim. Quem me responde? O mundo!

Não é, pois, diminuir o valor do poeta, como julgam alguns de seus críticos,

o vê-lo e entendê-lo apenas à luz do Saudosismo, que é, em Pascoaes, algo inerente a sua própria personalidade, algo de que ele não pode e não quer separar-se. E com essa afirmação não estamos restringindo a sua capacidade de ver e de exprimir-se: o Saudosismo não o confina, antes lhe amplia os horizontes, levando-o a essa simpatia cósmica em que se abrangem todos os seres.

É a saudade que explica a valorização das coisas inexistentes, aquelas que só existem em matéria de saudade. A matéria real, concreta, é frágil e efêmera; o que dela se desprende, a sua emanção imaterial, se assim se pode dizer, é que importa, é que realmente existe: “Eu não sou a alegria, mas apenas / A trágica matéria que a produz”.

Sente-se a tristeza profunda do poeta que desejaria ser o riso, mas é apenas a boca que se contrai, os dentes que se mostram, os olhos que se enrugam. Desgosto de ser corpo, desejo de ser alma: corpo e alma que ele representa simbolicamente, no *Verbo escuro*, por Orfeu e Eurídice, num eterno conflito cósmico. Este seu anelo ardente, ele o traduz em dois versos de *Sombras*: “Não ser a estrela e ser a claridade, / Ser apenas o Amor, não ser quem ama”.

Pois essa alegria, essa luz, esse amor vivem para sempre no ser espiritual que ele supõe existir: “O homem é a tentativa dum outro ser, longinquamente realizado, em outros mundos, talvez...”.

Para vê-lo, não o busquemos com o “Olhar da carne”, pois este “Não nos mostra[s] o mundo, em alma e vida, / Mas em lívido corpo e negra morte!”, é preciso olhá-lo com os olhos íntimos que veem nas coisas a aparência “perfeita e luminosa”. Para tê-los, porém, é mister sofrer: “A vida é dor, Sofrer é conhecer. / Só os olhos que choram sabem ver”.

Terá sido Pascoaes um sofredor, será a sua vida um constante padecimento físico ou moral? Cremos que não. O que sabemos de sua vida abastada, no seio da família, com relativa saúde até idade avançada, dar-nos-ia o direito

de julgá-lo um homem feliz. Isso, porém, se pudéssemos medir as ansiedades e insatisfações de um artista com a mesma medida que se aplica ao homem comum. De fato, em toda sua obra, apenas uma dor concreta, quase palpável, se revela: a perda de um sobrinho muito querido, cuja morte ele lamenta com grande sentimento em suas Elegias. A sua mágoa é profunda, o seu pranto é verdadeiro, mas é um momento – embora longo e duro – na sua vida e na sua obra.

A dor que nela está sempre presente, sem a qual não existiria a poesia pascoaesiana, é aquela “Dor, mãe de tudo”, “indefinida”, “humanizada e trágica”, cósmica, enfim. Não é tristeza passageira, mas constante, essencial: é a “tristeza espiritual, a tristeza que doira a luz da lua, e fala no silêncio, e é alguém na solidão... nasce da impossibilidade de exprimir o máximo; cria o desejo, a esperança: a Tentação”. É a tristeza que encerra, pois, aspiração, busca:

A luz bendita que eu procuro,
No mundo escuro,
Eu sinto que ela existe,
Em tudo o que me põe divinamente triste.

Procura a luz bendita na tristeza que doira à luz da lua, mas foge à luz do sol. A sua natureza pede a sombra:

Uma sombra de luz
As cousas alumia,
Indefinido torna
O mais pequeno ser.
Como tudo é vulgar
À luz do meio-dia...
Como tudo é infinito
À luz do amanhecer!

O seu amor ao vago, ao impreciso, ao longínquo se une a esse desejo de

sombra, fazendo-o afirmar: “O sol é o esplendor da Vulgaridade”. Na verdade, como se poderiam mover, em plena luz do dia, cruamente real, os seus fantasmas? E só com eles o poeta realmente vive: “Ó imagens, que rondais, à luz da lua no cemitério da Memória, é na vossa companhia que eu sinto as minhas horas verdadeiras, feitas de tempo genuíno; as horas vivas, que têm figura e jamais nos abandonam. Falo convosco, ao luar da noite morta, quando o silêncio me dispersa, e as sombras das cousas se confundem com as sombras do meu espírito... Hora do silêncio, do luar e dos fantasmas, da profunda e absoluta Identidade...”.

O luar é triste e o poeta quer sentir-lhe a tristeza, que vem de longe e é divina:

Quero sofrer a mística tristeza
Que à superfície do luar flutua,
Como avezinha morta à tona d'água!
Tristeza que ela trouxe lá dos céus...
Tristeza do Infinito e da Distância.
Santa tristeza cósmica de Deus!
Calma tristeza ideal da Eternidade!
Tristeza do Indeciso, do Princípio,
Do Vago, do Crepúsculo, Tristeza,
Eu bem te sinto em mim, pois também sou
Indecisão, crepúsculo e incerteza!

A luz vaga e branda do luar cai de leve, silenciosa, sobre a terra deserta, e é de silêncio e solidão que o poeta precisa para conversar com as suas sombras... “Silêncio e solidão, / Pessoas da Saudade...”.

Luar, silêncio, sombras e medo... Um medo que lhe vem da infância e que paira nos rios, percorre a aldeia, espregueira entre os ramos do arvoredado, pousa em cada coração, é angústia, é terror. É o

Medo antigo e soturno,

Medo ao mistério profundo
Que enche de trevas o mundo
Desolado...

Aí temos novamente Pascoaes abrangendo o universo, no tempo e no espaço, buscando em cada coisa o seu sentido oculto:

Cada alma tem seu medo...
O seu segredo
Que Deus lhe disse, ao nascer,
Para ela o não dizer...

Eis o medo já presente no próprio mistério da origem, medo de ordem metafísica, no qual mal poderíamos reconhecer aquele fantasma que, no início da “Canção medrosa”, vem bater à porta do poeta “na noite lívida”. O medo chega de noite e a noite é que traz a sombra, e o luar, e o silêncio, e a solidão...: “A noite, mãe das almas e da terra”, é a hora eleita entre todas. A aurora, a manhã, o meio-dia apenas aparecem como transição para a tarde e a noite.

Excepcionalmente tem o poeta um momento de alegria pura e simples, motivada pela presença doirada do sol:

A alegria do sol doira as campinas
Brilha nas fontes cristalinas;
Transluz no olhar dos meigos cordeirinhos,
Canta na voz dos passarinhos.

Luz, irmã da alegria
E da harmonia...
Doirada comoção indefinida
Em que palpita o espírito da vida.

Ao ler esses versos, relaxam-se por um momento os nervos tensos, um momento apenas de claridade em que há pássaros e cordeirinhos, fontes

cristalinas e o sol a brilhar... Mais um pouco e nos envolverão as névoas e as brumas, piará o mocho fúnebre e agoureiro e cairá sobre a terra o luar:

Ouve-se o luar cair, sobre as ramagens,
Como chuva miudinha, umedecendo
As estéreis e pálidas paisagens,
Que a treva, negro lume, ressequiu...

É essa a paisagem habitual em que se move o Poeta: paisagem triste e saudosa. Triste e saudosa porque noturna, povoada de sombras e de medos; porque o Poeta lhe transfunde o seu estado de alma; o Tâmega, o rio da sua aldeia, é “estrada de lágrimas andante”, “a dor da grande Serra”, “maré cheia das lágrimas profundas do Marão”. Portanto, a montanha sagrada também chora, e por quê? Porque

– ... a montanha é um mar,
Que para trás olhou, para o mistério...
Para o luar vedado e proibido,
Donde vinham correndo suas ondas...
E ficou transformado numa estátua!

Tem Saudade do movimento, do tumultuar constante das águas espumosas... Agora as suas fragas “são espectros das ondas que morreram”. A montanha chora de saudade e o seu pranto é o rio. E, aflorando os cimos da serra, ou mergulhando na água murmurante, lá está sempre o luar... Pois não é o luar a saudade do Sol?

Quem assim vê e julga os seres, olhando-os com olhos íntimos, devassando-lhes a presença eterna, considerando que só é eterno o que não existe e que a Saudade é irmã da Eternidade porque é feita da essência da Morte, tem constantemente diante de si o problema da Vida, da origem, do fim. E a sua atitude é de insatisfação e esperança. Nos versos de “Enigma”, vemo-lo atônico diante do mistério:

O mundo, que mistério! E que mistério a vida!

Criaturas e cousas se confundem
Na indecisão nevoenta...
E são revelações apenas esboçadas...
Almas que vão ser corpos;
Querem viver na terra, à luz do sol,
Mas, impotentes, ficam numa eterna
Hesitação de dor...
Corpos que vão ser almas luminosas,
Mas não vencem a treva que as domina
E jazem apagadas numa nódoa...
[...]

Tudo é mistério e sombra em que me vejo
Perdido, a sós comigo, a debater-me
Entre a vida dum sonho e a realidade morta,
Como se eu fosse mais que o sonho e a realidade,
Um outro ser, além de tudo quanto existe...
E paio em mim suspenso...
Vogo na escuridão, em pleno Caos...

Aí está a confissão do Poeta: perplexidade, busca, luta pela Verdade e, afinal, a confusão do Caos... Mas não há temor. Ele não teme a Vida nem a Morte. Chega um dia a personificá-la para beijar-lhe os lábios, tomá-la nos braços e exclamar: "... Não és a morte; / És a mulher, a vida, a primavera!" e não pode compreender

Por que é tão triste o lírio que murchou?
E o astro que se apagou?
E as almas caminhando,
Ao longo duma estrada,
Por que se quedam tristes, lastimando,
Já próximas da Terra desejada?

Aliás, para ele, a Vida, a realização, já é morte:

Ao encarnar, a ideia morre. Em cada verso,

Repousa o poeta fulminado...

Rezada, é já fantasma íntima prece;

A dor, que se condensa em lágrimas, arrefece.

Para ele, criar, dom sublime de Deus que Ele concede ao homem, é morrer.

Di-lo no *Verbo escuro*: “Criareis o mal da criatura, o erro fatal que a diminui. Ela definha na sua obra”, e di-lo também na *Terra proibida*:

... quem sonha, falece

Nos sonhos que vai sonhando...

E o sol, brilhando,

Arrefece...

Dolorosa realidade... Cada passo dado na Vida é passo para a Morte; viver é matar a vida...

Entretanto, ele vai além: não só o Homem definha na sua obra:

Deus fez o mundo e morreu.

Deus, na sua obra imortal,

faleceu.

E a Criação é Deus já morto e sepultado.

É obvio que o problema da morte em Pascoaes haveria de conduzir-nos à sua ideia de Deus:

Deus vive, Deus existe,

Não em sua obra humana, errada e triste,

Mas em remoto vulto de lembrança

E de esperança...

Deus vive na saudade, como outrora,

Antes de conhecer a noite e a luz da aurora...

A saudade de Deus é o próprio Deus,

Despontando na azul fluidez dos céus,
Falando à nossa dor,
E ao nosso amor...

É Deus humanizado, é Deus Jesus,
Pregado numa cruz...

A preocupação metafísica constitui um dos aspectos marcantes da obra pascoaesiana: vendo nas coisas e nos seres não a aparência transitória, mas a realidade permanente e incorpórea, sempre de olhos – e olhos da alma! – fitos no Além, de onde o chamam os Longes; ele teria de buscar nesse Além misterioso o Ser Supremo, que ele nega e afirma, do qual descrê amargamente ou no qual crê, com a velha fé que lhe ficou da infância, num abandono feliz.

Sou e não sou. Duvido e creio. Vivo
E jazo dentro em mim...

Sou e não sou. Duvido e creio. Rezo,
A voz elevo em orações e lágrimas,
E caio num silêncio que separa
Dois gritos, dois relâmpagos de dor!

Creio e descreio. Nego Deus e encontro-me
Abandonado, como tu, Lucrécio,
Num deserto infinito onde as estrelas
Brilham, de noite, como areias de ouro.

Rezo, blasfemo e grito. Sou demônio,
Sou anjo. Vou ardendo em labaredas,
E vou deixando, atrás de mim, um resto
De cinza e de silêncio.

É este o grande drama do Poeta: daí a sua insatisfação, a sua dor, a sua tristeza e a sua busca incessante. De onde viemos? Parece, por vezes,

acreditar na teoria materialista da evolução das espécies: “Se tudo no homem afirma e demonstra o velho avô lanzudo e caricatural, a Santidade e o Heroísmo negam aquela tragicômica ascendência”. Em outros passos, vemo-lo cantar a transmigração, ora num tom melancólico e tranquilo:

Voz de alma que, em meus lábios cintilou,
Quando era bruta fraga ou tronco escuro
Este corpo, que a dor humanizou,
Como a enxada abrandece o barro duro,

ora, fundida com a teoria de Darwin, num tom de descrença e zombaria:

Tortura-me esta ideia
Transmigratória
De já ter sido ou ser ainda
Inseto ou mosca...
E descendente
Das que pousaram
Na tua calva, ó mestre Darwin.
Que a origem das espécies
Está ligada ao credo de Pitágoras.

Essas tendências são, porém, inconsistentes e efêmeras. Na sua ânsia de explicar a Deus, de quem tem saudades:

Ó saudade de Deus! Dor cósmica! Tristeza!
Ó mágoa indefinida,
Na qual se perde, além da minha vida,
Esta presença morta que me pesa!

o poeta o encontra no amor:

Amar é ver a Deus.
Porque ele está presente em nosso amor;
Quem ama, neste mundo, habita lá nos céus,

Quem ama, traz, ao lado, a sombra do Senhor.

E, numa inversão da ordem estabelecida pelas religiões, mas em que, estranhamente, não se sente a descrença de um Antero no momento em que faz dizer aos deuses: “Ó homens, porque nos criastes?”. Pascoaes dá ao Homem o papel de Criador e a Deus o da Criatura:

Ó corpo, para sempre, condenado
À dor, à imperfeição! E todavia,
Continuamente giras o perfeito
Ser espiritual, que se extasia
Em si próprio, e medita, sonha e reza;
E só vê o Infinito e a Eternidade...
E sem fomes, angústias, negros crimes,
Vive; e é a fonte de Vida e de Bondade...
Por isso, o homem criador, apenas
É perfeito na sua criatura;
Isto é, em Deus, emanção etérea
Do seu vulto, essa trágica escultura.

A força criadora do Homem reside, sobretudo, na fé e na oração, oração e fé cerebrais e não expansões de sentimento íntimo e profundo. Por isso mesmo, apenas num arroubo de alma, passageiro, o Poeta dobrará o joelho diante do altar, na sua igreja, e dirá, humilde e crente:

Eu creio em ti, meu Deus,
Ou deitado num berço pequenino
Ou pregado num trágico madeiro
Que na terra criou fantásticas raizes
E se cobriu de flores...

Numa poesia tão puramente subjetiva, não poderia faltar o tema eterno – o Amor! E na verdade o Poeta o cantou, mas de maneira muito sua. É, em primeiro lugar, o sentimento de simpatia universal, que o faz integrar-se em

tudo, como já vimos:

Tudo que sinto é amor. Amor, amor

É tudo para mim.

Somente é verdadeiro, eterno e vivo

O que produz o amor.

O mais é sombra e vão rumor...

É também essa força extraordinária que reproduz a vida e para a qual todos se sentem irresistivelmente atraídos. Num momento de exaltação, chega a cantar-lhe um verdadeiro hino:

Ó Essência de tudo quanto existe!

Por ti, noivam as aves, e a manhã

Injeta sangue virginal na Terra!

Por ti, nasceu Jesus, Orfeu e Pan!

Por ti, brame o leão e ruga o tigre!

Por ti, suspira a tarde, e brilha o raio!

Por ti, o pólen desce, alegremente,

Na primavera, aos cálices doirados,

Que recebem o gérmen transcendente

Duma adorável multidão de flores!

Por ti, há cousas belas e invisíveis...

Por ti, os lobos uivam nos fragedos,

E os seus uivos percutem-se na treva,

Povoada de espantos e de medos...

Por ti, existe a cor, a forma, a luz

E o invisível, o incolor, a treva...

Por ti, voltam ao mundo os próprios mortos!

Não é nessas manifestações de amor universal – amor-fraternidade ou amor-desejo – que encontra a revelação da amada, mas ela está presente em toda a

sua obra e dela o poeta fala em termos de ternura e por vezes da paixão. Dissemos que ela está presente e não erramos, porque a amada aparece sempre em matéria eterna de saudade, envolta em névoas e brumas, impalpável, incorpórea.

Quando olha para o passado, ele a revê:

A mística Menina aparecida,
Que para ser amada é que nasceu;
A flor que deitou raiz na minha vida,
Um dia (estranho dia!) aconteceu
Passar por mim, tão frágil e formosa,
A imagem do seu vulto à luz do céu.

O Fado não quis que durasse o encantamento, e ei-la morta; desde então, será apenas “Espectro de mulher, / A noiva eterna e morta do meu ser!” e o Poeta viverá com ela no seu caro mundo irreal: “Um lar aéreo onde sozinho habito / Com a sombra dum anjo que eu adoro...”; no reino das Sombras, negando a realidade perdida do seu corpo, e lamentando a solidão em que ficou: “Morreste, e o sol de outrora se apagou. / O mundo é outro e o céu também mudou”.

Solitário e triste, debruça-se, uma tarde, à janela, e lembra-se da que partiu; eis que a dúvida o assalta:

Ela quem é, meu coração? Responda!
Nada me dizes. Onde mora? Aonde?
Quem sabe lá? Quem sabe se morreu!
Nunca existiu, talvez. Nunca viveu!

A dúvida sobre a existência da amada sobrepõe-se à dúvida sobre a sua própria existência:

Eu serei eu no mundo? Existirá
Aquele estranho ser em que me vejo

Sonhando e delirando?

Sou para mim como um segredo antigo,

Eu mesmo sou a treva universal,

Onde, ansioso e doido, me procuro!

Essa angústia existencial alimenta vários de seus poemas, inserindo-os na mais moderna problemática do tempo, à qual não aderiu senão em parte, guardando fidelidade ao passado, sobretudo no nível da expressão.

[121](#) Publicado in *Kriterion*, v. 45-6, julho/dez, Belo Horizonte, 1958. Não se indicaram aqui as referências bibliográficas, por não terem sido incluídas no original do ensaio, o que era usual à época.



NEM NOBRE, NEM CESÁRIO: AFONSO DUARTE¹²²

Nos idos de 50 ouvi uma conferência de Hernani Cidade sobre alguns poetas menos conhecidos do princípio do século XX. Um deles me impressionou muito: Afonso Duarte. Nunca ouvira sequer o seu nome. Disse-o ao mestre, e mais: que me tinham tocado muito os poemas citados e que gostaria de conhecer melhor o poeta. Respondeu-me que era seu amigo (tinham quase a mesma idade), que lhe contaria a minha reação e que, certamente, ele me mandaria seus versos.

Tive mais que os versos: tive uma carta gentil e agradecida, iniciadora de uma amizade à distância que, infelizmente, durou pouco: o poeta faleceu em 1958. Em 5 de abril de 1956, enviara-me, com dedicatória, um precioso exemplar da sua *Obra poética*, numerado por sua mão, em algarismos romanos: “Exemplar N° XII”, com a sua assinatura por baixo. O livro acabara de sair – o Posfácio, intitulado “Afonso Duarte e a sua obra. Apontamentos biobibliográficos.”, assinado por Carlos de Oliveira e João José Cochofel, é de fevereiro deste ano. É um livro de 240 páginas, onde reuniu os vários pequenos volumes que foi publicando ao longo de quarenta anos, de 1912 a 1952. Nesse Posfácio, os dois grandes poetas encapam, sob a modéstia de um título despistador, um rápido mas muito lúcido estudo crítico do poeta, que acompanha *pari passu* uma síntese biobibliográfica, e onde assim se apresenta o autor:

Uma personalidade de tal envergadura, árvore frondosa e bem enraizada,

tinha por força de acolher muita gente à sua sombra. [...] Todos os movimentos que o interessaram lhe são devedores dalguma coisa e junto de cada um o poeta se renovou. [...] Mas diga-se desde já o que mais importa: o autor das *Ossadas* permaneceu uno e igual a si próprio ao longo desta caminhada. [...] Mesmo nos primeiros livros, que refletiam certas ideias enformadoras da Renascença Portuguesa, a personalidade de Afonso Duarte se afirmava já com uma independência capaz de desafiar quaisquer influências, de tal sorte que nem o *saudosismo*, nem o *Nobre* do colóquio familiar com as coisas e as gentes, [...] lhe fizeram moossa de maior. [123](#)

Logo adiante, ressaltam as “características fundamentais de uma originalidade genuína”, entre as quais “uma toada de cantar quotidiano, de homem debruçado sobre searas, hortas e flores, que faz o milagre de não lembrar *Cesário*.”

Outros movimentos literários e outros poetas eram citados, mas privilegiei *Nobre* e *Cesário* por neles encontrar, mais do que nos outros, essas semelhanças dessemelhantes que vincam a personalidade de Afonso Duarte e que deram origem ao título deste ensaio.

Ao acabar de ler, pela primeira vez, essa obra completa, naquele já longínquo ano, lembrei-me do que ele dissera certa vez, a sorrir, recusando-se a aceitar a teoria do direito divino: “Por graça de Deus, só os poetas”, e o entendi. Escrevi, então: Somos irresistivelmente levados a ver em seus versos o cumprimento de uma missão imposta pelo Fado, à qual ele não se poderia furtar, pois o apelo vem dos “vastos horizontes” e traz em si a melodia dos ventos e o aroma das messes. A própria substância poética, geraram-na “os gênios das Montanhas”, “na panteísta devoção das Águas”. [124](#)

Passados 43 anos, releio-me e concordo comigo. Na verdade, basta ver os títulos dos seus primeiros livros reunidos sob a denominação geral de *Os sete poemas líricos – Cancioneiro das pedras, Romanceiro das águas,*

Rapsódia do sol-nado, Tragédia do sol-posto, Episódio das sombras, Ritual do amor – para ver que só o último não está diretamente ligado à natureza; nos outros, afirma-se e se reafirma essa ligação a uma natureza quase só restrita à sua aldeia, a Ereira – uns meses terra, uns meses água, por toda parte, fazendo-a uma ilha –, onde o Poeta se abriga e com a qual dialoga:

Ilha de Ereira, ó Guernesey dorida,
Onde me exilo a este sol do inverno,
Que irá no meu País? Que irá na Vida?¹²⁵

É da natureza, pois, que lhe vem quase sempre a poesia. Di-lo o poeta no seu primeiro poema, “Inscrição”, repete-o, como se viu, nos títulos de seis dos seus *7 poemas líricos* e ainda em *Ossadas*, o livro em que mais completamente se realiza: lá estão as pedras e as águas, o outono e a primavera, o charco e o lago, o campo e a aldeia.

Não se conclua do que ficou dito que Afonso Duarte é apenas um descritivo, um observador da natureza, externo a ela. A sua atitude é outra, e bem mais complexa. Para ele, seus versos foram gerados pelos “gênios das Montanhas”, “na panteísta devoção das Águas” – com maiúsculas alegorizantes, ambas a valorizar os dois grandes elementos de inspiração da sua poesia. As águas são mar, rios e fontes; nelas está a fonte da vida e da palavra. Não só em poemas da juventude, mas ainda da plena maturidade, reafirma a sua dependência do mar, a sua fusão nele. É de *Ossadas* o poema “Epigrama”:

Há só mar no meu País.
Não há terra que dê pão:
Mata-me de fome
A doce ilusão
De frutos como o sol.
Uma onda, outra onda,
O ritmo das ondas me embalou.

Há só mar no meu País:

E é ele quem diz,

É ele quem sou.¹²⁶

Também o atrai a “Água da Altura”¹²⁷ que em nuvem se transforma, plasmada pelo vento, numa imagem inovadora, riquíssima:

Água da chuva em móbil revoltura

No oceano do ar, no firmamento:

Rega divina a que esse artista, o vento,

Dá Forma esculturada, a tessitura.

[...]

No longe e fluido olhar dos horizontes

Tudo se casa e funde – e é nuvem densa,

Habitação de lágrimas suspensa.¹²⁸

Fala-lhe como a uma mulher, com uma forte carga de erotismo confesso: “Olhando-vos na Forma, sensualmente, / Tocam meus olhos Templos adoráveis”. E continua, insistindo no carnal, no voluptuoso, em sua relação com essas “Arquiteturas frágeis / Levadas ao sabor dos ventos ágeis / E que alagam de encanto os meus olhares”, relação que exprime através da apreensão visual e olfativa, realizada, captada por uma excelente sinestesia, e da não alcançada realização táctil, reduzida ao desejo:

E em olhando o perfume corporal

De vossa carne vaporosa, eleita,

Quando ao vento, fantástica e brumal,

Percorre os ares, turva e insatisfeita;

Quanta volúpia, ó nuvens, eu revejo

Em vossa carne moça revivida

De algum perdido beijo

Que não tocasse a terra-prometida

E, noivo do ar, pairasse num desejo?!¹²⁹

Mas há também, entre ele e a natureza, uma comunhão íntima, quase de almas, que o leva a exprimir-se, exprimindo-a, confundindo-se com ela:

É na poesia lírica dos rios,
No sarcasmo das rugas da montanha,
No que me enche de mar, de sonho e desvario,
Que meu retrato vivo se desenha.¹³⁰

Essa identificação só é perfeita com a natureza indomada pelo homem, livre como o vento, rebelde como o mar, pois, embora ame as videiras, os feijoados, os milharais – ele que calça os seus tamancos e vai cuidar das hortas –, por vezes se cansa do “verde impossível de se ver”, da facilidade do campo “povoado de milho e de arrozais”, chegando a detestar-lhe “o viço da vegetação patega”; todos os elementos inanimados e livres vivem da vida que o Poeta lhes dá para retomá-la transfigurada em poesia. Uma voz “de Poeta” lhe diz:

Dentre o iletrado encanto das paisagens
Aprendes as palavras que procuras;
[...]
– Fidalga maravilha universal
É que à torva bruteza empedernida,
Às quebras da água, ao longe, aos frios mármore,
Arranques todo o espírito da vida.¹³¹

Deles o Poeta arrancará, de fato, o espírito da vida, mas também das árvores, das flores e das aves, comporá a sua humanidade: “Não há bosques, rochedos, pinheirais sombrios, / É o homem em tudo!”.¹³²

Homem e natureza, poeta e poesia, são um. Não há fugir ao instinto de cantar “como cantam ao longe os olhos da água”.¹³³ Espalha seus versos às mancheias – “Enchi de rosas a terra” –, mas guarda consigo a mágoa da incompreensão dos homens e da injustiça da vida: “E levo nas mãos

espinhos”.¹³⁴ Espinhos que ele não merece, pois sabe compreender e amar as criaturas, sobretudo se sofrem, se são fracas – as crianças maltrapilhas, os enfermos, os bêbados, os loucos, os pobres, os ceguinhos da sua aldeia... Para estes se volta o afetuoso interesse do Poeta: ouve-lhes as canções rudes, concita-os a trabalhar:

Vamos: enxada à terra, ó minha gente!
Quando a enxada se enterra, ó maravilha!
Grita a semente...¹³⁵

mas, ao fim do dia, vê-os voltar exaustos, de faces encardidas, num lamento:

Há nuvens negras a prumo
Sobre os meus ombros, ó dor!
São minha carne a pôr fumo,
São bagas do meu suor.¹³⁶

Revolta-se contra o inverno duro e prolongado:

Meu Deus! Nem grão, nem palha nos moroiços!
O sol arranca em lívidos desmaios
E o vento põe meu coração aos dobres.
E os aldeões, as vozes rudes, oiço-os
A insultos bárbaros à Vida: Raios!
Com tempo assim o que há-de ser dos pobres...¹³⁷

Contra a desigualdade social: “onde houver pobre e rico / Há os problemas da Terra”.¹³⁸ Por que não aproveitar a lição do sol, que “alaga de oiro” as gentes e as coisas “Para ensinar aos homens a igualdade / Que todos choram sobre a mesma terra!”?¹³⁹ Desejoso de justiça, engrandece-os em seus versos: “Meus patrícios, poveiros tal e qual, / É a nobreza maior de Portugal!”.¹⁴⁰

O amor à sua gente e à sua aldeia se alarga assim à terra portuguesa, e ele

canta Portugal, “meu eterno Portugal, meu peito”;¹⁴¹ a língua portuguesa, com o fervor exclusivo de um Antônio Ferreira: “Nem noutra língua escreveria um verso / Que me soubesse ao sal desta harmonia”;¹⁴² as glórias do passado: “Minha raça é de heróis, de navegantes”.¹⁴³ Do passado também surgem, familiares, os poetas e suas criações: Camões, O Adamastor, a Inês de Castro e o Velho do Restelo; Bernardim e a sua *Menina e Moça*; Garrett e as *Folhas Caídas*, D. Dinis e suas cantigas; Sá de Miranda, António Nobre... E ainda as figuras-símbolos de Santa Isabel, “trocando o oiro em rosas”,¹⁴⁴ e de D. Sebastião, de “olhos para o Céu, como um troveiro”.¹⁴⁵ Envolve-os a todos no mesmo amor, no mesmo carinho que devota à Pátria. Deu-se-lhe todo e, no entanto, sente-se proscrito, desterrado:

E, na terra da Pátria, sem vislumbre de erro,
Onde está, pergunto, o ancoradouro,
O meu porto de abrigo?¹⁴⁶

e não se lhe negue o direito de sentir-se “Sem Pátria, minha amada, / Minha amada”.¹⁴⁷

Desinteressado no mundo para o qual sempre teve “ouvidos moucos”,¹⁴⁸ cansado dos verdes da paisagem, desiludido dos homens, porque os conheceu, e da Pátria, porque a desconhece agora, o Poeta deixa em seus versos um travo de amargor, que ressuma no sarcasmo, oposto à hipocrisia, dos belos dísticos de “Calai”:

Calai os versos abstratos
E a mansidão dos olhos que têm os bois pacatos.
Calai tanto, tanto espírito na terra,
E a cristianíssima paz que nos faz guerra.
Calai, promessas de anjo, o céu sublime,
Quando as mãos, cheias de oiro, trazem máscaras de crime.
Calai loas de amor às crianças maltrapilhas
Que esses farrapos de alma não lhes cobrem as virilhas.

Calai as lágrimas à beira dos enfermos:

Prefiro a solidão que é soluço nos ermos.

Calai, palhinhas de Jesus, que sois o ai de quem ama:

Paz na terra e no céu: ao cristão, ao judeu, e à gentílica moirama.

Calai-vos, bêbedos aos bordos nas estradas:

Para matar tristezas, Nossa Senhora das Dores com suas sete espadas.¹⁴⁹

No grito de revolta contra os acomodaticios (nos *Epigramas* e nas *Sátiras*) ou na trágica resignação com que encara a morte.

A esfumar a dureza dramática de certos traços de sua poesia, a dar-lhe tonalidades mais claras, encontramos, aqui e ali, mas sobretudo no *Ritual do amor*, a presença feminina. Lavadeiras jovens do Mondego, pastoras da serra da Estrela, moças que vêm à fonte à hora do sol-pôr, o Poeta as vê e canta como manifestações animadas do belo. Porém, quando às mulheres se substitui a Mulher, ameiga-se-lhe a voz pela insistência carinhosa de diminutivos, pelo encurtamento dos metros, pela familiaridade coloquial do tom. A chuva que bate na vidraça

São *passinhos* lestos

De meu amor p'ra mim.

São *dedinhos* dela

Chuvas a cantar:

Batem na janela

Para lhe eu falar.¹⁵⁰

Se ela mergulha os braços no rio,

[...] as águas, vendo-lhe as formas

Quando passavam por ela,

Tinham preguiça de vê-la

Que paravam

Com *ondinhas* de carícias

Espertas, vivas e crespas
Em torno dos braços dela.¹⁵¹ (grifos meus)

Encontram-se à *tardinha*, num solar “*cheiinho* de alma e valia”,¹⁵² e a sua alegria de amor é “*roupinha* nova na arca do meu peito!”.¹⁵³ Aqui os diminutivos, aliados à expressão familiar, contrastando com o tom dos outros versos, revelam uma intensa e sincera emoção. Nenhum exemplo, entretanto, mais significativo do que o do soneto “Vital”: no primeiro quarteto e nos dois tercetos, a amada nos aparece “franzina... como um choupo à luz da Lua”, esguia como uma ânfora, “seus lábios, duas pétalas de rosa”. É o segundo quarteto que no-la revela, que lhe dá vida e forma:

Dizem os seios que a farão mãezinha!
Oh! que linda menina casadoira!
São os seios da virgem donzelinha,
Dois novelos saltando à dobadoira.¹⁵⁴

Como não pensar na “Canção da felicidade” de Antônio Nobre? Como ele, soube Afonso Duarte fundir, nas suas figuras gráceis de mulher, as exigências ideais do espírito e as contingências materiais da carne, numa compreensão integral do amor, em que entra a sensualidade, que apraz ao Homem, mas que não exclui a sublimação da amada, cuja posse nada significa para o Poeta:

Não será minha? Isso que tem para a Arte?
Estatuário que eu sou, hei-de esculpi-la;
Dá-la em beleza é o meu amor em parte.¹⁵⁵

Se os diminutivos, como já notamos, aparecem principalmente motivados pela presença da mulher, mais amplo é o emprego do estilo familiar. O que ambos têm de comum – e só nos ocorre uma exceção – é a expressão de afetuosa simpatia. Vejamos, por exemplo, o Poeta diante do mar: que o ama, não há dúvida possível; mas, quando o vê raivoso, afugentando o peixe, condói-se da gente da sua aldeia e zanga-se, mas de uma zanga de

avô, que não sabe ralar sem sorrir. Veja-se, por exemplo, este belo poema:

Praguejam pescadores: Ora esta, ora esta;

O mar na praia é um *tambor* em festa!

Danado e rouco ele há lá quem o fateixe!

O mar não anda bom...

E som, e som, som-som,

Deita a fugir o peixe.

[...]

Mas o oceano, o mar, não anda bom:

Ondas são *trambulhões e trambulhões de som!*

Ó mar, *meu brutamontes,*

Música, deixa ouvi-la da noitinha;

Eu quero ouvir o murmurar das fontes

Que a noite já se avizinha... [156](#) (grifos meus)

Onde o que caracteriza a sua raiva é o som, acentuado pelo Poeta na criação onomatopeica (“E som, e som, som-som”) e na utilização da expressiva sinestesia, em que se unem as impressões auditiva e visual, que captam o movimento das ondas e o seu bramido: “Ondas são trambulhões e trambulhões de som!”.

Quando o mar não cobre tudo na sua terra, vicejam as plantações e o poeta bucólico canta, num bucolismo autêntico, sem roupagens artificiais:

Choveu. E que bonitos os batatais,

Os feijoais, os milharais!

Videiras, tenho-as já que me dão provas.

E as árvores novas?

Cada rebento, um braço.

Depois, vem sol: Um solzinho lindo

Como um efebo loiro.

E, orvalhadas,
Ervas e plantas

– Riquezas que do céu nos foram dadas –
Riem à luz de oiro
Suas pérolas de água.

Tudo é vida e riqueza neste cenário de horta e pomar envolvidos pelo ouro do sol. Belas e viçosas, ervas e flores despertam o apetite dos insetos e lagartas:

E depois? – É a fome! Insetos voam,
Voa maligno bezoiro
Com seu ruído metálico nas asas!

Eh! bezoiro! – berro – Eh! bezoiro,
Poupa-me as rosas...¹⁵⁷

Em vão o Poeta chama “maligno” ao bezoiro. Não nos convence. Há nele o desejo de defender as rosas, não de exterminar o inseto.

Tentando interpretar o Poeta através dos seus processos estilísticos, não se poderão omitir as suas imagens, algumas das quais aliam a originalidade à mais pura beleza poética. Falando do mar, ainda o maldiz: “Ondas são *trambolhões e trambolhões de som!*”, numa sinestesia expressiva, em que se unem as impressões auditiva e visual, como nestes outros versos: “E o *além do Sol, aos gritos cor de mágoa / [...] / Crepúsculos caindo aos silvos n’água...*” (grifos meus);¹⁵⁸ mais densos e mais ousados, ou ainda na deliciosa “Canção de el-rei Dinis”:

E ao *néctar* da abelha
Que é *cor* na corola
E *música* sutil do pólen,
Apetece cantar com Dom Dinis:
“Ai, flores, ai, flores do verde ramo”,¹⁵⁹

onde a sensação olfativo-gustativa provoca a visual e a auditiva, em sugestões múltiplas e simultâneas.

Duas comparações, entre as inúmeras que se encontram na *Obra poética*, nos parecem merecer destaque especial: uma, no soneto “Contraste”, em que a sensação auditiva é transformada em tátil, tornada mais concreta e, portanto, mais real:

(O alto falar do povo é como um gume,
As vozes lembram pontas de navalha)¹⁶⁰

Outra, na poesia “Desconcertante”, e que chamaríamos também desconcertante, pelo imprevisto e pela força: “Mas, como bola dentro de assobio / [...] / Há olhos na cadeia olhando às grades!”.¹⁶¹

Poderíamos, talvez, para melhor acompanhar a evolução do Poeta e chegar a algumas conclusões gerais, agrupar suas obras em três fases: a primeira se constituiria de *Os 7 poemas líricos*; a segunda, de *Ossadas*, e a terceira, das obras posteriores.

Na primeira fase, é profunda a marca do saudosismo: na comunhão do poeta com a natureza, num desejo de abarcá-la toda, já não lhe basta a Terra; na busca de “toda a beleza cósmica da vida”,¹⁶² da “paz rutilante das esferas”, das atômicas paisagens da Lua e de Marte, que serão “dessa vidente linha de Fragatas, / [...] as gangéticas Paragens”, lança-se em “sonhos infinitos”, “sob as asas supremas da Poesia”.¹⁶³ A própria paisagem terrestre aparece envolta em névoa, banhada de luar – lá o momento de sol é muito breve –, penetrada do silêncio que vem do vago, encerrando proféticos segredos, sonhos imprecisos, vozes dos longes. Essa atmosfera irreal, impalpável, tira os contornos nítidos das coisas e dos seres e é assim que vemos, à luz suave da tarde ou do luar, os choupos, tão caros à imagística do poeta como à dos saudosistas:

Os choupos implorando a Tarde vaga
Lembram espectros de místicos suicidas.

[...]

Que é o dia transcendente do juízo,

E os choupos que são almas do Outro-mundo.¹⁶⁴

É de notar-se que, para obter essa atmosfera, Afonso Duarte lança mão de imagens aparentemente concretas que, paradoxalmente, criam abstrações. No “Canto da noite para as estrelas”, encontramos reunidos os mais expressivos e numerosos exemplos desse processo: “*olham* a noite os astros”, “a sombra *esculpe* o vago”, a lua “rege a toada mórbida das rãs”¹⁶⁵ e é

A doida sensual dos alvos rios,
Quando *despida* e moça, toda *nua*,
Esculpe n’água os *peitos* alvedios.

Com ela, chega o silêncio: “vem do vago, de *mãos dadas* / Às *mãos* da Lua...”, somente perturbado, talvez, por folhas secas que “amarfanham o ar / Como mãos débeis repanhando sedas.”

Corporificando e animando os elementos da sua paisagem, rouba-lhes a realidade e consegue criar “incorpóreo perfil de fumo e sombra!”¹⁶⁶

Saudosista é ainda a sua concepção da “Saudade, virgem-mãe das Novas-dores”,¹⁶⁷ talvez por evocá-la no Marão, todo impregnado do *Marános* de Pascoaes, onde ela é a “Virgem-mãe dos lusitanos”, “Virgem cristã da minha terra”, que conceberá, “isenta de pecado, / O Cristo da esperança e da beleza!”.¹⁶⁸ Como bem acentuou Franco Nogueira, há em Afonso Duarte “um saudosismo histórico mas não messiânico”¹⁶⁹ e este continuará nas obras seguintes, adquirindo um aspecto sempre mais sadio e equilibrado.

Em 1947, vem a público *Ossadas*, que são na verdade “o retrato em corpo inteiro dum poderoso e singular temperamento criador”.¹⁷⁰ Já agora oporá, aos longos poemas da fase anterior, breves mensagens poéticas, de forma enxuta, de recorte preciso:

Poemas breves

*como o instante da flor
que abriu para morrer.*¹⁷¹

Aos metros fixos seguir-se-á o metro variável ou, mais raro, o ritmo livre, ajustando-se à ideia, à emoção, sugerindo mais que dizendo. Perdido o gosto da paisagem, o Poeta recolhe-se à poesia, desce ao “poço fundo e largo”¹⁷² da sua alma e a revela em versos que seriam puramente confessionais, não fosse a extensão humana que abarcam.

Dessa sua necessidade de ser conciso, de dizer apenas o essencial, também nos dão prova os poemas de *Post-scriptum de um combatente* e *O anjo da morte e outros poemas*. Em “Carme” ele assim delimita o caminho a um poeta:

Uma só rosa vale o roseiral.
Por que me escreves longo o teu poema?
O inspirado instante sem igual
Acaso não será a hora suprema?¹⁷³

Em “Sentença”, condena o “estilo enovelado , que engrandece / Os poetas fáceis”.

Não valem aparências,
Senão o coração inscrito
No que escreve,
Fruto de experiências.¹⁷⁴

Nas “Redondilhas”, regressando à forma tradicional da medida velha, em sextinas que lembram, pela contextura, a canção redonda, o Poeta parece voltar-se para o passado. Mas não. São os problemas do mundo moderno que o preocupam e inspiram. As memórias do passado – Troia e Roma, Saturno e Cristo, Gil Vicente e Bandarra, Aljubarrota e Taprobana – confundem-se com as imagens do presente. Diante das novas invenções do homem, que ameaçam destruir a terra – canhões, bombas atômicas – seria

bom refugiar-se no céu; mas este é agora “o Céu da Aviação”.¹⁷⁵ A civilização rasgou as névoas de outrora e o poeta, não sem ironia, canta:

– Sus! Tenho o mito na mão
De a Terra roubar o Céu!
Vem de Avião (de Avião!)
O fogo de Prometeu.
Não será já de alma nua,
Irei de corpo prá Lua,
Ai, de Avião (de Avião!)¹⁷⁶

Não se julgue que Afonso Duarte se rebele contra o progresso: se há nele uma ligeira mágoa por já não serem só os poetas a galgar o céu, há, por outro lado, uma real compreensão da grandeza e da poesia das coisas modernas, como se pode ver nesta “Máxima”:

Há tanta humanidade
No que melhora uma flor
Como no que repara
As dinâmicas linhas dum motor.¹⁷⁷

Alma aberta a todos os influxos, coração compassivo, espírito crítico e agudo, vimos o Poeta voltar-se para as coisas e os seres, debruçar-se sobre as misérias humanas e erguer os olhos ao Céu. Nesse erguer de olhos, porém, não vislumbramos sequer a ansiedade metafísica; e entretanto ele sente que “há existências de Deus dentro de mim”.¹⁷⁸ O não buscar a Deus virá de o não querer ou de já o ter consigo? Talvez lhes responda o Poeta, recordando um dia de Natal:

À luz da lenha, em rubro tom bizarro,
Sou em Presépio com meus pais e irmãos.
E junto às brasas, os meus olhos postos
Nesta evangélica expressão de rostos,
Ergo em graças a Deus as minhas mãos.¹⁷⁹

De Deus recebeu o dom da Poesia e fez-se poeta. Um grande poeta, digo eu, ou, como diziam dois grandes amigos e seus discípulos confessos, Carlos de Oliveira e J.J. Cochofel:

[...] Mestre querido e raro: de versos, de saúde intelectual, de confiança no homem, de amor à terra, de *rosas e cantigas* – com grandeza bastante para não ter menosprezado nunca a juventude dos discípulos. Mestre Afonso Duarte.¹⁸⁰

[122](#) Publicado in *Revista da ABRAPLIP*, n. 1, Belo Horizonte: Abraplip, 1999.

[123](#) Duarte, A., *Obra Poética*, p. 259 e 255. nas citações, indicarei os volumes de versos por suas iniciais: *Cancioneiro das pedras (CP)*, *Romanceiro das águas (RA)*, *Rapsódia do sol-nado (RSN)*, *Tragédia do sol-posto (TSP)*, *Episódio das sombras (ES)*, *Ritual do amor (Rit)*, *Ossadas (O)*, *Sibila (S)*, *Canto de Babilônia (CB)*, *Canto de morte e amor (CMA)*.

[124](#) Duarte, *CP*, “Inscrição”, p. 9.

[125](#) Idem, *RA*, “Diálogo Com a Minha Terra”, p. 42.

[126](#) Idem, *O*, “Epigrama”, p. 136.

[127](#) Idem, *RA*, “Aquarelas e águas-fortes”, p. 48.

[128](#) Idem, *Ibid.*, p. 48-9.

[129](#) Idem, *Ibid.*, p. 50.

[130](#) Idem, *O*, “Três estâncias”, p. 154.

[131](#) Idem, *CP*, “Estrofes pagãs”, p. 26.

[132](#) Idem, *RA*, “Ilha dos amores”, p. 38.

[133](#) Idem, *Ibid.*, “Aquarelas e águas-fortes”, p. 51.

[134](#) Idem, *PSC*, “Recordação”, p. 170.

[135](#) Idem, *RSN*, “Em louvor do sol”, p. 66.

[136](#) Idem, *Ibid.*, “Elegia do cavador”, p. 67.

[137](#) Idem, *RA*, “Invernias”, p. 41.

- [138](#) Idem, *CB*, “Canto de babilônia”, p. 219.
- [139](#) Idem, *RSN*, “Salmos ao sol”, p. 64.
- [140](#) Idem, *RA*, “Búzio do mar”, p. 43.
- [141](#) Idem, *O*, “Canção da vida”, p. 135.
- [142](#) Idem, *PSC*, “Terra natal”, p. 181.
- [143](#) Idem, *RA*, “Gênio da raça”, p. 44.
- [144](#) Idem, *CP*, “Estâncias da montanha”, p. 22.
- [145](#) Idem, *Ibid.*
- [146](#) Idem, *O*, “Canção da vida”, p. 136.
- [147](#) Idem, *Ibid.*, “Estepa”, p. 131.
- [148](#) Idem, *Ibid.*, “*Agnus Dei*”, p. 134.
- [149](#) Idem, *Ibid.*, “Calai-vos”, p. 131.
- [150](#) Idem, *RA*, “Aquarelas e águas-fortes”, p. 52.
- [151](#) Idem, *Ibid.*, “Rimance”, p. 37.
- [152](#) Idem, *Rit.*, “Provençal”, p. 108.
- [153](#) Idem, *Ibid.*, “Ninho desfeito”, p. 117.
- [154](#) Idem, *Ibid.*, “Vital”, p. 104.
- [155](#) Idem, *Ibid.*, “Amor”, p. 104.
- [156](#) Idem, *RA*, “Búzio do mar”, p. 43.
- [157](#) Idem, *O*, “Bucólica”, p. 155-6.
- [158](#) Idem, *TSP*, “Tragédia do sol-posto”, p. 78.
- [159](#) Idem, *O*, “Canção de El-rei D. Dinis”, p. 146.
- [160](#) Idem, *Rit*, p.115.

- [161](#) Idem, *O*, p. 143.
- [162](#) Idem, *CP*, “Estrofes pagãs”, p. 23.
- [163](#) Idem, *Ibid.*, “Evocação dum rochedo”, p.11.
- [164](#) Idem, *TSP*, “Alegoria da tarde”, p. 74.
- [165](#) Idem, *Ibid.*, “Canto da noite para as estrelas” p. 86.
- [166](#) Idem, *Ibid.*, p. 87.
- [167](#) Idem, *CP*, “Estâncias da montanha”, p. 20.
- [168](#) Pascoaes, T. de, *Marános*, p. 56-7.
- [169](#) Nogueira, F., “dois poetas maiores”, in *Jornal de Crítica Literária*, p. 230.
- [170](#) duarte, a., op. cit., “Apêndice”, p. 251.
- [171](#) Idem,, *O*, p. 126.
- [172](#) Idem, *Ibid.*, “cântico”, p. 129.
- [173](#) Idem, *PSC*, “Carme”, p. 170.
- [174](#) Idem, *Ibid.*, “Sentença”, p. 171.
- [175](#) Idem, *S*, “Redondilhas...”, p. 207.
- [176](#) Idem, *Ibid.*, p. 211.
- [177](#) Idem, *PSC*, “Máxima”, p. 169.
- [178](#) Idem, *TSP*, “Canto da noite para as estrelas”, p. 86.
- [179](#) Idem, *ES*, “Natal”, p. 97.
- [180](#) Idem, *Op. Cit.*, “Apêndice”, p. 260.



A GERAÇÃO DE 70 E A GERAÇÃO DE ORPHEU¹⁸¹

No ano de 1965, comemorou-se o primeiro centenário da “Questão Coimbrã”, e o meio centenário do aparecimento de *Orpheu*. Foi, pois, à distância de cinquenta anos que começaram a fazer-se notar, coesas e inconfundíveis, duas gerações que deixaram marcas fundas e definitivas na vida portuguesa: a geração de 70, liderada por Antero de Quental, e a de *Orpheu*, liderada por Fernando Pessoa. Igualmente importantes do ponto de vista literário, muito divergem na ação social e política. Resumir-lhes as atividades, apontando-lhes concordâncias e discordâncias, é a finalidade deste ensaio.

Remontemos a 1862, ano bastante agitado na Universidade de Coimbra, onde Antero e Eça de Queiroz cursavam Direito: em outubro, o príncipe Humberto da Itália, em visita à universidade, fora recebido com estas palavras de Antero:

Os Estudantes da Universidade de Coimbra, filhos e netos dos heroicos defensores do Porto, saúdam, em nome da fraternidade de dois povos irmãos, o neto de Carlos Alberto; a mocidade liberal portuguesa saúda, em nome da liberdade do mundo católico, o filho do amigo de Garibaldi, o filho de Victor Manuel.” “[...] Não é ao representante da Casa de Saboia que vimos prestar homenagem: é ao filho de Victor Manuel que saudamos, do primeiro soldado da independência italiana; desse de quem os reis da Europa aprendem como, neste século, ainda se pode ser popular, sendo-se

Rei; de quem a Itália espera ressurreição completa; de quem espera a Igreja Cristã uma nova época de verdadeira grandeza e liberdade verdadeira.¹⁸²

Em dezembro, a Sala dos Capelos, repleta de estudantes aí reunidos para distribuição de prêmios, esvaziou-se como por encanto assim que o reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto se ergueu para falar. Ambos os acontecimentos tinham sido dirigidos pela Sociedade do Raio, da qual Antero era um dos cabeças.

Tal sociedade tinha sido criada com o fim principal de depor Basílio Alberto, mas, enquanto o não conseguia, alarmava e escandalizava a pacata Coimbra com andanças noturnas pelos cemitérios, a buscar o segredo da Morte, dissolvendo procissões, perseguindo calouros, destruindo ornamentos que lhes feriam o senso estético. Exorbitaram os estudantes em suas represálias e despertaram uma forte reação da imprensa. A esta responderam com um manifesto, certamente redigido por Antero, que o assina em primeiro lugar, seguido de cerca de trezentos colegas, onde se explicam: “A manifestação contra o Reitor da Universidade é também protesto contra a iniquidade duma legislação atrasada de três séculos, porque este Reitor simboliza todo o rigor dessa lei, porque consubstancia em si tudo quanto há de mau na instituição”.¹⁸³

Pouco teriam de esperar para se verem livres de Basílio, pois que este, em julho de 1863, pede demissão do cargo.

Em fins desse mesmo ano, apesar do afastamento do antigo reitor, novamente os estudantes entram em choque com as autoridades universitárias, que pedem auxílio às tropas do governo. Mais uma vez à frente dos acadêmicos, Antero concita-os a deixar Coimbra e ir para o Porto. Vão uns oitocentos rapazes, exaltados, em busca de uma solução que talvez eles próprios não soubessem definir. A Assembleia Geral realizada no Teatro Baquet foi uma apoteose, mas nada de positivo se seguiu e os fugitivos tiveram de voltar, humilhados, à velha universidade.

Com os seus erros e excessos, próprios dos moços, mas também com a sinceridade e o idealismo que lhes são peculiares, os estudantes de Coimbra refletiam nas suas atitudes as influências literárias, filosóficas e sociológicas que lhes chegavam de fora: o naturalismo de Flaubert, o satanismo de Baudelaire, o espiritualismo dialético de Hegel, o evolucionismo de Spencer, o positivismo de Augusto Comte, o socialismo utópico de Proudhon, o materialismo histórico de Karl Marx. Há neles o desejo de revolver a sociedade estagnada, de reformá-la, de lançar sobre ela um sopro de ar puro e vivificador, de renová-la, enfim. E nenhum mais tocado de tal desejo do que Antero de Quental, pela aguda sensibilidade, bondade extrema e inteligência receptiva de todas as ideias. Ao mesmo tempo em que se faz o porta-voz das reivindicações estudantis, vai criando a sua obra de poeta e esboçando os seus escritos filosóficos. São do período universitário as *Odes modernas*, o mais revolucionário de seus volumes de versos, onde faz a crítica aberta à Igreja e se lança, veemente, contra a injustiça social.

Pela mesma época, publicava Teófilo Braga a *Visão dos tempos* e as *Tempestades sonoras*, em que seguia o exemplo da *Légende des siècles* de Victor Hugo e se inspirava em Vico e Michelet. Castilho, então papa indiscutido das letras portuguesas, a quem Teófilo enviara as *Tempestades* e Antero lera as *Odes*, irritado por ver que se editavam livros sem o seu *imprimatur* e pouco acessível ao insólito e irreverente espírito das novas obras, escreve uma carta irônica – melhor diríamos sarcástica – a Teófilo, onde simula ignorância para compreender-lhe a poesia: “As nebulosidades das transcendências, *muitos míopes (em cujo rol eu me incluo)* poderiam contestá-las, o que eu por mim estou bem longe de fazer”.¹⁸⁴ (grifos meus).

De fato, esses moços irritavam o velho e consagrado Castilho, e ele não perderia a oportunidade que se lhe oferecia de visá-los na carta-posfácio ao *Poema da mocidade* de Pinheiro Chagas, publicado em 1865. Depois do elogio desmedido ao autor, dos mais mimados das letras lisboetas, o ataque

aos de Coimbra, Antero e Teófilo: “Deixando de parte, por agora, Braga e Quental, de quem, pelas alturas em que voam, confesso, humilde e envergonhado, que *muito pouco enxergo*, nem atino para onde vão, nem avento o que será deles afinal”.¹⁸⁵ (grifos meus).

Antero já tinha recebido vários ataques da imprensa de Lisboa e do próprio Pinheiro Chagas e esperava a oportunidade para responder-lhes; a carta de Castilho a fornecia: espicaçava-o o desdém disfarçado em ignorância de que fazia gala o último dos Arcades. E Antero responde-lhe com a dureza impiedosa dos seus 23 anos; esquece que Castilho foi seu mestre outrora, esquece a diferença de idades e diz-lhe verdades terríveis. Verbera-lhe a incompreensão das novas ideias: “As três grandes nações pensantes” (França, Inglaterra, Alemanha) “são risíveis diante da crítica fradesca do Sr. Castilho. Os grandes gênios modernos são grotescos e desprezíveis aos *olhos baços* do banal metrificador português”;¹⁸⁶ a incapacidade de acompanhar o mundo em sua evolução:

Não é traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grécia e de Roma; [...] não é, sobretudo, lisonjeando o mau gosto e as péssimas ideias das maiorias, indo atrás delas, tomando por guia a ignorância e a vulgaridade, que se hão-de produzir as ideias, as ciências, as crenças, os sentimentos de que a humanidade contemporânea precisa para se reformar como uma fogueira a que a lenha vai faltando.¹⁸⁷

Tais acusações, e mais, ele as resumira no início da carta: “Sim, Ex.mo Sr. *Eu não sei se V. Ex.a tem olhos para ver tudo isto. Cuido que não*: porque a inteligência dos hábeis, dos prudentes, dos espertíssimos é muitas vezes cega em lhe faltando uma cousa bem pequena, que se encontra nos simples e nos humildes – a boa-fé”.¹⁸⁸ (grifos meus). As passagens que grifamos nas citações acima levaram Ramalho a escrever a Antero que este maculara “os seus vinte e cinco anos com a mais torpe das nódoas que um mancebo pode lançar no seu caráter: a covardia”.¹⁸⁹ Não é possível, porém, acreditar que

Antero, mesmo na sua cólera, aludisse à cegueira física de Castilho; referiu-se, isto sim, à cegueira do espírito, metaforicamente, como o fizera o próprio Castilho, em textos que atrás citamos e também grifamos.

Terminado o curso de Direito, os novos bacharéis deixam Coimbra e muitos vão para Lisboa, onde se reagrupam com alguns mais que comungam das mesmas ideias, numa espécie de agremiação muito livre, sem peias nem regras – o Cenáculo – onde vamos encontrar Antero e Eça, e Jaime Batalha Reis, Salomão Sáraga, Manuel de Arriaga, Germano Meireles, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e, eventualmente, João de Deus. No Cenáculo, conspirava-se por uma reforma socialista em Portugal, inspirada nos moldes proudhonianos, mais conciliatórios do que os marxistas. A monarquia decadente, a sucessão ininterrupta de gabinetes que subiam e caíam não eram de molde a solucionar os problemas urgentes do povo que era preciso esclarecer. Não se tratava de uma revolução pelas armas, mas pela palavra orientadora, e surge, assim, a ideia das Conferências do Casino.¹⁹⁰ A 22 de maio de 1871, realiza-se a primeira, proferida por Antero, sobre o espírito das conferências. A que se destinavam? A dizer aos portugueses que uma inequívoca renovação social se fazia sentir por toda parte, a que só Portugal permanecia alheio. Era urgente a sua participação em movimento tão sério em todos os setores da vida, e as conferências destinavam-se ao esclarecimento das inteligências. Segue-se a segunda, sobre a decadência dos povos peninsulares, que Antero atribui a três causas: o catolicismo do Concílio de Trento, o absolutismo e as conquistas. Tese perigosa num país eminentemente católico e onde as conquistas constituem a glória máxima do passado. Na terceira conferência, Augusto Seromenho fala sobre a literatura portuguesa, dizendo, de início, que em Portugal “de Literatura não há dez réis em cofre”. Depois do inventário da literatura pátria, de que só se salva Camões, apresenta o problema da finalidade da arte: “O fim [...] supõe a *moralização*. A literatura não cria com um fim prático: nem moralização nem civilização. Relaciona-se com a civilização mas não é sua causa

voluntária. A arte tem o fim em si mesma. Atinge o seu fim, atingindo simplesmente a essência da arte: o belo. Melhor: procura ser a representação do ideal”.¹⁹¹ A Seromenho segue-se Eça de Queiroz, abordando a Literatura Nova (o Realismo como nova expressão de arte). Começa o orador “por integrar a sua conferência no espírito revolucionário”, “à Revolução, que deveria ser acatada como *fato permanente e como teoria jurídica*”: “o espírito revolucionário naturalmente tende a invadir todas as sociedades modernas, a afirmar-se na ciência, na política, na vida social, enfim”.¹⁹² Cabe-lhe naquele momento apresentar a revolução no campo da estética e, para tal, afirmar a constante harmonia entre a arte e o ideal social, desde a Grécia antiga até aos tempos modernos. Nestes é que se inclui o Realismo como única expressão autêntica. E que é para ele o Realismo?

Para Eça não é simplesmente um processo formal: – é uma base filosófica para todas as concepções do espírito –, uma lei, uma carta de guia, um roteiro do pensamento humano, na eterna região artística do belo, do bom e do justo. Assim considerado, o realismo deixa de ser, como alguns podiam falsamente supor, um simples modo de expor –, minudente, trivial, fotográfico. Isso não é realismo: é o seu falseamento. É o dar-nos a forma pela essência, o processo pela doutrina. O realismo é bem outra coisa: é a negação da arte pela arte; é a proscricção do convencional, do enfático e do piegas. É a abolição da retórica considerada como arte de promover a comoção, usando da inchação do período, da epilepsia da palavra, da congestão dos tropos. É a análise com o fito na verdade absoluta. Por outro lado, o realismo é uma reação contra o romantismo: o romantismo era a apoteose do sentimento. [...] O princípio da nova literatura é outro: é a lei moral e científica, a que deve proceder e ser recebida como única aspiração do *belo*.¹⁹³

A quinta conferência foi a de Adolfo Coelho, sobre o ensino. Para ele, o *fim* do ensino é “levar o homem à concepção mais perfeita possível do seu destino”; a sua *forma* mais pura é a ciência; a sua matéria deve ser “a

totalidade dos ramos de conhecimentos teóricos e práticos, porque não há um só desses ramos que, bem estudado, não possa servir aos fins do ensino”.¹⁹⁴ Nada disso encontra ele em Portugal, onde a *organização* do ensino leva ao palavrório. Urge, pois, a *reforma*, cuja base essencial é a separação completa do Estado e da Igreja, a liberdade de consciência. A sexta conferência seria de Salomão Sáraga, sobre os historiadores críticos de Jesus, a sétima de Batalha Reis, sobre o socialismo, a oitava de Antero, sobre a República. Os que acorreram, porém, ao Casino Lisbonense no dia 26 de junho de 1871 encontraram-lhe a porta fechada e nela afixada uma portaria assinada pelo marquês d’Ávila e Bolama, em nome do rei, pela qual se proibiam as conferências “em que se expõem e procuram sustentar doutrinas e proposições que atacam a religião e as instituições políticas do estado” e que “ofendem clara e diretamente as leis do reino e o código fundamental da monarquia, que os poderes públicos têm a seu cargo manter e fazer respeitar”.¹⁹⁵

Foi terrível a surpresa e conseqüente indignação dos organizadores; um protesto, redigido por Antero, foi levado aos jornais:

Em nome da liberdade do pensamento, da liberdade da palavra, da liberdade [...] da justiça social, protestamos, ainda mais contristados que indignados, contra a portaria que manda arbitrariamente fechar a sala das Conferências democráticas. Apelamos para a opinião pública, para a consciência liberal do país, reservando a plena liberdade de respondermos a este ato de brutal violência como nos mandar a nossa consciência de homens e de cidadãos.¹⁹⁶

Assinavam-no Antero, Adolfo Coelho, Jaime Batalha Reis, Salomão Sáraga e Eça de Queiroz. A esse protesto se juntaram outros, assinados pelos nomes mais representativos da inteligência portuguesa: Teófilo Braga, Manuel d’Arriaga (futuros presidentes da República), Guilherme Azevedo, Oliveira Martins, Augusto Seromenho etc.

Não ficaram por aí as atividades sociais e políticas de Antero e seus

companheiros: pelo contrário, muitos deles participaram da vida pública do país, filiaram-se a partidos (Antero e Oliveira Martins, por exemplo, ao Socialista, Teófilo, ao Republicano), foram representantes do povo. O que aí termina é a ação conjunta, quase sempre dirigida por Antero, dessa geração de moços de talento e ideal, lançados na busca sôfrega do Novo.

A morte levou alguns, a vida absorveu outros; o século XIX foi terminando sem maiores sobressaltos e o XX entrando de manso, como se não entrasse.

É só na segunda década do século XX que se faz ouvir de novo, irreverente e ousada, a voz da mocidade, como sempre inovadora. Não se trata, desta vez, de um grupo de estudantes da mesma escola, mas de rapazes ligados por gostos e aspirações semelhantes, que se encontram, a partir de 1912, nos cafés da Baixa, em Lisboa. Um deles, conhecido por seus artigos de crítica literária, entre os quais os intitulados “A nova poesia portuguesa”, publicados na *A Águia*, em que define a poesia do momento como “vaga, sutil e complexa” e diz que dela surgirá o Supra-Camões, é um moço de 24 anos, discreto, míope, que se chama Fernando Pessoa e se chamará também, em breve, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis; outro é pouco mais do que adolescente – e ainda tão adolescente! – e escreve contos estranhos: Mário de Sá-Carneiro; um e outro serão dentro em pouco os maiores poetas do seu tempo. Outros poetas fazem parte do grupo: Alfredo Pedro Guisado, Luís de Montalvor, Armando Cortes-Rodrigues; dois pintores: Amadeu de Sousa Cardoso, Santa Rita Pintor, e este talentoso *doublé* de pintor e homem de letras que é Almada Negreiros. Como os de 70, querem investir contra o conservadorismo, escandalizar o burguês pacato a que eles chamam “lepidóptero”.

Em 1914, no único número da revista *A Renascença*, Fernando Pessoa publica o poema “Pauis”, inquietante e inteiramente novo. Do seu título gerou-se a primeira tendência portuguesa do modernismo que nascia: o Paülismo. Mas era preciso que eles tivessem a sua revista, e surgiu *Orpheu*.

Idealizada, em princípio, por Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho, no Brasil, para ser o porta-voz da moderna literatura brasileira e portuguesa, *Orpheu* teve na realidade a orientação de Fernando Pessoa nos dois únicos números que vieram à luz e no que ficou por nascer.

Sai em fins de março de 1915 o *Orpheu 1*, com uma Introdução de Luís de Montalvor (de redação deficiente e ambígua), em que se afirmam os propósitos da revista: “Puras e raras suas intenções como seu destino de Beleza é o do: – Exílio!”, e adiante: “Nossa pretensão é formar, em grupo ou ideia, um número escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este princípio aristocrático tenham em *Orpheu* o seu ideal esotérico e *bem nosso* de nos *sentirmos* e *conhecerno-nos*”.¹⁹⁷ Bem pouco dizem essas palavras das intenções de Pessoa ou Sá-Carneiro. O que aí está é, sobretudo, uma profissão de fé decadentista, que *Orpheu* também conterà, entre expressões interseccionistas, futuristas, sensacionistas e outras. Bem mais expressivas que a Introdução são as colaborações de Sá-Carneiro, Pessoa, Álvaro de Campos, Ronald de Carvalho, Almada Negreiros etc.

O impacto da nova literatura, causado principalmente pela “Ode triunfal” de Álvaro de Campos e o poema “16” de Sá-Carneiro, é tremendo. Gritam os jornais de Lisboa e do Porto, chamando-lhe “Literatura de manicômio” e a seus poetas “doidos com juízo”. Não contribuiria pouco para tal julgamento o aspecto de *blague*, o desejo de *épater* de que o próprio Pessoa se penitenciaria logo depois. Mas não será essa uma das características dos movimentos de renovação, de inovação dirigidos por gente moça? Eça e Antero não inventaram poetas satânicos para ludibriar os leitores crédulos e não criaram o poeta Carlos Fradique Mendes?

Não tinha ainda arrefecido a sanha contra *Orpheu 1* e já saía, em junho, *Orpheu 2*. Para maior escândalo, inclui a filosofia vertígica do Dr. Raul Leal e versos de um internado do Hospital de Miguel Bombarda, Ângelo de Lima, poeta de gênio na fronteira entre a razão e a loucura. Os poemas

futuristas de Sá-Carneiro e Pessoa – “*Manucure*” e “Ode triunfal” – foram classificados de pornográficos pela imprensa.

Breve foi a vida de *Orpheu*, mas longa a sua presença, que até hoje se faz sentir. Presença e influência, é bom que se diga, no plano puramente estético, onde as duas gerações se equivalem: de um lado, a recriação da prosa com Eça de Queiroz, do outro, a surpreendente modernidade da expressão poética com Pessoa e Sá-Carneiro nos permitem aproximar a geração de *Orpheu* à de Coimbra, acentuando que aquela é do “bom senso e bom gosto”, enquanto que esta é apenas do “bom gosto”. Do desinteresse – não diremos total, mas predominante – dos de *Orpheu* pelos problemas morais, políticos e sociais, poderia servir como lema a frase de Fernando Pessoa: “Não tenho sentimento nenhum político e social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico”.¹⁹⁸

Que concluir desse paralelo? Que a geração oitocentista é mais válida que a novecentista? Talvez sim, encarada globalmente, pois fez de sua arte um instrumento de justiça social, sem todavia apoucar-lhe o valor estético. O conhecimento e a defesa dos homens não a levou a perder de vista o homem. O aprofundamento no próprio poço não os fez esquecer o mundo exterior. O bom senso e o bom gosto coexistiram.

Buscando, em rápida síntese, caracterizar a geração de 70 e a de *Orpheu*, apontamos Antero de Quental e Fernando Pessoa como seus líderes. Eram ambos, contudo, bem pouco talhados para uma liderança ativa – sobretudo Fernando Pessoa, de natureza vincadamente abúlica –, mas distinguiam-se entre os contemporâneos por sua inteligência excepcional, inquiridora, insatisfeita. Se os caminhos por eles percorridos são diversos, têm a mesma origem e buscam atingir o mesmo fim. São profundas as afinidades entre os dois poetas, todas elas enraizadas no serem ambos espíritos religiosos, como confessam com sinceridade de que não podemos duvidar: Antero, na carta autobiográfica a Wilhelm Storck (“espírito naturalmente religioso”)¹⁹⁹, e

Fernando Pessoa em uma de suas cartas a Armando Cortes-Rodrigues (“um espírito fundamentalmente religioso”).²⁰⁰

O ser *naturalmente religioso*, o ter perdido, à entrada da adolescência, a fé católica em que fora educado e o ver-se lançado na dúvida e na incerteza levam Antero à busca de Deus pelos caminhos da filosofia.

O ser *fundamentalmente religioso*, de educação também tradicionalmente católica, reforçada por uma breve passagem pelo Convento de West Street, em Durban, onde fez sua primeira comunhão, em 1896, não impede que Fernando Pessoa, ao ingressar na Durban High School, com 11 anos de idade incompletos, desse o primeiro passo para o seu mais tarde confessado gnosticismo cristão, “oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma”, e para sua fidelidade à “Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria”.²⁰¹ As soluções para sua inquietação religiosa, ele as procurará sempre no campo das religiões iniciáticas e ocultistas, na magia.

Satisfaz-se a inteligência de Antero com as respostas que lhe dá a filosofia, mas não a sua “necessidade vital de crer”.²⁰² Daí a sua angústia metafísica, constitutiva do seu mais íntimo ser, a conduzi-lo ao mais negro pessimismo, ou ao mergulho na morte, “única Beatriz consoladora”,²⁰³ aquela que lhe parece “a única solução satisfatória, radical, definitiva”,²⁰⁴ aquela em que o espera “o seio vasto duma Bondade, a quem não esquece um ai, um suspiro só...”, uma Bondade que compensará todas as desgraças e a que ele chama Deus ou justiça. Não há, pois, valores negativos atribuídos à Morte, mas um valor positivo que faz que os sonetos nela inspirados sejam a expressão de um sentimento oposto ao que suscitou os sonetos pessimistas ou as *lúgubres*. Podemos mesmo afirmar que há, no conjunto de sonetos intitulados *Elogio da Morte*, uma espécie de alegria patética do espírito que por ela atinge a sua plenitude.

No seu incessante inquirir, Antero partirá de Hegel, deixar-se-á seduzir por Goethe, lerá e relerá Hartmann, Lange, Du Bois-Raymond, deter-se-á em Kant e Leibniz, estudará os moralistas e místicos antigos e modernos, a *Teologia germânica* e os livros budistas.²⁰⁵ Através deles chegará a uma interpretação ao mesmo tempo naturalista e espiritualista do mundo, originada na monadologia de Leibniz, a que chamou a sua filosofia. Para ele, o naturalismo, “ainda o mais elevado e mais harmônico, ainda o de um Goethe ou de um Hegel, não tem soluções verdadeiras, deixa a consciência suspensa, o sentimento, no que ele tem de mais profundo, por satisfazer. A sua religiosidade é falsa, e só aparente; no fundo não é mais do que um paganismo intelectual e requintado”²⁰⁶ (do qual não pode o espírito sair senão pelo psicodinamismo ou pampsiquismo), e que, como tal, não pode conter a explicação última das coisas; o misticismo, este sim, “sendo a última palavra do desenvolvimento psicológico, deve corresponder [...] à essência mais funda das coisas”.²⁰⁷ É, pois, no Bem e na Liberdade moral, possível na santidade, que encontra a explicação última e verdadeira de tudo. Tal doutrina lhe dá certo equilíbrio e serenidade (refletidos nos sonetos que António Sérgio inclui *no ciclo do amor puro, sempiterno*), porquanto atende ao filósofo e ao religioso que nele coexistem e lhe parece coincidir com a “direção definitiva do pensamento europeu” contemporâneo.

Afim mas diversa da de Antero, a inteligência de Pessoa sente-se atraída pelo mistério que intui desde cedo, buscando soluções, como já ficou dito, no campo das religiões iniciáticas que lhe possam propiciar um contacto mais íntimo com o Além. A sua primeira experiência faz-se ao ler uma obra inglesa sobre *Os ritos e os mistérios dos Rosa-Cruz*; anos depois, trava conhecimento com a teosofia, pela qual se confessa obsidiado, apesar de – ou em virtude de – sentir-se “apavorado pelo seu mistério e pela sua grandeza ocultista”. Tenta uma experiência espírita, breve rejeitada por argumentos que são os da teosofia; é fortemente atraído pela astrologia e

pela maçonaria; volta-se para a alta magia ou ciência da cabala, onde se origina todo o ocultismo.²⁰⁸

O Oculto, o Logos, o Ente Supremo é a meta de sua busca incessante. E há três caminhos para atingi-lo: o caminho mágico – o do espiritismo, por exemplo, com os riscos que acarreta, inclusive o da loucura; o místico, que lhe parece lento, e o alquímico, possível através de existências “de diversos graus de espiritualidade, subtilizando-se”. Essa afinação espiritual vai estabelecendo comunicação “com seres cada vez mais altos”, até chegar a Deus.²⁰⁹

Resumindo e insistindo: Antero e Pessoa são dois espíritos sequiosos de Deus – qualquer que seja o nome que lhe deem – pertencentes a duas gerações marcadas: pela filosofia materialista e pela descrença, a primeira; pela inquietação e pela tendência ao ocultismo, a segunda. A angústia metafísica, cerne de sua problemática, constitui o tema central das suas poesias.

Por volta de 1914, Pessoa, em notas biográficas fornecidas a Cortes-Rodrigues, cita o Antero dos *Sonetos* como uma das suas influências literárias. Essa influência não é difícil de assinalar em vários poemas, mas em nenhum é tão patente como no soneto datado de 14/3/1917, “Súbita mão de algum fantasma oculto”,²¹⁰ que, pelo tema e pelo tratamento a ele dado, muito se assemelha ao primeiro soneto anterior do “Elogio da morte”,²¹¹ que deve ter sido escrito em 1874; tinham, pois, os dois poetas aproximadamente a mesma idade e exprimiam sua funda ansiedade. Vejamos como:

ELOGIO DA MORTE

Altas horas da noite, o Inconsciente
Sacode-me com força, e acordo em susto.
Como se o esmagassem de repente,
Assim me para o coração robusto.

Não que de larvas me povoe a mente
Esse vácuo noturno, mudo e augusto,
Ou forceje a razão por que afugente
Alguns remorso, com que encara a custo...
Nem fantasmas noturnos visionários,
Nem desfilar de espectros mortuários,
Nem dentro em mim terror de Deus ou Sorte...
Nada! o fundo dum poço, úmido e morno,
Um muro de silêncio e treva em torno
E ao longe os passos sepulcrais da Morte.

Antero de Quental

Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.
Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.
E eu sinto a minha vida de repente
Preso por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia.
Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria.

Fernando Pessoa

É a mesma a hora – a noite – cara aos dois poetas, ambos

predominantemente noturnos; é o mesmo despertar repentino, provocado pelo mesmo sacudir. Presentes em ambos estão o Inconsciente, o medo, a sensação do nada, o desejo de inquirir o mistério surgido em meio ao sono. Presentes, dissemos, mas não os mesmos: o Inconsciente de Antero é o de Hartmann, e é dele que vem o abalo que o desperta; em Fernando Pessoa é algo que está entre o Poeta e qualquer mão que o guia – a do fantasma que o acordou? Do susto que lhe faz parar o coração, Antero procura explicar a origem e só encontra negativas que dizem o que não é e conduzem ao *nada*, nada fora e dentro dele; em Pessoa é mais que susto: é terror, e terror *antigo*, com implicações metafísicas, “de antes de tempo, e espaço, e vida, e ser...” diria ele mesmo em outros versos;²¹² por ele chega ao *nada* em que existe, pois que se sente *ninguém*...

Ambos os sonetos são a dramatização de um fenômeno subjetivo: o terror noturno do homem diante de si e do seu íntimo mistério de ser. Como num drama, há as notações cênicas de lugar e hora: o aposento em que dorme o Poeta, altas horas da noite; os personagens: o Poeta e Aquele que o acorda; a ação: o sacudir, o despertar, o temer. No soneto pessoano, porém, há um outro personagem: o Terror antigo, que se apodera do Poeta, tácito e imóvel.

No soneto anteriano, o estilo tem maior eloquência, acentuada pela anáfora das negações – *não*, *nem* (três vezes), *nada!* – e pela descrição sensorial (tátil, visual e auditiva) contida no segundo terceto, cujo último verso é dos mais expressivos na sua aliança semântico-prosódica. No soneto pessoano há uma força especial na concretização violenta dos abstratos (“entre as *dobras* da noite e do meu sono”, “minha vida [...] presa por uma *corda* de Inconsciente”), mas ele desenvolve-se no sentido da interiorização, da reflexão filosófica, e no último terceto o que há é a expressão do que ele sente e não a sua representação plástica.

A imagem do poço anteriano, caracterizado por dois adjetivos que

chamaríamos da zona intermédia das sensações táteis – *úmido e morno* –, é completada pela do muro que o isola das manifestações de vida – luz e ruído, exceto um, longínquo e lúgubre, marcado ritmicamente pelo jogo simétrico de breves e longas:  reforçado pelas oclusivas bilabiais e pelo quiasmo fônico: ã-a-a-ó: “E ao longe os passos sepulcrais da Morte”.

Todas essas características dão ao “Elogio da morte I” um significado oposto ao do seu título, pois que o que nele se sente não é a presença da *Mors-Liberatriz* ou da *Mors-Amor*, mas de uma morte pessimistamente negativa. No soneto de Pessoa, a ideia negativa não vem da morte – que nem se menciona –, mas da própria existência do poeta que é *ninguém e em nada existe*. Diríamos, pois, que no soneto de Antero a Morte é a resposta à sua inquirição à razão do seu susto, enquanto em Fernando Pessoa o terror *antigo* se justifica no plano existencial, que se alarga para aquém e para além de vida e morte.

É evidente, e já atrás o dissemos, que não é essa a atitude habitual de Antero em face da morte; no políptico que é o “Elogio da morte”, este soneto figura como a tese na dialética hegeliana, seguida pela antítese que abrange os cinco sonetos seguintes e contém o pensamento do autor, de que o soneto VI é como que a síntese. Na mesma hora noturna, cuja treva se projeta em rimas escuras, quase iguais às do soneto I, num vocabulário em parte coincidente, nega-se o temor: “Só quem teme o Não-Ser é que se assusta”... “Eu não”; a “alma humilde, mas robusta”, não se detém (cf. “Assim me para o coração robusto”, do soneto I); não se ouvem apenas, ao longe, “os passos sepulcrais da Morte”, mas vê-se-lhe o sorriso na “face adusta” e, longe de a temer, o Poeta sonha com ela e adora-a.

Outro ponto comum aos dois poetas é o pessimismo com que julgam o mundo e com que se julgam a si mesmos, frustrados, irrealizados. Poderíamos resumir essa faceta do pensamento anterior em alguns versos

seus: a pergunta sempre formulada: “Valia a pena, acaso em ansiedade / ter nascido”,²¹³ para ver com os olhos sedentos de Beleza “a imperfeição de [tudo] quanto existe”?,²¹⁴ e com o pensamento “em tudo quanto fita, / A ilusão e o vazio universais”?²¹⁵, e para afinal receber a resposta dolorosa: “Não, não valia a pena!”.²¹⁶ Idêntica resposta dá Fernando Pessoa pela voz de uma das veladoras do drama estático “O Marinheiro”: “Nada vale a pena”.

Sentem ambos a inanidade de seus esforços perante a vida, e a imagem da porta – via de acesso à realização do ideal – surge em sua poesia. Em Antero são as portas do Palácio da Ventura, que se abrem com fragor, aos golpes do cavaleiro e a seus brados. “Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...”; abrem-se e deixam apenas ver “Silêncio, escuridão – e nada mais!”.²¹⁷ Fernando Pessoa não brada, nem golpeia, pois sabe que será sempre “o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta”, “o que não nasceu para isso”, “só o que tinha qualidades”, o que “ouviu a voz de Deus num poço tapado”.²¹⁸ Ainda aqui, no confronto dos dois poetas, sentimos o dramatismo eloquente do primeiro e a coloquial simplicidade do segundo, mais impressiva. Entre um e outro, nos cinquenta anos que os separam, haviam torcido o pescoço à eloquência e a poesia ganhara com isso.

No que ficou dito tentamos exemplificar, na poesia dos dois grandes autores portugueses, as coincidências que de início assinaláramos, em textos que os revelam profundamente subjetivos, inteiramente voltados para dentro de si.

Seria possível aproximá-los quando, emergindo do próprio poço, se debruçam sobre o mundo exterior? A poesia de apostolado social de Antero (assim a denomina Antônio Sérgio), quer a das *Odes Modernas*, quer a de alguns sonetos, é positivamente atuante, fincada na realidade presente, concitadora de rebeldias. Reagindo contra as suas contingências somáticas, consegue vencê-las por algum tempo pela força de seu grande espírito, e

interfere diretamente na vida pública de seu país, em busca de soluções possíveis. Utópicas são, pelo contrário, as soluções buscadas por Fernando Pessoa, poeta ou prosador. Na *Mensagem*, confessando-se um *nacionalista místico*, volta-se sobretudo para os símbolos e, em tom profético, projeta-os num futuro maior que o passado e o presente, pois conterà o Quinto Império tão longamente desejado. Seu temperamento abúlico de histeroneurastênico não lhe permite agir: tem em si “todos os sonhos do mundo”, mas “fazendo, nada é verdade”.

Em política, Pessoa, considerando “que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal” e considerando “ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal”, “votaria, embora com pena, pela República”. Antero, que não chegou a ver a República Portuguesa, viu, contudo, nascer o Partido Republicano e foi dos que criaram e defenderam o Partido Socialista, pelo qual se elegeu deputado. Pessoa dizia-se “anticomunista e antissocialista”.

Divergiam, pois, politicamente, os nossos poetas, mas tinham o mesmo desejo, tantas vezes expresso na poesia de ambos e sintetizado em prosa por Pessoa: “combater, sempre e em toda a parte, [...] – a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania”.²¹⁹

¹⁸¹ Publicado in Berardinelli, Cleonice, *Estudos de literatura portuguesa*, vila da maia: INCM, 1985. In Berardinelli, Cleonice, *Fernando Pessoa: outra vez te revejo...* rio de janeiro: Lacerda Editores, 2004.

¹⁸² Moog, V., *Eça de Queirós e o século XIX*, p. 37.

¹⁸³ Ibid., p. 39.

¹⁸⁴ Ibid., p. 65.

¹⁸⁵ Ibid., p. 67.

¹⁸⁶ Quental, A. de, *Prosas escolhidas*, p. 40.

¹⁸⁷ Ibid., p. 39.

[188](#) Ibid., p. 31.

[189](#) Cidade, h., *Antero de Quental*, p. 17. a essa altura, antero tinha apenas 23, pois que nascera em abril de 1842.

[190](#) Ibid., p. 55-6: “a missão do revolucionário – escreve ele – [antero, em carta a manuel sardenha] é uma obra de paz, de reflexão, quase de ciência... revolução não quer dizer guerra, mas sim paz; não quer dizer licença, mas sim ordem verdadeira pela verdadeira liberdade [...]”.

[191](#) Salgado Júnior, a., *História das Conferências do Casino*, p. 41-2.

[192](#) Ibid., p. 4950.

[193](#) Ibid., p. 55-6.

[194](#) Ibid., p. 63-4.

[195](#) Ibid., p. 106.

[196](#) Ibid., p. 107.

[197](#) *Orpheu* i, p. 9.

[198](#) Pessoa, f., *Livro do Desassossego*, p. 17.

[199](#) Quental, A. de, *Cartas II*, p. 834.

[200](#) Pessoa, F., *Obra em prosa*, p. 53.

[201](#) Simões, J. G., *Vida e obra de Fernando Pessoa*, II, p. 362.

[202](#) Quental, A. de, *Sonetos completos e poemas escolhidos*, p. 18.

[203](#) Ibid., p. 287.

[204](#) Ibid., p. 17.

[205](#) Ibid., p. 38.

[206](#) Quental, Q. de, *Cartas II*, p. 838.

[207](#) Ibid.

[208](#) Simões, J. G., *Op. Cit.*, V. II, p. 215-75.

[209](#) Ibid., p. 232-3.

[210](#) Pessoa, F., *Antologia poética*, p. 34.

[211](#) Qüental, A. de, *Sonetos completos e poemas escolhidos*, p. 285.

[212](#) Pessoa, F., *Antologia poética*, p. 33.

[213](#) Qüental, A. de, *Sonetos completos e poemas escolhidos*, p. 278.

[214](#) Ibid., p. 189.

[215](#) Ibid., p. 277.

[216](#) Ibid., p. 278.

[217](#) Ibid., p. 224.

[218](#) Pessoa, F., *Antologia poética*, p. 185.

[219](#) Simões, J. G., *Op. Cit.*, p. 362.



RÉGIO E SÁ-CARNEIRO: LEITURA CRÍTICA E RECRIAÇÃO DRAMÁTICA²²⁰

Em 1924, um jovem estudante de Letras, José Maria dos Reis Pereira, escreve sua dissertação de licenciatura a que deu o nome de “As correntes e as individualidades na Moderna Poesia Portuguesa”, composta de seis capítulos, precedidos de uma Introdução bastante longa. Nesta, traz à cena o Romantismo, nele plantando, pois, as raízes da moderna poesia, que estenderá até ao momento imediatamente anterior ao da sua geração, o momento decisivo de *Orpheu*. Dos de *Orpheu* são apenas mencionados Almada Negreiros, Côrtes-Rodrigues, Luís de Montalvor, Mário Saa e Raul Leal. Uma referência valorizadora é feita a Antônio Boto, que não faz parte do grupo, mas é visto como “grande artista isolado” que mereceria uma “atenção mais demorada”.

Destaque é dado, no capítulo final, a Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, que dele ocupam a maior parte, dividida equitativamente entre os dois. Retifico: equitativamente quanto ao número de páginas que lhes são consagradas, mas não no julgamento de suas obras. Uma preferência pelo primeiro já se manifesta (inconscientemente?) na ordem em que são apresentados: Sá-Carneiro, antes; Pessoa, depois. Cronologicamente, seria o contrário: Pessoa nasceu em 1888, Sá-Carneiro, em 1890.

Como o apresenta José Régio? Mencionando *Dispersão* e *Indícios de ouro*,

e, em seguida, *Céu em fogo*, que qualifica como “livro de novelas único na literatura portuguesa, excepcional, de certo, em qualquer literatura”, acrescentando que, se algumas de suas páginas fossem versificadas, “seriam a mesma poesia”.²²¹ E tinha razão. Não só essas novelas, mas outras, e sobretudo *A confissão de Lúcio*, têm momentos da mais alta poesia, sem mesmo ser necessário versificá-las. Qualifica-o como “um dos nossos mais extraordinários poetas, e o maior intérprete de certa sensibilidade contemporânea”.²²²

E prossegue:

Precursor reconhecido, e simultaneamente o seu *mais alto* representante, do chamado modernismo português, – ele teve o grande mérito de ser, por necessidade e natureza, um inovador. Sacudir as fórmulas gastas e os velhos meios de expressão (sem, aliás, precisar de violar nenhum dos princípios comuns da métrica) é em Mário de Sá-Carneiro a natural consequência da sua anômala psique poética. Isto o distancia de todos os imitadores e simuladores. [...] Nele primeiro se manifesta, e melhor do que em ninguém, este glorioso traço do modernismo português que é de se afirmar independentemente de quaisquer escolas dogmáticas, nem que roçado por todas.²²³

Passa o crítico adiante, procurando, como diz, “descer um pouco no âmago da singular poesia de Sá-Carneiro”, chegando à conclusão de que

o aquém e o além são os seus mais incontestáveis domínios. Quer dizer: revelar o ainda não revelado, exprimir, ou sugerir, o inexprimível, ficar aquém, ou ir além, de toda a vida que tenha expressão direta, simples, comum – tal é a mais premente inclinação e o primeiro valor da sua arte.²²⁴

Acentua a sensualidade e voluptuosidade com que o poeta transmite “as sensações mais longínquas, as embrionárias”, ou as que “quase excedem a esfera da sensação”. Com extrema felicidade, exprime de maneira exemplar a busca poética de Sá-Carneiro no encalço de analisar os próprios

sentimentos “a relâmpagos de *loucura lúcida*”. E insiste em ver nele um gênio que “não é, por certo, o que *vulgarmente se diz são*”, que se esforça por “captar [...], ou nos fazer captar, a sua emaranhada personalidade”.²²⁵

Destaca aspectos que foi dos primeiros a notar na obra de Sá-Carneiro, ressaltando “a dupla personalidade, a personalidade múltipla, a desintegração da personalidade, a ânsia de transpor quaisquer limites de personalidade”, “pela primeira vez expressas na literatura [portuguesa], e genialmente”. E, para encarecer esta sua face, insiste em caracterizá-lo como gênio, com uma pitada de loucura. Há pouco, falava na sua “*loucura lúcida*”; agora, atribui à “*sua própria anormalidade*” a capacidade de exprimir “isso que parece uma antevisão ou um sonho dum homem futuro mais completo – a personalidade múltipla”; comparando a força e intuição com que a exprime à “tentativa do seu amigo Fernando Pessoa, com a criação dos seus heterônimos”, Régio classifica esta como “um arremedo pobre de intelectual”. A dureza do julgamento se abranda, contudo, na continuação do parágrafo:

Não queremos, porém, deixar de sublinhar que vai no mesmo sentido. Não queremos deixar de notar que este sonho, ou intuição, do homem múltiplice – do homem transbordando do seu próprio eu individual – se manifesta nos dois maiores poetas do nosso modernismo.²²⁶

1957. Vinte e três anos se escoaram e o homem maduro, de mais de 50, volta a trazer para a cena a figura de Mário. E agora é de cena mesmo que se trata, pois que o dramaturgo José Régio, já autor de várias peças de teatro, das melhores da dramaturgia do século XX, faz dele o personagem central do “Episódio Tragicômico” em um ato: *Mário ou Eu Próprio-o Outro*, dedicando-o “À memória do grande Poeta que inspirou este episódio”.

Melhor seria, talvez, subintitulá-lo “Farsa trágica”, onde o cômico fica implícito, não declarado, pois a *possível comicidade* do texto é tão amarga,

no intento do emissor e na emoção do receptor, que agride e dói mais do que a seriedade de outros passos. Como esboçar um sorriso sequer diante das banhas do “Esfinge Gorda” (um jovem ator com esse físico é absolutamente necessário para o papel), da sua “baba”, dos seus “pés tortos”, das suas “gargalhada[s] afetada[s] e violenta[s] que termina[m] numa espécie de uivo”.²²⁷ Quem rirá ao ouvir da boca de Mário que “nada mais [pode] ter”. “Nem família, nem amigos, nem camaradas, nem pátria, nem bem estar...” E ainda que

O Esfinge Gorda lá se arrastou até ao cimo... só poderia agora começar a descer. Recomeçar a rebolar. Não vês, não antevês o que seria o Esfinge Gorda caquético, o Papa-Açorda paralítico...? Fiz hoje o meu epitáfio. Por isso deveria estar hoje mais sereno. E estou, – estou sereníssimo. Os berros não dizem nada, os gestos são de fora... Queres ouvir o meu epitáfio?²²⁸

Todo esse penoso desabafo é dirigido ao único personagem que contracena com Mário: o Outro, aquele que, em maiúscula e minúscula, surgira na poesia de Sá-Carneiro em fevereiro de 1914, no talvez mais intrigante de seus poemas, intitulado “7”, no qual o poeta caracteriza a sua “dupla personalidade”, a sua “personalidade múltipla”, a “desintegração da [sua] personalidade” e busca captar, “ou nos fazer captar, a sua emaranhada personalidade”.²²⁹

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.²³⁰

Nestes quatro versos autodefinitórios há seis *personagens*: *eu* e *o outro* (com minúscula), que não são o eu sujeito poético, que os nega, confessando-se *qualquer coisa de intermédio*, *pilar da ponte de tédio* que se lança entre *mim* e o *Outro* (com maiúscula). Pilar, que fica a meio caminho; não ponte, que chega ao Outro, esse o destino de Mário, como ressaltou o

crítico incipiente José Maria dos Reis Pereira. O dramaturgo José Régio retoma esta questão central do poeta, fazendo-o dialogar com o Outro, logo à entrada da peça:

O Outro – Por que perguntas inutilmente?

Mário – Faço eu outra coisa, desde que nasci? E olha que vivo há muito!

O Outro – Não há muito. Nasceste há pouco. És uma jovem esfinge.

Mário – “O Esfinge Gorda”! Fui eu que o disse.

O Outro – E eu que to ensinei. O Esfinge Gorda.

Mário – Desde que o expulsaram de Cima que ele pergunta, vê lá se não vivo há muito! Mas alguém lhe responde? alguém responde ao Esfinge Gorda?

O Outro – Eu, todos os dias; e com uma paciência exemplar.²³¹

Aqui temos Mário e o Outro, diversos entre si desde a aparência – a elegância deste, a obesidade daquele –, até à maneira de ser e reagir, em que se opõe a serenidade do Outro, à exaltação e mesmo ao desespero de Mário, num diálogo difícil, feito de antagonismos. À frase do Outro: “És uma jovem esfinge”, Mário replica: “O Esfinge Gorda!”, assimilando-o a si. Passa, no entanto, a falar dele na terceira pessoa: “Desde que o expulsaram de Cima que ele pergunta [...] Mas alguém lhe responde?”. Há aqui, pois, uma tripartição do eu: Mário, o Outro e o Esfinge Gorda, que Mário dissocia do eu, ao designá-lo por um ele.

Caíra de Cima, do lugar para onde quis, desde o primeiro momento da sua genial poesia, subir, “subir além dos céus”, sempre em busca de “ascensão – Altura!”, embora tivesse consciência de que lhe faltaria “um pouco mais de sol”, “um pouco mais de azul”, “um golpe de asa”. Mário, personagem de Régio, diz ao Outro: “[...] os meus poemas sobem à tua altura. Esses têm asas, não precisam de escada!”, ouvindo em resposta: “Asas espontadas, Papa-Açorda: vão a trepar mas não chegam; vão a largar mas não voam”.²³²

Mário irrita-se, grita, até que se faz um silêncio. O Outro reassume a

fala, a perguntar-lhe: “Estás mais calmo? Quanto mais gritas, menos te eu oiço”. Mário responde-lhe: “não há ninguém no mundo senão tu e eu. [...] Deus éramos tu e eu, por que fomos separados?”.²³³ E nos lembramos do belo verso: “Vêm-me saudades de ter sido Deus...”.

Esta reflexão sobre Régio trouxe-me de volta algumas perguntas que, há exatos sessenta anos, ao ler, pela primeira vez, o seu ensaio, me fiz, sobre a sua preferência apaixonada por Sá-Carneiro. E aqui tentarei, talvez sem muito sucesso, trazer algumas respostas, buscadas, em primeiro lugar, nas próprias palavras do Régio ensaísta. Para ele, o poeta foi, “por necessidade e por natureza, um inovador”. Em que consistia a sua inovação? Em “sacudir as fórmulas gastas e os velhos meios de expressão” – e acrescenta, entre parênteses: “(sem, aliás, precisar de violar nenhum dos princípios comuns da métrica)”. Os versos medidos não são, pois, para Régio, um velho meio de expressão, já que, ao seu ouvido, era grato o ritmo quase sempre regular dos versos de Sá-Carneiro – a redondilha maior, o decassílabo, o alexandrino e seu quebrado – que ele também usava com mestria, muito raramente dando aos seus uma maior liberdade, às vezes enganadora, pois dissimuladora dos metros que quase sempre escondia num falso desdobrar-se. A sua extrema sensibilidade se irmanaria à do outro, em si sentiria talvez uma pitada da sua *lúcida loucura*, reconhecendo em si mesmo uma dupla personalidade, manifestada na presença de duas forças antagônicas, mas complementares, Deus e o Diabo, que o ladeiam, esmagando-o, como ele diz no poema “Painel”, que abre o seu primeiro livro de versos, de 1925. Talvez fosse contemporâneo deste o poema não datado e que vem à luz, póstumo, em 1971, “O Outro” de quem o sujeito lírico diz que é “Alguém – Camões de dor e tresvario” que “Soluça os meus poemas mais que humanos / – Alguém que se não chega a revelar...”, “Alguém de quem sou cárcere e chaveiro, / E o camisão-de-forças que o sufoca, / E a tumba que lhe abafa o vão clamor...”. Alguém que, “encarcerado / [...] dentro de [si]”, o poeta quer livrar, para que possa

“erguer seu brado, / E à rédea solta uivar seu desespero!”. Se o pudesse, o poeta seria um gigante,

Mas se *Ele* é do meu nada, ai! tão distante
Em vão eu sonho – ó Dor – trazê-lo ao dia,
Ser grande... em vão! E...

– Quem és tu?

– Ninguém!²³⁴

Este pequeníssimo diálogo final: “– Quem és tu? – Ninguém!” teria sido inspirado pelo de Mário e o Outro? Um dos interlocutores é o poeta, que se diz *eu*, o outro é “*Ele*, esse *Outro*”, com maiúscula, como o segundo *Outro* de Sá-Carneiro. Assim como este não chega ao Outro, pois é apenas “ pilar da ponte”, o eu lírico de Régio não consegue trazer ao dia o seu Outro, sem o qual é Ninguém.

Como o seu tão caro Sá-Carneiro, Régio é um poeta profundamente subjetivo, voltado para si, dotado de uma sensibilidade quase feminina, narcísico. A angustiada certeza de não ter certeza de nada – nem de Deus, nem do amor, nem de si mesmo –, de estar *entre* o céu a que aspira e o lodo em que se lhe prendem os pés, *entre* Deus e o Diabo, *entre* o amor e o ódio, *entre* a fé e a descrença, poderia tê-lo levado a dizer-se, como aquele, “qualquer coisa de intermédio”, ou “quase”.

É talvez nesse ponto intervalar, não situado no além inalcançável nem no aquém que Mário preferiria – “Se ao menos eu permanecesse aquém...” –, é nesse pilar de ponte – nem cá, nem lá, apenas ali – que os dois se encontram. Nessa afinidade estará talvez a raiz da revelada preferência pelo “pobre menino ideal”...

²²⁰ Publicado in *Estudos Regianos*, n. 12/13, Vila do Conde: centro de estudos regianos, 2004.

²²¹ Régio, J., *Pequena história da moderna poesia portuguesa*, p. 110.

[222](#) Ibid.

[223](#) Ibid., p. 111; todos os grifos, aqui e em todo o texto, são meus.

[224](#) Ibid., p. 111-2.

[225](#) Ibid., p. 112.

[226](#) Ibid., p. 113-4.

[227](#) Régio, J., *Mário ou Eu Próprio-o Outro*, in *Três peças em um ato*, p. 98.

[228](#) Ibid., p. 105.

[229](#) Régio, J., *Pequena história da moderna poesia portuguesa*, p.112-3.

[230](#) Sá-Carneiro, M. de, *Mário de Sá-Carneiro*, p. 68.

[231](#) Régio, J., *Três peças em um ato*, p. 94-5.

[232](#) Ibid., p. 100.

[233](#) Ibid., p. 102-3.

[234](#) Régio, J., *Antologia*, p. 257-8.



UM ENCONTRO COM SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN²³⁵

1º. de junho de 1966. Foi nesse dia que conheci pessoalmente, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Sophia de Mello Breyner Andresen, essa extraordinária poetisa²³⁶ portuguesa que nos era trazida pela mão de uma querida amiga comum, uma mulher também notável, Maria de Lourdes Belchior Pontes, que, professora catedrática da Universidade de Lisboa, ensaísta de relevo, acrescia seu currículo, naqueles anos, com o desempenho do cargo de conselheira cultural da Embaixada de Portugal no Brasil, recentemente criado, e no qual teve uma atuação do mais alto valor, em tarefas várias, entre as quais ressaltava a de levar escritores portugueses a universidades brasileiras.

Éramos amigas fraternas desde 1959, quando nos apresentara mestre Hernâni Cidade, e o fato de ela residir no Rio de Janeiro mais estreitou nossa amizade. Em nossas intermináveis conversas, a literatura portuguesa era frequentemente a tônica. O seu acesso mais fácil e direto aos autores e obras contemporâneos fazia dela minha conselheira e mesmo fornecedora de textos que aqui não se encontravam.

Eu dava, àquela altura, cursos de poesia contemporânea, centrada, sobretudo, nos poetas dos *Cadernos de Poesia*, Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen. A ele, já o conhecia e admirava sua obra desde 1959; sua bela antologia *Líricas portuguesas*, 3a. série, com seu sério Prefácio, serviram-me de roteiro para a busca das obras que mencionava e

das quais fazia lúcida apreciação. De Sophia, de quem eu já lera os primeiros livros, já me falara longamente, acentuando a personalidade desta fina artista, de quem me dizia ser amigo e admirador. Foi, pois, se não me trai a memória, com Jorge e Lourdes que primeiro falei daquela que, numa manhã de junho, recebi com grande satisfação no Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e apresentei a meus alunos de Literatura Portuguesa, já admiradores da sua poesia através das minhas aulas, em que eu lhes transmitira, com emoção, o impacto que sobre mim causara a leitura de seus seis primeiros livros de versos, de *Poesia* (1944) a *Livro sexto* (1962), julgado por Óscar Lopes “o seu melhor livro de poesia até agora”.²³⁷

A presença física da autora não decepcionou os estudantes que a haviam idealizado à imagem e semelhança de seus versos: tinham diante de si uma bela figura feminina, harmoniosa e serena, que, a meu pedido e sem se fazer rogar, falou sobre sua criação poética e disse poemas com uma voz quente e branda, musical e envolvente. Às perguntas curiosas dos jovens respondeu sem desvios, sem disfarces, *lisa, livre, limpa*, para usar adjetivos que habitam suas páginas e bem a definem.

Fizemo-la dizer versos, mais e mais; as pausas eram preenchidas por um colóquio com os alunos, do qual participávamos as duas professoras – Lourdes e eu. Ao fim, resolvi pedir-lhe que autografasse alguns dos seis volumes que eu levava para dar-lhe o testemunho palpável da minha admiração. Acedeu prontamente, e tomando, ao acaso (terá sido ao acaso?), três deles, escreveu, com sua letra clara e bonita, três dedicatórias, das quais cito duas: em *Dia do mar*, “Para a Cleonice lembrando o nosso encontro na PUC com grande simpatia”, o que confirma o clima em que decorreu o encontro com os estudantes, e em *No tempo dividido*: “Para a Cleonice, no dia em que falei da poesia na cidade dos homens, para a Cleonice que procura tornar mais clara a cidade dos homens”. Em ambas, a data: 1 de junho 1966. Daí a segurança com que afirmei o dia em que a conheci, pois

que, como dizia Camões, “em tanta antiguidade não há certeza”... E já é bastante *antigo* um encontro que se deu há 35 anos... Na minha memória, porém, naquela manhã numa sala de aula, a jovem senhora que vi ainda está presente nos meus olhos. E, a avivá-la, reencontro, nesta minha revisitação a Sophia, um pequeno recorte de uma fotografia sua que tirei não sei de onde e coleí na primeira página de *No tempo dividido*. Vem-me a dúvida: será uma foto ou uma pintura? Porque é um pequenino quadro (na reprodução que guardei, é claro) artístico, nada banal: num fundo totalmente negro destaca-se a parte superior de uma bela figura feminina, também de negro vestida, cujo contorno de ombro e braço mal se percebe por uma gradação de negros. De um pequeno decote emergem, claro, um delicado pescoço e uma realmente bela cabeça, onde parecem negros os olhos e os supercílios, contornada de cabelos negros que, tal como o vestido, são quase totalmente absorvidos pelo fundo. Foi na folha seguinte que ela me deixou a frase que já aqui citei, na qual, com incrível generosidade, me classifica como alguém “que procura tornar mais clara a cidade dos homens”. Talvez eu nunca tenha ouvido ou lido a meu respeito uma definição mais lisonjeira. Que melhor missão do que levar mais claridade a qualquer espaço, mas, especialmente, ao espaço em que os homens se agrupam para morar, trabalhar, conviver? Talvez concorde com Sophia: ela, prudentemente, não disse que eu consigo tornar mais clara a cidade, mas que procuro fazê-lo. E isso é verdade. Nisso me tenho empenhado ao longo de uma longa vida. Se o tenho conseguido? Retomo o *talvez*. E, se o consegui, foi através da arte por que optei, a literatura, que divulgo, interpreto, faço amar. Neste empenho, minha matéria são as obras criadas pelos artífices da palavra, poetas e prosadores, como Sophia de Mello Breyner Andresen. A eles, e especialmente a ela, a quem este espaço de letras é dedicado, é que devo agradecer o que de graça me oferecem.

[235](#) Depoimento publicado in *Relâmpago* – revista de poesia, n. 9, Lisboa, 2001.

[236](#) Insisto em chamar *poetisas* às mulheres-poetas, por repugnar-me o neologismo de

gênero – *a poeta* –, que me parece uma forma machista de considerar que o feminino diminui a qualidade da produção poética de uma autora do porte de sophia. direi, isto sim, que sophia é um dos grandes poetas de portugal, englobando-os a todos, homens e mulheres.

[237](#) Saraiva, A. J. e Lopes, Ó., *História da Literatura Portuguesa*, 16ª ed. como as outras edições desta obra, esta não é datada. há nela, porém, no verso da folha de rosto, a observação: “Óscar Lopes é responsável único pela redação do texto referente à 7ª época (época contemporânea).”

OBRAS CONSULTADAS PARA SELEÇÃO DOS SONETOS

- ALORNA, Leonor de Almeida, Marquesa de. *Sonetos*. Organização de Vanda Anastácio. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- ANDRADE, Eugénio de. *Poesia e prosa* [1940-1979]. Vila da Maia: INCM, 1980.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Dia do mar*. Lisboa: Caminho, 2003.
- _____. *Mar novo*. Lisboa: Caminho, 2003.
- _____. *Poemas escolhidos de...* Seleção de Vilma Arêas. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BERNARDES, Diogo. *Obras completas*. Rimas várias – Flores do Lima. v.I. Prefácio e notas de Marques Braga. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1945-46.
- BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *Os melhores poemas de...* Seleção de Cleonice Berardinelli. São Paulo: Global, 2000.
- CAMÕES, Luís de. *Sonetos de Camões – Corpus dos sonetos camonianos*. Edição e notas por Cleonice Berardinelli. Lisbonne-Paris: Centre Culturel Portugais; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.
- CÉU, Violante do. *Rimas várias*. Introdução, notas e fixação do texto de Margarida Vieira Mendes. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- CRUZ, Frei Agostinho da. *Poesias selectas*. Prefácio, notas e glossário de Augusto C. Pires de Lima. Porto: Editorial Domingos Barreira, s.d.
- DEUS, João. *Campo de flores – Poesia lírica*. t.I. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d. (*)
- DUARTE, Afonso. *Obra poética* (1906-1956). Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1956. (*)
- ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. Edição integral. Porto: Livraria Tavares Martins, 1968.
- FERREIRA, António. *Poemas lusitanos*. Prefácio e notas de Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1939.
- GARRETT, Almeida. *Folhas caídas e outros poemas*. Introdução, seleção e notas de António José Saraiva. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1962.
- JUNQUEIRO, Guerra. *A Musa em férias*. Porto: Lello & Irmão, 1949.
- _____. *Poesias dispersas*. Porto: Lello & Irmão, s.d. (*)
- LEAL, Gomes. *Antologia poética*. Escolha e comentário de Francisco da Cunha Leão e Alexandre O'Neill. Lisboa: Guimarães Editores, 1959.
- LOBO, Francisco Rodrigues. *Poesia de...* Apresentação crítica, seleção e notas de Luís Miguel Nava. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985.
- MELO, D. Francisco Manuel de. *As segundas três Musas*. Ensaio crítico, seleção e notas de António Correia de A. e Oliveira. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1944.
- _____. *A tuba de Calíope*. Introdução, estabelecimento do texto, notas e glossário de Segismundo Spina. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MIRANDA, Francisco de Sá de. *Poesias*. Organização Marcia Arruda Franco. Coimbra: Angelus

- Novus, 2011.
- MOURÃO-FERREIRA, David. *A arte de amar*. Lisboa: Guimarães Editores, 1967.
- _____. *As Lições do fogo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1976.
- NEMÉSIO, Vitorino. *Caderno de caligraphia e outros poemas a Marga*. v.III. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: INCM, 2003.
- _____. *Nem toda a noite a vida*. Lisboa: Edições Ática, 1952.
- _____. *Poesia – 1916-1940*. v.I. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: INCM, 2006.
- NOBRE, António. *Só*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1950.
- OLIVEIRA, Carlos de. *Trabalho poético*. Primeiro volume. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, s.d.
- PASCOAES, Teixeira de. *Cantos indecisos – Vida etérea – Elegias*. v.3. Paris-Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, s.d.
- _____. *Sempre – Terra proibida*. v.1. Paris-Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, s.d.
- PATRÍCIO, António. *Serão inquieto e poemas reunidos*. Introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 2000.
- PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. Introdução por Isabel Pascoal. Braga: Editora Ulisseia, s.d.
- PESSOA, Fernando. *Antologia poética*. Organização, apresentação e ensaios de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. (*)
- _____. *Poemas de Álvaro de Campos*. Fixação do texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. *Poemas de Fernando Pessoa – 1915-1920*. t.II. Edição de João Dionísio. Lisboa: INCM, 2005.
- _____. *Poemas de Fernando Pessoa – 1921-1930*. t.III. Edição de Ivo Castro. Lisboa: INCM, 2001.
- _____. *Poemas de Fernando Pessoa – 1931-1933*. t.IV. Edição de Ivo Castro. Lisboa: INCM, 2004.
- QUENTAL, Antero de. *Sonetos*. Organização, prefácio e notas de António Sérgio. Lisboa: Edição de Couto Martins, 1956. (*)
- RÉGIO, José. *Antologia de...* Organização de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. (*)
- SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Mário de Sá-Carneiro*. Introdução e organização por Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Agir, 2005. [238](#)
- _____. *Obra completa*. volume único. Introdução e organização Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- SARAMAGO, José. *Os Poemas possíveis*. Lisboa: Caminho, 1998.
- _____. *Provavelmente alegria*. Lisboa: Caminho, 1999.
- SENA, Jorge de. *Poesia – I*. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1961.
- _____. *Poesia – III*. Lisboa: Moraes Editores, 1978.
- TORGA, Miguel. *Libertação*. Coimbra: Coimbra Editora, 1952.
- VERDE, Cesário. *O Livro de...* Edição revista por Cabral do Nascimento. Lisboa: Editorial Minerva, s.d.

[238](#) Obras também consultadas para a elaboração dos ensaios deste volume.

OBRAS CITADAS NOS ENSAIOS

- Apresentação da poesia brasileira*. Introdução e seleção de Manuel Bandeira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BERNARDES, Diogo. *Obras completas*. v.III. Prefácio e notas do Prof. Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1945-46.
- CAMÕES, Luís de. *Rhythmas*. Lisboa: Por Manoel de Lyra, 1595.
- _____. *Rimas*. Lisboa: Por Pedro Crasbeeck, 1598.
- CARREIRO, José Bruno. *Antero de Quental – Subsídios para a sua biografia*. 2 v. Lisboa: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1948.
- CIDADE, Hermâni. *Antero de Quental*. Lisboa: Presença, 1988.
- HORACE. *Oeuvres*. 3.ed. Paris: Librairie Hachette, [1911].
- JUNQUEIRO, Guerra. *A morte de D. João*. Porto: Lello & Irmão, 1949.
- _____. *A velhice do Padre Eterno*. Porto: Lello & Irmão, s.d.
- _____. *Finis patriae*. Porto: Lello & Irmão, s.d.
- _____. *Os simples*. Porto: Tipografia Ocidental, 1892.
- _____. *Pátria*. Porto: Lello & Irmão, 1950.
- MOOG, Viana. *Eça de Queirós e o século XIX*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1945.
- NOGUEIRA, Franco. “Dois poetas maiores”, in: *Jornal de Crítica Literária*. Lisboa: Portugália, 1954.
- Orpheu*, reedição do volume I. Introdução de Maria Aliete Galhoz. Lisboa: Ática, 1984.
- PASCOAES, Teixeira de. *Marános*. v.4. Paris-Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, s.d.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego* por Bernardo Soares. Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho. v.I, Lisboa: Ática, 1982.
- _____. *Obra em prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- QUEIRÓS, Eça de. *Notas contemporâneas*. Porto: Lello & Irmão, 1945.
- QUENTAL, Antero de. *Cartas II* (1881-1891). Organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins. Açores: Editorial Comunicação, 1989.
- _____. *Prosas escolhidas*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.
- _____. *Sonetos completos e poemas escolhidos*. Seleção, revisão e prefácio de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.
- RÉGIO, José. *Pequena história da moderna poesia portuguesa*. Porto: Brasília Editora, 1976.
- _____. *Três peças em um ato*. “Três Máscaras”, fantasia dramática; “O meu Caso”, farsa; “Mário ou Eu Próprio-o Outro”, episódio tragicômico. Lisboa: Portugália, 1957.
- RONCARD. *Poésies choisies*. 2 v. Classiques Larousse. Paris Vie: Librairie Larousse, s.d.
- SALGADO JÚNIOR, António. *História das conferências do Casino*. Lisboa: s. ed., 1930.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 16^a ed., Porto: Porto Editora, s.d.

SENA, Jorge de. *Dialécticas aplicadas da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1978.

SÉRGIO, António. *Ensaaios*. v.VII, Lisboa: Seara Nova, 1934.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. v.II, Lisboa: Livraria Bertrand, 1950.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

PELOS MARES DA POESIA POR TUGUESA

Sonetos Portugueses

SÉCULO XVI

Sá de Miranda

Luís de Camões

António Ferreira

Diogo Bernardes

Frei Agostinho da Cruz

Francisco Rodrigues Lobo

SÉCULO XVII

Sóror Violante do Céu

D. Francisco Manuel de Melo

SÉCULO XVIII

Marquesa de Alorna

Manuel Maria Barbosa du Bocage

Almeida Garrett

SÉCULO XIX

João de Deus

Antero de Quental

Gomes Leal

Guerra Junqueiro

Cesário Verde

António Nobre
Camilo Pessanha
Teixeira de Pascoaes
António Patrício
Afonso Duarte
Fernando Pessoa
Mário de Sá-Carneiro
Florbela Espanca

SÉCULO XX

José Régio
Vitorino Nemésio
Miguel Torga
Jorge de Sena
Sophia de Mello Breyner Andresen
Carlos de Oliveira
José Saramago
Eugénio de Andrade
David Mourão-Ferreira

Ensaio

“ESTE AMOR QUE VOS TENHO, LIMPO E PURO”
DIOGO BERNARDES EM ALCÁCER-QUIBIR
JOÃO DE DEUS E A SADIA SIMPLICIDADE
AMOROSA
A BIFRONTE IDEIA DE ANTERO DE QUENTAL
A POESIA DE GUERRA JUNQUEIRO
TEIXEIRA DE PASCOAES, O “ENFERMO DA
SAUDADE”

NEM NOBRE, NEM CESÁRIO: AFONSO DUARTE
A GERAÇÃO DE 70 E A GERAÇÃO DE ORPHEU
RÉGIO E SÁ-CARNEIRO: LEITURA CRÍTICA E
RECRIAÇÃO DRAMÁTICA
UM ENCONTRO COM SOPHIA DE MELLO BREYNER
ANDRESEN